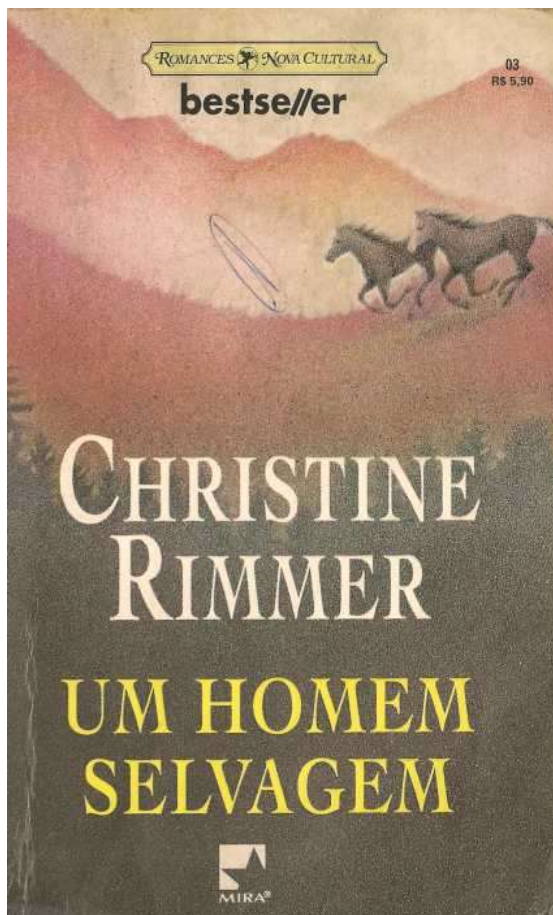


UM HOMEM SELVAGEM

The Taming Of Billy Jones

CHRISTINE RIMMER

BESTSELLER 3



NINGUÉM VAI CONSEGUIR LAÇAR ESSE HOMEM!

Ele é rústico e indomável. Bad Billy Jones tem duas regras quando se trata de mulheres: nem sinos de casamento, nem crianças. Porém ele vai ter de ceder um pouco... pois o pacote de energia em sua porta parece ser inegavelmente um Jones. E o menino está com a mulher mais intrigante que Billy já viu. Não que Prudence Wilding fosse o tipo dele, claro. Mas se ele quiser conhecer o filho, precisa jogar pelas regras dela. Por enquanto, em troca das lições sobre paternidade, ele ficaria feliz em partilhar com ela algumas de suas habilidades...

DIGITALIZAÇÃO: Silvia

REVISÃO: Regina Celi

Projeto
PR
Revisoras



Querida leitora,

Tenho certeza de que você está adorando esta nova coleção. São livros premiados, de autoras renomadas, que sabem como ninguém desenvolver tramas intrigantes, com muito romance e muita paixão. Tenho certeza de que você gostará muito desta história.

Janice Florido Editora Executiva
Christine Rimmer

ROMANCES NOVA CULTURAL
Copyright © 1998 by Christine Rimmer

Originalmente publicado em 1998 pela Silhouette Books, divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá. Silhouette, Silhouette Desire e colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: The taming of Billy Jones

Tradução: Luís Fernando Martins Esteves

Editor: Janice Florido

Chefe de Arte: Ana Suely Dobón

Paginador: Nair Fernandes da Silva

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Rua Paes Leme, 524 — 10º andar CEP: 05424-010 — São Paulo — Brasil
Copyright para a língua portuguesa: 1999

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Fotocomposição: Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO I

O antigo Cadillac Eldorado, dourado e grande como um iate aguardava bem ao lado da porta de entrada de seu clube quando Billy Jones entrou no estacionamento. Praguejando, Billy deslocou os óculos escuros para a testa.

O grande automóvel encontrava-se limpo daquela vez. Na verdade parecia emitir uma esperança de brilho, ali em sua solidão. O sol do sul da Califórnia no final da tarde se despejava sobre ele, imprimindo um brilho irreal à pintura desbotada e tornando faiscante o ornamento sobre o capô. E o carro era mesmo um clássico.

Pena que pertencesse ao tio de Billy, há muito extraviado, Oggie Jones.

Franzindo o cenho, Billy colocou os óculos outra vez, aumentou o som mais um ponto. Acelerou e manobrou a volta para seu estacionamento particular, na traseira do edifício, próximo a uma pequena porta, que dava acesso para um depósito ao lado de seu escritório pessoal. Assim que colocou o carro na vaga, desligou o motor. O silêncio, quando a música cessou, parecia intenso e opressivo. Billy Jones odiava o silêncio. Para ele, o silêncio era algo a ser evitado a todo custo, como o casamento e a igreja. Ainda assim, ele permaneceu sentado por um instante, na temeridade do silêncio, observando através do pára-brisa o clube que comprara cerca de sete anos atrás.

O Bad Billy's era uma estrutura de dois andares em forma de celeiro, de acabamento em pinho rústico, sem nenhuma janela. Essa falta de janela vinha a calhar em situações como aquela, em que as chances de que o velho tivesse visto Billy eram perto de zero.

Billy permaneceu olhando para o prédio, considerando. E se fizesse meia-volta e voltasse por onde tinha vindo? O lugar podia funcionar sem ele uma noite. Já acontecera antes.

O silêncio tomou-se demasiado. Billy começou a tamborilar um ritmo no volante, escutando a música na cabeça. Fechou os olhos. Todo o resto se foi, a não ser aquela música com a qual vinha lidando nos últimos dias. Deixou que a música o possuísse.

Nesse instante alguém bateu à janela. Ele voltou a cabeça e viu uma ruiva bonitinha, com lábios cheios e beijáveis, além de um brilho convidativo nos olhos. Billy tinha razoável certeza de que ela trabalhara para ele, mas não conseguia lembrar o nome dela de jeito nenhum.

Olhou através da janela e sorriu devagar. Ela retribuiu o sorriso. Então fez um gesto de virar uma manivela imaginária: um pedido para que ele abrisse o vidro. Para fazer aquilo ele precisaria dar a partida novamente. Não havia sentido em fazer isso quando ele decidira ficar por ali, apesar de tudo. Não iria permitir que Oggie Jones o expulsasse de seu próprio clube.

A ruiva percebeu que ele não pretendia nada além de sorrir para ela. Com um dar de ombros e um gesto de adeus ela caminhou em direção à porta do depósito, os quadris redondos rebolando num convite, Billy aguardou que a porta se fechasse atrás dela antes de apanhar o chapéu de palha no banco. Colocou-o na cabeça, arrumou novamente os óculos escuros e saiu de detrás do volante, parando apenas antes de entrar no prédio para ativar o alarme contra ladrões.

Não viu ninguém no depósito. Ótimo. Não estava exatamente se escondendo do velho. Porém, do seu ponto de vista, quanto menos pessoas o vissem, melhor. Talvez o velho tolo

desistisse e partisse antes de perceber que Billy chegara. Mantendo a cabeça baixa e a aba do chapéu sobre os olhos, caminhou através dos produtos de papelaria e virou à esquerda, na seção de frutas secas. Um instante depois ele girava sua chave à porta do escritório. A seguir, finalmente, ganhou o interior. E a salvo.

Acendeu a luz e permaneceu em pé onde estava, as costas contra a porta, observando a sala atulhada como se alguma coisa pudesse ter mudado desde a noite anterior. Mas não tivera essa sorte. A enorme escrivaninha de carvalho continuava repleta de revistas sobre alimentação e fitas demo de várias bandas que iam e vinham, coisas que ele deveria ter lido, escutado ou jogado fora há muito tempo. O computador que ele jamais usara permanecia no centro da confusão, cheio de poeira. Os arquivos tinham mais papéis empilhados sobre o topo do que no interior. Além de tudo, estava escuro.

Tirou os óculos escuros. Pronto. Agora conseguia enxergar melhor. Atirou o chapéu, a chave e os óculos sobre a prateleira ao lado da porta e assumiu sua posição habitual, à escrivaninha. Ali, respirou fundo, olhou para os papéis e decidiu que tudo estava quieto demais. Apanhou uma embalagem postal para fitas e observou a carta que acompanhava, pertencente a uma banda chamada os Prairie Wailers, com títulos de músicas como "Viciado em Rodeio" e "O Amor é um Touro".

Atirou o cassete sobre o tampo de carvalho abanando a cabeça numa negativa. De qualquer forma, preferia testar bandas ao vivo. Não tinha idéia porque lhe enviavam as fitas de demonstração.

Remexeu numa pilha de recibos.

— Ah! — exclamou em voz alta ao encontrar o controle remoto da televisão.

Apontou-o para o aparelho numa prateleira metálica do outro lado do aposento e sintonizou-o num canal de notícias.

O noticiário apareceu na tela. Uma loira ativa com dentes incrivelmente brancos apareceu na tela falando sobre o tempo.

— A não ser pelas folhas caindo aqui e ali, ninguém acreditaria que estamos em outubro. — O grande sorriso brilhou, faiscante em sua alvura.

— Como costumamos dizer: Estamos no sul, e é sempre bonito por aqui.

Nesse instante a porta se abriu com tanta força que produziu o ruído de um tiro contra a parede oposta.

Billy deu um salto na cadeira.

— Mas que...

— Acha que pode se esconder é? Pois não pode. Esqueça.

Billy compreendeu que teria uma dor de cabeça em pouco tempo.

— Que diabo, Alexis. Você me assustou! Alexis Sacadopolis, sua garçonne-chefe transformada em gerente, tinha quilômetros de cabelos loiros platinados e um corpo que parecia uma corista de Las Vegas. Tudo isso acompanhava uma mente que parecia uma armadilha de aço. Nada escapava dela, o que a tornava excelente gerente e muitas vezes, ranzinza demais.

Billy deixou cair o controle.

— Estou tentando trabalhar um pouco, Alexis. Ela deixou escapar um risinho.

— Claro que está — comentou ela, encostando-se no batente e examinando uma das unhas.

— Ele está aí de novo.

Billy considerou o fato de fingir que não sabia quem era o "ele", mas resolveu que seria inútil.

— Eu sei. Vi o carro dele.

— Pois Loretta viu você. Ela entrou e foi direto contar para ele.

— Loretta?

Alexis cruzou os braços sobre os seios perturbadores. Billy lembrou da garota bonita no estacionamento.

— Ruiva. Linda. Aquela menina mal completou vinte e um, o que significa nova demais para você — comentou ela, percebendo que ele sabia quem era.

— Sim, mamãe — resmungou ele, sem ao menos pensar na garota.

Disse a si mesmo que deveria ter previsto. Ele os tinha a todos... todos, sob seu controle.

Alexis enfiou a mão no bolso traseiro de seu jeans vermelho e colante e retirou dali uma pequena lixa de madeira. Começou a trabalhar na unha lascada.

— Alexis, que tal ir arrumar as unhas em outro lugar?

Ela lançou-lhe um olhar gelado sem deixar de movimentar a lixa.

— Oggie só quer conversar com você. Uma última vez.

— Pegue um comprimido para mim, sim? Alexis fez um som de desagrado e desapareceu da porta. Quando Billy começava a pensar que talvez tivesse se livrado dela, a gerente reapareceu com um frasco de comprimidos e um copo de água.

— Aqui está — anunciou ela, caminhando diretamente para a cadeira.

Billy tomou os comprimidos e ingeriu de uma só vez a água. Em seguida procurou um espaço vazio na escrivaninha para colocar o copo.

— Pode dar para mim — disse ela, demonstrando impaciência, a fim de que ele soubesse o quanto incomodava.

Ele entregou o copo.

— Obrigado. Pode ir agora.

Alexis ficou ali, olhando-o. Billy tentou parecer ultrajado.

— Alexis, eu já conversei com ele pela última vez. Anteontem à noite, nesse mesmo cubículo. Oggie ficou horas tagarelando.

— Ele é um velhinho.

— Alexis...

Ela inclinou o corpo, apoiou as duas mãos na escrivaninha e aproximou o rosto do dele.

— Escute aqui, ele está jurando que esta é a última vez que incomoda você. Diz que se você não quer saber da sua própria gente, se é frio e insensível, é problema seu. Ele está partindo, voltando para aquela cidadezinha miserável da qual está sempre falando.

— North Magdalene — informou Billy, recostando-se na cadeira para afastar-se dela.

— Oggie só quer se despedir — argumentou ela, aproximando-se.

Billy acomodou as botas sobre o tampo, provocando a queda de algumas revistas.

— Então transmita a ele meus votos de boa viagem — pediu ele, colocando as mãos na nuca.

Alexis ergueu-se em toda a sua altura e colocou as mãos nos quadris.

— O que está pensando que sou? A Western Union? Diga você mesmo. E de qualquer jeito, ele diz que não vai embora até falar pessoalmente com você. — Billy acreditava. Jamais conhecera um homem tão teimoso quanto Oggie Jones.

— Posso mandá-lo entrar? — quis saber Alex.

— O Pequeno Tim está aí?

O Pequeno Tim era o leão-de-chácara — dois metros e vinte e cento e vinte quilos de músculos cheios de tatuagem.

— Está. O que quer?

— Mande ele vir me ver. Pronto.

Alexis sacudiu a cabeleira, num gesto de desgosto.

— Billy, é só um velhinho aí fora. Um velhinho que também é seu parente.

— Não quero nem saber.

— Billy, você não pode mandar o Pequeno Tim contra o seu próprio sangue.

— Não? Pois fique olhando.

— Além do mais, Tim não vai aceitar.

Infelizmente Billy não podia contestar essa afirmação. Provavelmente era verdadeira. Afinal, Oggie Jones, com seus suspensórios puídos, seu palavreado do interior e seus charutos fedorentos haviam conseguido conquistar cada garçoneiro e mensageiro na empresa de Billy. A probabilidade de ele ter encantado o Pequeno Tim era grande.

Alexis piscou as sobancelhas postizas na direção dele.

— Billy, meu bem, são só dez minutos do seu tempo.

— Certo. E se acredita nisso, ouvi dizer que a ponte de Brooklin está à venda.

— Billy, só mais uma vez. Fale com ele. Billy resmungou. Então bateu as botas contra o chão.

— Existe alguma outra forma de escapar? Alexis sacudiu a cabeça, numa negativa.

— Uma última vez e pronto. Que ele seja breve.

— Vou buscá-lo — anunciou ela, abrindo um sorriso.

— Precisa, não — anunciou uma voz rouca.

— Achei que ia me receber, rapaz. Por isso, tomei a liberdade de vir.

Alexis piscou, surpresa, depois voltou-se para o ancião que estava à porta.

— Bem... nesse caso vou deixar vocês dois sozinhos.

— Obrigado — disse Oggie, com uma piscadinha e um sorriso, entrando enquanto ela saía.

— Menina boazinha, essa — comentou ele, depois que a porta se fechou.

Ninguém chamava Alexis de "menina". Ela não gostava e deixava clara sua opinião: Sou uma mulher, meu bem, e não se esqueça disso. Ninguém esquecia, a não ser, aparentemente, Oggie Jones.

Pelo mesmo motivo, Billy não gostava de ser chamado de "menino". Por mais de uma vez pedira-lhe que parasse de chamá-lo assim. Aliás, devia ser esse o motivo pelo qual seu tio continuava chamando-o da mesma forma.

Oggie observava a televisão.

— Acha que seria possível desligar aquela caixa idiota, rapaz?

Billy apanhou o remoto e diminuiu o volume do som.

Oggie olhou da televisão para Billy. Deixou escapar um grande suspiro.

— Acho que vai ter de ser assim, não é? Apoiado em sua bengala de madeira retorcida, ele mancou os poucos passos até a cadeira desocupada. Bufando, sentou-se devagar, respirando pesadamente. Transformou em espetáculo o ato de colocar a bengala ao lado da velha poltrona, depois recostou-se e cruzou as mãos sobre a barriga:

— Isso é o adeus.

Promessas, promessas, pensou Billy. Um olhar triste anuviou os pequenos olhos enrugados.

- Pelo menos agora você sabe que tem família.
- É, eu diria que você deixou isso bastante claro.
- Não precisa usar de sarcasmo. Deixe um velho ter a palavra final.
- Você já deu sua palavra final.
- Bem que eu tentei. Mas você não me escutou.
- Escutei, sim.
- Pois me escute desta última vez. É o mínimo que pode fazer.

Billy perguntou-se naquele momento se conseguiria algum dia livrar-se do velho. Naquele instante não havia alternativa. Concordara em escutá-lo uma última vez. Deu de ombros e recostou-se na cadeira.

- Diga o que tem a dizer. Pela última vez.
- Então não me interrompa.
- Não pretendo interromper. Quero que termine logo.

Oggie tossiu e piscou mais um pouco, ajustando-se ao redor da cadeira outra vez. Por fim, decidiu iniciar:

— Em seu leito de morte, meu irmão Gideão me contou sobre seu pai, meu irmão Nathaniel... e sobre você, o filho único. Contou-me que seu pai agora se foi, com a querida esposa. Desse ramo da família, você foi o único que sobrou, sozinho aqui em Los Angeles, dirigindo essa sua boate e vivendo como um libertino...

Billy reprimiu um bocejo. Como sempre, Oggie se repetia. Já passara todas essas informações por mais de uma vez. Se Billy acreditasse que poderia adiantar alguma coisa, diria ao velho ladrão de cavalos que fosse direto ao assunto. Mas seria um esforço completamente inútil. Sendo assim, desligou-se da conversa de Oggie. Sua atenção derivou para os acontecimentos do noticiário.

Dez segundos depois, Billy se esquecera da existência do velho. Estava ocupado demais olhando para a tela da televisão, sentindo como se alguém tivesse retirado todo o ar do aposento.

Nesse meio tempo, Oggie continuava.

— Tenho feito das tripas coração para me aproximar de você, rapaz, esperando que demonstre um pinga de boa vontade... mas você não liga. Acho que sei quando é hora de baixar minhas cartas e voltar para casa.

Billy experimentou piscar várias vezes, esperando ver uma coisa diferente na tela a cada vez que olhava.

Porém nada mudou.

— Menino, escutou alguma coisa do que eu disse?

Não importa quantas vezes Billy piscasse, mesmo assim continuava enxergando Randi na tela de alta resolução. Randi toda de branco e sorrindo com serenidade... e tendo um bebê no colo.

O locutor dizia:

— Aqui temos nossa deusa do sexo, Randi Wilding, num instantâneo familiar, com seu amado filho Jesse. Essa fotografia foi tirada dias antes do acidente fatal de avião que causou sua morte. Agora, um mês apenas depois do infeliz ocorrido, advogados que executam seu espólio anunciam a criação do Fundo Para Bebês Carentes Jesse Wilding.

— Menino! O de casa! Estou falando com você.

Piscando, Billy inclinou-se sobre o tampo da escrivaninha. Porém o bebê nos braços de Randi não mudou. Continuou a parecer exatamente com a fotografia de si mesmo quando tinha

menos de um ano, usando um calção azul ridículo e um boné com uma aba curta demais, mastigando um sapo de borracha. Sua mãe costumava manter essa fotografia sobre a lareira. Billy sempre odiara aquela imagem.

A fotografia de estúdio mostrando a atriz e seu filho desapareceu, para ser substituída pela imagem de uma mulher feia sentada numa poltrona de braços. A irmã de Randi. A mulher sorriu formalmente e apresentou-se à câmera, porém Billy não escutou o nome dela porque Oggie balbuciava alguma coisa no mesmo instante.

Billy franziu o cenho. Qual era mesmo o nome dela? Era um daqueles nomes que sozinho já assustava os homens. Um nome como o de sua mãe, que fora Pureza. Um nome de algum traço de personalidade que incomodava... Paciência ou algo parecido.

Billy encontrara a mulher uma ou duas vezes na mansão de Randi em Bel Air, durante os três meses de luxúria que haviam passado juntos. Nas poucas vezes em que a vira, ela estava na escrivaninha, piscando em frente à tela de um computador. Ela administrava todo o dinheiro, como Randi contara. Randi também contara que ela era ótima no que fazia.

— Jesse mudou de verdade a vida de Randi — dizia a irmã.

— Ela se acomodou bastante quando soube que estava grávida... e mesmo depois que ele nasceu. O bebê despertou a parte maternal que existia em minha irmã. Ela ficou mais feliz. Mais relaxada. E mais preocupada.

Billy foi obrigado a reprimir uma exclamação de espanto. Randi Wilding, preocupada?

A irmã ainda não terminara. Lágrimas não escorridas lhe embaciavam os olhos, que pareciam flutuar atrás das lentes grossas.

— Randi realmente se importava com os que não tinham teto e com as crianças carentes no mundo inteiro. Cada vez que olhava para Jessie, ela se lembrava das crianças forçadas a crescer sem o amor e o carinho que ela pretendia dispensar ao seu próprio filho. Randi trabalhou bastante para criar esse fundo. Aqueles de nós que a amavam estão orgulhosos de constatar que se tomou uma realidade, mesmo que ela já não esteja entre nós para ver. Randi era uma mulher muito pródiga e inocente...

Billy não aguentou mais. Agarrou o controle remoto e apontou-o para o aparelho de televisão. A tela ficou escura.

— Macacos me mordam... — resmungou Oggie. Billy fechou os olhos e resmungou alguns palavrões.

Oggie vibrou um tapa no próprio joelho.

— Aquele era um bebê Jones, se é que já vi algum. É seu, eu presumo?

Billy abandonou o remoto e ergueu-se.

— Olhe, vamos terminar por aqui, sim? Eu disse tudo o que tinha a dizer na noite passada. Os pequenos olhos de Oggie brilharam.

— Uma belezura esse garoto. Parabéns, menino.

— O senhor está de partida. Aquilo foi uma afirmação.

O velho riu, obviamente deliciado.

— Um bebê. Mal posso acreditar. Bad Billy tem um bebê.

— Para fora — disse Billy.

— Está certo, está certo — disse o ancião, curvando-se para apanhar a bengala. Aprumou o corpo, resmungando.

— Estarei no mesmo hotel, no caso de precisar entrar em contato comigo.

— E porque diabo eu precisaria entrar em contacto com você?

O velho deu de ombros, ainda bufando. Billy franziu a testa.

— Você disse que iria sair da cidade.

— Isso foi antes de descobrir sobre meu sobrinho-neto. Mesmo que o pai dele seja um irresponsável e libertino, aquele bebê tem o direito de conhecer sua gente.

Oggie mancou até a porta.

— Eu nunca disse que o bebê era meu.

— Nem precisa. Conheci pelo jeito dele... isso sem mencionar a expressão na sua cara quando viu o menino — disse Oggie, abrindo a porta ganhando o outro aposento.

— Fique fora disso, tio! — gritou Billy, atrás dele.

— Fique longe desse bebê. Se chegar perto dele, vou fazer com que se arrependa!

A única resposta que obteve foi uma risada baixa e astuta, que diminuiu à medida que Oggie desaparecia da vista.

CAPÍTULO II

Nos dias que se seguiram, Billy tentou não pensar no bebê chamado Jesse. O que adiantaria pensar sobre aquele garoto? O garoto se daria muito bem com sua tia e todo o dinheiro de sua mãe morta. Não precisava de alguém como o malvado Billy Jones em sua vida. Alguns homens simplesmente não eram talhados para a paternidade. Billy sabia disso porque era um deles.

Oggie tinha razão sobre algumas coisas, como quando dissera que Billy não possuía sentimento familiar. Billy Jones nascera para tocar música alta, fazer amor com mulheres bonitas e de forma geral, divertir-se. Sempre fora assim, desde que conseguia lembrar-se.

Por duas vezes ele se apaixonara e casara-se. Os dois matrimônios resultaram desastrosos. Pelo lado bom, também haviam durado pouco. E não tivera filhos.

Não, ele não precisava de um filho. Não queria um filho. E qualquer criança com um pinga de bom senso não o aceitaria como pai.

Apesar de tudo, maldito fosse por não conseguir parar de pensar naquele rostinho alegre.

Começara a ter o mesmo sonho. Nesse sonho ele estava de volta à casa quieta e tranquila de Sweethaven, no Kansas, onde nascera. Ele entrava devagar no saguão. Olhava ao redor, temendo o que enxergaria. Seu olhar procurava a lareira. Ali, como sempre, ficava sua fotografia quando era bebê. E bem ao lado, em moldura idêntica, estava o instantâneo de Randi e Jesse que ele vira no noticiário.

No sonho, Billy se voltava para encontrar sua mãe e seu pai sentados no sofá próximo. Sentavam-se eretos, lado a lado, mas não se tocavam. Olhavam pra ele, um olhar que julgava e condenava. Falavam em uníssono, citando a Bíblia, ele achava.

"Se um filho pede pão para algum pai entre vocês, qual dentre vós entregará uma pedra? Ou se ele pede um peixe, qual de vocês irá dar uma serpente ao invés de um peixe? Se ele pedir um ovo, qual irá oferecer um escorpião?"

Em algum lugar no pedaço sobre escorpiões, Billy acordava, suando frio. Olhava ao redor, sentindo-se enjoado, perguntando-se onde estava... e então se lembrava: em sua própria cama, em Studio City.

Por alguns minutos, ele desejava ter trazido alguém macia e bonita para fazer-lhe companhia. Desejava mãos suaves correndo por seu corpo. Alguém que o abraçasse e fizesse os sons que uma amante faz para os homens que acordam ao seu lado de um pesadelo. Porém, enquanto seu suor secava e o coração diminuía o ritmo ia ficando contente por estar sozinho. Esse assunto do bebê não era da conta de ninguém a não ser dele e do próprio bebê. E de Randi, se não estivesse morta. Talvez também da tia, da qual ele nunca lembrava o nome.

Há questão de um ano atrás, quando ficara sabendo que Randi passara ao rol das mães solteiras de Hollywood, Billy experimentara um momento ou dois de pânico puro. Imaginava se poderia ser o pai.

Porém, a seguir esquecera aquela idéia. Afinal, ela nunca dissera nada sobre bebê nenhum para ele. Ele imaginara que tivesse sido algum outro sujeito, alguém que ela tivesse namorado logo depois dele. Randi sabia muito bem como ele se sentia sobre ter filhos. Tivera o cuidado de conversar com ela, tornar claro cada ponto, desde o início: nem sinos de casamento nem esqueletos no armário. Ela dissera que ele não precisava se preocupar, pois também não desejava um filho, nem ele era do tipo com o qual ela se casaria.

Ainda assim, quando se viu grávida ela deveria ter dito alguma coisa. Deveria ter falado com ele.

E quanto à “qual-era-mesmo-o-nome-dela, a irmã”? Será que a tia sabia quem era o pai? E se sabia, o que pretendia? Criar o menino escondendo a verdade para sempre, sem ao menos dizer a quem deveria chamar de papai?

Numa segunda-feira, às cinco horas da madrugada, cerca de uma semana e meia depois de deparar com a fotografia do menino na televisão, Billy acordou suando outra vez. Ergueu o corpo na cama, gritando desesperadamente. Então, tentando respirar direito e esperando que o coração não saísse do peito, decidiu dar um basta nessa situação.

Entre pesadelos, imaginação e tratos à bola, resolveu que não era mais possível aguentar mais aquela situação. Tinha algumas perguntas a fazer para a irmã menos bonita de Randi.

Atirou de lado a camisa encharcada e passou as pernas pela borda da cama. Depois de acender a luz de cabeceira, abriu a gaveta do criado-mudo e tateou o interior até encontrar a agenda. Lembrou-se do número do telefone de Randi antes mesmo de abrir o caderno. Afinal, havia um tempo em que ele discava aquele número com frequência.

Uma dor engraçada percorreu seu corpo enquanto discava a combinação conhecida de algarismos. Por um instante, claro como dia, enxergou Randi, vestida com o tipo de roupas que ela sempre adorara usar: uma saia curta de couro e um top com padrão de pele de leopardo. Meias de seda e saltos finos como agulhas. Ela sorria, seu cabelo dourado brilhando, os grandes olhos azuis cheios de diversão e desafio. Pronta para qualquer coisa. A qualquer hora. Em qualquer lugar.

Ele realmente sentira profundamente quando soube que ela morreria. Só o fato de saber que ela não estava mais no mundo o deprimia profundamente. Não era uma situação dramática, nem heróica. Soube que era hora de partir para outra quando ela o enganou. Mas que diabo! Gostara dela. E, à sua própria maneira, chorava por ela.

Agora, sentado na beira de sua cama com o suor do pesadelo ainda secando na pele, o telefone na mão e o número meio discado, percebeu que sentia saudade dela. Randi fora uma mulher e tanto. O mundo ficara um pouco mais monótono sem a presença dela.

E não ia ligar para a mansão dela, afinal de contas.

Billy abandonou o telefone. A seguir levantou da cama. Passou um instante procurando pelo jeans. Como nenhuma roupa lhe agradasse, argumentou consigo mesmo que afinal de contas fazia calor. Apanhou o velho violão Martin no canto e sentou-se no chão. A madeira do instrumento parecia ganhar vida em suas mãos, como sempre. Dedilhou alguns acordes e brincou com algumas notas. Então começou a acompanhar uma nova melodia que lhe vinha com frequência à cabeça, nos últimos dias.

Três horas mais tarde, compusera a música: Nunca Mais Vou Te Ver. Guardou o violão na caixa e colocou-o no canto. Em seguida tomou um banho de chuveiro, encontrou seu jeans, uma camisa e as botas, depois saiu para tomar o desjejum num local habitual, a alguns quarteirões de distância.

Depois de terminar uma porção de panquecas com geléia de amoras e quatro xícaras de café, foi visitar seu agente, Waverly Sims. Discutiram as músicas que Billy compusera ultimamente e fizeram arranjos para editar algumas fitas demo para o empresário oferecer às gravadoras.

Waverly queria levar Billy para almoçar, e retornou ao seu carro. Comeram num desses restaurantes estrangeiros que o empresário tanto apreciava. Ficava em Melrose, numa barraca. Um daqueles lugares que eles colocavam fatias de limão na água gelada, e a salada parecia feita de grama.

Depois do almoço ele se despediu do empresário e retornou ao seu carro. Sem tomar nenhuma decisão consciente, descobriu-se indo para oeste, na direção de Bel Air.

A mansão de Randi não ficava longe do Country Club de Bel Air. O casarão não podia ser visto da rua, ladeada por magnólias de folhas serosas e longos muros de pedra. Esse muro não parecia ser mais do que decorativo. Tufos de buganvília, musgo e jasmim caíam pelas frestas da rocha acinzentada. Mas Randi explicara uma vez a Billy que o alto do muro, abaixo de todo o verde, estava ligado a um sofisticado sistema de alarme. Para entrar, era preciso tocar a campainha nos grandes portões de ferro.

Billy dirigiu até lá, forneceu o nome a um intercomunicador e ficou esperando que lhe fosse negada a entrada. Contudo, o portão abriu-se. Ele dirigiu pelo tortuosa alameda, passando por um gramado verde-esmeralda pontilhado aqui e ali por palmeiras, jacarandás e limoeiros. Subitamente a casa entrou em seu campo de visão, em estilo vila italiana de telhado vermelho, paredes amarelas, janelas altas e portais em mármore branco. Ao longo da fachada, colunas dóricas partiam para cima, apoiando balaústres de ferro trabalhado a sustentar o balcão.

A medida que se aproximava da imponente fachada, Billy recordou a primeira vez em que Randi o trouxera ali.

— Comprei porque podia — afirmara ela, com aquela voz rouca.

— Porque quando as palmeiras cantam no vento, sinto como se estivessem sussurrando para mim: Você andou um bocado, garota.

Então ela rira, aquela gargalhada grave que sempre o fazia pensar em bobagens. Em resposta ao olhar dela, ele começara a tirar aquele pequeno pedaço de nada que Randi usava na ocasião.

Estacionou à frente de uma sebe em forma de caixa na entrada pavimentada da casa. Um motorista uniformizado materializou-se, sem que Billy percebesse de onde o homem viera.

— Pode deixar aí mesmo. Não pretendo ficar muito tempo.

O homem assentiu com um gesto lacônico e dirigiu-se para a garagem. Assim que saiu do campo de visão, Billy voltou-se e caminhou entre duas colunas de mármore espaçadas e sob o arco graciosamente curvado, na direção da porta da frente. Assim que tocou a campainha, as portas recuaram lentamente.

Um sócia do Tom Cruise usando smoking cumprimentou-o.

— Por aqui, Sr. Jones.

Billy seguiu o mordomo para fora do saguão de mármore, depois através de vários corredores. Passaram ao largo de algumas salas ensolaradas cheias de embalagens, onde a mobília estava coberta por panos brancos. Aparentemente a irmã de Jane estava aparelhando a vila para novas funções.

Depois de terem caminhado cerca de um quilômetro, finalmente chegaram à sala que servia de escritório e onde ele se recordava de ter estado em outra oportunidade. A irmã... qual era mesmo o nome dela? Constância? Verdade?... Esperança?... estava esperando por ele atrás de uma escrivaninha de mogno, com uma pilha de papéis em frente e um desses computadores portáteis do outro lado.

O mordomo tossiu discretamente.

— O Sr. Jones está aqui.

A mulher olhou para cima, com os óculos deselegantes ampliando os olhos, de forma a torná-los proeminentes. Os cabelos castanhos encontravam-se penteados para trás, o rosto tão limpo que parecia brilhar como um assoalho encerado. Ela o lembrava algum inseto gigante e solene... que12 de alguma forma conseguira vestir-se com um terno cinzento e comercial.

Ela lançou um olhar estranho para a direita de Billy.

— Obrigada, Lance.

Lance assentiu brevemente, depois voltou-se e partiu, deixando a irmã de Randi e Billy a olharem um para o outro durante certo tempo, que para Billy pareceu perto de duzentos anos.

Finalmente ela falou.

— Tenho tentado entrar em contato com você. Para ser honesta, como sempre, ainda não tinha reunido coragem suficiente.

Aquilo só poderia significar uma coisa. Ela sabia que ele era o pai do filho de Randi.

O pai do filho de Randi. A realidade o atingiu outra vez, fazendo com que seu estômago doesse e seus joelhos parecessem de borracha.

Imaginou o que poderia ter acontecido com ele para que aparecesse ali, na mansão que Randi chamava de lar. Lembrou-se: ele estivera lidando com um pesadelo ou dois nos últimos tempos. E estava curioso sobre o menino que parecia tanto com ele.

Porém o que planejava fazer, agora que a irmã admitira a verdade? Não sabia nada sobre paternidade, nem queria saber.

A moça continuava examinando-o através dos olhos aumentados pelas lentes.

— Por favor, não fique aí na porta olhando para mim como se eu tivesse cometido um crime ou coisa parecida. Tenho certeza de que podemos resolver esse assunto. — declarou ela, apontando uma poltrona.

— Sente-se.

Tudo parecia tão quieto. Ele odiava silêncio. Gostaria que ela colocasse uma música, mas não havia nenhum aparelho de som à vista.

Ela fez mais um gesto em direção à cadeira.

— Por favor.

— Prefiro ficar em pé.

Ela deu de ombros, como a dizer que ele fizesse como desejasse, depois retirou os óculos e massageou o local onde eles se apoiavam. Billy observou-a, sentindo as coisas mais fáceis sem ter aqueles olhos pregados nele.

Porém aquele instante se foi em um átimo. Ela recolocou os óculos e dobrou a mão sobre o tampo da escrivaninha, que era provavelmente um dos locais mais limpos e polidos do planeta.

— Sr. Jones, eu... — começou ela, interrompendo-se e desviando os olhos. Depois obrigou-se a fitá-lo outra vez e continuou:

— Eu amava minha irmã. Ela era generosa e divertida. E talentosa. E... boa.

Ele percebeu um brilho diferente nos olhos dela, como se o desafiasse a contradizê-la.

Billy cometera um bocado de erros na vida, mas não estava a ponto de cometer outro. Manteve sua boca fechada, embora não pudesse deixar de imaginar a página central de uma determinada revista masculina, que apresentava Randi estendida num tapete de zebra, usando nada mais do que um relógio de diamantes, uma tatuagem de borboleta e um olhar que era um convite erótico.

Sem se dar conta dos pensamentos desrespeitosos de Billy, a irmã continuou:

— Naturalmente, a verdade é que ela deveria ter contado ao senhor sobre o filho. Tentei convencer minha irmã disso. Mas ela acreditava que o senhor não estava pronto para ser pai. Que não tinha o menor desejo de ser pai. Por isso, quando descobriu que estava grávida, ela achou melhor...

— Não me ver mais. Ela simplesmente me ignorou — declarou ele, sentindo-se justificado.

Não era um sentimento ruim, aquele, especialmente se comparado à sensação de pavor, que correspondia mais ao estado emocional em que ficara desde que entrara naquela maldita sala silenciosa. Deixou que seu lábio se curvasse num esgar, que fez com que a irmã de Randi se encolhesse involuntariamente.

— Vamos dizer que ela tenha... terminado a relação de vocês.

Billy resolveu aproveitar o fato de ser a parte prejudicada. Afinal, daquela vez tinha todo o direito.

— É uma forma educada de dizer o que aconteceu — afirmou ele, fazendo uma careta que indicava sua total desaprovação pela forma como fora tratado.

— Mas um chute no traseiro é um chute no traseiro, não importa a forma como a gente resolva disfarçar a coisa.

A irmã de Randi franziu o cenho.

— Por favor. Randi fez o que acreditou estar certo. Agora ela se foi e eu sou a tutora de Jesse. Pretendo fazer o que julgar correto.

Billy decidiu que se sentia estranho para manter-se em pé. Deixou-se cair na cadeira oposta à ela, a mesma que recusara instantes atrás. Forçou-se a pronunciar as palavras seguintes:

— E o que exatamente você julga correto?

— Bem... — começou ela, meneou a cabeça e, com um movimento cheio de graça, ajeitou os óculos.

— Bem o quê? — indagou ele, satisfeito com o tom ríspido de sua voz, já que por dentro sentia-se tão ameaçador quando um prato de espaguete mole.

— Sr. Jones, acho que.... seu filho deve conhecer o senhor.

— Que diabo quer dizer isso?

— Bem, acho que ele deve ter a chance de desenvolver algum tipo de relacionamento com o senhor. Acho... — a sentença perdeu-se, sem fôlego.

A moça o observou atentamente. Depois franziu a testa.

— O que foi? — indagou ele, aprofundando as rugas na testa.

Ela deu a impressão de esquecer completamente que ele a ameaçava. Um olhar estranhamente suave penetrou o dele. Lentamente, um sorriso foi aparecendo em seus lábios. Por um instante, mesmo com os olhos de inseto, ela ficou bonita.

— Você está apavorado... Billy percebeu que a odiava. Ela insistiu:

— Você está morrendo de medo. Ele a brindou com o olhar mortal reservado para seu adversário decisivo no pôquer.

— De jeito nenhum!

Ela balançou a cabeça e deixou escapar um risinho. Billy teve vontade de saltar sobre a escrivaninha, agarrar aquela mulher-inseto pelo pescoço magro e apertar até tirar aquele ar de quem sabia tudo do rosto dela. Contudo, não se moveu. Qualquer demonstração emocional no momento só serviria para demonstrar que ela tinha razão.

— Gostaria de conhecê-lo?

Do que ela estaria falando?

— Conhecer quem?

Ela meneou a cabeça outra vez, ainda com aquele sorriso irritante. Por Deus, odiava mulheres como aquela. Mulheres que acreditavam não precisar de homens. Do tipo que estava convicta de saber tudo o que existia para saber. Que agia como se fosse superior. Representavam o tipo bonzinho, com um coração misericordioso e uma mente tolerante todos os dias.

— Seu filho. Quer conhecer seu filho? "Não", disse uma voz interior. "Não estou pronto para isto. Nunca estarei!"

— Claro — declarou, usando seu tom mais firme.

— Me leve até ele. Agora.

Ela saiu detrás da escrivaninha. A medida que caminhava na direção dele, percebeu que nunca a vira antes... como era mesmo o nome dela? Caridade?... da cintura para baixo. Abaixo do paletó abotoado ela parecia ter um belo corpo; seios respeitáveis, uma cintura fina e pernas que ele olharia duas vezes em qualquer outro tipo de mulher.

Passou ao lado dele a caminho da porta.

— Por favor, venha comigo. Vou levar você até ele.

A mente continuou gritando interiormente; apesar disso, o corpo ergueu-se e seguiu aquela mulher. De costas ficava mais patente que o corpo dela não era ruim. Ao contrário. E no instante em que ela sorria, no escritório, percebera que ela podia ser bonita, se desejasse. Entretanto escolhera esconder a si mesma atrás daqueles óculos e dos cabelos esticados para trás. Tratava-se de um mistério para ele, como uma mulher se cuidava daquela forma.

Dobramam à esquerda ao final do corredor, depois caminharam até o final do corredor seguinte. Billy observava os quadris oscilantes da irmã tímida de Randi, concentrando-se em sentir-se superior a ela... e fazendo o melhor possível para manter seus pensamentos afastados do local aonde iam e da criança que iria ver pela primeira vez quando chegassem.

Finalmente Virtude, ou qualquer que fosse o nome dela, parou em frente a uma porta fechada e tamborilou as unhas na madeira.

Depois de um instante uma mulher mais velha respondeu, em tom de sussurro reverente:

— Ele acabou de dormir.

— A gente pode entrar devagarzinho e ver se ele acorda — sugeriu Felicity.

Billy queria responder: Vamos deixar isso para lá. Volto em outra hora, daqui a uns dez anos. Mas ao invés disso descobriu que concordava com um gesto de cabeça.

A mulher mais velha recuou. Billy e a irmã de Randi entraram num quarto infantil com murais de sóis e arco-íris nas paredes, além de uma quantidade de brinquedos comparável à de um balcão de loja. Impressionado, Billy olhou ao seu redor, imaginando que talvez a cena toda não passasse de uma extensão bizarra do pesadelo que o tinha levado até ali. A qualquer segundo esperava a presença da mãe falecida há muito, saltando de trás de um dos armários de brinquedos, pronta a recitar mais um capítulo e versículo.

— Estarei em meu quarto se precisar de mim — declarou a mulher mais velha.

— Obrigada, Alma — disse a irmã de Randi. A mulher mais velha saiu, passando através de uma porta a alguns metros de distância.

— Por aqui — disse Modéstia, indicando a porta por onde a outra tinha saído.

Abriu a porta tomando todas as precauções para não fazer barulho. Ele percebeu que reinava a penumbra no interior, com as persianas fechadas. Ela se voltou e descobriu que ele ainda permanecia em pé do outro lado do aposento. Fez um gesto para que ele se aproximasse. Billy andou, devagar, até chegar ao lado dela, antes que abrisse a porta do aposento imerso em penumbra.

Sorrindo como se algo maravilhoso estivesse acontecendo, Graça colocava um dedo nos lábios.

— Seria melhor eu entrar junto. Para o caso de ele acordar... já que não conhece você. Tudo bem?

Billy deu de ombros, como se tudo aquilo representasse pouco para ele.

— Tudo bem.

Ela entrou na frente. Sem ter escolha, Billy a seguiu.

No interior, a despeito da escuridão, percebeu mais murais, representando aviões em céus azuis e ursinhos dançando na floresta. E mais brinquedos. Que coisa, como o garoto tinha brinquedos! O berço ficava no canto, não longe de um desenho na parede, representando torradeiras voadoras e telas flutuantes de computador. A irmã de Randi aproximou-se do berço e Billy acompanhou-a. Quando chegou à grade deu um passo para o lado, deixando espaço para ele. Automaticamente ele deu um passo até lá.

Daí em diante, não teve mais escolha. Lá estava ele. Era preciso olhar.

O garoto estava de bruços, com o rosto voltado na direção de Billy e a mão gordinha sob o queixo. Parecia grande e sadio... exatamente como o bebê na fotografia que costumava ficar sobre a lareira de sua mãe, em Sweethaven. Se existisse alguma sombra de dúvida na mente de Billy, teria desaparecido naquele instante. Aquele garoto era seu filho.

Seu filho.

Era estranho demais.

Billy teve vontade de escutar música. Música alta. De tomar uma bebida. Uma centena de copos.

A boca rechonchuda realizava movimentos de sucção. Era, pelos demônios, a coisa mais engraçadinha que ele já vira.

Tornou-se incapaz de respirar.

Precisava sair daquele lugar.

Girou nos calcanhares e caminhou para a porta, com Graça atrás dele.

— Você está bem? — indagou ela, ainda falando baixo em virtude da criança adormecida, apesar da porta encontrar-se fechada.

— Estou ótimo.

— Você parece... abalado.

— Não, estou bem.

Ela fez um gesto na direção dele.

— Sente um pouco e...

Billy ergueu as duas mãos, com a palma para a frente, num gesto de recusa.

— Olhe, eu preciso ir, agora.

O gesto impediu que ela continuasse.

— Mas eu pensei que...

— Mais tarde. Algo importante surgiu e eu... — ele se interrompeu quando ela assumiu aquele ar emocional outra vez, cheio de compaixão e compreensão. Ficou envergonhado por ela ter percebido o turbilhão em seu interior. Encarou-a.

— Afinal, qual é mesmo seu nome?

— Como?

— Seu nome. Qual é seu nome?

Ela engoliu em seco antes de responder.

— Prudence.

— Prudence?

A irmã de Randi concordou, com um gesto de cabeça.

Billy sentiu-se vingado.

— Eu sabia... — resmungou, entredentes.

— O que disse?

— Nada. Olhe aqui, Prudence. Ela aprumou o corpo.

— Sim? — indagou ela, com aquele sorriso irritante de novo.

— É melhor você... — começou ele, procurando o que dizer.

— O quê?

— ...tirar meu filho daquele berço e arrumar uma boa cama para ele.

Aquilo produziu uma reação de surpresa. Ela tomou fôlego.

— Como disse?

— Disse que ele está grande demais para esse bercinho.

— Oh... e acredito que seja um especialista na educação infantil, Sr. Jones.

— Basta fazer o que eu disse. Não o transforme num maricas.

— Jesse é um menino especial, e...

— Isso — interrompeu ele.

— A palavra-chave é menino. Ele já tem idade suficiente para uma cama de verdade.

— Mas ele mal completou um ano...

— Basta... não precisamos discutir. É só fazer o que estou pedindo. Pretendo voltar, está ouvindo?

- Ouvi, sim. Bem até demais.
- Ótimo. Então faça.
- Sr. Jones...
- Agora preciso ir.
- Mas...

Ele girou nos calcanhares antes que ela protestasse. A porta para o saguão estava no mesmo local. Ele a abriu completamente, batendo-a atrás de si.

CAPÍTULO III

Prudence Wilding olhou para a porta que o pai de Jesse acabava de bater em sua cara. Ficara contente em livrar-se dele. Ao mesmo tempo imaginou se poderia segui-lo até a porta de entrada, só para certificar-se de que ele a encontraria. Afinal, a casa era enorme. Os convidados sempre se perdiam nela.

Mas então Jesse começou a chorar. Prudence aguardou, atenta. Sem dúvida a porta batendo e as vozes elevadas o tinham acordado. Talvez se o embalasse por um instante Jesse voltasse a adormecer.

Mas não teve tanta sorte. O choro aumentou de volume. A babá pôs a cabeça na fresta da porta.

— Quer que eu...

— Não, Alma, pode deixar que eu fico com ele. Prudence voltou-se e passou através da porta para o dormitório do sobrinho. Jesse ergueu-se no berço, com a cabeça para fora, chorando de frustração para o teto. No instante em que viu Prudence, o choro parou. Ele estendeu os braços gordos e soluçou sua versão do nome dela.

— Pú... Pú...

— Estou aqui, meu bem — disse ela, apressando-se a tomá-lo nos braços.

Jesse aconchegou-se e soluçou algumas vezes, esfregando o nariz na lapela do paletó dela. Prudence encostou o queixo nos cabelos finos, num carinho delicado, dando palmadinhas tranquilizadoras nas costas dele.

— Isso... agora está melhor, não está?

O bebê produziu um som de satisfação com um soluço ao final. Ela o passou para um dos braços enquanto caminhava para a janela e abria as persianas com a outra mão, deixando que o sol da tarde invadisse o ambiente. Assim que a claridade inundou tudo, Prudence permaneceu ao lado da janela, observando a piscina e a cabana mais além... tentando não elaborar as centenas de formas que Billy Jones poderia usar para complicar a vida deles.

— O que achou desse meu sobrinho? — indagou uma voz rouca atrás dela.

Ela sorriu ao voltar-se para o velho senhor, as preocupações temporariamente esquecidas. Oggie voltou a falar.

— Ele estava xingando e tentando encontrar a saída por aí. Esses velhos ouvidos ficaram vermelhos só de escutar as coisas que ele disse quando passou pelo meu quarto.

Ela esfregou as costas de Jesse e beijou-lhe a bochecha redonda.

— Você saiu para ajudar seu sobrinho a achar a saída?

Oggie riu, com gosto.

— Por Deus, não! A menos que exista algum tipo de lucro envolvido, eu sempre prefiro ficar longe dos problemas — disse ele. Depois franziu as sobrancelhas.

— Você disse a ele que eu estava aqui?

— Na verdade nem surgiu o assunto.

— Para mim está ótimo assim. Prefiro que ele não saiba.

Ela embalava Jesse de um lado para outro e continuou sorrindo para o simpático velho. Ele batera em sua porta há uma semana, trazendo a boa notícia da enorme família de Jesse em North Magdalene. Naturalmente ela ficara desconfiada, a princípio.

Ele sugerira que ela contratasse um detetive para verificar a história.

— Mas faça isso rápido — recomendara ele.

— Sou velho e não tenho muito tempo. Quero conhecer meu sobrinho-neto e não posso ficar para sempre aqui na terra das palmeiras.

A história de Oggie pôde ser verificada com facilidade. Dois dias depois Prudence telefonava para o hotel dele e o convidava para ficar em sua casa por toda a sua estadia em Los Angeles.

Ele concordara prontamente com o arranjo e mudara-se imediatamente, permanecendo ali desde então. Prudence simplesmente o adorava. Era o pai que não tivera, o avô sabido e simpático que sempre sonhara. Ele oferecera a Jesse uma família e automaticamente incluía Prudence.

Ter uma família parecia importante para Prudence, especialmente desde a morte de Randi. Prudence tivera um bom relacionamento com a irmã, uma intimidade e sentido de família que não conhecera com nenhuma outra pessoa em sua vida. A cumplicidade entre ambas fora forjada nas dificuldades da infância e reafirmadas no decorrer dos anos.

Sem Randi, Prudence sentia-se frágil e impotente. Como um pequeno bote à deriva num mar profundo e hostil. Preocupava-se também com Jesse, por não saber se conseguiria educar sozinha o sobrinho.

Contudo, o fato de ter encontrado Oggie facilitava as coisas. Quando ele aparecera à sua porta, Prudence começara a acreditar que ela e Jesse poderiam sair-se bem, afinal.

Pelo menos, era a forma como se sentira até aquela tarde.

— Estou vendo um sorriso murchar e virar uma careta — disse o velho, em seu estilo ríspido e carinhoso.

— Billy certamente é uma pessoa caprichosa — afirmou Prudence, estremeando ao pensar no pai de Jesse.

— Ele é homem, só isso — resmungou Oggie.

— Um Jones. Você vai se acostumar com ele. Já se acostumou comigo. E olhe que só me conhece há uma semana.

Jesse, que parecia ter absorvido sua dose de carinho, agora desejava outras coisas. Puxou a orelha da tia, gritando sua mensagem.

Prudence colocou a criança no assoalho. Imediatamente o bebê pôs-se a praticar a recém-aprendida arte de andar, caindo várias vezes.

— O senhor não é nada parecido com Billy Jones — respondeu ela.

— Sou, sim. O rapaz e eu somos mais parecidos do que você pode imaginar — declarou ele, retirando brinquedos da tampa de um baú com a ponta da bengala.

Baixou cuidadosamente o corpo até o tampo desimpedido.

— Pois eu não vejo semelhança alguma entre vocês dois.

Oggie deixou as duas mãos apoiadas no castão da bengala.

— A verdade não muda, quer você queira enxergá-la ou não.

Prudence resolveu que não valia a pena discutir aquele assunto. Discutir com Oggie nunca adiantava muito, na verdade. Com um suspiro acomodou-se na cadeira de balanço, esticou a cabeça para trás e começou a embalar-se. Por alguns minutos agradáveis os dois observaram Jesse, que encontrara seu coelho favorito embaixo do berço. Mastigando pensativamente uma das orelhas, vibrava carinhosas palmadinhas nos olhos do animalzinho de pelúcia.

— Tudo vai dar certo — afirmou Oggie, de repente. Prudence voltou a cabeça para observá-lo.

— Espero que tenha razão, Oggie.

— Sempre tenho razão.

— É que eu... ele me deixa pouco à vontade. Compreendo que esteja confuso no momento. Descobrir de repente que é pai deve ter abalado Billy. Randi uma vez me disse que ele era ótimo em duas coisas: nunca se casar e nunca ter filhos. Pois bem, agora, goste ou não, ele é pai. Ficou furioso e assustado. Eu até entendo isso. Só que ao mesmo tempo ele pode ser assustador. Não consigo evitar desejar não ter de lidar com ele.

Oggie olhou para ela de um jeito diferente. Ela apressou-se a acrescentar:

— Eu sei, eu sei. Essa é a coisa certa a fazer. Ele é o pai de Jesse. Deveria fazer parte da vida dele. Mas não... quer dizer, não sei se vou conseguir lidar com ele.

— Claro que vai. Não se preocupe.

Prudence deu de ombros e meneou a cabeça, observando Jesse e agradecendo a Deus pela presença de Oggie na vida de ambos, vinda na hora em que viera, como um presente dos céus. Randi desejava que o filho tivesse uma vida mais simples e sã do que seria de se esperar na vida de uma atriz famosa como símbolo sexual. Desde a morte da irmã, Prudence estava determinada a ver o desejo dela realizar-se. Oggie simplesmente lhe mostrara como.

— Eu nem tive chance de contar a ele sobre a mudança para North Magdalene — comentou Prudence.

— Você vai ter outras oportunidades, não se preocupe — afirmou Oggie, sem deixar espaço para discussão, como sempre.

— Ele disse que voltaria — lembrou Prudence, num tom de voz que denotava sua preocupação.

— Ótimo. Você conta quando ele vier.

No dia seguinte, Oggie partiu para North Magdalene. Prudence e Jesse também foram. A cidade era exatamente o que ela imaginara ser. Adorou o sobrado de troncos de madeira que Oggie escolhera para ela. Pagou à vista pela casa e conseguiu combinar uma pintura e faxina na parte interna e externa. Então ela e Jesse retomaram para Los Angeles.

Depois disso, dedicou-se a deixar cada detalhe dos negócios da irmã em ordem. Por volta do final de outubro, todos os empregados haviam encontrado novos empregos. Em pouco tempo a mansão pertenceria a um simpático importador de cestas do Nepal. O Fundo para Crianças Carentes Jesse Wilding poderia agora se manter por si próprio; ocupava um edifício no centro de

Los Angeles e empregava cinco pessoas competentes. Prudence estava a ponto de partir com Jesse.

Porém antes de fazer isso sentiu obrigação de informar a Billy Jones seus planos de mudança. Afinal, ele era o pai de Jesse. Tinha o direito de saber onde poderia visitar seu filho, se algum dia pretendesse fazê-lo.

Entretanto, a despeito da ameaça de retorno ele não bateu nem voltou à casa. Prudence sabia que precisava tomar a iniciativa. Com relutância, telefonou para o clube que Billy possuía em Van Nuys. Um homem simpático chamado Tim respondeu. Tim prometeu dizer a Billy que ela ligara e pedir que ele entrasse em contato com ela.

Prudence aguardou quarenta e oito horas. Billy não ligou.

Telefonou outra vez para o clube. Falou com a gerente, uma mulher chamada Alexis. Prudence explicou que era importante que ela conversasse com Billy imediatamente. Alexis prometeu dar o recado.

Mais um dia se passou sem nenhuma notícia de Billy.

Considerou falar outra vez com Alexis. Talvez a gerente tentasse com mais afinho trazê-lo ao telefone se soubesse que era a tia do filho dele.

Pensou bem e resolveu não interferir. Não tinha idéia se Billy tinha contado ou não sobre o filho que soube recentemente ter. Provavelmente não. O que deixava Prudence na desconfortável situação de interferir na vida privada dele. Ficou pensando o que Randi teria feito se o assunto fosse com ela.

A vida erótica de Randi ficara famosa. Virara lenda. Algumas pessoas achavam que a maioria das histórias fora iniciada pela própria Randi. Costumava ler os boatos nos jornais e rir muito.

— Quanto mais escândalos nos jornais, mais pessoas irão ao cinema — comentava ela.

Porém sempre incomodava Randi quando as histórias eram verdadeiras. Então dizia que o público estava interferindo em sua vida particular. Sempre que inventava as histórias, estava protegida, pois não se tratava de sua vida, e sim de uma extensão de seu personagem.

Prudence percebeu que Billy era um pouco como Randi. Dava a impressão de ser livre e selvagem, porém não acreditava que andasse comentando, por aí, sua vida particular.

Por que Prudence se importava com o que o rebelde Billy Jones fazia em sua vida particular era mistério para ela própria. Mas não telefonou para Alexis no clube. Ao invés disso, procurou o número da casa dele em seus arquivos de computador e ligou para lá às sete horas da manhã, uma hora que tinha certeza de encontrá-lo na cama. Esperava que a campainha do telefone não o acordasse muito depressa, pois assim não teria de enfrentar seus comentários mordazes.

Não funcionou. O telefone tocou quatro vezes, depois a secretária eletrônica atendeu.

— Deixe um recado — grunhiu a voz gravada de Billy.

Prudence balbuciou alguma coisa sobre a necessidade de falar com ele imediatamente em relação a Jesse, deixou seu nome e número, depois desligou. Sentia-se frustrada e com raiva. Como ele não respondesse até as três horas da tarde, ligou outra vez. Novamente a secretária eletrônica. Desta vez não deixou recado, simplesmente desligou e ficou tamborilando os dedos no tampo da escrivaninha.

Tudo estava embalado. No dia seguinte, às dez horas da manhã, ela visitaria a companhia imobiliária e assinaria os papéis da venda da mansão. Nesse meio tempo, os empregados da

companhia de mudanças estariam trabalhando para embalar tudo. No meio da tarde ela e Jesse estariam a caminho.

Se ela ainda pretendia falar com Billy Jones antes de partir, teria de arranjar outra forma que não fosse o telefone.

Às onze da noite, Billy encontrava-se à escrivaninha em seu escritório, nos fundos do clube. Havia uma bela soma em dinheiro vivo à sua frente.

— Por mim, estou fora — afirmou o homem à direita.

Um a um os outros parceiros baixaram as cartas.

— Muito bem, você ganhou — disse um deles.

— Agora precisa tocar alguma coisa, como compensação.

Billy entornou o restante da bebida que segurara por alguns minutos.

— O conjunto começa outra seleção em dez minutos. Vou ver se me deixam entrar. Estou com vontade de uivar um pouco.

— Deve estar mesmo — comentou outro parceiro, olhando com admiração para o dinheiro sobre a mesa.

Concordando em encontrar os outros quatro no palco, Billy reuniu seus ganhos e os trancou no cofre do escritório. Depois caminhou através do depósito e emergiu próximo ao bar que ocupava uma parede inteira do andar térreo do clube. O lugar estava repleto.

— Oi, Billy!

— Tudo certo?

— Cante uma música para a gente — pediu uma garota. — Por favor...

Billy acenava e sorria para todos, fazendo um gesto conhecido para o barman, significando que desejava outra dose de Jack Daniels. A garçonete, na verdade uma bela ruiva chamada Loretta, serviu o copo assim que a bebida dourada parou de jorrar no interior do cristal.

— Aqui está, Billy.

A boca sensual abriu-se num sorriso convidativo, repleto de dentes brancos. O sul da Califórnia era um lugar extraordinário. Todo mundo possuía dentes ótimos e bem cuidados. Billy morava na área de Los Angeles havia quase uma década, mas ainda se espantava com a perfeição bucal ao seu redor.

— Obrigado, meu bem.

— Disponha — respondeu ela, arregalando os olhos para encará-lo. — De verdade.

Ele sabia que a oferta era para valer. Também sabia que jamais iria sair com ela. Mesmo um homem como Billy precisava traçar limites em algum ponto. Além de inofensivos flertes, jamais saíra com mulheres que tivessem participado de um baile de formatura nos últimos quatro anos. O problema com as mulheres jovens é que eram excessivamente românticas. Confundiam sexo com amor. Se você dissesse a elas que não pretendia casar-se jamais, elas balançavam as cabecinhas bonitas, com ar crédulo. Mas não acreditavam que estivesse falando a sério.

Suas duas esposas eram jovens, na época dos casamentos. Jovens e determinadas. Assim como a doce Loretta, que ainda suspirava e sorria para ele. Ele a saudou com o copo antes de dar o primeiro gole.

— Quer mais? — ofereceu ela, passando a língua pela ponta dos lábios.

— Claro. Estarei na...

— Sei onde gosta de sentar, Billy.

— Obrigado — disse ele, passando por trás dela e abrindo caminho no meio da multidão.

Um dos sujeitos da roda de pôquer deve ter avisado o pessoal do conjunto que ele se aproximava. Um homem entregou para ele sua guitarra. Ele passou a correia por trás do pescoço e se aproximou do microfone.

Começaram com algumas músicas rápidas, para esquentar o pessoal. Billy solava e fazia ritmo como um maluco, batendo o pé para marcar o tempo e cantando a primeira voz a plenos pulmões. Abaixo dele, na grande pista de dança central, os casais giravam nos braços um do outro, separando-se quando o ritmo aumentava, depois juntando-se outra vez quando vinham as músicas românticas. Nas mesas sobre a plataforma elevada que circundava a pista, as pessoas riam, bebiam e batiam palmas ao ritmo da música. No mezanino, cuja vista para o salão era total, os últimos clientes do restaurante terminavam o café observando os casais abaixo. Por todos os cantos agitavam-se as garçonetes, em camisa de seda ao estilo country acompanhada por botas vermelhas, passando entre a multidão e certificando-se de que o álcool continuava fluindo.

Era uma boa noite no Bad Billy's. Com as luzes assentadas sobre ele e a mente envolvida pela música, Billy quase conseguia esquecer o garoto a respeito do qual não sabia o que fazer... e aquela maldita Prudence Wilding, que continuava deixando recados que ele sabia precisar responder, mas por algum motivo, não conseguia.

Prudence entrou no instante em que Billy cantava uma música lenta. Permaneceu na parte traseira, não muito longe da porta, escutando. Tratava-se de uma canção sobre um caubói moribundo e um rapaz que o idolatrava. Atingira o sucesso com alguma cantora conhecida, mas Prudence sabia que o autor era Billy.

Uma vez, durante a época em que Randi e ele haviam sido amantes, Prudence o escutara cantando. Na mansão, ao lado da piscina. A música penetrara na casa através de uma janela aberta. Para ser honesta, só percebeu estar invadindo a intimidade deles quando a música cessou. Era uma canção terna e triste, repleta de amor tresloucado e ferido. Envolveu-a como uma nuvem, de forma que não conseguiu evitar aproximar-se da janela.

Ao lado de fora, vira a irmã, estendida numa espreguiçadeira como uma rainha, trajando apenas seu sorriso. Billy encontrava-se ao lado, mais decente em sua calça desbotada, dedilhando uma guitarra e cantando aquela bela música.

Quando a última nota silenciou, Randi comentara:

— Você mesmo devia ter gravado essa música. Aquele cantor não a interpreta tão bem.

Billy rira.

— Pare com isso. Eu só componho — afirmara ele, deixando o violão de lado e aproximando-se de Randi.

— Você mesmo poderia ser um cantor famoso, Billy.

— Está brincando? Sou preguiçoso demais para ser famoso.

Devagar ele voltou a cabeça dela para si. Prudence afastara-se, então.

— Está procurando uma mesa? — indagou uma voz atrás dela.

— Agora, não, obrigada.

A garçonete deu de ombros e afastou-se.

No palco, Billy terminava sua canção mágica. Houve silêncio, seguido por uma explosão de aplausos. Ele sorriu timidamente. Prudence encontrou-se a imaginar de que forma um homem capaz de compor uma música daquelas poderia ser um completo fracasso como ser humano.

Nesse instante Billy voltou-se para o conjunto e fez um sinal. Começaram um número rápido que contagiou o público, induzindo todos a mover o corpo e a acompanhar a música com palmas.

Prudence continuou onde estava, aguardando, durante três canções. Então o conjunto fez uma pausa. Ela observou quando ele abandonou o palco e acomodou-se numa mesa não muito distante, junto com o contrabaixista e o baterista, juntando-se a um grupo ruidoso que já aguardava no local.

Música gravada começou a jorrar dos alto-falantes espalhados pelo salão. Prudence avançou, abrindo caminho entre as mesas ao lado da pista de danças.

Billy acabara de receber um copo cheio de uísque e um olhar insinuante da garçonete, jovem o suficiente para ser sua filha, quando Prudence chegou à mesa. Caminhou diretamente para ele, antes que a coragem a abandonasse.

— Com licença, Sr. Jones.

Billy abandonou sua bebida ao som daquela voz. Olhou para a esquerda e deparou com uma camisa branca, estilo social. Ergueu a cabeça para confirmar: Prudence.

Tinha bebido um bocado, mas a visão dela o deixou sóbrio. Sem saber o que fazer, sorriu.

— Prudence. Como está você?

Ela o encarou, os olhos grandes brilhavam, mas de reprovação.

— Estou ótima. E gostaria de trocar algumas palavrinhas com você, se não se incomoda. Em particular, por favor.

Alguém riu na mesa. Billy mal chegou a escutar. Estava ocupado demais sentindo-se culpado e mesquinho. Devia ter ligado para ela. Pensara em ligar para ela. Pretendia ligar logo. No dia seguinte.

— Suponho que possua um escritório, ou alguma sala onde a gente possa conversar em particular.

— Espere um pouquinho — começou ele, resolvido a não deixar que ela o apressasse.

— Não, eu realmente preciso...

— Deixe que eu apresente alguns de meus melhores amigos.

— Sr. Jones...

— Prudence Wilding, este é Terry Sanduster — interrompeu ele, passando a mão pela mesa para indicar as pessoas.

— Belle Evans, VanDyke Smith e...

— Sou Lucy — esclareceu a namorada do baterista.

— Billy sempre esquece meu nome.

— Muito prazer em conhecer a todos — respondeu Prudence, forçando um sorriso. Depois voltou-se para Billy.

— Agora, por favor, vamos para o seu...

— Wilding? Adoro esse sobrenome — comentou Loretta, ainda segurando a bandeja.

— Randi Wilding... a estrela de cinema? Eu era a fã número um dela.

A garçonete ruiva voltou-se com um sorriso para Billy, e pelo tipo do sorriso Prudence percebeu que ela sabia sobre o romance. Em seguida a namorada do baterista resolveu participar da conversa:

— Randi Wilding era uma mulher que sabia se impor. Era muito franca, também. Ninguém mexia com ela. Lembra-se em *Tempestade no Deserto*?

— Claro. *Tempestade* foi demais. E a Honra de Kerrigan, também — disse Loretta, revirando os olhos.

— Ela devia ter recebido o Oscar por esse filme.

Billy observava Prudence, cujo tom era educado.

— Para dizer a verdade, Randi era minha irmã — afirmou ela, com relutância.

— Uau! — admirou-se Lucy.

— É mesmo? — fez Loretta.

O violinista também produziu um som, mais de descrédito do que de surpresa. A seu lado, Billy prometeu a si mesmo não ligar a mínima.

— Você era a irmã mais nova ou mais velha?

— Vai falar comigo ou não? Ele sorriu devagar. Ela recuou um passo, traindo-se. Estava assustada. Não tinha a menor idéia sobre o que fazer ou dizer a seguir. Billy descobriu que gostava de vê-la assustada. Dessa forma não parecia uma grande ameaça à sua paz de espírito. Se continuasse assim, seria capaz de manobrá-la. Fingiu estudá-la por um instante.

— Você era a mais velha, certo?

Ela não respondeu, apenas continuou olhando-o.

— Qual o problema, Pru?

— Meu nome é Prudence.

— Estarei completamente errado sobre você?

— Não sei do que está falando. E não pretendo ser o assunto aqui. Você e eu precisamos...

— Não. De verdade, Pru. Se eu fosse um cego para essas coisas, seria o primeiro a admitir.

— Sr. Jones, tomo a dizer: não estou aqui para... Nesse instante ele moveu-se, rápida e objetivamente, encurtando a distância que os separava, esticando a mão e num gesto inesperado arrancando os óculos dela.

Ela engasgou e piscou. Os olhos saíram do foco.

— Sr. Jones!

Antes que pudesse reunir sua presença de espírito, ele enfiou os óculos no bolso, esticou a mão para trás dela e começou a retirar os grampos do coque. Surpresa demais para reagir, a visitante deixou que ele fizesse o que desejasse, encarando-o sem enxergar o tempo inteiro.

Quando o cabelo caiu, ele a encarou. Os fios deslizavam sobre suas mãos como se fossem vivos, macios e pesados. E quentes. Como estavam quentes. O tom era vermelho escuro, como canela.

Como vinho...

O contrabaixista deixou escapar um assobio de admiração.

— Ei, cara, isso é que eu chamo de melhora.

— Sem dúvida. Melhorou muito — concordou o baterista, ganhando um olhar de reprovação da namorada.

Todos na mesa aplaudiram. Billy continuou encarando os olhos magoados que não enxergavam direito. Eram belos, sem aqueles óculos pesados para esconder o tom azul e inocente do céu de verão. O rosto, em forma de coração, podia não ser capaz de parar o tráfego ou afundar navios, mas definitivamente atrairia um homem que soubesse olhar.

A verdade, que ele tentara ignorar durante os últimos minutos, surgiu como o sol da manhã seguinte: inevitável e desagradável. Ela era a única tentando fazer o que era certo, falar com ele sobre seu filho. Esforçara-se para falar com ele sobre Jesse. Para piorar a situação ele a tinha transformado num espetáculo para seus amigos.

O aplauso diminuiu aos poucos. Prudence continuou olhando para Billy, embora não enxergasse coisa alguma além do contorno da cabeça. Desejava que seus olhos pudessem queimá-lo; desejava vê-lo carbonizado bem no local onde estava.

— Por favor, devolva meus óculos — exigiu ela, com a voz cheia de dignidade.

Ele entregou-lhe o objeto sem dizer uma palavra.

Ela os recolocou no lugar, sem pressa. Depois ajeitou o cabelo, aprumou os ombros e encarou-o. Sentiu uma ponta de satisfação ao perceber que ele parecia um pouco envergonhado com a situação.

— Pois bem. Agora posso ter uma conversa em particular com o senhor?

— Moça, se ele não for, pode vir me chamar — disse um dos companheiros.

Billy lançou um olhar assassino para o sujeito.

— Está bem, desculpe. Mas não se pode culpar um homem por tentar.

Subitamente todos à mesa pareceram sobremaneira interessados em suas bebidas. Billy voltou-se para Loretta:

— Pode servir uma rodada por conta da casa.

— Claro.

Ele voltou-se para Prudence outra vez.

— Podemos conversar em meu escritório. Venha por aqui.

CAPÍTULO IV

Em seu escritório, Billy fechou a porta e gesticulou em direção a uma cadeira.

— Sente-se.

Prudence encarou-o por um instante, sem confiar nele, imaginando qual seria a próxima reação dele.

— Por favor... desculpe sobre seus óculos. E o cabelo, também. Eu não devia ter feito o que fiz.

— Está perfeitamente correto. Não devia, mesmo.

— Não vou fazer mais nada parecido. Juro. Vamos só conversar.

Ela o observou com apreensão, desejando que seu cabelo estivesse no lugar outra vez, ao invés de pender solto sobre os ombros, fazendo com que ela se sentisse sem controle.

A expressão dele parecia de arrependimento sincero. Ele cruzou o indicador sobre o médio para jurar.

— Pode acreditar. Vou me comportar bem. Desconfiada, ela se acomodou na cadeira mais próxima.

Billy apanhou o controle remoto e apontou na direção do sistema de som na parede. Roy Orbison começou a cantar Only the Lonely. Bem alto.

Ela olhou para os alto-falantes, depois para ele.

— Precisamos conversar — gritou ela.

— Odeio silêncio!

— Não pode desligar, por favor?

Ele resmungou um palavrão baixinho, tanto que Prudence percebeu apenas o movimento dos lábios. Em seguida optou por abaixar um volume para o mínimo possível que permitisse não

gritar para ser ouvido. Depois atirou o controle-remoto no caos de sua escrivaninha e deixou-se cair na outra cadeira para convidados, ao lado da que ela ocupava.

— Muito bem. O que há de novo?

— Tenho algumas coisas a dizer para você. Em relação a Jesse.

— Ótimo. Pode dizer.

Billy apoiou um cotovelo sobre o braço da cadeira e olhou para ela com uma expressão claramente destinada a demonstrar interesse.

Prudence decidiu que um pouco de explicações preliminares não iriam fazer mal.

— Para compreender o que tenho a lhe dizer, é importante que saiba uma coisa sobre Randi.

Ele deu de ombros.

— Pode mandar. Estou pronto.

— Randi realmente mudou muito depois que Jesse chegou — começou Prudence.

— É, eu sei. Você já disse isso.

— Disse?

— Disse. Na verdade, no jornal das seis horas. Ela recordou a entrevista que concedera, com a finalidade de angariar fundo para as crianças.

— Certo. Muito bem. Então sabe que ela mudou?

— Ótimo. Já concordamos sobre esse ponto. Ela mudou.

— Passou muito tempo reavaliando coisas, pensando sobre o que importa de verdade na vida.

— E...

— Randi queria que Jesse tivesse essas coisas.

— Que coisas?

— As coisas que o dinheiro não pode comprar.

— Coisas como?

— Bem, para começar, uma vida mais normal. Ele franziu o cenho.

— Uma vida mais normal. Que diabo significa isso?

— Significa que ela desejava que ele tivesse uma família de verdade ao redor, para frequentar a escola pública, jogar beisebol na Liga Mirim...

Ele a interrompeu com um muxoxo.

— Uma ordem estranha, vinda de uma mãe que foi a deusa sexual mais conhecida depois de Marilyn Monroe — afirmou ele. Prudence detestava quando chamavam a irmã de deusa sexual, e deve ter demonstrado, porque Billy perguntou.

— O que foi, Pru? Alguma coisa que eu disse?

Mais uma vez ele esquecia sua promessa de comportar-se.

Ela não deveria deixar que ele a irritasse, sabia disso. Tratava-se apenas de uma daquelas pessoas que se recusavam a crescer. E parecia ter prazer em dizer determinadas coisas. A opinião dele sobre sua irmã não deveria importar. Ainda assim, não conseguiu evitar a resposta.

— Randi era um belo ser humano e ótima atriz. A insolência personificada, Billy adotou uma postura relaxada na cadeira, esticando as pernas.

— Ora, vamos. As pessoas não iam assistir os filmes dela por causa da beleza de espírito dela.

Prudence empertigou-se na cadeira, o que lhe permitia olhar para baixo ao encará-lo, como deveria ser.

- Ela era uma atriz talentosa. Ele sorriu.
- Eu nunca neguei isso. Eu só disse...
- Escute, assim não vamos chegar a lugar nenhum. Estamos fugindo do assunto.
- Então?
- Não vim até aqui para discutir sobre Randi.
- Sei disso — concordou ele, rindo a seguir.
- Você parece que acabou de chupar um limão, Pru. E esses óculos... precisa se livrar deles.

Ela apertou ainda mais o corpo.

— Quer escutar o que tenho a dizer ou não? Billy cruzou uma das pernas, acomodando a bota sobre a coxa e examinando o trabalho no couro.

— Ótimo. Pode continuar.

— Muito bem — assentiu Prudence, tentando ganhar tempo para ordenar os pensamentos.

— Como é? — insistiu ele, erguendo os olhos para observá-la.

— Enquanto Randi estava viva, Jesse dificilmente teria o tipo de vida que a mãe imaginava para ele. Porém agora que ela se foi, a situação mudou completamente. Como tutora legal dele, sou mais desconhecida do que Randi jamais conseguiria ser. Posso me mudar para qualquer lugar e estabelecer raízes lá. Não preciso tirar alguns meses de licença para sair se quiser.

Billy remexeu-se desconfortavelmente na cadeira.

— Então deixe-me adivinhar: você vai se casar.

— Eu? Me casar? — respondeu ela, rápido demais. Esforçando-se para manter o controle, Prudence cruzou as mãos no colo. Ele ainda a observava com ar insolente.

— Muito bem, então você não vai se casar.

— Não, não vou me casar.

— Nesse caso, como planeja dar a Jesse uma família onde ele tenha chance de aprender a jogar beisebol?

— Pois é exatamente o que vim contar.

— Está dizendo que finalmente chegamos ao que interessa?

Ela ignorou a grosseria de Billy. Sabia que não chegaria a lugar algum numa conversa com ele se fosse responder a todas as provocações. Precisava ignorar as interrupções e passar as informações necessárias.

— Fiz alguns planos recentemente.

— É mesmo?

Ela hesitou. Por algumas coisas que Oggie dissera, tinha razoável certeza de que Billy não iria gostar muito das novidades. Esse era um dos motivos que a fazia protelar as notícias.

— Pode dizer, Pru.

— Resolvi mudar com Jesse para North Magdalene.

Por um instante, Billy permaneceu absolutamente imóvel. Depois ergueu-se, apanhou o controle remoto sobre a escrivaninha e apontou na direção do aparelho de som. Roy Orbison, que começava a derramar seu coração para alguém chamado Lea, ficou em silêncio.

Na pausa que se seguiu, ele virou o controle na direção dela.

— O que foi que você disse?

Billy parecia zangado de verdade, e a sala deu a impressão de diminuir por igual, de repente pequena demais para conter os dois. Ela tentou uma combinação de audácia e raciocínio.

— Por favor, não aponte essa coisa para mim, como se eu fosse um aparelho.

O olhar furioso deixou-a por um instante para pousar no controle-remoto. Então ele disse um palavrão e atirou o dispositivo por sobre o ombro. Caiu sobre a escrivaninha, quase no mesmo lugar onde estivera antes. De alguma forma, ele dava a impressão de estar maior do que antes. Ela lembrou daquele seriado de televisão, O Incrível Hulk, em que o protagonista era um homem perfeitamente normal e educado, até ficar nervoso e se transformar num enorme monstro verde com músculos como rochedos e mãos como marretas.

— North Magdalene — repetiu ele, em tom baixo e profundo.

— Eu podia jurar que você acabou de me dizer que iria mudar para North Magdalene e levar meu filho com você.

— Pois foi exatamente o que eu disse — confirmou ela.

— O que diabo sabe você sobre North Magdalene?

— Jesse tem uma família grande lá.

— Como sabe disso?

— Tio Oggie me contou.

Os lábios de Billy se curvaram, como se ele tivesse visto um cachorro louco ou coisa parecida.

— Tio Oggie?

— Ele... foi ele quem pediu que eu o chamasse assim. Ele pensa em mim como parte da família, também.

— Ele pensa, é?

— Pensa.

— Se não for muito, posso perguntar como ficou conhecendo esse seu... tio?

— Ele foi nos visitar, na mansão.

— Quando?

— Acho que faz... duas semanas e meia. Billy ficou vermelho e virou-se. Caminhou com o corpo rígido até a porta e vibrou ali um soco. Aparentemente a porta era feita de metal, porque os ossos da mão dele produziram um estalido desagradável ao atingir a superfície, embora nada tivesse acontecido à porta em si. Por um momento após o impacto, Billy segurou sua mão, os lábios proferindo uma série de obscenidades que teria incendiado o ar se dita em voz alta.

Prudence sabia que o melhor era ficar quieta, contudo não conseguiu evitar a intromissão:

— Essa prática não deve ser muito saudável para um guitarrista, não?

Ele voltou-se e observou-a. Suspirou e respondeu:

— Está tudo bem. Quer dizer, não há problema.

— Ótimo. Quer dizer, é bom que melhore. Ele se aproximou. Prudence desejou que não o fizesse, mas ainda assim ele chegou perto.

— Eu disse para aquele coitado sarnento ficar longe da minha vida.

Ela sustentou-lhe o olhar, determinada a evitar que ele percebesse o quanto estava assustada.

— Pois acontece que Oggie não fez o que disse que iria fazer. E estou contente por isso. Ele é um velhinho adorável, um homem que conhece a importância de se ter uma família. Jesse é parte da família dele. E fico honrada pelo fato de ele me considerar parte dela, também.

Antes de falar, Billy contemplou-a por vários segundos.

— Vou matar aquele velho. Depois vou atirar aqueles ossos fossilizados para os urubus comerem, se não secarem antes, ao sol do deserto.

— Você não vai fazer nada disso — protestou ela, aparentemente impassível perante a ameaça.

— Pois fique olhando — respondeu ele, começando a voltar-se.

— Pode procurar à vontade — disse Prudence, detendo o movimento dele.

— De qualquer forma ele não está em Los Angeles.

Billy voltou-se.

— Onde está ele, se posso saber?

— Foi para casa, em North Magdalene. Que é para onde Jesse e eu vamos. Amanhã, logo depois de fechar tudo na mansão.

Billy ficou paralisado, congelado no meio do movimento. Via-se sua mente trabalhar, tentando acomodar todas as informações.

— Amanha?

— Amanhã.

Prudence enxergava com nitidez o dilema na mente dele. Ainda não decidira como agir na condição de pai. Quando decidisse, certamente não ia querer o filho em questão do outro lado do Estado.

— Não pode simplesmente levar meu filho embora — declarou Billy, em tom de descrença.

— Desculpe, mas discordo. Posso... e vou.

— Sou o pai dele!

— E eu sou a tutora legal.

— Mesmo assim, tenho os meus direitos.

— Sei disso. Por isso vim até aqui esta noite, para dizer que é bem-vindo sempre que queira ficar conosco. A qualquer hora.

Billy girou nos calcanhares, caminhou até a porta, depois retornou.

— Do que está falando? Moro aqui, no vale de San Fernando. Você não pode levar meu filho para outro lugar, a setecentos quilômetros de distância.

— Sr. Jones, até agora devo dizer que não demonstrou o menor interesse pelo seu filho.

Ele resmungou alguma coisa por entre os dentes. Depois olhou diretamente para ela.

— Espere um pouco, eu nem sabia de nada sobre ele até algumas semanas atrás.

— Entendo perfeitamente isso.

— Você mesma não se preocupou em me comunicar o fato.

— Fui relapsa, admito.

— Não deixa de ser outra palavra para esquecimento completo. Você não me disse nada. Randi não me disse nada. Ninguém me disse nada. Precisei descobrir que era pai no noticiário das seis!

— Desculpe — disse ela, que se sentia culpada com o assunto.

— Pedir desculpas não resolve esse assunto. A verdade é que a despeito de eu ter dito para sua irmã que não queria filhos, ela se adiantou e teve o filho assim mesmo, sem jamais dizer nada para mim. Depois morreu. E você ficou encarregada. Sabia que eu era pai de Jesse, mas também não me contou.

— Eu queria contar. Eu teria contado.

— Mas o fato é que não me contou. Descobri por acidente.

— Eu sei, mas...

— E também não faz tanto tempo assim — interrompeu ele.

— Sei disso.

— Agora que descobri, estou tentando... lidar com isso.

— Lidar com o quê, Sr. Jones?

— Você sabe muito bem. Com o garoto. Estou tentando lidar com o garoto.

Ela recordou a primeira e última visita de Billy à mansão, indo embora antes que pudessem dizer alguma coisa importante. Lembrou do que ela mesma passara desde então, depois dos telefonemas que dera sem obter resposta. Decidiu que se ele estivesse tentando lidar com Jesse, não estava tentando com muita força.

— Bem, independente disso tudo, sou a responsável legal por Jesse. E eu resolvi...

Ele ergueu a mão, interrompendo a frase.

— Não vamos começar desse jeito. Eu sou o pai. Posso muito bem levar o caso até o tribunal. Vamos ver quem termina decidindo sobre o futuro do meu filho.

Ela lançou-lhe um olhar condescendente.

— Isso vamos ver. Quero ver se um juiz vai dar a custódia de uma criança inocente a alguém como você. Já ouvi contar algumas coisas sobre você. Não deve ser muito difícil descobrir os detalhes sórdidos de algumas delas para o tribunal.

Aquilo fez com que Billy parasse. Pensou em algumas de suas façanhas passadas. Havia subido nu em um poste de bandeira; aquilo fora publicado na revista *Guitarrista*. Muitos anos atrás fora preso, em lugares não muito recomendáveis, e por isso fizera um estágio de recuperação numa clínica; desde então conservara-se limpo... bem, a não ser pela bebida. Ainda assim, seus problemas com drogas no passado eram conhecidos por toda a indústria fonográfica. Além desses havia todas aquelas histórias em relação às moças, um bom número delas. Algumas não seriam boas testemunhas a seu favor num caso de julgamento de custódia.

— Um homem pode mudar — resmungou ele, de forma defensiva.

Prudence ergueu-se da cadeira, os olhos fuzilando,

— Bem, acho melhor começar a trabalhar nisso, então. E nesse meio tempo, se quiser nos visitar, será bem-vindo — declarou ela, apanhando um pequeno cartão no bolso superior da camisa.

— Aqui está o endereço da casa na qual vamos viver. O telefone já está ligado e o número do meu celular está no cartão, também. De qualquer forma, é uma cidade muito pequena. Se quiser nos encontrar, não vai ser difícil.

Ela enfiou o cartão na mão dele e voltou-se para a porta.

Mas Billy não pretendia deixá-la safar-se assim tão fácil. Moveu-se com rapidez por trás dela, bloqueando-lhe o caminho.

— Espere um minuto, Pru.

— Não me chame assim. E por favor saia do meu caminho.

— Não saia... vou repetir: Não saia da cidade com meu filho — sibilou ele.

— Pois vou sair da cidade com seu filho. Amanhã, se quer saber.

— Se fizer isso...

Foi interrompido por uma gargalhada e uma cascata de cabelos vermelhos quando ela moveu a cabeça para trás.

— Você não vai nem saber se saí ou não da cidade. Assim que eu sair daqui você vai para o bar beber até cair. E vai tocar mais um pouco com o conjunto. Depois vai dormir tarde. E amanhã começa tudo outra vez. Você não tem tempo para um filho, Sr. Jones. Está ocupado demais se divertindo — afirmou ela, os olhos flamejando.

— Minha irmã tinha toda a razão em não lhe contar nada sobre Jesse.

— Não. Ela não tinha razão. Simplesmente me usou para conseguir um bebê, depois resolveu acabar com o nosso relacionamento sem qualquer razão.

— Ora, pare com isso. Esquece que eu morei naquela casa? E nós duas éramos íntimas. Fique sabendo que ela gostava muito de você. Era você que estabelecia as regras. Você disse que não casaria outra vez nem queria mais filhos. Ela ficou grávida por acidente.

— Claro, claro...

— Ela era cuidadosa, apesar do que você possa insinuar. Mesmo assim um acidente acontece.

— Claro que sim.

— Pois tire esse sorriso bobo dos lábios, então. Não pode mentir para mim, Sr. Jones. Conheço a verdade. Sei como foi. Quando ela me disse que não queria vê-lo mais, você estava concordando com ela em todos os pontos. Afastou-se dela e nem ao menos olhou para trás.

— Claro que olhei. Eu sentia falta dela...

— Pare com isso. Não quero escutar. O que estou tentando dizer é que você não merece um filho, especialmente uma criança maravilhosa como Jesse, e descobri que me arrependo do fato de ter descoberto que era pai dele.

Billy sentiu vontade de agarrar aquele pescoço delicado e apertar até esganá-la.

— Vamos! Vá em frente. Por que não tenta fazer isso? — indagou ela, como se lhe pudesse adivinhar os pensamentos.

Billy costumava portar-se mal com as mulheres, mas nunca batera em nenhuma durante a vida inteira, quanto mais uma tentativa de estrangulamento. Não pretendia iniciar sua carreira de assassino ali. Simplesmente ficou olhando para ela, que sem se intimidar retribuiu o olhar. O ar entre os dois pareceu encher-se de calor. Ela o tinha encurralado e ele sabia.

Por algum motivo estranho, sentiu uma determinação crescente em demonstrar que ela estava errada.

Finalmente, Prudence falou.

— De uma forma ou de outra, vou fazer com que se arrependa se sair da cidade.

— Devo tomar isso como uma ameaça, senhor Jones?

— É só um fato, Pru.

Olharam-se fixamente durante alguns instantes. Com uma expressão de sarcasmo, ele finalmente saiu do caminho dela.

Prudence continuou até a porta, abriu-a e saiu, sem parar nem olhar para trás. Sentia-se cheia de razão.

Afinal, cumprira o seu dever. Billy Jones sabia onde encontrar seu filho se tivesse vontade de visitá-lo.

Porém não acreditava que o fizesse. Os dias iriam se transformar em semanas, depois em meses e por fim em anos. Ele não encontraria tempo suficiente para visitar o filho.

Tentara várias vezes, disse a si mesma. Todavia não adiantara nada. Billy Jones não possuía a aptidão nem a inclinação necessárias para a paternidade. Jamais iria aparecer em North Magdalene. Para ela estava ótimo.

CAPÍTULO V

Às quatro horas da madrugada, uma semana depois, Billy terminava de arrumar seu jipe Cherokee, atirando sua valise e uma sacola para o banco de trás. Acomodou entre as duas seu violão, de forma que não deslizesse pelo banco.

Dirigiu diretamente para Fresno, onde reabasteceu seu veículo e comeu panquecas cheias de manteiga com xarope de bordo numa parada para motoristas de caminhão. Retornou para a estrada por volta das oito e chegou a Sacramento antes do meio-dia. Parou mais uma vez para reabastecer e comer um hambúrguer. Dirigiu-se então para as colinas.

Em Grass Valley e Nevada os sicômoros e carvalhos estavam coloridos pelo outono, emprestando à paisagem outro clima. Já não se encontrava em Los Angeles. Ali o chão ficava coberto de neve no inverno.

Na placa que assinalava Downieville, Billy saiu da auto-estrada de quatro pistas seguindo na direção das montanhas. A estrada de duas pistas fazia curvas fechadas e sinuosas ao descer para o vale do rio Yuba, ao sul, depois subir pelo outro lado. Ao redor dele erguiam-se colinas elevadas e cobertas de pinheiros e olmos.

Meia hora depois de deixar Nevada City, às treze horas e trinta minutos, Billy diminuía a velocidade para entrar em North Magdalene.

A estrada passava pelo centro da cidade, e ele logo descobriu-se na Rua Principal. Passou a dirigir lentamente, observando o local. Se tivesse uma mulher a seu lado, sem dúvida ela estaria elogiando a cidadezinha sem parar, falando sobre o charme das construções e das montanhas. As mulheres ficavam malucas quando deparavam com calçadas de madeira e vitrines de lojas de presentes com mobília rústica exposta. Uma linha de abetos, as folhas variando entre o vermelho e o dourado, ornamentavam um dos lados da rua.

Além das lojas de presentes e lembranças artesanais, havia um motel, um pequeno supermercado, uma agência de correio, um restaurante e um café. Acabara de passar por uma loja de roupas quando se deu conta de que estava fora da cidade; deveria ter virado à direita na rua em que Prudence e Jesse moravam. Entrou no estacionamento da Câmara Municipal, que estava com aparência de nova, fez a manobra e voltou por onde viera.

Reparando melhor no nome das ruas, encontrou em pouco tempo a Rua Prospect. Acionou a seta para dobrar à esquerda, desde que era a única direção possível. Teve de esperar duas velhinhas com sacos de compras atravessarem à sua frente. Eram realmente excêntricas. Uma alta e magra, a outra gorda e sólida como um cofre de banco.

Ambas o viram através do pára-brisas, parecendo surpresas por um instante. Então franziram o cenho em sincronia, como se já o conhecessem e soubessem o tipo de problemas que ele traria para sua pacata cidade. Por um instante, Billy imaginou que sua fama como compositor o tivesse precedido. Contudo, isso não era viável. Seu nome era conhecido nos meios artísticos, mas não do grande público. E duvidava que muitas de suas músicas tivesse atrativos para um par de velhinhas em North Magdelene, Califórnia.

Só para se divertir, buzinou e acenou. A mais magra respondeu, mas com relutância, demonstrando sua desaprovação de ter de fazer o que sua educação a impelia a fazer. Sem saber por quê, Billy passou a pensar em Sweethaven, sua cidade natal. Em termos de aparência, Sweethaven era plana, cheia de vento e desinteressante; entretanto, da Califórnia até o Kansas as

velhinhas eram muito parecidas, andando aos pares e desenvolvendo uma capacidade de detectar homens solteiros e não domesticados à distância.

Por fim as duas atingiram o outro lado da calçada e Billy pôde terminar sua manobra.

Menos de dois minutos depois, ele estacionava em frente ao endereço que Prudence lhe fornecera. Desligou a ignição, silenciando o poderoso motor. Por um instante permaneceu a examinar a fachada da casa de dois andares onde Prudence trouxera seu filho para morar.

Estimou que o local tivesse entre quarenta e cem anos de idade. Fora pintado de branco recentemente, com as esquadrias e venezianas em, verde-escuro. Possuía uma bela varanda e uma cerca delimitando o quintal. O tronco enrugado de uma árvore enorme pendia sobre os esteios brancos, com aparência descuidada, já que perdera muitas folhas para o inverno que se aproximava. Porém o gramado espesso e verde mais a bem cuidada calçada interior pareciam convidar o visitante a entrar.

Era preciso admitir que o local era exatamente o que Prudence procurava: o ambiente perfeito para que Jesse tivesse seu início de vida "normal". Do outro lado da rua, pouco acima, ficava a igreja comunitária, toda construída em madeira. Deixo por conta dela, pensou, e Prudence me compra uma casa quase na frente da igreja.

Billy saiu do veículo e deu a volta para pegar a bagagem. Passou a correia da sacola por sobre o ombro, apanhou o violão com uma das mãos e a pequena mala com a outra. Caminhou até o portão, depois até a calçada inclinada.

O olhar de espanto no rosto de Prudence quando ela abriu a porta fez com que todo o sacrifício da viagem valesse a pena. Tudo o que precisava fazer agora era encontrar aquele velhaco do seu tio e enfiar-lhe a língua garganta adentro. Então seria um homem realizado.

— Billy!

Ele pronunciara seu nome como quem dizia "sarampo" ou "urtiga". Os óculos tinham um ponto de sujeira neles. Prudence usava jeans e uma velha camiseta, além de uma bandana vermelha no cabelo.

— Fazendo faxina?

— Billy — repetiu ela, como se assim a presença dele ficasse mais consistente.

Ele saboreava a estupefação na expressão dela, que alimentara a convicção de que Billy jamais viria.

— Sua boca está aberta, Pru. Ela a fechou.

— Posso entrar?

Ela recuou, ainda ostentando o ar de surpresa no rosto. Sentindo-se bem, feliz e contente consigo mesmo, Billy entrou na casa. Não possuía saguão, portanto entrou direto na sala de estar. Era exatamente o que ele imaginara: assoalhos hollywoodianos e mobília confortável, com detalhes como rosas flutuando numa tigela de cristal sobre a mesinha de café. A televisão era nova, com um tamanho decente de tela, mas não havia sistema de som à vista. Era preciso fazer algo a respeito disso.

Pousou o violão e a maleta no chão, embora conservasse a sacola no ombro.

— Onde está Jesse?

— Tirando uma soneca.

— Numa cama, eu espero — sorriu ele. Ela franziu a sobrancelha.

— Ele é novo demais para uma cama. Billy envergou uma expressão de reprovação.

— Ele ainda dorme num berço?

— Sim. Jesse ainda dorme no próprio berço.

— Bem, vamos ter de mudar isso.

Sorriu outra vez. Desde que ela saíra de seu escritório naquela noite, uma semana atrás, vinha fazendo planos. As coisas que teria de corrigir.

Por trás dos óculos sujos, os olhos dela perderam a expressão de espanto. Começavam a brilhar perigosamente.

— Espere um pouco. Como ousa ir entrando aqui desse jeito e...

— Ele dorme um bocado de tempo. Isso me preocupa.

— Ele é só um bebê. Bebês dormem muito mesmo.

— Ainda assim, pode ser um aviso.

— Como assim, um aviso?

— Bem, pode significar um monte de coisas — argumentou ele, sem querer admitir que não tinha a menor idéia sobre o que dizia.

Prudence tinha os braços cruzados e batia o pé no assoalho.

— Muito bem, agora temos aqui um especialista em crianças. Um verdadeiro puericultor. Afinal, sua experiência no campo de produzir bebês é tão vasta...

— Pois quando se trata do meu filho, a experiência vai ficar mais vasta ainda, Pru — disse ele, antes que ela o irritasse. Apanhou o violão e a mala.

— Onde fica meu quarto?

Ela piscou para ele por trás dos óculos grotescos. Parecia usá-los para esconder-se atrás deles ao invés de enxergar melhor.

— Seu quarto?

Ele ergueu a mala, para o caso dela não ter percebido.

— Vou ficar por algum tempo. Ao contrário das suas expectativas, vou aceitar a oferta que você fez.

— Que oferta?

— Não lembra? Sobre a visita — esclareceu ele, reparando que ela ficava cada vez mais pálida.

— Para conhecer meu filho. Aprender como ser pai.

— Mas você não pode...

— Posso sim. A menos que...

— O quê? — fez ela, esperançosa.

— Esteve mentindo para mim.

— Mentindo?

— Quando disse que eu era bem-vindo se quisesse ficar. A qualquer hora. Estava mentindo sobre isso, Prudence?

Os olhos azuis focalizavam-se em pontos diferentes a cada segundo, como se ela procurasse alguma saída visual para aquela situação. Porém não havia escapatória e Billy sabia disso. Pensara bastante sobre Prudence. E chegara a algumas conclusões.

Ela estava irremediavelmente presa à própria honra. E possuía a determinação suficiente para fazer a coisa correta. Honra e integridade. Tantas qualidades recomendáveis...

— Pru, estava me enganando sobre isso? — perguntou, com voz suave.

— Não. Não estava mentindo, nem enganando você. Afinal, é o pai de Jesse. Ele deve conhecer você.

— E vai. Não se preocupe mais com isso. Onde é meu quarto?

Percebeu quando a resignação amenizou o brilho do olhar. Se fosse um homem de valores morais elevados provavelmente não teria tanto prazer em ver isso acontecendo.

— Muito bem, venha por aqui — disse ela, por fim.

Conduziu-o através da sala para um quarto que ficava à direita da sala de jantar. Billy atirou a valise sobre a cama e pendurou a sacola no armário. Ela permaneceu à porta, observando-o, com ar triste, como se fosse uma dama típica sulista tendo de hospedar um ianque em sua casa da fazenda.

Ela suspirou.

— O banheiro de baixo é ao lado de fora da cozinha.

Ele depositou com todo o cuidado seu violão no canto do aposento, protegido por uma escrivaninha.

— Ótimo — comentou em seguida, batendo no bolso para procurar as chaves do carro.

— Vai sair? — indagou Prudence quando ele passou apressado por ela.

— Vou.

— Onde você vai?

Billy já estava quase chegando à porta de entrada quando voltou-se para trás e sorriu, de forma maldosa.

— Vou procurar meu tio.

— Como assim? Para quê?

— Para o fazer engolir a própria dentadura. Nesse instante ela começou a mover-se. Depressa. Na direção dele.

— Billy, você não pode...

— Pois fique só olhando — respondeu ele, abrindo a porta.

— Estarei de volta na hora do jantar.

— Billy, você não está falando sério, está? Quer dizer, não faria mal a...

A porta fechou-se com estrondo, antes que ela terminasse a frase. Ele já assobiava, as mãos nos bolsos, caminhando pela calçada de acesso.

No interior da casa, Prudence olhava para a porta que ele fechara em sua cara, perguntando-se se deveria ou não ir atrás dele.

Resolveu não fazer isso. Não acreditava que Billy fosse machucar tio Oggie. Billy podia ser um valentão por natureza, mas não do tipo capaz de bater num velho indefeso. Além do mais, Oggie não era assim tão indefeso. Tinha quatro filhos fortes que moravam na cidade, e se não conseguissem salvá-lo, estaria garantido pela sua língua afiada. Billy confrontaria o tio, dissiparia um bocado de energia esbravejando aos berros, depois retornaria. Isso sim era o que deveria estar pensando: Billy voltaria para sua casa. O grande problema era como lidar com ele.

Porque ele tencionava ficar por algum tempo, isso era certo. E não podia culpar ninguém por isso, a não ser ela mesma. Ela o convidara, afinal.

Começou a subir as escadas. Ainda precisava desembalar algumas coisas da mudança e limpar o banheiro. O ritmo do trabalho a ajudaria a pensar. Enquanto estivesse abaixada sobre os ladrilhos do banheiro podia considerar melhor o assunto de como proceder em relação a Billy.

Billy dirigia o jipe, rodando na direção da Rua Principal, quando lembrou que deveria ter tentado extrair o endereço de Oggie da própria Prudence. Nas memoráveis noites em que o velhinho fora até seu clube, no processo de convencê-lo a conhecer sua família, falara sobre seus quatro filhos, sua filha, suas esposas e os netos, sobre sua sobrinha chamada Evie e sua neta, Heather, casada com o escritor de horror mundialmente famoso, Lucas Drury. Graças à conversa

incessante do velho, Billy aprendera muito mais do que desejava saber sobre os Jones de North Magdalene.

Infelizmente nenhum telefone ou endereço fora incluído nas informações que Oggie despejara sobre ele. Desde que Billy jamais tivera a intenção de se aproximar dali, o fato de não ter endereço não importara muito na época.

No momento, porém, precisava de um. Dirigiu-se ao café da Lily, na Rua Principal. Nas pequenas cidades, geralmente os mexericos tinham origem nos cafés. Lá ele poderia perguntar sobre seu querido tio Oggie Jones. Alguém com coceiras na língua lhe diria o que quisesse saber e mais alguma coisa. Colocou os óculos escuros e desceu do carro. Respirando fundo, entrou.

Todos se voltaram para observá-lo quando ele abriu a porta. Por um instante sentiu-se como o bandido entrando num saloon do velho oeste. Avistou numa mesa os dois esteios da sociedade local que vira antes atravessando a rua, ambas olhando-o com reprovação.

— Bem, macacos me mordam — disse com voz pastosa um homem ao balcão. — Mais um daqueles Jones. Mesmo de óculos escuros a gente conhece esse olhar.

A garçonete, gorda e do tipo maternal, aproximou-se.

— Rocky, por que você não rasteja de volta para o Buraco na Parede?

— Não posso. Eden está lá agora — disse o bêbado, baixando os olhos. Depois ergueu o copo.

— Encha.

A garçonete olhou para ele com uma mistura de carinho e reprovação, considerando o pedido.

— Por favor... — insistiu ele.

Billy pensava. Eden. Aquele era o nome de uma das noras de Oggie. Recordou-se mais sobre o falatório do tio, em seu escritório. A família possuía um bar chamado o Buraco na Parede. Billy compreendeu que passara por lá mais de uma vez. Ficava do outro lado da rua, algumas casas além da agência do correio.

Acomodou-se no tamborete ao lado do bêbado.

— Oi, Rocky.

— Oi. Você é um Jones, não é?

— Sou, sim.

— Qual deles?

— Billy Jones. Sou sobrinho de Oggie.

A garçonete serviu um café para Rocky, depois ergueu o pote na direção de Billy.

Ele ergueu sua caneca para ser enchida.

— Obrigado — disse Billy, apanhando uma nota de cinco do bolso e colocando-a sobre o balcão.

Ignorando a agitação abafada do lugar, tomou um gole de café com toda a calma.

Rocky fez o mesmo, embora suas mãos tremessem no processo.

— Você é irmão de Evie ou coisa parecida?

— Não, meu pai era Nathaniel. Se não me engano o pai de Evie se chamava Gideão, ou coisa parecida.

— Isso mesmo — aplaudiu o bêbado, meneando a cabeça.

— Gideão. Morreu na prisão, sabia?

— Acho que Oggie mencionou isso.

Puxa, o velho podia ter mencionado mesmo. Falara sobre todo o resto, pelo amor de Deus.

Rocky deu mais um gole, baixando os lábios até a xícara, por via das dúvidas. Ruidosamente sorveu boa parte do conteúdo.

A garçonete, que levara o dinheiro de Billy para a caixa registradora, retornou com uma nota e algumas moedas.

— Aqui está.

— Pode ficar com o troco.

— Obrigada — disse ela, colocando a nota e as moedas no bolso do avental.

— Foi sim — continuava Rocky, com ar pensativo.

— O maluco do velho Gideão. Morreu no xadrez. Mas Oggie teve a decência de fazer um belo funeral para ele, aqui na igreja, e agora ele está enterrado numa boa sepultura, no cemitério depois da colina.

Billy resolveu que era o momento apropriado para fazer a pergunta que interessava.

— Falando do Oggie, será que sabe onde eu posso encontrar meu tio?

O sorriso do bêbado alargou-se mostrando várias falhas nos dentes.

— Claro! No Buraco na Parede. Na sala traseira.

— Quer dizer que ele está lá agora?

— Há dez minutos, estava — garantiu Rocky, tomando mais café e fazendo uma careta.

— Obrigado, Rocky — agradeceu Billy, terminando o café e erguendo-se.

A careta transformou-se em sorriso.

— Por nada. Vá pela sombra — recomendou o bêbado.

— Vou fazer isso, obrigado. Um ótimo café, madame. A volumosa mulher inclinou-se e cruzou os braços, com um aceno na direção do cliente.

Ele dirigiu-se para a porta, sentindo cerca de dez pares de olhos queimando sua nuca. No último instante, voltou-se, retirou os óculos e colocou-os no bolso da camisa. As duas anciãs olhavam diretamente para ele, como imaginara.

Sorriu devagar.

— Que as senhoras tenham uma tarde agradável. A mais magra permaneceu estática enquanto a gorda piscou. Ele manteve o sorriso enquanto abria a porta e saía.

Dois minutos mais tarde empurrava as portas basculantes do Buraco na Parede. O interior estava imerso em penumbra, como deveria ser com um bar. Billy permaneceu parado por um instante, até que seus olhos se acostumassem. Assim que isso aconteceu, notou que as paredes eram de madeira escura e as mesas redondas e pequenas, com cadeiras de vime agrupadas ao redor. Três homens estavam ao balcão à sua esquerda, a cerca de meio caminho da parede. Continuaram bebendo, sem dizer nada. Atrás do bar ficava uma passagem estreita, provavelmente para a parte traseira. À direita, pendia uma pesada cortina verde-escura. O acesso à sala traseira, com certeza.

— O que posso fazer pelo senhor?

Billy olhou na direção da voz, que viera do extremo do balcão. Um sujeito alto estava ali. De certa forma familiar, lembrando o rosto que Billy via no espelho quando se incomodava em olhar.

— Você é Jared?

— E você é Billy?

Os dois responderam ao mesmo tempo.

— O velho está esperando por você — anunciou Jared.

Billy imaginou o que aquilo podia significar. Teve vontade de perguntar, mas pensou que poderia ficar em desvantagem, de forma que não disse nada.

— Quer uma cerveja? — ofereceu o anfitrião.

Billy deu de ombros. Podia estar ali para transformar os ossos do velho em poeira, mas aquilo esperaria um minuto ou dois.

— Budweiser?

— Para mim está ótimo — agradeceu Billy, apoiando-se no balcão.

Jared encheu uma caneca e acomodou-se ao lado dele. Billy enfiou a mão no bolso traseiro para apanhar o dinheiro.

— É por conta da casa.

— Obrigado.

Billy levou a caneca aos lábios e começou a incliná-la, até terminar todo o conteúdo. Quando terminou, depositou-a no balcão.

— Mais uma?

— Não. Por enquanto, está ótimo.

Uma mulher passou pela porta atrás do balcão. Tinha o cabelo da cor do morango e carregava uma gaveta de máquina registradora, que encaixou na velha peça de bronze. Parou em determinado ponto e partilhou um olhar íntimo com Jared. Billy decidiu que ela deveria ser a esposa de Eden, a que mandara Rocky para o outro lado da rua, ficar sóbrio.

— Estou indo para casa, agora — anunciou ela a Jared.

Ele assentiu com um gesto e ela desapareceu pela porta outra vez. Dois dos frequentadores levantaram-se e foram até a mesa de sinuca, a cerca de dois metros da cortina esverdeada. Começaram a dar tacadas preliminares. O terceiro permaneceu em seu banco, observando hipnotizado sua caneca de cerveja. Tratava-se de um verdadeiro gigante, de ombros largos e peito estufado, com o cabelo loiro-avermelhado atado num longo rabo-de-cavalo.

— Meu cunhado, Sam Fletcher — disse Jared, quando notou a direção do olhar do visitante.

— Escute, se está procurando pelo velho, ele não está aqui.

— Onde ele foi?

— Acho que voltou para casa — respondeu Sam.

— Para casa? — fez Billy, voltando-se para o homenzarrão.

— Nossa casa. Minha e de Dalila.

Dalila, pensou Billy, refrescando a memória. Sam e Dalila. Uma gracinha. Só então o significado penetrou em sua mente.

— Espere um pouco! Você mora com aquela velha cascavel?

O olhar de Sam permaneceu neutro.

— Ele mora conosco.

— Bem, nesse caso, meus pêsames. Sam assentiu, desconfiado.

— Acha que pode me dizer como chegar até essa sua casa?

Sam e Jared trocaram um olhar. Então Sam deu de ombros.

— Você segue a Bullfinch, mas fica na pista da direita. Atravesse a Sweet Spring, e nossa casa é no meio do quarteirão seguinte.

Em seguida, citou o número.

— Obrigado.

— De nada.

Billy decidiu que gostava daqueles dois homens, principalmente por causa da honestidade.

— Acho que deviam saber que não me sinto nada amigável em relação a ele. O velho me provocou demais.

Jared balançou a cabeça, a expressão arrependida.

— Ele é meu pai. Entendo perfeitamente o que quer dizer.

Seus olhos diziam tudo o que as palavras não disseram.

Nesse instante o telefone atrás do balcão tocou. Jared atendeu.

— Buraco na Parede — disse ele, passando a escutar por alguns instantes.

— Espere um minuto. É para você, Sam. Acho que é aquela sua nova balconista.

Sam apanhou o telefone.

— Oi, Sharlee. Certo. Tudo bem. Já estou indo. Ele entregou o aparelho para Jared e ergueu-se.

— Qual o problema com aquela mulher, afinal? — comentou Jared.

— Será que não consegue ficar sozinha na loja por dez minutos?

— Ela é novata. Precisa da minha experiência.

— Ela está a fim de você, isso sim — disse Jared, baixinho.

— Algumas pessoas já notaram. Estão começando a falar.

— Por mim as pessoas podem ir direto para o inferno — respondeu Sam, encaminhando-se para a porta.

Billy e Jared observaram enquanto o outro saía. Então Jared tomou o resto da cerveja do cunhado, limpou o balcão e lavou a caneca.

— Acho que vou verificar a sala traseira, só para garantir.

— Fique à vontade — convidou Jared, dando de ombros.

Billy deu alguns passos e olhou atrás da cortina. Viu uma mesa forrada de feltro verde com uma luz bem sobre ela, alguns cinzeiros cheios de pontas de cigarros e charutos, mas nenhum sinal de Oggie. Satisfeito, ele voltou-se para a porta.

Na casa em Bullfinch Lane, ele bateu e não obteve resposta. Retornava para o jipe quando uma mulher morena estacionou uma caminhonete. Aguardou nos degraus enquanto ela descia e vinha em sua direção.

— Sou Dalila. Posso ajudar?

Ela era pequena e cheia de curvas. Os olhos escuros diziam a um homem que era melhor não se meter com ela.

Billy descobriu a si mesmo ponderando sobre o telefonema da balconista e as observações de Jared. Tinha um pressentimento que se Sam não tomasse cuidado, a pequena Dalila era capaz de lhe fazer barba e cabelo.

Não que o assunto significasse alguma coisa para ele, pessoalmente.

— Sou Billy Jones. Seu primo? Ela sorriu.

— Ah, sim. Papai disse que o senhor podia chegar à cidade, de visita.

Aposto que sim, pensou Billy.

— Certo. Bem... aqui estou. Tem alguma idéia sobre onde posso encontrar seu pai?

Ela respondeu que ele poderia tentar ir até a casa de Evie, ou na loja na Rua Principal ou na casa onde morava Eric. Por outro lado ele poderia estar na casa de Patrick e Regina, que ficava ao lado da de Evie e Erik. Ou talvez tivesse voltado ao bar de Jared e Eden, ou no sítio de Brendan e Amy. Em último caso, na casa de Jack e Olívia.

Usando as instruções que Dalila lhe fornecera, Billy foi a cada casa. Não o encontrou em nenhum dos lugares, mas acabou conhecendo um bocado de parentes. Gostou da experiência de encontrar seus primos, esposas e filhos morando num raio de cinco quilômetros.

Quando finalmente desistiu e retornou ao Buraco na Parede, já passava das cinco horas da tarde. Estava pronto para tomar outra cerveja.

Jared serviu uma caneca sem que ele tivesse pedido. Billy agradeceu e engoliu o líquido gelado e espumante.

— A propósito, o velho esteve aqui o tempo inteiro. Só saiu um pouco para ir ao banheiro.

Billy disse baixinho um palavrão, depois mergulhou os lábios na caneca. Ao final do balcão, viu Rocky erguendo seu copo numa saudação.

— Ele está na sala traseira? Jared assentiu.

Billy voltou-se para a cortina verde.

CAPÍTULO VI

— Ei garoto, que bom ver você — saudou o velho. Estava acomodado à mesa de feltro verde, um copo de uísque ao alcance da mão, um charuto entre os dentes e cinco cartas na mão. Acenava com o fumegante objeto na direção dos parceiros e distribuía cartas, citando-lhe os nomes.

— Quero falar com você — anunciou Billy.

— Sozinho.

Oggie terminou de dar as cartas e livrou-se da cinza.

— Está bem. Deixe eu terminar essa mão.

Billy ficou esperando enquanto as apostas corriam ao redor da mesa. Oggie puxou para si o monte central de fichas quando todos os outros jogaram fora as cartas. Depois, um a um, levantaram e saíram.

Um longo silêncio seguiu-se. A certa altura, Jared passou pela cortina para o interior. Depositou uma garrafa sobre a mesa e dois copos limpos ao lado. Depois voltou para o bar.

Oggie encheu os copos que Jared trouxera.

— Sente-se. Beba — ordenou ele.

Billy ficou em pé. Mas apanhou o copo e virou o conteúdo de uma vez. Descia produzindo uma sensação de ardor. Era bom.

— Então, suponho que esteja me procurando para rearranjar meu rosto.

Era verdade. Mas não ia conceder a vantagem ao outro, nem pretendia realizar literalmente suas promessas. Fora divertido falar com Prudence e com ele mesmo como se pretendesse cumprir as ameaças.

Oggie deu de ombros e tirou mais algumas baforadas de seu charuto. A fumaça tomou-se um nevoeiro na esteira luminosa vinda do alto.

— Eu podia chamar os rapazes de volta para a gente jogar um pouco. Tome mais alguns uísques. Ria um pouco.

— Eu disse para você ficar longe do meu filho!

— Ótimo, então agora estamos admitindo isso.

— É verdade. Ele é meu filho, e isso não é da sua conta.

— Ele é um Jones. Isso faz com que o assunto seja da minha conta. Da forma como estou vendo, só fiz o que precisava ser feito — declarou Oggie, o charuto firmemente preso entre os dentes, a reunir as cartas.

— E não me importo de dizer, não senhor, que estou feliz por estar de volta. Eu já estava ficando cansado de ficar atrás de você naquele seu clube. Fiquei cansado por ter sido levado por todos os cantos, enquanto todo mundo jogava charme em cima de mim. Estou ficando velho, sabia? Estava maluco para voltar para cá, onde as pessoas são obrigadas a me aguentar porque já me conhecem. Eu não ia mesmo conseguir convencer você. Foi então que eu vi o bebê. Era a minha chance. Aproveitei sem pensar duas vezes. Converse com as pessoas da cidade. Eles vão lhe dizer: Oggie Jones não é homem de perder chance nenhuma na vida. Então, vai querer jogar ou não?

Nesse instante alguém colocou uma moeda na vitrola automática. Up Against the Wall, Redneck Mothers começou a tocar. Um verdadeiro clássico, composto por Ray Wiley Hubbard, e cantado pelo próprio Jerry Jeff Walker.

Oggie bateu o baralho na superfície da mesa.

— Pode cortar.

Billy cortou. Depois ergueu-se e caminhou para além da cortina, no bar. Os homens que haviam deixado o jogo estavam ao balcão, alinhados. Billy captou o olhar de um deles e fez um gesto de cabeça, indicando o interior da sala. Todos levantaram, caminharam ao redor da mesa de sinuca e através da cortina esverdeada. Sentaram-se nos mesmos lugares que ocupavam anteriormente.

— O jogo é com cinco cartas fechadas — anunciou Oggie.

Billy sentou-se na cadeira vaga.

Um belo jantar, resolveu Prudence. Prepararia um belo jantar para Billy, e depois conversariam. Teriam uma conversa calma e razoável. Sobre quais eram as expectativas dele. Sobre o que ele desejava com sua visita e quanto tempo pretendia ficar.

Jesse estava em seu cadeirão, esmigalhando bolachas e divertindo-se com isso, a julgar pelas gargalhadas, enquanto Prudence se atarefava pela cozinha. Preparou seu melhor frango ensopado, com a receita que levava arroz e limão. Era um prato sem gorduras excessivas e muito saboroso. Ela partiu o brócolis e colocou-o no vapor, por um instante. Faria também uma bela salada.

Enquanto o frango cozinhava, deu banho em Jesse e leu para ele uma história, usando um bocado de expressões faciais e vocais para animar a narrativa. Mesmo com essa idade ele dava a impressão de prestar atenção e compreender. Ela acreditava que se devia começar o mais cedo possível, em se tratando de leitura para crianças.

O ensopado ficou pronto às seis e meia. Entretanto, Billy não retornara ainda. Prudence deixou a comida no forno para não esfriar e levou Jesse para o próprio quarto. Lá, ele ficou

brincando com blocos no assoalho enquanto ela lidava com seu computador, reescrevendo seu curriculum pela vigésima vez.

Prudence era contadora formada. Mesmo enquanto trabalhava apenas para a irmã, renovara sua licença todos os anos. Imaginara, ao resolver mudar para North Magdalene, que poderia encontrar trabalho em alguma firma local. Porém a cidade tinha uma população de menos de duzentos e cinquenta pessoas. Mesmo nas cidades maiores de Grass Valley e Nevada City, não havia muita procura para contadores. Reescrever seu curriculum tomara-se uma espécie de jogo para ela. Uma forma de pensar com criatividade em que tipo de trabalho poderia existir ali para ela. Quando Jesse ficasse mais velho, talvez pudesse iniciar uma loja de livros, ou uma biblioteca particular.

Não que precisasse de dinheiro. Fizera ótimos investimentos enquanto trabalhava para Randi.

Depois a irmã lhe deixara uma pequena fortuna ao morrer. E havia ainda a enorme herança de Jesse, que sempre estaria disponível caso fosse absolutamente necessário.

Prudence observou o relógio, no canto da tela. Quase sete e meia. Começou a conjecturar que talvez alguma coisa tivesse acontecido com Billy. Podia ter ido longe demais com Oggie, ou coisa parecida. Talvez os quatro filhos de Oggie tivessem forçado a barra. Billy poderia estar na clínica da cidade, sendo atendido por Will Bacon, a enfermeira diplomada que lidava com todas as emergências médicas locais.

Ao lado da cama, Jesse mascava os lençóis.

— Não, senhor. Isso não é comida.

Ele ergueu a cabeça para ela, com ar intrigado, depois voltou a mascar a ponta da coberta de algodão, já úmida. Ela ergueu-se e caminhou até a criança. Jesse soltou o lençol e estendeu os dois braços na direção dela, o rosto abrindo-se num sorriso cativante, que sempre derretia o coração da tia. Prudence curvou-se e apanhou-o no colo.

— Hora de dormir, mocinho.

Ele fez uma careta, fechando os dois olhos e sacudindo a cabeça para os dois lados.

— Ná!

— Sim, senhor — argumentou ela, carregando-o para baixo.

Levou cerca de uma hora para colocá-lo na cama, pois Jesse gostava de escutar músicas e muitas histórias. Se ela ousasse parar antes que ele cabeceasse de sono, ele imediatamente começava a chorar. Todos os livros que estudara sobre o assunto afirmavam que deveria deixá-lo chorar um pouco; Alma conseguia colocá-lo para dormir com muito menos sacrifício. Porém de alguma forma, depois que Prudence assumira os cuidados com ele, a hora de dormir parecia estender-se.

A verdade é que não conseguia suportar o fato de vê-lo chorar. Por isso exagerava ao ceder aos caprichos infantis. E daí que os livros diziam que não devia? Tinha tempo de sobra. E excesso de atenção não podia fazer tanto mal assim.

Finalmente, às oito e meia, Jesse adormeceu.

Cansada de tanto cantar e contar histórias, ela retomou para a cozinha e retirou a caçarola do fogo, reparando que já secara um pouco. Sua fome, porém, era grande. Serviu-se num prato, colocou um pouco de salada em um prato pequeno e sentou-se para comer.

Depois de fazer sua refeição, guardou a peneira com o brócolis na geladeira e limpou a mesa. Se Billy Jones quisesse jantar, bem que podia pegar a própria comida.

Por outro lado, talvez alguma coisa tivesse acontecido com ele. Resolveu ligar para a casa de Dalila, onde Oggie morava. Talvez alguém soubesse dizer o que acontecera a seu hóspede.

Dalila atendeu ao primeiro toque.

Disse que Billy estivera lá por um instante naquela tarde, procurando por Oggie. Em seguida, com a autoridade de uma mulher que crescera com os Jones, sugeriu que ela ligasse para o Buraco na Parede.

Prudence fez o que a outra aconselhou. O barman da noite, Nick Santino, atendeu.

— Ele está na sala de jogo com Oggie e os rapazes — informou ele.

— Estão lá há horas.

— Fazendo o quê, se posso saber?

— Jogando pôquer, madame.

Billy bebericou seu uísque enquanto estudava as cinco cartas que recebera. Olhou de relance para o velho.

Oggie sustentou-lhe o olhar. Billy retirou uma das cartas.

— Então, quanto tempo pretende ficar na cidade? Billy separou mais uma carta.

— Isso depende.

O velho jogou uma carta sobre a mesa e recebeu outra. Billy recebeu duas.

— Onde está hospedado?

— Na casa de meu filho.

— Para dizer a verdade, aquela casa pertence a Prudence — lembrou Oggie.

Billy deu de ombros.

— É uma bela casa — continuou o velho, observando sua nova carta e arrumando-a entre as outras.

— Costumava ser a casa dos Conley, durante muito tempo. Passou para minha neta Heather quando seu primeiro marido, Jason Lee Conley, faleceu. Uma história triste, aquela. Mal tinha saído da casa dos vinte, com a vida inteira pela frente. Um deslizamento de terra o matou, quando ele trabalhava nas obras da rodovia. Deixou a pobre Heather sozinha. Mas não por muito tempo. Lucas Drury a encontrou. Já ouviu falar dele, não?

— Já. Escreve livros de terror.

— Novelas de horror, filho. Novelas de horror.

— E agora, Heather não precisa mais daquela bela casa. Lucas construiu outra para ela e os filhos em Piety Hill. Então Prudence comprou a casa dos Conley e trouxe seu filho para morar aqui — declarou ele, baforando a fumaça contra a ponta do charuto e avivando a brasa.

— Uma boa moça, essa Prudence. Uma mulher de fibra, fique sabendo. E além de tudo é uma lindeza, por trás daqueles óculos grossos, e com o cabelo solto.

— Quero duas — anunciou quem distribuía cartas, separando-as sobre a mesa.

Oggie arqueou as sobrancelhas grisalhas, olhando diretamente para Billy.

— Você não acha que ela é uma boa moça?

— Está no jogo ou não? — quis saber Billy Jones, apostando uma pilha de fichas.

Oggie resmungou, xingou suas cartas e finalmente pagou a aposta.

— Quer que eu o chame ao telefone para você?

— Não, obrigada — disse Prudence, desligando em seguida.

Mal podia acreditar em sua própria ingenuidade. Chegara a ficar preocupada com Billy Jones. Preocupada que ele pudesse estar machucado, ou coisa parecida. Com dores. Mas, não era

o caso. Bad Billy Jones não sentia dores. Estava jogando pôquer no Buraco na Parede. Com tio Oggie. Que devia se comportar melhor, com aquela idade.

Vou fazer com que se arrependa, se sair da cidade, dissera ele, ameaçando-a. Já estava conseguindo.

O jogo de pôquer terminou por volta da meia-noite. Sentindo-se bem pelos ganhos amealhados, Billy reuniu seus lucros e pagou uma rodada para todos que estavam na casa. Ele e Oggie pararam no bar. O velho contou uma piada ou duas, depois perguntou a Billy se ele conhecia Tome um Pouco Mais de Madeira, Meu Bem.

Havia um velho piano num canto. Billy martelou a música pedida e Oggie interpretou o velho objetivo de seduzir a donzela jovem e apetitosa. Rocky, que a essa altura dos acontecimentos mal podia manter-se sentado, ria cada vez mais alto. Oggie conhecia mesmo algumas músicas interessantes, e Billy continuou tocando. O sujeito era impressionante, na verdade, quando se considerava a quantidade de álcool consumida e a idade avançada, que ultrapassava a casa dos oitenta. Sua resistência era maior do que a de muitos amigos de Billy.

A única nota discordante veio quando uma das duas velhas que encontrara à tarde, atravessou a Rua Principal para vir buscar o marido, um sujeito chamado Owen. Era um dos homens com os quais Billy e Oggie estiveram jogando. O nome da obesa megera era Linda Lou. Linda Lou exigiu que Owen fosse para casa imediatamente. Quando o pobre homem hesitou, ela o agarrou pelo braço e arrastou-o na direção da porta.

Billy, completamente por acidente, terminou ficando no caminho dela. Recuou, mas mesmo assim recebeu um olhar de censura.

— Devia se cuidar mais, para não se meter no caminho dela — afirmou Oggie, vibrando-lhe uma palmada nas costas.

— Acho que foram muitos uísques. Meus reflexos estão mais lentos — justificou ele.

— Então tome mais um. Vai acomodar seus nervos — sugeriu Oggie.

— Acho que vou fazer isso mesmo — concordou Billy.

O resultado é que Billy ajudou Oggie e Nick a fechar o bar. Nick deixou Oggie em casa e Billy carregou Rocky para seu quarto, sobre a mercearia. Então, sentindo-se tonto o suficiente para não guiar, resolveu caminhar até a casa de Prudence, que de qualquer forma ficava a apenas alguns quarteirões de distância.

De alguma forma, deve ter feito o caminho errado. Passou pelo portão da casa de Prudence sem perceber que era de concreto, e não de pedras. A varanda também parecia diferente, mas como sua única intenção era cair na cama, ele ignorou esses pequenos detalhes, abriu a porta e entrou.

Ligou a luz da sala, e enquanto olhava ao redor, tentando descobrir onde estava, começou a gritaria. Piscou e voltou-se na direção do som. Uma mulher alta e magra encontrava-se do outro lado do aposento. Envoltas num roupão azul e usando rede noturna nos cabelos, era uma visão assustadora.

— Sagrada Virgem Maria! Ajude-me! Por favor, alguém me ajude! Socorro! Valha-me Santa Mãe de Deus.

Nesse instante ele se recordou de onde a havia visto antes: atravessando a Rua Principal, acompanhada da mulher de Owen.

— Socorro! Assassino. Invasor!

Apesar de seu estado de embriaguez, Billy raciocinou acertadamente que a senhora queria ajuda porque estava com medo dele.

— Desculpe, desculpe — balbuciou ele, recuando de costas.

— Foi um engano. Já estou indo.

Ela avançou na direção dele, ainda gritando por ajuda, até que ele colocasse a porta entre os dois. Algo chocou-se contra a madeira, talvez o vaso de porcelana que ele vira perto da porta. Billy não quis esperar para saber. Saiu correndo, na direção da Rua Principal.

Alguns minutos mais tarde, sóbrio pelo susto e pelo exercício, chegou ao portão que seria seu destino, tendo o cuidado de verificar os detalhes, daquela vez. A árvore ao lado da cerca, a trilha de pedra para a casa, a mobília ao estilo dos montanheses na varanda. Sim, daquela vez parecia a casa de Prudence. Não havia dúvida.

O problema surgiu quando tentou abrir a porta da frente: estava trancada. Billy estacou, intrigado. Depois, sorriu. Talvez ela guardasse a chave sob o capacho de entrada. Curvou-se e baixou os olhos para examinar o espaço abaixo do tapete. Nada. Levou quase um minuto para endireitar-se, depois reparou que a casa estava às escuras. Ela não deixara acesa a luz da varanda.

Billy começou a compreender. Ele ficara fora até mais tarde do que deveria em várias noites durante a vida para saber o que significava quando a mulher não deixava ao menos a luz da varanda acesa. Significava que o homem teria de fazer um belo escândalo, batendo na porta e gritando. Só então, se a mulher tivesse um pinga de piedade no coração, lhe seria permitido entrar.

Por outro lado, às vezes nem o barulho nem os gritos adiantavam. Um homem não tinha garantia alguma quando a luz da varanda de uma mulher estava apagada. Nenhuma garantia.

Porém tudo estava sob controle para Billy. Já lidara com muitas situações como aquela. Recuou alguns passos e caminhou pela lateral da casa, até a janela do quarto que Prudence designara para ele. Foi preciso esmagar alguns arbustos, mas conseguiu aproximar-se o suficiente da janela para estudar o fecho. Havia uma dobradiça no alto e uma trava na parte inferior. Se a sorte estivesse ao seu lado, não estaria trancada. Ergueu a tela e inclinou o vidro, empurrando-o para dentro. Por sorte, o fecho antigo, de deslizar, não estava travado.

Ele sorriu para si mesmo. Se forçasse um pouco mais o vidro, a fechadura inferior iria soltar-se naturalmente. Claro, era preciso cuidado para não quebrar tudo, pois o barulho seria grande. Algumas pancadas leves com a borda da mão sobre a madeira acabaram por soltar a lingueta de metal. A janela deslizou para cima.

— Ahá! — disse ele, antes de controlar seu contentamento, colocando um dedo nos lábios.

Lembrou-se de que era muito tarde e não queria acordar mais ninguém na casa. Só queria deitar e dormir. Passou uma das botas por sobre o peitoril.

Percebeu a silhueta dela, na soleira da porta, enquanto caía para o interior do quarto. A luz foi ligada. Billy grunhiu enquanto erguia a mão para proteger-se da luz brilhante e agressiva em suas pupilas. Onde diabos estariam seus óculos escuros? Saía com eles à tarde, e com o chapéu também. Devia tê-los deixados em algum dos Jones quando procurava por Oggie, porque não lembrava de estar com nenhum dos dois durante o jogo de pôquer.

Depois de um instante, seus olhos inchados e doloridos ajustaram-se à claridade e Billy olhou para ela, começando por baixo. Os pés estavam descalços. Ela tinha dedos longos e pálidos, muito bonitos. Usava pijama branco, que desaparecia sob o roupão da mesma cor, bem amarrado à cintura. O rosto estava róseo de tanto dormir. De uma forma geral, ela parecia bem melhor do que geralmente estava, pois usava o cabelo em forma de trança caída nas costas. Uns poucos fios avermelhados pendiam ao redor do rosto. Infelizmente, mesmo no meio da noite ela envergava os óculos.

Ele sorriu, tentando melhorar o estado de espírito dela.

— Você esqueceu de me dar a chave.

— Esqueci foi de telefonar ao delegado para mandar prender você.

— Também não precisa exagerar.

— Arrombamento e invasão. Foi exatamente o que você fez.

Como sempre, ele tinha uma reação de sobriedade à presença dela.

— Por quê? Existe algum tipo de toque de recolher por aqui?

— Não, Billy, não temos toque de recolher por aqui. Simplesmente bom senso e educação, só isso.

— Eu estava sendo educado. Não bati na porta nem gritei, certo?

— Claro, então não faz mal. Quer dizer, você arromba minha casa, mas desde que seja em silêncio, tudo bem — ironizou ela mantendo os braços cruzados no meio do corpo, como se mantivesse a raiva concentrada ali.

Billy percebeu que bancar o coitadinho não iria adiantar nada. Resolveu mudar de tática.

— Não existe nada que eu deteste mais do que uma mulher mandona. Sabia disso?

— Devo presumir que está falando sobre mim.

— Se a carapuça serve...

— Pare com isso, Billy. Não estamos falando de mim. Não é esse o assunto e nós dois sabemos disso. Você esteve jogando e bebendo até a metade da noite.

— Fiquei mesmo.

— Por quê?

— Porque eu tive vontade.

— Você podia ter jogado e bebido no seu clube de Los Angeles. Não precisava vir até aqui para isso.

— É que eu fico à vontade em todos os lugares onde vou. Gosto de me divertir. E me divertir.

Ela lhe dirigiu um daqueles olhares longos e letais. Depois suspirou e sacudiu a cabeça.

— Simplesmente não entendo.

— O que você quer entender?

— Você disse que veio até aqui para conhecer Jesse — afirmou Prudence.

Já não parecia zangada. Parecia cansada. E um pouco triste.

De repente, Billy sentiu-se mal, da mesma forma que na noite em que ela fora ao seu bar e tivera os óculos arrancados em frente aos amigos.

— Billy, não vai adiantar nada você ficar aqui se pretende ficar jogando e bebendo no bar a noite inteira — declarou ela, apoiando o corpo contra a moldura da porta. Ele esfregou os olhos e deixou-se cair na cama.

— Billy...

A luminária acima, esculpida em vidro colorido, possuía duas formas parecidas com flores que ostentavam uma lâmpada cada. Ele não devia olhar diretamente para elas, mas era exatamente o que fazia. O brilho provocava sensações posteriores em suas retinas, que flutuavam ao redor da luminosidade central. Fechou um dos olhos, depois o outro, fazendo com que o efeito saltasse de um lado para outro, como numa partida de pingue-pongue.

— Billy, você dormiu?

— Não. Estou acordado. E, sim. Vim aqui para conhecer Jesse.

— Bem, nesse caso... quando vai começar a fazer isso?

Ele acreditava ainda estar um pouco bêbado. As flores de luz viraram quatro, depois voltaram a ser duas.

— Billy, quando vai começar a conhecer seu filho?

— Amanhã — respondeu ele, soltando o ar. As flores luminosas começaram a mover-se para longe, afastando-se.

Ela disse mais alguma coisa, em tom baixo de voz, mas ele não escutou. A onda de inconsciência desceu sobre ele como um cobertor. Cobrindo o mundo.

Billy deixou-se levar, murmurando:

— Amanhã, Pru. Prometo. Amanhã vou conhecer meu filho. Amanhã...

CAPÍTULO VII

Quando Billy acordou, sentiu-se como se alguém tivesse congelado e secado seu cérebro. Rolou na cama e entreabriu os olhos o suficiente para enxergar o rádio-relógio na cabeceira. Passava das nove. Com um grunhido, sentou-se e afastou o cobertor.

Baixou a cabeça e encontrou os pés com meias e as roupas vestidas. Apesar de encontrar uma resistência quase dolorosa, sorriu. Prudence tinha bom coração. Ela retirara suas botas e colocara um cobertor sobre ele. Muitas mulheres não fariam isso.

Seu estômago manifestava-se perigosamente. E sua cabeça...

Melhor ir andando. Conseguir um pouco de antiácido e melhorar, era a única idéia em sua cabeça.

Lançou-se na direção da porta e tropeçou para a sala de jantar. Viu o bebê atrás de uma estrutura em forma de portão, sentado sobre o chão da cozinha, mastigando algo amarelo. Talvez um patinho ou galinha de borracha. O filho olhou para ele. Ele retribuiu.

— Billy — disse a voz de Prudence, ao lado da criança.

— Banheiro — balbuciou ele na direção dos sapatos dela, já que não podia suportar encarar os olhos azuis.

Ela moveu-se para a frente, abriu o pequeno portão e manteve-o assim.

— Por aqui.

Ele passou por ela, entrando pela porta que ela indicara. Conseguiu chegar exatamente a tempo de expelir o conteúdo de seu estômago como um jato, na latrina.

Mesmo depois de ter enxaguado a boca e jogado água sobre a cabeça, ele continuou a sentir como se houvesse engolido pelo menos três guarda-chuvas. Puxou o espelho e examinou o interior do armário. Nenhum tipo de antiácido.

Escutou batidas na porta. Deu dois passos e abriu-a de uma só vez.

— O que foi?

Ela estendeu um copo de água numa das mãos, e enquanto ele observava, deixou cair dois tablets efervescentes.

Billy estendeu a mão e apanhou o copo.

— Obrigado.

Em seguida fechou-se de novo. Enquanto bebia, escutou o telefone tocando na cozinha.

Alguns minutos mais tarde ele saiu do banheiro e voltou para a cama. Prudence estava falando ao telefone. O bebê ainda estava no chão da cozinha, mastigando o que parecia ser um pedaço de biscoito. O garoto olhou amistosamente para ele e fez um ruído amigável.

— Qué? — fez ele, estendendo a bolacha. Billy balançou a cabeça e continuou andando, percebendo na última hora o portão de separação na porta da cozinha. De alguma forma, entretanto, conseguiu acertar o passo, erguer a perna e transpor o obstáculo. Do outro lado, sem o equilíbrio necessário, teve de dar passadas largas para não cair. Apontou o corpo na direção da porta do quarto e terminou seu movimento caindo de costas na cama. Solto um suspiro de alívio.

Fechou os olhos, mas não por muito tempo.

— Billy?

Prudence estava sobre ele, sacudindo-o.

— Que foi? — resmungou ele, abrindo uma fresta em um dos olhos.

— Era Jack Roper ao telefone.

O nome pareceu familiar. Mas a mente de Billy não estava operando com o máximo de eficiência.

— Jack? Roper?

— Jack Roper. Ele é filho de Oggie, de uma moça que Oggie conheceu antes de casar com a falecida Bathsheba.

— Por que está me dizendo essas coisas? Por que está no meu quarto?

— Acontece que Jack Roper também é ajudante do delegado.

— Seja o que for, não fui eu — defendeu-se Billy, fechando os olhos outra vez.

— Nellie Anderson prestou queixa.

— Nunca ouvi falar dessa mulher.

— Ela disse que um homem invadiu a casa dela. Descreveu o homem. A descrição combinava exatamente com você.

Billy teve uma vaga lembrança de imagens de uma rede azul para cabelos e um bocado de gritos.

— Espere um pouco! Ela é alta, magra, e anda com a mulher de Owen, Linda Lou?

Prudence baixou os olhos para ele e suspirou. Ele ergueu uma das mãos em frente ao rosto.

— Foi um acidente. Eu pensei que tinha entrado aqui.

— Billy...

Ele baixou a mão e fechou os olhos. Num manto de esquecimento, o mundo escureceu outra vez.

Acordou duas horas depois. Sentia-se melhor. Ainda não estava bem, porém suficientemente em forma para se levantar. Balançou as pernas para fora da cama e permaneceu sentado por algum tempo, reunindo energia e pensando em colocar as botas. Porém isso exigiria mais esforço do que ele se sentia capaz, portanto desistiu.

Queria tomar café e um banho de chuveiro. Conhecia sua própria constituição física. Quando conseguisse ingerir uma boa quantidade de cafeína e se limpasse dos suores noturnos, iria sentir-se melhor de verdade.

Não havia ninguém na sala de jantar. Começou a caminhar na direção da cozinha, mas um ruído de vozes de mulheres e gargalhadas de criança vindas da varanda, na frente da casa, chamou-lhe a atenção. Olhou para lá e percebeu que a porta encontrava-se parcialmente aberta.

Andou até lá. O sol estava brilhando forte, prometendo uma tarde quente e agradável para o mês de novembro nas montanhas.

Atravessou a sala de jantar até a frente, atraído pelas vozes. Quando se aproximou, procurou um lugar estratégico para poder enxergar o exterior.

Avistou seu filho, brincando no gramado. O garoto usava calça comprida e um blusão vermelho, e puxava um carrinho de plástico cheio de animais empalhados. Uma garotinha de cabelo ruivo e brilhante estava sentada num cobertor, penteando a crina de um cavalo azul de pelúcia. Era a filha de Jared e Eden. Billy a vira no dia anterior, quando visitara a casa de Eden para saber o paradeiro de Oggie. O pente usado devia ter contas brilhantes, pois captava o brilho do sol a cada movimento. Enquanto Billy observava, seu filho apanhou um ursinho do carro e aproximou-se da menina. Jesse parou ao lado dela e estendeu o urso.

— Quer que eu penteie, quer? — indagou a garotinha.

Jesse fez um gesto e sorriu. Ela deixou o cavalo azul de lado. Começou a trabalhar no urso enquanto o garoto se agachava, com as mãos nos joelhos, para observar a operação com enorme interesse.

Nesse instante soou um rangido, Billy voltou a cabeça a tempo de ver um bebê entrando e saindo de seu campo de visão, embalado na cadeira de balanço da varanda, preso por um cinto. Os cabelos tinham o mesmo tom da menina. Era o filho menor de Eden; estivera no colo dela durante a breve visita no dia anterior.

— Eden, o que vou fazer?

Era a voz de Prudence, na varanda, fora da vista. O tom era confidencial. Billy, que estivera a ponto de sair, conteve seus movimentos e permaneceu ali.

— Jack Roper ligou hoje de manhã. Parece que Billy entrou na casa de Nellie Anderson tarde da noite, porque errou de casa. Estava caindo de bêbado, e pensou que estava entrando aqui.

— Não me diga...

— Pois é. Acho que Jack conseguiu convencer Nellie a não apresentar queixa, mas a mulher parecia assustada de verdade. E não é só isso — continuou Prudence.

— Devia ter visto a cara dele quando chegou aqui. As três horas da manhã peguei ele pulando a janela do quarto de hóspedes, tão tonto que mal conseguia enxergar. Quando tentei dizer o que pensava, ele me disse para "não exagerar" e me chamou de mandona. Depois desmaiou na cama. Hoje de manhã, ele só levantou para vomitar. Agora está lá, apagado.

Eden disse algo sobre ser difícil um farrista como ele lidar com a realidade de ser pai. Billy chegou a pensar que era capaz de gostar de Eden. Mas Prudence ainda não tinha terminado.

— Eden, ele é um alcoólatra, tenho certeza. Eu nunca devia ter convidado Billy para vir até aqui. Foi uma besteira. Mesmo na idade de Jesse, não pode ser bom para ele ver seu pai desse jeito. Dizem que os garotinhos precisam de um pai, para aprender como ser homem. Mas acho que vou dispensar o tipo de coisa que Jesse pode aprender com Billy. Só espero que ele fique chateado logo de ficar por aqui. Que volte logo para Los Angeles e não se incomode em vir para cá de novo.

Eden logo começou a falar, aconselhando e acalmando a amiga, porém Billy retrocedeu em silêncio, recuando da porta entreaberta, das crianças brincando ao sol e da ansiedade e frustração na voz de Prudence.

Foi até a cozinha, para onde deveria ter ido direto. Percebeu que ela deixara a máquina de café pronta para ser ligada. Ele apertou o botão e a luz acendeu.

Então retomou ao quarto, apanhou algumas roupas limpas e foi para o banheiro. Quando saiu, barbeado e limpo, Jesse estava sentado na cadeira de comer e Prudence o estava alimentando com o que parecia ser banana amassada, a julgar pela aparência. Não havia sinal de Eden, da filha ou do bebê.

Billy permaneceu ali por alguns instantes, observando Prudence a dar colherada após colherada ao filho. Ela ao menos dignou-se a olhar para ele. Ele limpou a garganta.

— Bom dia.

Prudence lançou-lhe um olhar magoado.

— O café está pronto. Sirva-se.

— É o que pretendo. Mas primeiro, queria saber onde colocar essas roupas.

Ela deu de ombros e continuou a alimentar o garoto. Billy sabia que devia simplesmente jogar as roupas em seu quarto e ir tomar café. Mas não conseguia deixar de pensar no que ela dissera a Eden na varanda.

Mudou o apoio do peso do corpo de uma perna para outra.

— Olhe... talvez eu não tenha começado muito bem aqui.

Ela voltou o olhar para ele, sem dizer nada.

— Estou tentando dizer que fui longe demais — continuou ele, pigarreando,

O olhar não se alterou.

— Está bem, você tem razão. Foi longe demais — comentou ela, enchendo outra vez a colher de banana.

— Estou me desculpando, está bem?

— Ótimo.

— Vou melhorar,

Ela parou e olhou para ele. Não disse uma palavra. O garoto batia os punhos no tampo da cadeira.

— Nana — pediu ele.

Prudence ofereceu a colherada que já havia preparado. Jesse engoliu de uma vez.

Como ela não parecia muito convencida, Billy resolveu reforçar.

— Vou melhorar, prometo.

— Seria bom — comentou ela, com outro olhar frio.

Bom, repetiu mentalmente Billy. Ela o chamava de alcoólatra pelas costas e quando ele prometia melhorar, dizia que seria bom?

Além do mais, não importa o que ela dissesse, ele não era alcoólatra. Sempre fora capaz de controlar sua bebida muito bem. Muito bem. Talvez ultimamente, desde que ficara sabendo que era pai, estivesse mesmo bebendo um pouco demais. Mas que diabo, sabia lidar com isso. Iria mostrar a ela que era capaz de fazer as coisas direito.

Mesmo que tivesse de morrer tentando.

Ela o encarava, com as sobranceiras erguidas, esperando para ver se ele tinha alguma coisa mais a dizer.

— Nana. Nana.

Ela desviou os olhos para encher outra vez a colher.

— Pare — ordenou Billy.

Ela imobilizou-se, ainda com a colher vazia. O menino continuava a exigir sua comida, agora acompanhado do bater dos pés.

— Dê a colher para ele.

— Por quê?

— Nana!

O tom de Jesse começava a demonstrar impaciência.

— Billy, ele quer mais!

— Dê a colher para ele.

— Mas...

— Nana!

— Dê para ele. Agora.

Ela permaneceu quieta, portanto ele avançou e apanhou a colher da mão dela. Encheu de banana a parte côncava e colocou o cabo na mão gorda do filho.

— Na-na.

— Pronto. Pode comer. E cale a boca.

— Também não precisa falar assim com o menino. Ele ainda não sabe comer sozinho e quando está com fome ele...

Billy levava um dedo aos lábios, pedindo silêncio. Por algum milagre, ela obedeceu.

De olhos abertos, o menino olhava para a própria mão com a colher enfiada entre os dedos. Depois olhou para Billy. O rosto começou a comprimir-se, à medida que se avermelhava.

— Não, senhor. Não adianta vir com essa história de chorar — disse o pai, em tom suave.

— Agora você pode comer. Coma.

O garoto olhou para Billy.

— Coma. Você pode comer sozinho. Sabe que pode.

Devagar, Jesse ergueu a colher até a boca. Conseguiu colocar no interior da boca a maior parte da banana. Engoliu, depois sorriu.

— Muito bem — aplaudiu Billy, retribuindo o sorriso.

Jesse bateu a colher no prato e jogou a cabeça para trás.

— Nana. Nana.

Billy voltou-se para Prudence.

— Está vendo? Ele já sabe comer sozinho.

A massa de banana atingiu-o no lado do pescoço, antes que Prudence conseguisse avisá-lo.

Cerca de quarenta e cinco minutos mais tarde, Prudence acomodou Jesse para tirar uma soneca. Billy teve a sensatez de não ajudá-la nessa tarefa.

Quando ela desceu as escadas, depois de cantar meia hora para que o menino dormisse, descobriu que Billy tinha partido.

— Ah, não!

Deixou escapar o grito de desespero na cozinha vazia. Sem dúvida ele fora até o bar outra vez. Chegaria em casa depois da hora de fechar, como na noite anterior.

Afundou numa poltrona, pensando que teria de encontrar uma maneira de conseguir comunicar-se com ele, ou convencê-lo de voltar para Los Angeles. Enquanto meneava a cabeça e suspirava, reparou no bilhete entre o saleiro e a pimenteira: Fui fazer compras. Volto pelas seis horas.

Assim que terminou de ler, fez uma expressão de descrença.

— Acredito quando chegar a hora. Amassou o pedaço de papel e atirou-o no lixo, sob a pia.

Billy voltou às cinco e quarenta e cinco. Entrou na cozinha, carregando um saco de compras, um grande buquê de flores e um caminhão de brinquedo.

Colocou o caminhão no chão para Jesse, que imediatamente começou a empurrá-lo e imitar com a boca o ruído do motor. Em seguida estendeu as flores na direção de Prudence.

— Coloque na água. E seja o que for que esteja preparando para jantar, pode guardar.

Ergueu a sacola de compras.

— CDs. Uns cinquenta ao todo. E por favor, coloque na geladeira essa comida. Vamos ao Grill Mercantil para jantar. Temos algumas coisas para conversar, você e eu.

Ela soltou a cenoura que estava raspando, apanhou um pano de pratos e enxugou as mãos, fazendo com que a irritação dele crescesse. Billy simplesmente não fazia noção do que significava ser responsável por uma criança.

— Billy, Jesse é muito novo ainda para se levar ao restaurante. Ele não vai parar quieto nem o tempo suficiente para...

— Jesse não vai.

Ela aceitou as flores e encarou-o por entre as corolas.

— E o que você sugere que a gente faça com ele enquanto vamos ao restaurante?

Alguém bateu à porta da frente. Billy fez um gesto em direção ao buquê.

— Vamos indo, menina. Pode ir colocando no vaso.

— Acho que a campainha está...

— É Marnie. A segunda filha de Patrick. Eles disseram que ela joga futebol muito bem, e que prefere sair com os rapazes do que com as meninas. Também dizem que ela é ótima babá.

— Você contratou uma babá?

A irritação dela diminuiu um pouco. As flores, na maioria rosas amarelas, tinham um odor maravilhoso, e Billy parecia estar sóbrio.

— Tive uma tarde atarefada — disse ele, a meio caminho da porta.

— Vá empoar o nariz, ou o que precisar fazer para se arrumar.

Ela caminhou atrás dele, sentindo-se incerta.

— Meu nariz está ótimo.

— Melhor ainda, você já está pronta — disse ele, abrindo a porta e convidando Marnie Jones a entrar.

A comida no Grill era excelente. E tiveram uma vela sobre a mesa durante o jantar. Foi tudo tão civilizado e adulto que Prudence sentiu uma pontada de culpa por ter apreciado a folga dos cuidados infantis e histórias para dormir.

— Precisamos conversar sobre essa situação, quer dizer, o tempo que você vai ficar aqui — disse ela, quando chegaram as saladas.

— Vamos conversar sobre isso... mais tarde.

— Mas eu pensei que você tinha dito que...

— Pru, prometo que vamos conversar. Agora, relaxe. Aproveite a comida — sugeriu ele, sorrindo para ela com ternura, fazendo com que compreendesse o que Randi vira nele de atraente.

— Você só está tentando fazer aparecer meu lado bom — acusou ela, em tom de brincadeira.

— Pode apostar que sim.

Foi muito estranho o encontro, quase como um namoro.

Ele pediu vinho, que tomou a refeição mais festiva, porém também a preocupou, no sentido de que talvez ele abusasse. Entretanto Billy a surpreendeu ainda uma vez tomando apenas um copo, com o qual ergueu um brinde:

— Por amar meu filho — propôs ele, rindo em seguida, — As vezes até um pouco demais. Ela também riu, embora não acreditasse que fosse possível amar Jesse demais.

Depois do bolo de chocolate e do café de sobremesa, Billy pagou a conta e saíram para a noite. Caminharam sem pressa, apesar do ar noturno estar frio. As estrelas, acima deles, pareciam mais brilhantes do que a própria cidade. Poucas nuvens escuras passavam rápidas pelas proximidades da lua cheia.

Prudence escutou-o sugerindo um passeio pela Rua Principal.

— Vamos, claro.

Porém naquele instante ela lembrou de Jesse. Ele não fizera muita manha quando saíram, mas ela fora praticamente empurrada porta afora antes que tivesse a chance de explicar o que estava acontecendo.

— Por outro lado, talvez a gente deva ir caminhando de volta para casa. Agora é a hora em que Jesse vai para a cama.

— E?

— Ele é muito exigente na hora de dormir. Não quero que a pobre Marnie tenha de aguentar muita reclamação.

— Marnie vai fazer tudo direitinho.

— Mas...

— Prudence.

— O quê?

— Olhe rua acima. Agora olhe rua abaixo. Você consegue enxergar até o final dos dois lados. Vamos gastar no máximo, mais dez minutos. É só o que vai demorar a mais.

Ela percebeu que Billy tinha razão, embora ainda ficasse desassossegada a respeito.

— Vamos — incentivou ele, oferecendo-lhe o braço. Caminharam na direção do Correio e da Câmara Municipal. Pouco antes de passarem pela agência, cruzaram com um casal que Prudence jamais havia visto. Mesmo assim trocaram cumprimentos. Desde que viera para North Magdalene, Prudence aprendera a cumprimentar todas as pessoas que encontrava. Considerava o hábito de sentir-se segura conversando com gente de fora um dos benefícios da vida nas pequenas cidades.

Encontraram Nellie Anderson e Linda Lou Beardsly, que vinham descendo pela escadaria central da Câmara Municipal.

— Senhoras — cumprimentou Billy, exagerando na educação.

— É um prazer revê-las.

As duas voltaram os olhos para ele, depois propositalmente desviaram o olhar. Cada uma forçou um sorriso para Prudence ao passar.

Depois que se afastaram o suficiente, Prudence comentou:

— Eu diria que você deve à pobre Nellie uma desculpa.

— Bem, acho que eu pedi desculpas. Quer dizer, eu lembro de ter andado de costas para a porta, com os braços levantados, dizendo que foi engano e pedindo desculpas. Mas minha memória está meio nebulosa sobre a noite de ontem. Lembro que ela jogou um vaso em mim, que acertou na porta.

— Tenho certeza que ela ficou apavorada.

— Bem... ela gritava como se estivesse mesmo apavorada. Posso garantir que ela tem um bom e saudável par de pulmões.

— Se quer saber ela é muito boazinha, e Linda Lou também, depois que a gente conhece as duas.

— Já conheci Linda Lou.

— Quando?

— Ontem à noite ela entrou no Buraco na Parede para apanhar o marido dela.

— Linda Lou é muito respeitada aqui na cidade. Ela acabou de se aposentar, depois de trinta anos de magistério na Escola Municipal de North Magdalene. E Nellie Anderson é um dos pilares da igreja por aqui.

— Um pilar fininho, não acha? Ela olhou de soslaio para ele.

— Será que estou percebendo uma ponta de sarcasmo aqui?

— Quem, eu? — fez ele, com ar inocente.

— Isso mesmo. O senhor.

— É que eu já conheço o tipo. Elas nasceram para odiar homens como eu.

— Pare com isso. Você está exagerando. Billy apertou a mão no braço dela, e Prudence espantou-se como o gesto lhe pareceu natural.

— Vamos esquecer essas duas, sim?

Ela decidiu que não havia vantagem em dizer coisa alguma. Atravessaram a rua e prosseguiram pelo outro lado, pela loja de Sam, pela barbearia do Santino, depois pela loja de presentes de Eve, chamada Wishbook.

Passavam cinco minutos das oito quando retornaram à casa. Encontraram Marnie no sofá da sala, assistindo televisão.

— Onde está Jesse? — quis saber Prudence.

— Na cama — respondeu Marnie, desligando o aparelho.

— Mas... já?

— A senhora disse para colocar ele na cama às sete e meia, não disse?

— Eu sei, mas ele sempre quer escutar uma história ou duas.

— Li uma história para ele. Depois ele dormiu.

— Acho que vou dar uma olhada nele — declarou Prudence, incrédula.

Ignorando a troca de olhares intrigados entre Marnie e Billy ela subiu as escadas. Não escutou nenhum ruído vindo do quarto à medida que se aproximava. Imaginara escutar alguns soluços, pelo menos. Entrou na ponta dos pés e deparou com Jesse como Marnie disse que estaria: adormecido. Ajeitou as cobertas, colocando a mão na testa para saber se ele tinha febre ou algo parecido e apreciou a sensação de tocá-lo. A respiração regular dele tinha o poder de acalmar alguma coisa dentro dela, como nada mais no mundo.

Ele parecia ótimo. Se ela permanecesse ali acabaria por acordá-lo. Saiu na ponta dos pés.

As rosas amarelas que Billy trouxera encontravam-se num vaso de cristal sobre a mesa da sala de jantar. Prudence deteve-se para admirá-las. Pareciam brilhar sob a luz que se derramava da sala de estar. O amarelo era uma cor viva, nas rosas.

Não deveria apreciá-las tanto, para dizer a verdade. Rosas não eram adequadas, vindas de Billy. Rosas significavam amor. E romance. Prudence não estava procurando nenhum deles, especialmente com Bad Billy Jones.

— Você gostou delas — disse ele, parado a observá-la.

— Gostei. Muito. Mas você não deveria.

— Por que não? Por que eu não deveria comprar rosas para você se eu quiser... e se você gostar?

Ela não entendia porque conversavam sobre aquilo. Sabia que os olhos dele eram verdes, porém da posição em que estava não lhes podia determinar a cor.

— Não importa.

Ele continuou a fitá-la. Parecia muito pessoal, a forma como olhava para ela.

Prudence pensou em Randi, que podia lidar com qualquer homem. Mesmo a irmã não se saía muito bem com Billy.

— Acho que importa.

— Muito obrigada pelas rosas. Agora vamos falar de outra coisa.

A respiração dela parecia mais ofegante, e o coração batia com força maior no peito. Ele não disse nada. Simplesmente a contemplava. Prudence também parecia hipnotizada e perguntou-se se pretendiam passar a noite olhando um para o outro.

— Agora precisamos conversar, Billy — disse ela, por fim, forçando-se a caminhar na direção dele.

— Sobre o que você pretende realizar aqui, e por quanto tempo pretende ficar.

Ele não disse nada, apenas observou-a. Prudence parou a uma pequena distância.

— Billy, estou falando sério. Quero que converse comigo. Agora.

Quando ele finalmente resolveu manifestar-se, não foi o assunto que ela imaginara.

— Você se esconde atrás desses óculos horríveis, não é, Pru? O que você está escondendo? De quem está se escondendo?

Por um instante os olhos dela se anuviaram, depois ela balançou a cabeça.

— Você é o homem mais rude que eu já conheci, sabia?

— Na vida?

De repente ela se viu pensando em sua mãe. Betsy Wilding passara por muitos homens em sua procura interminável pelo amor verdadeiro e por segurança financeira. Alguns desses homens sem dúvida eram mais rudes do que Billy Jones.

Suspirou.

— Muito bem, já conheci piores. Mas não muitos.

— Bem, agora quanto aos óculos...

— O que têm meus óculos? Preciso deles para enxergar — defendeu-se ela, tentando soar confiante.

— Você poderia usar lentes de contato.

— Não sei por que estou discutindo esse assunto com você. Precisamos falar sobre...

— Lentes de contato? Por quê?

— Não me dou bem com elas. Fazem meus olhos lacrimejarem.

— Que tal as gelatinosas?

A voz dele parecia veludo, como ele fazia quando cantava as belas músicas que compunha.

— E ultimamente eles andam fazendo milagres com as cirurgias a laser. Li um artigo na Newsweek. Já ouviu falar sobre isso?

— Não quero fazer cirurgia nenhuma — protestou Prudence.

— Tudo bem. Mas se quiser ficar com os óculos, eles têm lentes mais finas e leves hoje em dia, mesmo nos graus elevados. Agora misturam as lentes, que não ficam mais divididas como as daquelas velhinhas.

— É uma linha bifocal, só para você saber.

— Certo, e você pode mandar fazer lentes que não sejam assim.

— Não é de sua conta, Billy. Deixe-me em paz com meus óculos.

— Há quanto tempo você usa essas coisas? — indagou ele, apontando sem olhar.
— Há muito tempo. E para seu governo, gosto deles. Agora a gente precisa mesmo...
— Eu sei — interrompeu ele, voltando-se e caminhando para a sala de estar.
Acomodaram-se cada um numa ponta do sofá.

— Eu disse hoje de manhã que ia melhorar e estava falando sério — começou Billy.

Na verdade ela não acreditava nele, mas por ser o pai de Jesse, achou que deveria lhe dar outra chance.

— Vamos dizer que eu aceite sua palavra.
— Ótimo. Então diga que aceita.
— Quanto tempo, exatamente, está planejando ficar?
— Duas semanas. Que tal?

Quinze dias, pensou ela. Como conseguiria atravessar todo esse tempo? Não estava acostumada a viver sob o tipo de tensão envolvida em morar com um homem como ele. Quer estivesse bêbado escalando a janela, quer entrasse com um buquê de flores nas mãos acompanhado por uma babá, Billy parecia ter um certo talento para manter os nervos das pessoas à flor da pele.

— E quanto ao seu clube?
— O que tem ele?
— Bem, pode se permitir ficar longe dele por quinze dias?
— Minha gerente, Alexis, dirige muito melhor o clube sem a minha presença. A única coisa que ela não faz melhor do que eu é mexer com os livros de contabilidade. Mas eu cuidei disso antes de viajar. A menos que me telefone, não vai precisar de mim. Alguma outra objeção?
— A bebida — disse Prudence, tentando sua última cartada.

— O que tem a bebida?
— Não aprovo.
— Presumi que sim.
— Isso significa que não quero mais noites como a última. E não quero ver você rastejando até o banheiro de manhã, com Jesse olhando.

Ele desviou os olhos, examinando a parede oposta.

— Estou falando sério, Billy — insistiu ela. Ele voltou a encará-la.
— Tudo bem. Prometo não ficar bêbado mais enquanto estiver aqui.
— E se acontecer?

— Então vou embora. Pego meu violão e vou. O que mais poderia dizer perante tamanha demonstração de boa vontade?

— Está bem — suspirou ela, retirando os sapatos.
— Duas semanas, então. E o que deve acontecer durante esse tempo?
— Vamos aprender algumas coisas?
— Que tipo de coisas?
— Saber se eu sou capaz de ser um pai decente.
— E se não for?

Ele olhou ao redor.

— Está quieto demais por aqui. Detesto silêncio. Dá para escutar as malditas folhas caindo daquela sua árvore lá na frente.

— Responda minha pergunta.
— Você não deixa uma brecha, não é, Pru?

— Quero saber. Acho que tenho o direito de saber. Se você não for capaz de ser um pai decente, o que acontece? Simplesmente... vai embora?

— Não. Não acho que possa fazer uma coisa dessas — respondeu Billy.

— Sei que parece loucura. Eu nunca pedi filho nenhum, mas agora que tenho um... quero poder vir visitar Jesse às vezes. Quero ajudar com dinheiro, entende?

— Jesse não precisa de dinheiro. Graças a Deus, é um garoto rico.

— Olhe, farei o que puder, está bem? Posso ajudar de alguma forma. Quando a hora chegar a gente pensa como vai fazer. E virei vê-lo, na medida do possível.

— Você precisa ligar avisando, quando vier, se é assim que deseja.

— É assim.

— Muito bem.

Ela aproximou as pernas do corpo e forçou a si mesma a formulação da pergunta seguinte, embora não desejasse escutar a resposta.

— E se acontecer o contrário?

— Como assim?

— Se você... se der bem com Jesse. Se ele gostar de você.

Ele riu.

— Acha que isso é possível?

— Só estamos conversando, Billy. Cobrindo todas as possibilidades, certo?

— Certo, Pru.

— Então? O que acontece se tudo correr às mil maravilhas com Jesse?

Ele ergueu uma das mãos, passando-a na cabeleira castanha.

— Mal posso acreditar que você esteja considerando essa possibilidade.

— Não quero considerar — respondeu ela, com sinceridade.

— Nem acredito que aconteça. Mas tudo é possível. Gostaria de saber o que pretende fazer nesse caso. Se o fato de ser pai combinar com você.

— Pru, você me surpreende — declarou ele, fazendo soar como um elogio.

Ela gostou, e tornou-se vulnerável.

— Você ainda não respondeu a pergunta.

— Bem, vamos colocar assim: você não é uma garota muito fácil, mas em compensação procura ser justa.

— Tento ser.

— Pois bem. Se eu der certo com Jesse, ou não, espero que você tente ser justa comigo nessas duas semanas, quando podemos conversar com toda a calma, quanto tempo ele deve passar comigo.

Por algum motivo, Prudence lembrou-se da irmã.

Das duas adolescentes, deitadas no tapete do reboque onde moravam com a mãe, assistindo o show da tarde na televisão.

— Puxa, ela era demais — comentara Randi, referindo-se à Marilyn Monroe.

— Era a melhor. Só que eles a usaram. Pois eles não vão me usar, Pru, espere só para ver.

E ninguém a usara. Não se aproveitaram de Randi Wilding. Randi vencera a todos em seu próprio jogo.

Mesmo assim, ela se fora. Prudence nunca mais a veria.

— Você está bem? — indagava Billy, as sobrancelhas em ângulo de preocupação.

Aquilo não iria acontecer. Billy Jones não provaria ser capaz de criar um filho. Mesmo assim, sentiu que as lágrimas estavam para sair. Quando se dispôs a falar, sentiu um nó na garganta.

— Você é o pai dele. Quero fazer a coisa certa. Uma lágrima escapou e escorregou pelo rosto dela. Billy observou-a, lembrando-se de como ele tinha erguido o copo para fazer um brinde com ela, sobre amar demais Jesse.

Percebeu que não havia nada para se brincar num amor daqueles. Ela amava Jesse o suficiente para fazer o que ela imaginava ser correto para ele, não importando o custo para ela mesma. Billy nunca encontrara um amor tão puro em toda a sua vida.

Pela primeira vez, admitiu conscientemente que o filho não era o único que ele tinha vindo conhecer em North Magdalene.

CAPÍTULO VIII

A caminhonete de entregas parou em frente à casa às nove horas da manhã seguinte. Prudence foi atender à porta e encontrou dois homens, usando camisas da mesma cor, com os dizeres Som Expresso bordado no peito.

— Pois não?

— Entrega para o Sr. Jones. Billy surgiu por trás dela.

— É aqui mesmo. Podem deixar aqui, perto da porta.

Prudence olhou para ele por sobre o ombro.

— O que eles podem deixar aqui, Billy? — indagou Prudence, desconfiada.

Enquanto os carregadores abriam a traseira da caminhonete, Billy encarou-a com olhos inocentes.

— Aparelhos de som, Prudence. Comprei dois. Um para o meu quarto, outro para o resto da casa.

— Som? — repetiu ela baixinho, enquanto o significado penetrava em sua mente.

— Lembra-se de que eu fui fazer compras ontem? Fui até Grass Valley? Você não viu todos aqueles CDs que eu comprei?

— Vi. O que têm eles?

— Bem, onde imaginou que eu pretendia escutar tudo aquilo?

— Que tal o som do seu carro? — sugeriu ela, esperançosa.

— Comprei caixas acústicas extra, para instalar na cozinha e na sala de jantar.

— Billy — começou Prudence em tom paciente.

— Acho que perdemos alguns dos conceitos básicos aqui. Essa é minha casa. Além disso, não preciso nem de um aparelho de som, quanto mais de dois!

— Mas eu...

— Billy, você não pode ir assim...

Ele a afastou da porta, para que os homens não escutassem a conversa.

— Por favor, Pru. Consigo ficar sem a bebida. Mas não me peça para deixar de escutar música. Isso eu não vou conseguir. De jeito nenhum.

— Pare com isso. Não existe alguém viciado em música.

— Existe, sim. Sou um deles.

— Billy...

— Tenho fones. Sem fio. Se você ficar muito irritada, não precisa ouvir. Mas por outro lado, precisamos considerar Jesse.

— Jesse?

— Um vício em música é uma coisa hereditária, não sabia? Pense nisso. O garoto provavelmente já deve ter algum dano nos neurônios por falta de música, coitado. E você nem sabia.

— Pare com isso, Billy.

— Estou falando sério, Pru. Fones de ouvido. Não vou causar problema para você, prometo.

Um dos homens da loja aproximou-se, com uma prancheta e um lápis na mão.

— Sr. Jones?

— Sou eu.

— Assine o recibo de entrega, por favor.

Billy ainda instalava seus aparelhos quando a cama chegou, duas horas depois. Prudence, que de alguma forma acabara ficando por perto e passando ferramentas e peças para ele, olhou através da janela panorâmica sobre o sofá e viu o caminhão de entrega da loja estacionar.

— O que é aquilo? — perguntou ela, sentindo um aperto no coração.

Jesse, que estava sentado sobre uma das embalagens, mastigando um mordedor de borracha, deixou escapar um gritinho e algumas sílabas animadas.

Billy ergueu a cabeça sobre a parte traseira do aparelho que instalava e olhou para fora.

— Ah, deve ser a cama.

— Desculpe, mas deve haver um engano. Não precisamos de nenhuma cama mais.

— Eu sei. Mas Jesse precisa.

Billy parou de lidar com o aparelho de som apenas o suficiente para conduzir os carregadores ao quarto de Jesse. Prudence apanhou o garoto no colo e foi atrás.

— O berço precisa sair — disse ele, arrastando-o para o outro lado do aposento.

Ela permaneceu à porta, com Jesse ao colo, observando e imaginando uma forma de terminar com aquela loucura antes que fosse tarde demais.

Bufando e grunhindo, os carregadores se aproximaram com a cama, feita de metal e pintada de vermelho, com as molas incorporadas. Um móvel bastante sólido. E pesado.

— Vamos, Leroy, vamos buscar o colchão. E o resto. Com licença, madame.

Prudence afastou-se para dar passagem aos dois. Ela permaneceu segurando Jesse e encarando Billy, que olhava para o berço como se fosse queimá-lo ali mesmo.

— Billy, ele não vai ficar na cama. Mal consigo fazê-lo ficar quieto no berço.

— Você tem um sótão, não tem? Ou um porão? Algum lugar onde a gente possa colocar essa coisa até resolver o que fazer com ela.

— Não estou pronta para me desfazer dela. Ele voltou-se para Prudence.

— Jesse está na idade de ter uma cama.

— Não, Billy. Não está.

O garoto inquietava-se no colo, tentando descer. Ela o largou no chão, onde ele dirigiu-se diretamente para aquele móvel enorme e vermelho, no lugar onde costumava ficar seu berço. Passou as duas mãos na perna cilíndrica e olhou para os dois que o observavam.

— Isso mesmo — respondeu Billy, como se o balbuciar dele fizesse sentido.

— Essa é sua cama. Daqui em diante você vai dormir nela,

Jesse colocou a boca contra o metal vermelho. Depois de passar as gengivas ali um pouco, olhou para Billy.

— Não é de comer, mas você vai adorar.

— Billy, não acho que seja uma boa idéia, essa troca.

— Prudence, você precisa relaxar essa disciplina um pouco. Dê espaço para ele crescer.

— Mas ele mal tem um ano de idade, pelo amor de Deus!

— Deixe comigo. Ela o encarou.

— Está bem. Vou deixar com você. Vai ser responsável por colocar Jesse na cama. E certificar-se que ele fica lá. Mas não pretendo dispensar o berço. Pode ser que eu precise dele, depois que você for embora.

— Com licença, madame. Será que alguém podia tirar o garoto dali?

Os carregadores haviam chegado com o colchão, e parte de outro estrado, porém não podiam colocá-lo no lugar.

Billy apanhou o filho no colo. Os homens pousaram o colchão sobre a grade de molas e saíram outra vez.

— Comprei lençóis e cobertores, também. Estão no carro, desde ontem — disse Billy, colocando Jesse no chão outra vez.

— Billy, você não me disse nada sobre essa cama.

— Claro que disse. Muitas vezes. O problema é que você não escutou.

— Você entendeu muito bem. Não me disse que ia sair e comprar a cama.

— Relaxe, sim?

— Odeio quando você diz isso, sabia?

— Tudo vai dar certo, não se preocupe.

— Estou falando sério, Billy. Até você desistir desse monstro e Jesse voltar ao berço, você vai ser responsável por ele na hora de dormir. E também pelos lençóis e cobertores.

— Não se preocupe, sei arrumar a cama.

Nesse instante os dois entraram com outra cama, que se encaixava sobre a primeira. Tratava-se de um beliche. Prudence voltou-se para Billy.

— Você não está pensando em deixar esse menino dormir na parte de cima, está?

— Claro que não. Que tipo de pai pensa que sou? — indagou ele, com ar ofendido. Em seguida reparou na expressão dela.

— Está bem, é melhor não responder isso. A parte de cima é para mais tarde. Quando ele quiser trazer amiguinhos para passar a noite.

— Claro, você só está sendo prevenido.

— Pode apostar que sim.

— Acho que nunca foi prevenido em toda a sua vida.

— Quer ver uma coisa? Jesse, você está pronto, não está?

— Tá! — respondeu o garoto.

Billy suspendeu a montagem de seu equipamento de som naquela tarde para que pudesse montar guarda ao cochilo de Jesse. Tendo visto que Billy realmente pretendia lidar com o

problema que ele mesmo criara, Prudence permaneceu resolutamente de fora. Em pouco tempo Billy se cansaria de passar metade da tarde e as noites certificando-se que Jesse permanecia na cama. Depois o garoto voltaria para o berço, e ela provaria ter razão.

Naquela noite, Billy dormiu na parte superior do beliche.

Na manhã seguinte, enquanto Prudence preparava o café, ele levou o berço para o porão.

— Você vai ter de trazer para cima outra vez — afirmou ela quando ele entrou, à procura do café.

— Vou trazer, não se preocupe. Quando você der ou emprestar para quem precisar dele de verdade — sorriu Billy, servindo-se.

— Deixe ele comer sozinho.

Prudence contou mentalmente até dez.

— Pare com isso. Dê a colher para ele.

Para dizer a verdade, ela lera em algum lugar que muitos bebês são capazes de se alimentarem sozinhos antes de um ano de idade. Talvez ela não encorajasse muito Jesse a progredir. Pelo menos nesse aspecto. Entregou a colher para o sobrinho.

Vinte minutos mais tarde, havia cereal infantil e pedaços de frutas espalhados por toda a cozinha, mas Jesse fizera sua primeira refeição sem auxílio.

Prudence estava trocando a fralda para vestir o garoto e prepará-lo para a igreja, quando Billy sugeriu, por sobre o ombro:

— Você já pensou em ensinar a ele como usar o penico? Eu tinha pensado em comprar para ele um daqueles penicos infantis, com direção, como se fosse um carrinho, já viu? Então quem sabe a gente possa deixar as fraldas e...

— Pare. Depois a gente conversa sobre isso, está bem? Estou de saída para a igreja.

— Ótimo. Então pode deixar Jesse aqui. Você vai mesmo deixá-lo numa creche ou algo parecido, não vai?

— É verdade. Talvez você queira ir à igreja comigo — convidou Prudence, separando uma calça vermelha de brim.

— Claro. E talvez sua amiga Nellie Anderson tomasse um uísque duplo sem gelo.

— Não acredito que Nellie fosse tomar bebidas alcoólicas, Billy — respondeu ela, parando para encará-lo.

— Pois é. Nellie Anderson não bebe. E eu não vou à igreja. Todos temos formas diferentes de divertimento.

— Billy — ralhara Prudence, sem conseguir evitar um sorriso. Sabia que só podia encorajá-lo.

— Tem certeza que consegue cuidar de Jesse sozinho?

— Tenho.

— Alguma vez já trocou uma fralda em sua vida?

— Não se preocupe. Eu dou um jeito. Já vi você fazer isso muitas vezes.

— Nesse caso, está certo.

Ela apanhou Jesse no colo, entregando-o para o pai.

Billy ajustou os suspensórios de Jesse.

— Você vai ficar comigo hoje. Que tal?

— Rá! — respondeu Jesse, sorrindo e babando.

— Teremos uma pequena conversa sobre banheiro, penicos e como usar tudo isso, certo?

Jesse assentiu gravemente.

— Depois vamos conversar sobre como é bom você ser independente e poder se vestir sozinho.

Prudence deixou os dois, atravessando o corredor superior até o próprio quarto, depois ao banheiro, onde tomou banho e aprontou-se para a igreja. Depois de arrumar o cabelo, penteando-o para trás, envergou uma saia cinza e uma blusa branca. Só então se deu conta de que não tinha receio algum de deixar Jesse aos cuidados de Billy.

Três dias antes, quando ele chegara, não confiaria nele nem para colocar o lixo fora de casa, e agora tinha vontade de deixar Jesse com ele. Isso era progresso ou alucinação?

— Minha querida, você está ficando maluca? — perguntou Nellie Anderson.

As duas galgavam os degraus da igreja, logo depois da cerimônia. Nellie perguntara onde estava o pequeno Jesse. Prudence cometera o erro de responder com honestidade.

Nellie ficara ultrajada.

— Será que alguém se deu ao trabalho de contar para você o que ele fez na outra noite? Note bem, no meio da madrugada.

— Eu soube, Nellie.

— Acho que perdi uns dez anos de vida, de tão apavorada que fiquei.

— Sinto muito. Billy, também.

— Não acredito nem por um instante nisso. Homens como ele nunca sentem essas coisas.

Prudence teve bom senso suficiente para não elaborar o assunto do remorso de Billy.

— Você foi muito bondosa ao resolver não prestar queixa.

Nellie grunhiu.

— Preciso ser sincera. Confesso que seria uma opção agradável, mas esta é uma cidade pequena. E está cheia de Jones. A madrastra de meu neto é uma Jones... conhece Evie Riggins? Gosto muito dela. E tem também Dalila, que nasceu Jones como Evie. Dalila é uma das minhas melhores amigas. As mulheres da família Jones tendem a ser gente muito decente. Em compensação, os homens parecem ter parte com o diabo.

— Ora vamos, Nellie. Também não precisa exagerar...

— Exagerar nada. É só dar uma olhada no próprio Ogden Elias. Ele casou com Bathsheba Riley, Deus abençoe sua alma, cerca de quarenta anos atrás, e até eu tenho de admitir que ele provavelmente foi fiel aos votos sagrados do casamento. Quase chego a admirar o velho Ogden por isso, especialmente levando em conta o fato de que nos últimos vinte e oito anos sua devoção foi em relação a uma memória.

— Está vendo?

— Mas colocando de lado essa fidelidade, Ogden Elias ainda significa encrenca, com E maiúsculo. Bebe uísque e fuma charutos, além de jogar por qualquer coisa. Fala alto e não tem a mínima educação quando quer uma coisa. É capaz de praticamente tudo para conseguir.

— Adoro o tio Oggie — declarou Prudence. Nellie fez um gesto, dispensando a observação.

— Tenho certeza que sim. Ogden sabe muito bem ser agradável e charmoso quando isso serve ao seu propósito. Mas a maior parte do tempo ele é como os filhos e aquele sobrinho, um problema ambulante. Encrenca esperando para acontecer. Um verdadeiro tapa no rosto dos cristãos dessas bandas. Não tente me convencer do contrário.

— Você os conhece há pouco tempo. Eu venho tentando me dar bem com eles porque vivo na mesma cidade, só isso — declarou Nellie, fazendo uma pausa para tomar fôlego.

— E aquele Billy é o pior de todos. Por isso não achei boa idéia você deixar seu filho com ele.

Prudence sentiu-se na obrigação de dizer algo em defesa de Billy.

— Nellie, Billy está tentando honestamente aprender a ser pai. Acredito que ele merece apoio e encorajamento para mudar de vida. E um pouco de confiança.

Os olhos de Nellie se estreitaram por um instante. Depois, sem aviso, arregalaram-se.

— Meu Deus!

Prudence quase deu um pulo para trás.

— O que foi? O que aconteceu?

— Agora estou entendendo o que está acontecendo na sua casa.

— Do que está falando, Nellie?

— Não deixe que ele... se aproveite de você. Isso é tudo quanto posso dizer — declarou a mulher mais velha, em tom confidencial.

— Tenha cuidado, e mantenha a cabeça fria.

— Como assim?

— A fama dos Jones com mulheres é famosa. Eu poderia contar várias histórias sobre esse assunto. E aposto a melhor porcelana da minha mãe que esse tal de Billy não é diferente dos outros. Ele pode até ser pior, se eu der crédito às coisas que já escutei.

Prudence não poderia discutir com Nellie naquele ponto. Realmente Billy tinha reputação de mulherengo. Mas não representava um perigo para Prudence pessoalmente.

— Não existe nada entre eu e Billy.

— Ele está hospedado na sua casa, não está?

— Está comigo e Jesse.

— Pois nesse caso, tenha muito cuidado, meu bem. É tudo o que vou dizer. Ele é um Jones e você é uma mulher. Uma mulher muito bonita. Existe alguma coisa nas mulheres bonitas que atraí os Jones...

— Como assim?

— Eles simplesmente não conseguem resistir a uma mulher bonita. Nunca reparou? Todos eles casaram com mulheres bonitas.

— Isso é ruim? — indagou ela, que estava ficando um pouco confusa.

— O que você acha? — perguntou Nellie, encarando-a através do nariz aquilino.

Era hora de terminar a conversa, pensou Prudence.

— Não importa — continuou Nellie.

— Não responda. Mas tenha cuidado com aquele homem. Estou avisando. Se deixar, ele vai brincar com você.

— Com toda a honestidade, não existe nada entre o pai de Jesse e eu.

— Vamos conversar — sugeriu Billy. Prudence baixou seu exemplar de uma revista técnica de contabilidade. Ele encontrava-se sob o arco da sala de jantar, com fones de ouvido na mão. Ela relanceou os olhos pelo relógio sobre a lareira.

— São dez para as oito ainda. Billy colocou uma mão em cada lado do arco e permaneceu ali, tentando parecer alegre e insolente ao mesmo tempo.

— Está impressionada?

— Muito bem. O que você fez? Amarrou seu filho na cama?

Billy olhou para cima, como se procurasse o testemunho celestial.

— Ó mulher de pouca fé.

Retirou as mãos e veio na direção dela. De repente, a aproximação dele a fez ficar pouco à vontade. Mais do que costumava ficar na presença dele.

Billy parou pouco antes de chegar junto a ela e colocou os fones de ouvido sobre a mesa de café entre os dois.

— Então? O que me diz?

— Sobre quê?

— Quer guardar esta revista?

— Não estou entendendo o que você está pretendendo...

— Já disse. Quero conversar.

— Sobre quê?

— Sobre você — respondeu ele, enganchando os polegares no cinto e olhando para ela de forma indefinida.

— O que quer conversar sobre mim?

Billy deixou escapar o ar dos pulmões, num desabafo.

— Está muito silencioso aqui.

— O quê?

Ele voltou-se para o aparelho de som, instalado na parede entre um par de estantes com livros. Pressionou alguns controles e um instante depois a música encheu o aposento. Música suave e sedutora. Com uma voz feminina, rouca e sexy.

— Sarah Vaughan — anunciou ele.

Ela escutou por um instante, encantada.

— Pensei que você fosse um sujeito estritamente de country e rock & roll.

— Não tente me classificar, menina. Ela ergueu as duas mãos.

— Desculpe-me.

Billy acomodou-se no sofá, perto dela. Prudence permaneceu onde estava, deixando uma boa distância entre eles. A revista caiu-lhe no colo.

Ele a apanhou e atirou-a sobre a mesa, ao lado dos fones de ouvido.

— Está com medo de mim, Pru?

— Você me deixa nervosa.

— Por quê?

— Nunca sei o que vai acontecer a seguir. Ele passou o braço pelo encosto do sofá e os dedos roçaram o ombro dela. Um arrepio percorreu sua nuca. Prudence não percebeu se o toque foi intencional ou por acidente.

Então, que tal a igreja hoje? Pergunta como se fizesse alguma diferença para você.

— Pois eu me importo. Ela franziu a testa.

— O que você está pretendendo?

— Conhecer você.

— Você me conhece. Tanto quanto precisa me conhecer.

— Me fale sobre a igreja. Ela deu de ombros.

— O sermão dizia respeito à abundância. Minha Taça Transborda, era chamado. Alguém mencionou que o reverendo Johnson tinha um fraco pelo salmo vinte e três.

— Estou com o reverendo.

— Claro que sim.

— Estou falando sério. Pelo menos no que diz respeito à abundância. Tenho muita fé na abundância. Significa bastante para mim, e isso é bom.

- A não ser que você faça a abundância soar como algo repreensível.
- Me conte mais sobre sua manhã.
- Depois da igreja conversei com Nellie.
- Que infelicidade.
- Ela me avisou sobre você.
- Aposto que sim.
- Ela me contou que todos os homens da família Jones são possuídos pelo diabo, e que você é ainda pior do que os outros.
- Bem, chega de falar de Nellie. Quero saber de você.
- Ela inclinou-se para trás a fim de aumentar a distância entre eles.
- O que quer saber?
- Como começou a trabalhar para sua irmã?
- Podia se afastar só um pouco? Você está ocupando mais do que metade do sofá.
- Tudo bem — concordou Billy, deslocando-se um centímetro ou dois.
- Agora responda.
- O quê?
- Perguntei como começou a trabalhar com sua irmã.
- Ela me pediu.
- Quando foi?
- Acho que uns oito anos atrás. Eu tinha acabado de sair da faculdade, estava ainda no meu primeiro emprego.
- Fazendo o quê?
- Trabalhando numa grande firma de contabilidade. Randi ainda trabalhava no seriado "Eden Beach", na época, começando a fazer sucesso com esse seriado, e tinha uma grande soma em dinheiro. Estava desperdiçando tudo. Pediu que eu cuidasse da administração do dinheiro dela e eu concordei.
- Ela me disse que você estava fazendo um ótimo trabalho.
- Prudence deu de ombros.
- Funcionou bem para nós duas.
- Onde você estudou?
- Na Universidade da Califórnia.
- Randi me disse que ela não frequentou a faculdade.
- Randi sempre soube o que ela queria fazer com a vida dela. Para o que ela queria, não precisava ir à faculdade, só isso. Eu fui.
- Randi me contou que vocês eram pobres quando crianças.
- Isso mesmo.
- Como pôde pagar a faculdade?
- Ganhei algumas bolsas. E trabalhei.
- Prudence... você é admirável, sabia? Como era a mãe de vocês?
- Faminta — respondeu ela, dizendo a primeira palavra que lhe veio à mente.
- Faminta? De que ela tinha fome?
- De amor. De atenção. De alguém que tomasse conta dela. Ela teve um bocado de amantes.
- Perguntou-se por que motivo trocava confidências com ele.
- E seu pai?

— O que tem meu pai? Ele saiu de casa logo depois que Randi nasceu. Simplesmente saiu para trabalhar um dia e nunca mais voltou. Eu tinha três anos na época e mal me lembro dele.

— Depois disso, para sua mãe, os homens iam e vinham, certo?

— Essa informação vai ser utilizada de alguma maneira?

— Pode apostar que sim. Deixe ver se eu entendi bem. Você e sua irmã reagiram de maneira oposta à mesma situação. Randi tomou-se uma deusa do sexo, e você tornou-se...

— Billy, eu detesto quando as pessoas chamam Randi de deusa do sexo.

— Sei que detesta — concordou ele em tom suave.

— Mas isso não muda o fato de que ela era uma deusa do sexo.

Prudence levantou-se.

— Não sei o que está pretendendo essa noite.

— Por favor, não vá — pediu ele, erguendo os olhos para ela.

A expressão era sincera como a de um garoto. E vulnerável.

Ela não deveria fraquejar naquele momento. Afinal, um homem que seduziu tantas mulheres quanto Billy tinha um grande repertório de expressões cativantes.

— Fique. Por favor. Ela permaneceu em pé.

— Agora vou dormir. Se você está chateado, por que não vai até o Buraco na Parede e toma alguma coisa?

O rosto dele ficou lívido, porém o brilho dos olhos deu a impressão de perfurá-la.

Ela compreendeu que não fora muito compreensiva. As palmas das mãos começaram a suar de vergonha.

— Desculpe, eu não tive intenção...

— Coisa nenhuma. Você está querendo que eu estrague tudo, isso sim.

— Claro que não estou.

— Está louca para que eu faça alguma coisa errada, assim pode me mandar embora.

— Não, não é isso o que eu quero.

— Mentira. Mas entenda bem. Não vou estragar tudo. Você não vai se ver livre de mim desse jeito.

Temos um acordo, e pretendo respeitar minha parte. Não importa quantas vezes você me aponte na direção do bar.

— Eu não aponte ninguém na direção do bar — disse ela, sabendo que era mentira.

Ele fez um som de reprovação. Depois apanhou o controle remoto e apontou para o aparelho de som. A música nostálgica cessou. O ruído de uma bateria invadiu a sala. Logo depois um homem começou a cantar com voz rouca.

Billy sorriu, sem parecer amigável.

— É a trilha sonora de Assassinos por Natureza. Fique por perto e vai gostar.

Ela tinha vontade de virar as costas e deixá-lo ali, mas sabia que estava errada. Não conseguiria viver consigo mesma até que tivesse se desculpado de verdade.

— Billy, por favor.

— O que foi?

— Não vou fazer isso outra vez.

— Não vai fazer o quê?

— Tentar me livrar de você mandando-o para o bar.

Ele me deu um longo olhar antes de responder:

— Tudo bem.

Em seguida apanhou os fones de ouvido e colocou-os sobre as orelhas. Apontou o controle para o aparelho e as caixas silenciaram. Billy reclinou-se na poltrona e fechou os olhos.

Prudence observou-o por alguns segundos, os nervos à flor da pele, com vontade de sacudi-lo para que olhasse para ela, afim de poder dizer... o quê?

Não tinha nada para dizer a ele.

Voltou-se e deixou-o ali.

CAPÍTULO IX

Na manhã seguinte, Prudence sentiu-se apreensiva sobre como encarar Billy à hora do café.

Entretanto, quando ele se juntou a ela e a Jesse na cozinha, apresentava disposição amigável. Cumprimentou-a num tom de voz educado e imediatamente se colocou a supervisionar a alimentação de Jesse, seguido depois por uma visita ao banheiro, onde Billy mostrou ao filho como usar a privada.

Assim que o movimento terminou, Billy foi até seu quarto e fechou a porta, o que para Prudence estava ótimo. Ela e Jesse tiveram uma manhã divertida e sem grandes acontecimentos. Jesse brincou com seus brinquedos e Prudence trabalhou um pouco ao computador. De vez em quando escutavam música de violão, vinda da porta fechada do quarto de Billy. Imaginou que ele poderia estar compondo uma música ali. Gostou de pensar que ele faria uma música em sua casa, que seria cantada pelas estrelas mais famosas nos anos vindouros.

Billy saiu do quarto um pouco antes do meio-dia. Almoçaram. Jesse usou parte da refeição para decorar o chão da cozinha, sua cadeira e sua roupa. Enquanto Prudence limpava a bagunça, Billy levou Jesse para o banheiro outra vez, colocando-o na privada. Ela tentou não pensar na possibilidade do garoto cair. Ao invés disso, lembrou a si mesma que o pai estava com ele e certamente iria segurá-lo a tempo. Fazendo o jogo do contente, disse a si mesma para ver as coisas pelo lado positivo: pelo menos Billy não exigira que o filho parasse de usar fraldas. Ainda não.

Pouco tempo depois de completado o ritual do banheiro era chegado o momento da soneca de Jesse. Billy, naturalmente, acompanhou o filho, para evitar que saísse da cama. Depois das duas horas os dois desceram, um pouco amarrotados e despenteados, porém satisfeitos.

Prudence sentiu um aperto no coração ao ver os dois descendo juntos. Realmente eram parecidos. E ocasionalmente ela percebia gestos da irmã em Jesse. Como ao girar a cabeça ou sorrir.

Pouco antes das três horas, Billy resolveu levar Jesse para fazer uma caminhada. O tempo estava encoberto, e havia vento. Prudence começou a aconselhar contra levar a criança para fora no frio e na umidade, porém um olhar do pai lhe disse que seus protestos seriam inúteis.

Contentou-se em insistir que Billy agasalhasse bem o filho. Chegou a apanhar o carrinho.

— Trata-se de uma caminhada, Prudence. Uma caminhada.

Prudence experimentou uma necessidade poderosa de apanhar a lâmpada ao lado da mesa e arrebentar na cabeça de seu hóspede, mas conteve-se.

- Billy, seja razoável. Ele ainda é um bebê.
- Ele já sabe andar, não sabe?
- Você pode terminar pegando ele no colo.
- É problema meu certo?

Os dois saíram alguns minutos depois. Prudence permaneceu na sala, observando através da janela enquanto pai e filho caminhavam. Billy segurava a mão enluvada de Jesse, e quando chegaram ao portão, ela achou que Jesse já estava cansado.

Decidida a não incomodar-se com aquilo, afastou-se da janela. Antes do final do primeiro quarto, Billy seria obrigado a pegar o filho no colo. Voltariam para casa muito antes do que se tivessem seguido seu conselho e levado o carrinho.

- Isso seria ótimo — murmurou para si mesma.

Estava frio lá fora e as nuvens ameaçavam derramar mais chuva a qualquer minuto agora. Quanto antes aqueles dois voltassem, melhor.

Jesse sentou-se na esquina da Rua Prospect com a Rambling Lane.

- Levante, Jesse — insistiu Billy, puxando o filho.
- Ná.

Billy puxou com mais força. Terminou erguendo o filho da calçada, porém mesmo assim ele se recusou a apoiar o peso do corpo nas pernas. O vento refrescara, avermelhando o nariz arrebitado do garoto e fazendo Billy estremecer um pouco dentro de seu casaco de couro. Teve vontade de fazer meia-volta e retornar para casa.

O caso é que, chegando lá, teria de lidar com Prudence. Receberia um daqueles olhares não-diga-que-eu-não-avisei por retornar da forma que ela previra. Podia passar sem aquilo.

Estava mesmo um pouco chateado com ela. A forma como fora desestimulado na noite passada, só porque ele chamara Randi do que ela representara para o mundo. Depois ainda o empurrara para o bar.

- Pá? — chamou Jesse, usando a forma que aprendera no dia anterior.
- Brrrr.

E apertou os braços contra o corpo.

— Eu sei. Está mais frio do que o sorriso do coletor de impostos. Vamos indo — convidou Billy, estendendo os braços para o filho.

Caminhou um pouco pela Rua Principal com Jesse no colo, apertado contra o peito. Não se tratava de uma criança pequena, mas para ele o peso não chegava a representar problema algum. Os bracinhos dele ao redor de seu pescoço produziam uma sensação de calor no coração.

- Acho que só vamos andar até o café da Lily. O que me diz?
- Ili.
- Vamos tomar um belo suco de fruta.
- Futa!

— Isso. Alguma coisa saudável. E quando Pru perguntar mais tarde, podemos dizer que cuidamos das suas necessidades nutricionais direitinho.

- Pú?
- Isso mesmo, Pú. Ela é uma chata, mas não vamos ligar para isso, certo?
- Éto, pá.

Billy voltou pela Rua Principal, caminhando na direção do café. Jesse apoiou a cabeça contra o pescoço dele e suspirou. Um calor afetuoso esquentou-lhe o peito, reconhecendo pela primeira vez que ser pai era trabalhoso, mas tinha seus momentos de compensação.

Ele estava se sentindo tão bem que deixou passar a chance de provocar suas duas velhas conhecidas, Nellie e Linda Lou, que fizeram um muxoxo quando passaram por eles, pouco além da oficina local.

Jesse apertou-se contra ele. O vento continuava esfriando. Billy começou a andar mais depressa, na esperança que seu filho não terminasse resfriado, o que lhe valeria mais uma reprimenda de Prudence.

Estavam se aproximando da loja de Evie Riggins quando escutaram o grito. Sobressaltado, Jesse ergueu a cabeça.

— Da?

Em poucos instantes uma cadeira saiu voando através da janela do Buraco na Parede. Jesse virou a cabeça na direção do estardalhaço.

Os gritos vinham do bar, além de sons de móveis se arrebatando. Mais uma cadeira passou através da janela, espatifando-se na calçada.

Nesse instante Jared Jones passou de cabeça pelas portas basculantes. Caiu na calçada, com o rosto para cima. Depois disso, não se moveu mais. Eden cruzou as portas à procura do marido. Quando o viu deitado ali deu um grito e caiu de joelhos ao lado dele.

Além da janela arrebatada do bar, os ruídos de coisas quebradas continuaram.

Nesse instante Evie Riggins colocou a cabeça para fora da loja.

— O que aconteceu? Devo chamar Jack? — Billy deve ter franzido a testa, porque ela começou a explicar:

— Jack Roper, o marido de Olívia, que trabalha...

— Não precisa explicar. Já sei quem é Jack.

— E então? Devo chamá-lo?

— Acho que sim. E a ambulância também. Pode segurar meu filho um instante? Acho que precisam de ajuda aí na frente. Obrigado.

Evie estendeu os braços e Billy passou Jesse para ela.

Atravessou a rua correndo e parou ao lado de Jared exatamente no instante em que ele começava a gemer.

— Como está ele?

— Acho que está voltando a si — respondeu Eden.

— Evie está chamando a ambulância.

— Ótimo.

Mais pedaços de madeira passaram pela janela. Algo atingiu a porta. Com força. Balançando a cabeça, Billy avançou.

— Tenha cuidado — avisou Eden.

Billy empurrou as portas. No interior reparou na mobília quebrada, espalhada por todo o lado... e em Sam Fletcher, encurralando Oggie na direção do canto onde ficava o piano.

Oggie tinha ambas as mãos erguidas, num gesto de paz. Pela primeira vez desde que o conheceu, Billy notou uma expressão de preocupação no rosto do tio.

— Espere um pouco, Sam. Vamos com calma...

— Vou matar você. Vou torcer seu pescoço como se fosse uma galinha. Vou...

— Sam! — chamou Billy.

Sam não deu mostras de ter escutado. Apanhou o velho pelos suspensórios vermelhos e ergueu-o do chão como se fosse um pedaço de salame. Então começou a sacudi-lo. A cabeça de Oggie chacoalhava como um daqueles cãezinhos que se coloca em carros. Sons de dar pena saíam de sua boca.

Com um suspiro, Billy agarrou uma cadeira. Moveu-se devagar para trás de Sam e bateu forte entre os ombros do agressor de seu tio. A cadeira espatifou-se.

Sam grunhiu... e largou Oggie. Voltou-se para Billy.

Billy ergueu as duas mãos.

— Escute, deixe eu explicar. Eu só estava tentando atrair sua atenç...

Foi interrompido por um cruzado rápido de direita, seguido por um gancho de esquerda, que lhe acertou o queixo. Depois, sentiu-se erguido no ar e atirado do outro lado do aposento.

Billy aterrissou contra o balcão, com força. Um amortecimento tomou conta da parte inferior de suas costas, onde o impacto se dera. Não sentia a mandíbula e a sala dava a impressão de girar em círculos rápidos.

Entretanto, Oggie conseguira escapar do canto. No momento ele recuava e se desviava, sempre falando. Entre suplicar e argumentar com Sam, não conseguia impedir-lhe o avanço silencioso e determinado, atirando cadeiras e mesas para fora de seu caminho à medida que Oggie as deixava na passagem.

Billy sabia que precisava fazer alguma coisa, e depressa. Bufando pelo esforço realizado, pôs-se de pé... e dirigiu-se para os fundos do armazém.

Descobriu logo o que precisava, graças a Deus. Um grande jarro de cerejas ao marrasquino. Apanhou-o e voltou ao bar, onde a sorte continuou a lhe sorrir. Sam estava de costas para ele, ocupado erguendo Oggie pelos suspensórios outra vez.

Billy aproximou-se, levantando a garrafa de pescoço comprido... e vibrou com ela um tremendo golpe no centro da cabeça de Sam. O jarro espatifou-se, atirando cerejas vermelhas e licor para todos os lados.

Sam imobilizou-se, soltando Oggie, que escorregou pela parede. Sam começou a virar-se. Billy percebeu que era um homem morto.

O homenzarrão virou-se, os dois olhos azuis vidrados em seu agressor.

E foi tudo o que conseguiu fazer antes de desabar. Simplesmente caiu no assoalho, produzindo um estrondo semelhante a um pequeno trovão.

Oggie e Billy olharam um para o outro. Ao longe, uma sirene se aproximava.

Prudence escutou a sirene também. Dera a impressão de vir dos lados da Rua Principal. Quase saiu para investigar. Mas então a sirene cessou e ela disse a si mesma que não era nada.

Por volta das cinco horas, Billy e Jesse ainda não tinham voltado, e começou a chover. Prudence já lavara toda a roupa, o chão da cozinha e trabalhado ao computador. Estava preocupada. Fazia duas horas que ambos tinham saído e ainda nem sinal deles. O que poderiam estar fazendo?

Muitas coisas, respondeu a si mesma. Numa cidade pequena tão cheia de Jones, Billy poderia ter encontrado refúgio num bom número de casas.

Por outro lado, ele não tinha levado uma fralda extra. Jesse certamente já estaria precisando trocar sua fralda a uma hora daquelas. Ele já estava com um começo de assadura, e permanecer com a fralda só iria piorar a irritação da pele. Se Billy tivesse a ousadia de colocar Jesse na privada de um banheiro público, Prudence seria capaz de comprar uma arma e atirar no sujeito.

Além disso, Jesse geralmente comia frutas ou bolachas por volta das quatro horas da tarde. Já passava das quatro. Teria Billy dado alguma coisa a ele? Se tivesse, seria comida adequada e saudável? Ela podia enxergar Billy, oferecendo refrigerante e doces em vez de comida com valor alimentício.

Estava outra vez olhando pela janela, tentando decidir se telefonava ou não para algumas pessoas, quando uma perua de cor clara estacionou em frente ao portão. Prudence reconheceu o veículo imediatamente; pertencia a Evie Riggins.

Evie saiu, deu a volta e apanhou Jesse no banco traseiro. Prudence abriu a porta enquanto Evie subia os degraus da varanda, com pressa para sair da chuva.

— Ele precisa ser trocado — anunciou Evie, passando Jesse para Prudence.

— Geralmente eu levo algumas fraldas para a loja, mas são pequenas, para o tamanho de Stephen.

Stephen era seu filho, e tinha cerca de um mês e meio de idade.

— Onde está Billy?

— É uma longa história — disse Evie, suspirando.

— Então conte — pediu Prudence, beijando a bochecha molhada de chuva.

— Vou contar, meu bem. Daqui a pouco. Mas antes preciso voltar para a loja, porque deixei Tawny lá com Stephen — explicou Evie, mencionando a cunhada.

— E não é justo pedir para ela tomar conta da loja e do bebê.

— Você não ouse sair até me contar alguma coisa sobre o que aconteceu — exigiu Prudence, falando sobre o ombro.

— Billy vai chegar daqui a pouco. Ele vai explicar tudo. Eu tenho de...

Embora Jesse estivesse se remexendo em seu colo, Prudence voltou-se para Evie mais uma vez.

— Quer fazer o favor de me resumir o que aconteceu?

Antes de falar, Evie negou com a cabeça. Depois mudou de idéia.

— Está bem. Sam ficou bravo com Oggie e foi atrás dele no Buraco na Parede. Jared se meteu. Sam acertou Jared com uma garrafada, depois jogou ele na calçada.

Prudence pensou na sirene que escutara há pouco. A ambulância devia ter vindo buscar Jared.

— Jared está bem?

— Vai ficar ótimo, depois que a cabeça desinchar e passar a dor.

— Mas por que Sam ficou tão zangado com Oggie?

— É uma história comprida. E agora preciso ir de verdade.

— O que Billy tem a ver com tudo isso?

— Ele e Jesse estavam passeando pela Rua Principal quando começou a confusão, portanto ele acabou se metendo, também.

— Ele...

— Ele está ótimo.

Prudence percebeu que Evie olhava para ela com ar de urgência.

— Está bem, pode ir. Muito obrigada por cuidar de Jesse.

— Fiquei contente em fazer isso. E Billy sabe a história toda. Assim que ele sair da cadeia, vai contar tudo.

— Ele está na cadeia?

— Calma, não é nada sério. Jack só colocou ele e Sam numa cela até verificar a história com Eden e ver se ela não quer prestar queixa.

— Prestar queixa?

— Prudence...

— Já sei, já sei. Você precisa ir.

Antes que Jack Roper trancafiasse Billy e Sam na pequena cela da Delegacia de North Magdalene, permitiu que ambos se limpassem um pouco.

— Obrigado — disse Billy, enquanto retirava o licor de cerejas do rosto e do pescoço.

— De nada.

Sam não disse nada. Lavou-se e entrou na cela.

Havia apenas dois catres no aposento, um em cada parede. Sam ocupou um deles, de forma a ficar de frente para a parede do fundo, onde havia uma pequena grade no alto. Fechou os olhos e não disse mais nada. Billy permaneceu no centro da cela, depois dirigiu-se à outra cama, esticando o corpo nela. Reclamou um pouco em virtude da dor nas costas.

Quinze minutos transcorreram, depois a porta exterior abriu-se. Billy sentou-se na esperança que fosse Jack, para dizer que Eden ia deixá-los ir embora.

Porém ao invés de Jack, era Oggie.

Lentamente, com expressão desesperada, Oggie aproximou-se da cela. Quando chegou ali, permaneceu por instante contra as grades, como se a presença delas o surpreendesse. Olhou para Sam, esperando que o outro se virasse. Porém o genro não se moveu.

— Sam? Quer falar comigo, por favor? Ele não deu sinal de ter escutado. Oggie pigarreou.

— Bem, só vim aqui para me despedir. Só fiz e disse o que pensei ser certo. Para você e para Dalila. Porque ela é minha carne e você é como se fosse também — disse ele, com voz apagada.

Esperou alguma manifestação por parte de Sam. Nada aconteceu.

— Bem, sei que estive errado. Falei coisas que não devia. Por isso peço sinceramente desculpas — continuou ele, fazendo nova pausa para que o outro se manifestasse.

— Só vim para dizer que vou sair da cidade, com destino desconhecido. Não sei dizer quando vou voltar. Nem se vou voltar, para dizer a verdade.

Sam permanecia imóvel, como uma estátua de pedra. Oggie suspirou e olhou para Billy.

— Até logo. Você cuide de nossa Prudence e daquele seu menino.

Embora duvidasse seriamente que ela aceitasse algo parecido, Billy assentiu da mesma forma. Aprendera essa lição com Oggie. Nunca valia a pena no final.

Com os ombros caídos e passos pesados, o velho partiu.

Depois que a porta se fechou, Sam voltou-se para o outro lado, encarando a frente da cela. Apoiou a cabeça no bloco de cimento e deixou escapar um grunhido longo e triste.

— Você está bem? — indagou Billy. Sam deu de ombros.

— Não importa. Nada importa. Não mais... Billy pressentiu que Sam estava com vontade de desabafar. E por que não, pensou ele, já que tinham tanto tempo disponível?

— Me conte o que aconteceu. Sam ergueu a cabeça para encarar Billy.

— Você quer saber mesmo? Billy assentiu. Foi tudo o que precisou. Sam tomou fôlego e começou sua narrativa.

CAPÍTULO X

Às dez para as sete, Billy entrou no banheiro do andar de cima, onde Prudence dava banho em Jesse. Ela gritou quando olhou por sobre o ombro e deu com ele apoiado à porta do corredor, de óculos escuros e chapéu de caubói feito de palha. A camisa e a calça estavam manchados com algum líquido cor-de-rosa.

— Billy! Você me assustou.

Ele sorriu seu melhor sorriso assassino. Tinha um belo esfolado no queixo e um corte no lábio inchado.

— Achei meu chapéu. E meus óculos — anunciou ele.

— Bem... que ótimo — comentou ela, percebendo que na verdade nem sabia que ele os tinha perdido.

Na banheira, Jesse balançava-se para cima e para baixo, cantando e batendo palmas.

Billy entrou no banheiro. Tirou o chapéu e os óculos e colocou-os sobre a pia. Além das feridas que ela vira, ele ostentava um curativo na testa e um galo respeitável próximo ao olho. Sem os óculos, ela reparou que os dois olhos pareciam claros e brilhantes.

Ele não bebera.

Prudence só então percebeu que esse era o fato que a preocupara, no subconsciente, a tarde inteira. Ela temia que ele pudesse aparecer bêbado, obrigando-a a cumprir a decisão de mandá-lo embora. Porém lá estava ele, sóbrio, fazendo o possível para respeitar o acordo.

— Já sei — disse ele.

— Estou péssimo. Mas Jared está pior, segundo o que ouvi dizer.

— E Oggie?

— Nem um arranhão.

— Evie me contou uma parte do que aconteceu, quando ela veio trazer Jesse. Alguém ficou ferido gravemente?

— Além do coração de Sam, ninguém saiu mal.

— Como assim, o coração de Sam?

— Dalila saiu de casa. Prudence assobiou.

— Mas por quê?

Ela não conhecia intimamente o casal, mas Oggie sempre afirmava que cada um de seus filhos era muito bem casado, e para sempre.

— O idiota...

Ajoelhou ao lado de Prudence e jogou um pouco de água em Jesse. O garoto gritou, participando. Ela observou os dois. Billy cheirava a suor e algo doce, um odor forte e deslocado. Não conseguiu definir exatamente o que fosse.

Os risos de Jesse pararam. Ele olhava atentamente o rosto do pai.

— Dodói.

Estendeu a mão para tocar o queixo de Billy.

— Pode apostar. Um monte de dodóis — confirmou ele, rindo.

Enrolou as mangas e procurou o sabonete na água.

— Mas o papai é durão. Agora vamos terminar esse banho.

Prudence observou-o por um instante, reparando que apesar de tão machucado ele parecia contente consigo mesmo. Jesse bateu as pernas, molhando o pai e rindo com gosto. Prudence ergueu-se na ponta dos pés e recuou.

Os dois pararam as recreações aquáticas e ergueram os olhos para ela.

— Puú?

— Onde vai?

— Acho que vocês dois podem cuidar disso sozinhos.

Ele a encontrou na sala de estar depois de colocar Jesse na cama.

— Sete e cinquenta e nove — comentou ela, observando o relógio.

— Acho que deve ser um novo recorde.

Ele permaneceu atrás da mesa de café, no centro da sala.

— Estou cheirando como um cavalo suado. Bem que poderia tomar um banho de chuveiro.

Ela ficou vermelha, como se ele tivesse feito algum comentário muito íntimo.

— Bem, eu...

— Se eu tomar banho depressa, você ainda vai estar aqui para a gente conversar?

— Claro. Pode ir tomar seu banho.

Ele retomou em dez minutos, com o cabelo ainda molhado, usando um par de jeans limpos e uma camisa branca e macia, com as mangas enroladas. O curativo da testa já não estava mais ali.

— Que corte feio — comentou ela, ao observar-lhe o ferimento.

— Não foi nada.

Billy caminhou até o aparelho de som e colocou um CD no prato. Um trio clássico, com piano, contrabaixo e bateria, tocava jazz ritmado e suave. Depois sentou-se no sofá, mais afastado do que no dia anterior, mas ainda assim perto o suficiente para que ela sentisse o aroma de pele lavada e limpa.

Ele era mesmo um homem atraente. Atraente no sentido de ser alguém que se sentia perfeitamente à vontade com seu corpo físico. Talvez isso fosse o que Randi e as outras mulheres procurassem nele. A naturalidade. A capacidade de viver apenas o momento. Ele fazia exatamente o que desejava, e apreciava cada segundo.

Billy sorria para ela.

— O que foi? Estou com sabão no nariz ou coisa parecida?

Só então ela se deu conta de que o observava abertamente, e riu. Uma gargalhada curta e nervosa.

— Não. Claro que não. Só estou... ansiosa para saber o que aconteceu.

— Você poderia ter ligado para Eden e conseguido a história completa com ela — observou Billy, ainda sorrindo de forma estranha.

— Sei disso, mas não quis incomodar. Com Jared machucado e toda aquela confusão por lá, achei que ela não precisava de um telefonema para saber o que aconteceu. Além do mais, eu sabia que podia perguntar a você, assim que chegasse em casa. Portanto... o que aconteceu?

— Bem, como eu disse, Dalila deixou Sam. Acho que as coisas andavam bem ruins entre os dois, ultimamente.

— Por quê?

— Eles queriam um filho.

— Mas não podem ter — completou Prudence.

— Para dizer a verdade, não sei se não podem ter um. Simplesmente não está acontecendo mais. Sam diz que foram à duas clínicas especializadas em fertilidade. Ele diz que não contaria nem a outro homem as coisas pelas quais passaram, lá... ou o que ele e Dalila passaram em casa. Fazer amor à base do termômetro, como ele diz.

— Foi Sam quem contou tudo isso para você?

— Foi. Enquanto a gente estava esperando na cadeia. O problema é que os médicos não acharam nada de errado com Sam nem com Dalila, mas ela não consegue ficar grávida e os dois estão na casa dos quarenta agora. O casamento deles ficou em tensão constante. Especialmente numa cidade pequena como essa, onde muitas pessoas prestam atenção aos problemas alheios. Sam me disse que no último ano chegou perto do intolerável. Dalila não podia caminhar pela Rua Principal sem que alguém a parasse para perguntar quando ela e Sam iriam produzir um pequeno para alegrar a casa.

— Posso imaginar como deve ser difícil.

— É. E no caso de que não tenha notado, as outras mulheres Jones têm pelo menos um filho cada uma. Muitas têm mais de um. Sam disse que até a mulher de Jack está grávida agora.

— É. Olívia diz que ela está de quatro meses.

— Segundo Sam, esse é outro ponto de frustração para Dalila. Até que a esposa de Jack ficasse grávida, pelo menos havia outro casal sem filhos na família. Porém logo que Olívia tiver seu filho, Sam e Dalila serão os únicos.

— Isso sim, seria difícil de aguentar — comentou Prudence.

— Sam me disse que eles se sentem como um par de aberrações.

— Ah, não...

— É, sim. Sabe, quando se pensa sobre o assunto, o número de bebês na família Jones é uma coisa muito estranha.

— Bem, não sei se chega a ser estranha. Quero dizer, as pessoas se casam e têm seus filhos. É o processo natural.

— Certo. É natural. Mas não para Sam e Dalila, com certeza. E isso os estava tomando infelizes. Além disso, Oggie mora com eles. E Oggie quer netos.

— Mas ele já tem netos.

— Você conhece Oggie. Ele nunca está satisfeito com bastante se puder ter muito mais. Evidentemente ele andava fazendo comentários nada agradáveis sobre Dalila e a situação dela.

— Eu gosto do tio Oggie, mas ele pode ser inconsequente às vezes.

— Impiedoso, para dizer de uma forma branda.

— A intenção dele é boa.

— A intenção dele é conseguir o que quer. Bem, de qualquer jeito ele anda fazendo esse tipo de observações para Dalila, e ainda há essa nova balconista que Sam contratou. É jovem e bonita. E anda arrastando a asa para o lado do Sam.

— Mas ele não...

— Não, diz que não. O problema é que Dalila anda insegura ultimamente...

— E ver uma mulher jovem dando em cima do marido foi a gota d'água — completou Prudence.

— Certo.

— Então ela o deixou.

— Isso. Evidentemente ela deve ter passado na loja de Sam durante a tarde e deve ter encontrado o marido numa conversa amistosa com a balconista.

— Amistosa? O que você quer dizer?

— Sam diz que não foi nada na verdade. Que ele e Sharlee, que é o nome da balconista, estavam apenas olhando juntos alguns catálogos, rindo e conversando. Dalila ficou com a impressão errada. Mas ela explodiu e fez uma cena. Sam a seguiu até a casa e a encontrou fazendo as malas. Tentou argumentar com ela, mas ela não quis saber. Disse a Sam que Oggie a tinha prevenido sobre Sharlee, tinha dito que ela ia perder o marido se não tomasse cuidado, e agora sabia que Oggie estava certo. Acusou Sam de trair seus votos de casamento. Depois saiu.

— Para onde?

— Ela alugou um quarto no motel. E Sam enlouqueceu com tudo isso. Saiu correndo atrás de Oggie, o que não me surpreende nem um pouco. Sabia que o velho mora com eles praticamente por toda a vida de casados? Fiquei pensando que se morasse com ele meia hora, terminaria com ímpetos de esganar meu tio.

— Mas Sam chegou a machucar Oggie?

— Claro que não. O velho tem mais vidas do que um gato preto. Jared se meteu entre eles, e acabou com a cabeça rachada. Logo depois eu cheguei. Até então, Oggie só tinha fugido e se desviado. De alguma forma conseguiu ficar intocado. Quando eu cheguei lá, Sam me deu um par de socos no rosto e me atirou do outro lado do bar. Foi só então que eu percebi como o assunto era sério.

Billy continuou, narrando o episódio com a garrafa de cerejas ao marrasquino, que pusera fim à fúria de Sam.

— Pobre Sam. Você o levou para a clínica, também?

— Não. Ele recusou ajuda médica. Já estava bastante deprimido. Disse que terminaria em coma ou algo parecido, a não ser que Dalila viesse e se sentasse ao lado dele. Jack nos deixou um pouco na cadeia, e Oggie veio se despedir.

— Despedir? — fez Prudence, sem saber se escutara direito.

— Isso mesmo. Foi até um pouco triste. Sam não chegou a olhar para ele, enquanto o velho se desculpava. Depois disse que estava partindo, talvez para não voltar mais.

— Não! Você acha que ele partiu para sempre?

— Claro que não — respondeu Billy, com um sorriso.

— Ele vai voltar. Ele se chama Oggie Jones e essa é a cidade dele. Vou dizer uma coisa, Pru. É uma família complicada essa que eu arranjei por aqui. E no final, Rocky chegou quando eu estava na cela para me entregar o chapéu e os óculos escuros.

— Os que você perdeu, eu presumo.

— Isso mesmo.

— E quem é, se posso perguntar, esse Rocky?

— Rocky Collins é como se fosse uma rachadura no Buraco na Parede. Acho que na primeira noite em que estive na cidade deixei lá. Lembra-se daquela noite?

Como se ela pudesse esquecer.

— Então, essa é toda a história?

— É.

— Onde está Sam agora?

— Em casa. Sozinho.

— E Oggie saiu mesmo da cidade?

— Ele pegou o Eldorado e partiu. Provavelmente para Tahoe ou Reno. Ele gosta de ir aos dois lugares e jogar, pelo que ouvi dizer.

— E Dalila?

— Ela ainda está no motel — informou Billy. Parecia triste aquela situação. Dalila no motel e Sam em casa, os dois sozinhos.

— Acho que eles bem que poderiam conversar e resolver essa situação, não acha?

— Quem sabe?

Repentinamente o ar deu a impressão de ficar pesado.

— E você foi o herói do dia, então? — comentou ela, colocando a mão sobre o braço dele.

— Você e o seu belo e robusto jarro de cerejas ao marrasquino.

Antes mesmo de terminar a sentença, reconheceu seu erro.

Os olhos dele se alteraram. Ela percebeu o calor que havia no corpo dele. Ao mesmo tempo, sentiu como se todo o ar tivesse saído de seus pulmões. O tamborilar da chuva no telhado parecia abafar os outros ruídos. Os olhos de Billy deram a impressão de envolver a ela numa luz suave e cálida.

Com extremo cuidado, Prudence retirou sua mão. Sentaram-se ali por um instante, escutando a chuva e a sofisticada música do trio de jazz.

— Por que você se esconde atrás desses óculos, Prudence?

Quantas vezes ele perguntara a mesma coisa? Várias. A cada oportunidade, ela se sentia invadida. Ofendida. Assustada.

Porque era verdade.

— Me diga por quê.

Automaticamente ela pensou na mãe, no banheiro, aplicando maquiagem e gastando horas para arrumar o cabelo. Pensou em todos os namorados da mãe, que já começavam a espichar um olho para Randi quando a irmã ainda era adolescente. Então pensou nela mesma. Escondendo-se, é verdade, atrás dos óculos, com o cabelo tão puxado para trás que chegava a doer. Contudo, a salvo dos olhos cúpidos dos homens.

— Vamos lá — incentivou Billy.

— Não deve ser tão difícil.

Prudence ergueu os olhos, perguntando-se em que momento passara a gostar dele. Lembrou a si mesma que ele era Bad Billy Jones, um encenqueiro, sedutor de mulheres, sem controle e impossível de ser domado.

— Vamos... fale comigo.

— Existe um jogo que as mulheres jogam — confessou ela, hesitante.

— Um jogo?

— Para os homens.

— Um jogo para os homens que as mulheres jogam?

— Não. Estou querendo dizer que as mulheres usam esse jogo para atrair homens. Elas se vestem de forma provocante e se comportam ainda mais ousadamente. Quando a mulher joga esse jogo, dirige toda a energia para os homens, para agradar os homens. Para fazer com que os homens as desejem. Minha mãe era praticante desse jogo. Jogou a vida inteira. Randi... era mestra nele. Mas ao final acredito que era o jogo que a controlava. Ao final, quando as pessoas olhavam para ela não enxergavam a bela pessoa que ela era. Apenas enxergavam a fachada do jogo.

— Talvez esse fosse o desejo dela.

— Não acredito muito nisso. Acho que ela simplesmente queria mais. Mas não sabia como conseguir. Ficou presa às regras do jogo, como acontece com a maioria das mulheres.

— E quanto a você, Prudence?

— Já disse. Sou apenas alguém que não deseja participar desse jogo. Quero viver minha vida com dignidade. Quero um trabalho compensador e quero ter bons amigos. Para fazer a coisa certa pelo filhinho da minha irmã. Será que é pedir muito?

— Não — sussurrou ele, em tom terno.

— Não é muito. Nada é muito. Se existe algum problema, devo dizer que não é o suficiente.

— É o suficiente.

— Mas... e se você puder ter mais do que isso? Não iria querer mais?

— Não.

— Prudence... Mais é sempre melhor do que o suficiente. E todos querem mais, não importa o que digam.

— Eu, não — protestou ela.

— Não acredito nisso — afirmou Billy e foi se aproximando dela.

Ela enrijeceu as costas e endureceu as feições.

— Você está me empurrando, Billy.

— É verdade — admitiu ele, aproximando-se ainda mais.

— É um fato, sabia? Estou à sua vista e na sua vida.

— Afaste-se de mim.

O tom foi ríspido. Billy resolveu obedecer.

Retirou-se outra vez para sua metade do sofá. Quando chegou lá, começou a olhar para ela de uma forma que a fez estremecer.

Prudence cruzou as mãos no colo e baixou a cabeça. Lembrava a imagem de Nellie Anderson, recitando seus conselhos em tom de mexerico: Cuidado com esses Jones. Não podem ver uma mulher bonita.

— O que você está tentando fazer, Billy? — indagou ela, optando pela honestidade como forma de lidar com o problema.

— O que acha que estou tentando fazer?

— Se eu dissesse, você daria risada de mim — afirmou ela, arrumando o cabelo.

— Conte assim mesmo.

— Se você continuar perguntando, vou contar mesmo.

— Ótimo. Gostaria muito de saber. Prudence usou todo o seu controle para forçar-se a encarar os olhos verdes e irônicos.

— Acho que você está tentando me seduzir. Aquilo o deixou calado. Por um minuto, pelo menos. De repente ele atirou a cabeça para trás e riu.

Uma gargalhada profunda e sincera. Prudence aguardou, vermelha.

Quando terminou ele lhe lançou um olhar longo e insolente, provocando arrepios que se iniciaram na ponta dos pés e subiram pela espinha.

— Então eu quero seduzir você, é?

— Acredito que esteja tentando me seduzir. Estou errada?

Ele fingiu considerar profundamente o pensamento, exagerando nas expressões faciais, com certo cuidado, por causa dos machucados pelo rosto. Ela chegou a ter vontade de repetir a pergunta, de ansiedade. Quando estava a ponto de perder a paciência, ele falou:

— Não, Prudence. Eu diria que você acaba de atingir em cheio o alvo.

CAPÍTULO XI

Uma vez que as palavras saíram de sua boca, Billy Jones ficou surpreso por tê-las pronunciado. Afinal, ele mesmo só conseguira concatenar tudo um minuto atrás. Ela perguntara se ele a estava tentando seduzir. Para ele, uma cena semelhante àqueles desenhos animados, quando a lâmpada se acende sobre a cabeça de um dos personagens. Ele queria se envolver com Prudence. Queria tirar os óculos dela e soltar aqueles cabelos rubros. Queria ficar nu com ela. Queria fazer isso o mais rápido possível, porque o mais rápido possível era a forma como sempre queria as coisas. Todas aquelas preliminares o irritavam.

— Onde está o maldito controle remoto?

— Bem aqui.

Prudence apanhou o dispositivo sobre a mesa de café e passou-o para ele. Ele apontou para o aparelho de som e a música parou. Apenas o ruído da chuva preencheu o silêncio entre eles.

— Então, o que me diz? — perguntou ele, atirando o controle remoto sobre a poltrona distante. Sentia-se impaciente, pois ela não parecia a ponto de atirar-se em seus braços.

— Você não quer ser seduzida?

— Billy... — exclamou ela, exasperada. Ele respirou fundo.

— Billy, o quê?

Aquela mulher definitivamente o irritava.

— Pensei que tinha explicado tudo direito para você. Não quero jogar todos aqueles jogos.

A chuva começou a incomodar Billy, a forma como batia em rajadas, aumentando e diminuindo de volume. Sem nenhuma mudança no ritmo, como ondas constantes a atingir-lhe os nervos.

— Billy, está ouvindo o que estou dizendo?

— Quem desligou a música?

— Você.

— Onde está... — começou ele, interrompendo-se ao deparar com o controle sobre a poltrona.

Agarrou-o e apontou para o som. Daquela vez, algo mais ritmado, como o acordeom que começou a tocar. A música abafou a chuva.

Ela o observava, com um sorriso estranho.

— Pode ser divertido, sabia?

— Divertido?

— Isso, mesmo, divertido. Você é uma mulher, eu sou homem; os dois somos solteiros. Somos completamente livres de compromissos, por isso nenhum dos dois vai se machucar.

— Mas se eu acabei de dizer que...

— Espere — interrompeu ele, erguendo as mãos.

— Não diga nada. Só escute.

— Isso é loucura.

— Não. Não é loucura nenhuma. É natural. É bom. Você não quer mais jogar? Ótimo, também não quero. Você pode ser... apenas você mesma. Não quero que se vista de outra forma, nem que pinte o rosto. É verdade que eu não me importaria se usasse o cabelo solto e trocasse o modelo dos óculos. Mesmo que você não faça essas pequenas concessões, sou obrigado a admitir que tenho uma queda por você. Você mexe comigo. Você... me irrita. Mas de uma forma diferente. Que tal ir até o final com isso? Agora mesmo seria ótimo. Ela continuou olhando para ele.

— Por que a surpresa, Pru?

— Acho melhor você procurar uma outra qualquer. Ele tentou permanecer controlado e paciente, embora a paciência não fosse uma das atitudes mentais que ele praticasse.

— Não é isso o que estou querendo dizer. Qualquer uma não serve, não entende? Já fiz esse tipo de coisa, e não resolve. Cansa. É impossível. É você. Você mexe comigo. Pensei que fosse porque eu a odiava. Mas agora vejo que era apenas atração. Que eu estava lutando contra esse sentimento. E isso é uma coisa estúpida para se fazer. Quero dizer, por que lutar contra? Por que não ir adiante e ver o que acontece?

— Billy, não quero ter um caso com você. Talvez a música fosse alegre e ritmada demais para o momento, pensou Billy, colocando uma música romântica de Elvis, Love Me Tender.

— Billy, está me ouvindo?

— Estou, Pru. Acho que está me dizendo que esta noite não quer, certo?

— Nem esta noite, nem nunca — afirmou ela, com os olhos abertos e o rosto corado.

Algumas mechas de cabelo haviam escapado ao controle do penteado austero e caíam sobre a fronte e as têmporas.

— Estou com vontade de beijar você. Talvez a gente pudesse começar assim. Com um beijo — sugeriu ele, esperançoso.

— Não.

Ele usou o controle remoto outra vez. Em resposta, o silêncio. No tamborilar constante da chuva ele teve tempo para pensar.

— Você está me dizendo não.

— Finalmente você entendeu. É exatamente isso que estou dizendo.

— Não apenas para esta noite. Para sempre. Ponto final.

— Exatamente.

— Isso pode criar certa tensão entre nós. Ela ergueu-se e levantou as mãos.

— Tensão? Já existe tensão. Acha que é fácil para mim hospedar você aqui?

Billy reclinou-se na poltrona e considerou o que ela dissera.

— Para dizer a verdade, nunca pensei em como é para você conviver comigo.

— Tenho certeza que não. Você nunca pensa. Simplesmente... vai e faz. Age de acordo com seus apetites. Você sente uma coceira e já está esfregando. Nunca pensa nas consequências. Amanhã seguinte não existe para você. Para você é sempre a noite anterior!

Ele segurou-lhe as mãos, que faziam gestos, agitadas.

— Prudence.

— Não faça isso — gritou ela, tentando libertar-se. Ele continuou. Gostava de segurar a mão dela.

Parecia... certo.

— Vamos, Prudence. Se não está interessada, não está interessada e pronto. Não faz mal — mentiu ele, acreditando que ela não precisava saber da verdade.

— Vai começar a chorar, agora?

Os lábios cheios estremeciam e as órbitas pareciam ter lentes aquosas e brilhantes.

— Não, não vou chorar.

— Então, sente-se.

Ela permaneceu onde estava. Ele pensou em Jesse, naquela tarde, sentado à calçada, recusando-se a continuar andando.

— Vamos lá...

Um pequeno aperto na mão foi o suficiente para que ela desabasse ao lado dele. Uma vez sentada, retirou sua mão, depois recostou-se contra o braço mais distante do sofá, permanecendo agarrada ali, como uma tábua de salvação contra seu próprio eu.

— Escute, Prudence...

— Minha irmã o amava — interrompeu ela.

— Você sabia disso. Ela contou.

— O quê?

— Randi disse para você que o amava. Admita. Ele ficou a cismar qual era o problema com as mulheres. Quando ficavam chateadas, não sentiam a menor obrigação de se manter no assunto.

— Billy, ela disse para você. Sei porque ela me contou depois.

— E...

— Você fez um carnaval sobre a forma como ela terminou o relacionamento de vocês. Mas nós dois sabemos por que ela se separou de você. Porque disse como se sentia a seu respeito e você nem ligou. Então ela disse que queria desmanchar tudo.

Ele desejou não ter ligado o som. Apanhou o controle outra vez e ela lhe dirigiu um daqueles olhares.

— Por que estamos falando sobre Randi?

— Você sabe muito bem por quê. Não pode simplesmente ir dizendo que quer dormir comigo, depois não encarar o que fez a Randi.

— Não posso? Claro que posso. E à propósito, dormir não era o que eu tinha em mente.

— Ah, que ótimo. Vai começar a fazer jogos de palavras comigo, agora.

— Escute, acho mesmo que não foi uma boa idéia. Vamos esquecer que eu toquei nesse assunto, está bem?

— Pois eu ficaria muito contente — respondeu ela, empinando o nariz.

— De alguma forma acho que vamos conseguir passar pelo que resta das duas semanas, depois vamos tomar algumas decisões em relação a Jesse, está bem?

— Ótimo. Boa noite, então. Ele se dirigiu para o quarto.

— Espere.

Devia saber. Ela não pretendia deixar assim o assunto. Devagar, Billy voltou-se para ela.

— Admita. Randi disse que amava você. Teria dado um tapa na própria testa, se não tivesse medo de fazer doer seus machucados.

— Admita, Billy. Só quero escutar você admitir.

— Muito bem. Eu admito. Ela disse que me amava.

— Se ela deixou você, se não contou nada sobre Jesse, foi porque você não ligou a mínima. Admita isso. Você não ligou.

Aquilo ele não iria admitir.

— Eu me importava com ela.

— Mentira.

Billy olhou diretamente para Prudence e procurou falar sem rodeios.

— Eu me importava. Só não era da forma que ela queria que eu me importasse. E quanto a Jesse, ela não me deu nenhuma escolha no assunto. Nem fiquei sabendo. Sabe disso tão bem quanto eu.

Aquilo pareceu atingi-la. Ela desviou os olhos. Não respondeu.

— Randi era uma mulher e tanto. Mas não era candidata à canonização. Talvez se você reconhecer esse fato, possa continuar com sua vida.

Pensou ter ouvido um suspiro por parte dela, que não olhou em sua direção. Billy voltou-se e saiu.

Prudence aguardou até que ele fechasse a porta do quarto. Depois subiu as escadas. Deu uma olhada em Jesse, que dormia como um anjo, encolhido na cama que o pai havia comprado.

Continuou até o banheiro, encheu a banheira e tomou um longo banho quente, tentando relaxar. Mas não adiantou muito. Terminou acordada metade da noite, colocando os óculos de vez em quando para ver quão tarde era. Pensava sobre as coisas que Billy dissera, dizendo a si mesma que o colocara definitivamente em seu lugar.

Ele não pretendia mais fazer avanços. Ainda que não houvesse nada mais, ao confrontá-la com o assunto sobre a irmã, ela o desestimulara completamente. E isso era bom. Era ótimo.

Tinha outras coisas para fazer consigo mesma do que servir de divertimento sexual para Bad Billy Jones.

De manhã, ela acordou tarde. Olhou para o relógio e viu que passavam das dez horas. No andar de baixo, descobriu o bilhete sobre a mesa, colocado entre o saleiro e a pimenteira. Dizia: "Fomos para Grass Valley. Não se preocupe, levamos fraldas extra. Estaremos de volta às cinco horas. Não vou dar comida inadequada."

Por volta das onze horas, sem ter Jesse para cuidar e Billy para discutir, Prudence achou que poderia perder a cabeça com facilidade. Começou a telefonar para a casa de Sam e Dalila, querendo falar com Oggie, que sempre a animava. Porém recordou-se que Oggie saíra da cidade. Desligou antes mesmo de discar.

Ligou para Eden, que garantiu que Jared passava bem.

— Está tão bem que foi para o trabalho hoje. Ele não é homem de deixar que um galo na cabeça o mantenha em casa. E como está o mais novo herói de nossa família?

Prudence levou um segundo ou dois para compreender que a amiga referia-se a Billy.

— Ele também está ótimo. Um pouco amassado, mas ótimo.

— Vou dizer uma coisa: ele apareceu bem na hora, ontem.

— Eu sei. Pelo menos foi a história que escutei. Em sua mente podia enxergar Billy no sofá, contando a história sobre como nocauteara o pobre Sam com uma garrafa de cerejas ao licor.

— Como ele está, nesses últimos dias?

— Como assim?

— Você disse que estava preocupada com a bebida.

— Ah, isso. Ele está... ótimo. Ficou sóbrio desde que a gente conversou e está se esforçando bastante com Jesse.

Eden riu.

— Está dizendo que ele não é um caso perdido? Existe esperança para ele como pai?

— Sim. Existe, sim.

Conversaram por alguns minutos sobre Sam e Dalila. Eden disse que Dalila fora até a casa, para saber se Jared estava bem. Jared dissera para ela voltar para o marido, e Dalila saíra apressada. Eden acrescentou que Dalila nunca ligara para os conselhos dos irmãos.

Depois de telefonar para Eden, Prudence decidiu caminhar até a Rua Principal. A chuva cessara em algum momento da noite. Fora, o tempo era frio e claro.

Ela foi até o café da Lily e comeu um sanduíche. Toda a conversa girava em torno de Sam e Dalila. Prudence percebeu que a despeito de tudo, Dalila fora trabalhar naquela manhã, na escola onde lecionava para o quarto e quinto anos na escola de North Magdalene. Sam abrira sua loja em horário normal, e a balconista, Sharlee, fora trabalhar como sempre.

— Os negócios estão bem. A não ser pela possibilidade distante de divórcio no futuro.

Depois do almoço, Prudence caminhou até a loja vizinha, depois até o barbeiro e salão de beleza Santino. Uma pequena mulher morena sorriu para ela por trás da máquina registradora quando Prudence entrou na loja.

— Oi, como está? Meu nome é Maria Santino, como está escrito na porta da frente.

Prudence murmurou um cumprimento e observou os fundos da loja. Enxergou duas cadeiras de barbeiro, uma pia e um secador de cabelo.

— Quer cortar o cabelo? — indagou Maria.

— Não... obrigada.

Maria saiu de detrás do balcão.

— Para dizer a verdade, estou cansada de não fazer nada. Faça-me um favor, deixe cortar seu cabelo. Eu dou um desconto.

— Bem, para dizer a verdade, eu...

— Vamos para lá, onde a luz é melhor. Deixe ver. Ela apanhou a outra pelo braço e levou-a para frente dos espelhos, cuja iluminação era profusa, vinda de uma janela lateral que deixava entrar o sol da tarde. Prudence permitiu-se ser conduzida até uma das cadeiras.

— Sente-se aqui.

Maria ficou atrás dela e começou removendo os grampos que lhe seguravam o coque. Absurdamente, Prudence encontrou-se pensando na noite em que fora ao clube de Billy, quando ele lhe roubara os óculos e soltara seu cabelo.

— Nada mau — declarou Maria. Prudence sorriu para si mesma. Naquela noite, um dos amigos de Billy comentara a mesma coisa.

— O que foi?

— Nada. Só uma coisa boba.

— Que tal encurtar um pouco? Uns dez centímetros, mais ou menos. Tirar um pouco do comprimento na parte de trás. O que acha?

— Bem, eu...

— Primeiro, uma lavagem com um bom xampu e uma massagem no couro cabeludo. É muito relaxante — assegurou Maria, dirigindo-se para a cadeira de lavagem.

Meia hora depois, Maria pendurou o secador de volta ao gancho na parede.

— Então, o que acha?

O cabelo de Prudence mal lhe tocava os ombros agora. Caía, liso e sedoso, de um ponto central.

— É tão... vermelho.

— É um tom de vermelho muito bonito — comentou Maria, entregando o espelho para Prudence.

— Como fogo escuro. E esse corte combina com o formato do seu rosto.

— Você acha mesmo? — indagou Prudence, examinando a parte traseira com o espelho.

— Sei disso. Afinal, sou especialista no assunto, certo? Mas deixe eu lhe dar um conselho. Prudence baixou o espelho e encarou Maria.

— Esses óculos, que você está usando... eles precisam ir. Vá fazer uma visita ao meu primo Benny, em Grass Valley. Ele trabalha numa ótica. Vai conseguir um bom negócio para você. Espere um pouco, que eu vou pegar o cartão dele.

Prudence deixou a cabeleireira pouco depois da uma hora. Foi para casa e sentou-se na cozinha por um instante, pensando em fazer um chá. Ao invés disso, telefonou para o número marcado no cartão que recebera de Maria. O assistente de Benny Anselmo informou que ele tinha um horário vago às três horas em sua agenda do dia.

— Bem, talvez a gente deva esquecer esse assunto — disse Prudence.

— Srta. Wilding, isso é com a senhora. Prudence fechou os olhos, deslizou o polegar e o indicador sob o apoio para o nariz em seus óculos, e massageou a pele marcada.

— Srta. Wilding, ainda está aí?

Ela inspirou profundamente para tomar coragem, antes de responder.

— Estou.

CAPÍTULO XII

Billy percebeu, no instante em que deparou com o novo corte de cabelo de Prudence, que estava indo bem, afinal. Depois do jantar, disse a ela que parecia ótimo.

— Obrigada — agradeceu ela, com certo esforço.

— O que fez decidir cortar? — perguntou ele, como se não soubesse.

— Achei que provavelmente tinha chegado a hora. Mudar um pouco de aparência, sabe?

Jesse dormiu dois minutos depois que Billy o colocou na cama. Aquele, sim, fora um recorde. Porém o garoto estava exausto. O pai o manteve agitado o dia inteiro. Visitaram dois parquinhos e foram almoçar no McDonalds. Jesse brincara na areia e nos coloridos palhaços-gangorras até gastar toda a sua energia.

Billy baixou o violão, no qual cantara variações do tema de Puff, o Dragão Mágico. Talvez ele conseguisse se sair um bom pai, afinal.

As sete e trinta e sete ele saiu do quarto, na ponta dos pés. Desceu e encontrou Prudence sentada no sofá, lendo.

— Um bom livro?

Ela ergueu a cabeça. Por meio segundo ele ousou esperar que Prudence sorrisse. O cabelo, solto há pouco, emitia reflexos à luz de leitura, desde o alto da cabeça até os ombros.

— Sabe, a música que você toca para Jesse é maravilhosa. Mesmo porque crianças gostam e precisam do som da música. Mas é preciso ler para ele, também. Muitos estudos mostram que as crianças cujas mães lêem regularmente aprendem a ler e escrever muito mais cedo e com menos

esforço. De uma certa forma, o sucesso da criança em ler e escrever determina o futuro sucesso profissional.

— Obrigado, Dra. Wilding.

— Vai tentar ler mais para ele?

— Claro. Posso fazer isso com facilidade.

— Ótimo — disse Prudence, baixando outra vez a cabeça para o livro.

Ele permaneceu ali, olhando-a como se tivesse sido dispensado pela diretora. Em seguida girou nos calcanhares e foi para o próprio quarto. Apanhou as chaves, o chapéu, os óculos e o casaco. Depois retornou ao arco da sala como se nunca tivesse saído de lá. Acho que vou sair um pouco.

Aquilo atraiu a atenção dela. Sabia o que ela estava pensando: bebidas, mulheres nuas e mobília quebrada.

— Para onde vai?

— Não sei ainda. Talvez eu dê um pulo na casa do Sam para ver como ele está. Pode dar uma olhada em Jesse?

— Sou a tutora dele — respondeu ela, em tom frio.

— Claro que sim.

— Está combinado, então. Acha que tenho idade suficiente para ter minha própria chave?

Ele e Jesse haviam esperado por ela naquela tarde, sentados na varanda. Ele inventara algumas brincadeiras para preencher os vinte minutos que Prudence demorou.

— Certamente. Vou buscar uma para você — disse ela, deixando o livro de lado e erguendo-se.

Precisava passar por ele para subir as escadas. Ele fez questão de observá-la passar porque sabia que isso a irritava.

Porém, uma vez que ela desapareceu no andar de cima, Billy sentiu-se irritado e frustrado. Na verdade não compreendia o que ela estava fazendo com ele. Ela tinha o dom de irritá-lo. De formas que nunca lhe tinham ocorrido antes. Na noite anterior haviam se divertido juntos, durante o período em que ele narrara a história de Sam e Dalila, colorida pela briga no bar. Pelo menos ele ficara com a impressão de ter sido divertido. Porém assim que ele admitira que tinha vontade de ir para a cama com ela, Prudence voltara-se contra ele. Depois disso, ele só conseguira respostas atravessadas por parte dela.

O que será que ele via nela, afinal? Prudence tinha honra e integridade demais para alguém como ele. A maior parte do tempo, ela o aborrecia. Fazia com que ele também a aborrecesse.

Entretanto, nos últimos dias ele descobrira que desejava fazer muito mais do que apenas irritá-la. Queria conseguir chegar até ela, tocá-la. Passar a mão pelo cabelo sedoso e aproximar-se do rosto dela. Abrir todos os botões, um de cada vez, e ver exatamente como ela era embaixo do tipo de roupas que usava. Retirar os óculos e fazer com que ela o encarasse com aqueles olhos azuis.

Em resumo, ele queria começar o caso amoroso que iriam ter. E se ela pelo menos parasse de desrespeitá-lo e desestimular qualquer oportunidade de aproximação...

Escutou passos na escada. Voltou-se e observou a descida dela. Ao final, ela estendeu o chaveiro.

— Aqui está.

Ele apanhou o chaveiro e dirigiu-se para a porta da frente, parando antes de fechá-la.

— Não me espere.

Ela sorriu brevemente antes de responder.

— Não se preocupe. Não pretendo esperar. Uma vez fora de casa, sentindo o ar noturno no rosto, imaginou o que fazer a seguir. Considerou a possibilidade de passar no Buraco na Parede, mas rejeitou a idéia antes mesmo de terminar o pensamento. Estava inquieto. Quando se sentia dessa forma, tinha vontade de cantar. Quando cantava, tendia a beber demais.

Se bebesse demais, Prudence o atiraria no olho da rua. Isso ele não poderia permitir. Por Jesse, principalmente. Depois pelo pai que estava aprendendo a ser.

Portanto, nada de cantar. Ele estremeceu um pouco e levantou a gola de seu casaco. Então pensou em Sam, provavelmente sentado sozinho naquela casa em Bullfinch Lane. Naquele primeiro dia em que Billy chegara à cidade, quando estivera nervoso procurando seu tio, não demorara mais de dez minutos para chegar lá, saindo do bar.

É, talvez ele fosse mesmo visitar Sam.

Sam levou tanto tempo para atender a porta que Billy quase foi embora. Por fim o gigante apareceu.

— O que você quer? — disse ele, olhando para Billy como se nunca o tivesse visto antes.

— Uma cerveja, talvez. Que tal? — respondeu Billy, dando de ombros.

— Uma cerveja — repetiu Sam.

Parecia completamente tonto, personificando um flagelado logo após uma catástrofe natural.

— Olhe, acho que não foi um bom momento, Sam. Volto outra hora, está bem?

— Não. Não vá — pediu Sam. E permaneceu parado ali.

— O certo a fazer é recuar e me dar licença para entrar — lembrou Billy.

O outro obedeceu.

— Entre.

Sam caminhou na frente até uma área de estar grande, com uma escada em espiral levando ao mezanino superior. O pé direito era alto, o teto bastante inclinado e nas paredes havia um bocado de estantes cheias de livros. Billy gostou do local imediatamente. Era uma daquelas casas que convidava uma pessoa a sentar e relaxar. A mobília parecia confortável e havia um bocado de esculturas. Devia ser trabalho de Sam. Oggie lhe dissera uma vez que Sam era um verdadeiro artista com madeira.

O anfitrião olhava para a sala como se não a reconhecesse.

— Talvez a gente deva ir direto para a cozinha, certo?

— Para mim está ótimo.

Caminharam até a cozinha e sentaram-se a uma grande mesa de madeira. Sam conseguiu encontrar um abridor de garrafas de cerveja na geladeira e retirou as tampas.

— Copo?

Billy negou com um gesto de cabeça. Sam passou a garrafa ao visitante e deixou-se cair pesadamente ao lado dele.

— Como está sua cabeça? — interessou-se Billy. Sam franziu a testa, provavelmente sem entender a referência ao ferimento na cabeça, e o visitante sentiu uma onda de piedade. Seria bom que Dalila voltasse logo, ou ele terminaria esquecendo o próprio nome. Finalmente Sam entendeu a pergunta.

— Bem... quer dizer, está sensível, mas não é problema.

— É bom saber — comentou Billy, tomando um bom gole.

Quando baixou a garrafa, imaginou o que diria em seguida. Naquele ritmo uma visita de vinte minutos poderia durar um ano.

Nesse instante a campainha tocou. Sam deu um salto da cadeira e correu para a porta da frente.

— Deve ser Lila.

Billy continuou bebericando sua cerveja, grato pela presença de mais alguém, quem quer que fosse. Seria bom para manter a conversa num nível acima do monólogo. E se fosse mesmo a esposa fugida, ele teria uma boa desculpa para partir.

Um momento mais tarde Sam reapareceu, seguido por uma loira pequena, com pouco mais de vinte anos, com um rosto bonito e redondo. Trazia uma forma refratária coberta com papel alumínio. Falava sem parar, trotando atrás do gigante.

— Sam, eu só estava preocupada com você, só isso. Estava sozinha em casa, pensando como você deve estar se alimentando mal, e me ocorreu que talvez eu pudesse fazer alguma coisa para ajudar, então... — Ela interrompeu-se ao deparar com Billy.

— Oh, não sabia que tinha companhia.

Billy olhou para Sam. Não viria nenhuma ajuda desse lado. Ele estava em pé em frente à pia e tinha o olhar perdido na distância.

— Oi. Meu nome é Billy.

— Oi. Acho que já ouvi falar de você. É Billy Jones, certo?

— Certo — respondeu ele, estendendo a mão. A loira mostrou o prato que carregava e riu.

— Desculpe. Acho que no momento minhas mãos estão cheias. Sou Sharlee. A balconista que rouba maridos. Muito prazer em conhecê-lo. Espero que melhore.

Ele ficou conjecturando que diabo ela queria dizer com aquilo. Ela riu um pouco mais.

— Seu rosto, todos esses machucados.

Billy tocou o inchaço sob seu olho, que já estava diminuindo.

— Vai ficar bom logo. Em pouco tempo.

— Muito bem. Vou só aquecer isso um pouco e depois... Sam, você já comeu? Sam?

Ela começou a lidar com o fogão.

— O quê?

— Perguntei se você já comeu.

— Comer? — repetiu Sam, aproximando as sobrancelhas numa demonstração de esforço mental.

— Não. Acho que não tenho comido ultimamente.

— Eu sabia. Você precisa conservar sua força, Sam. Uma boa nutrição é muito importante quando a gente está passando por momentos difíceis.

Enquanto ela retirava o papel de alumínio, a porta da frente bateu.

— Que barulho foi esse? — quis saber a loira, abrindo o forno.

— Deu a impressão de ser a porta da frente — disse Billy.

— Lila! — exclamou Sam.

Escutaram passos atravessando o saguão e a sala de jantar. Em seguida ela apareceu: Dalila Fletcher, parada na soleira da porta, usando uma saia em estilo cigano e um casaco vermelho, com o cabelo solto emoldurando o rosto intenso.

A porta do forno fechou-se.

Sharlee deu um grito.

A cabeça de Dalila virou para encontrar sua rival mexendo no forno. O rosto empalideceu. De repente ela deu a impressão de estar pronta para enfrentar um exército. Era uma mulher e tanto, pensou Billy, sentindo certo orgulho em saber que ela era sua prima.

— Lila — repetiu Sam, desta vez numa expressão de êxtase puro.

— Pensei que a gente podia conversar, Sam. Pensei que talvez...

— Escute, Lila — começou o marido, dando um passo na direção dela.

Ela colocou as duas mãos na cintura.

— Não, Sam. Primeiro você me diz uma coisa. O que essa mulher está fazendo em minha casa?

— Bem, é uma época difícil para Sam e eu só vim para trazer...

Um dos braços de Dalila se ergueu para exigir silêncio.

— Não. Você, eu não escuto. Você não diz nada aqui. Quero que meu marido fale comigo e me explique.

Billy ficou em pé.

— Para dizer a verdade a gente já ia embora — disse Billy, erguendo-se.

— O quê? — perguntou Dalila, olhando para ele.

— Eu disse que Sharlee e eu já íamos embora. Billy ergueu-se e apanhou a loira pelo braço.

Ela tentou libertar-se.

— Calma, estou esquentando o prato!

— Deixe esquentando. Vamos embora agora — respondeu Billy com firmeza, arrastando Sharlee na direção da porta.

— Obrigado pela cerveja, Sam!

Dalila teve o bom senso de afastar-se quando se aproximaram.

Sam disse alguma coisa ininteligível.

— Espere — disse Dalila.

Billy voltou-se, mantendo Sharlee sob controle.

— Você trouxe essa mulher aqui?

Os olhos negros de Dalila brilhavam, acusadores. Billy negou, com a cabeça.

— Ela veio sozinha. E Sam não a convidou. Quando a campainha tocou, ele achou que era você.

A raiva pareceu dissipar-se como que por encanto. Ela apoiou o corpo contra a moldura da porta. Atrás dela, Sam chamou seu nome outra vez.

— Oh, Sam...

Sharlee ainda relutava, dando gritinhos em protesto. Billy dirigiu-se para a porta outra vez, arrastando-a. A loira evitou qualquer tipo de colaboração, contudo acabaram conseguindo sair.

Ela começou a chorar antes que se aproximassem do carro compacto que esperava na esquina, atrás de seu jipe.

— Eu só queria ajudar. Só queria fazer alguma coisa pelo Sam — queixou-se ela, entre soluços.

— Ele foi muito bom para mim, muito paciente no trabalho. E ela não dá o menor valor. Ela não o merece. É uma mulher fria. Tem quarenta anos, pelo menos. E nunca deu filhos a ele. Por toda a cidade as pessoas estão falando nisso. Ela nem começou a entender as necessidades de um homem como Sam. Ela...

Havia mais com o mesmo teor. Billy desligou a cabeça enquanto pensava o melhor a fazer. Se a colocasse no próprio carro, Sharlee iria permanecer atrás do volante, descontrolada. Talvez

até decidisse entrar de novo na casa. Ou Dalila poderia sair, se olhasse pela janela e visse a inimiga de tocaia. De qualquer forma que examinasse o assunto, só previa mais confusão.

— Sam, Sam — soluçava ela.

— Por que não me deixa ajudar você? Por que não me enxerga como a mulher que sou?

Billy conduziu-a ao próprio carro e acomodou-a no assento do passageiro. Ela continuou chorando enquanto ele prendia o cinto de segurança.

— Não sou ninguém... não tenho ninguém. Vim para essa cidade para começar de novo. Mas não existe ninguém para mim. Sam, Sam... você era meu começo.

— Onde você mora? — quis saber Billy, depois de sentar-se ao volante.

— Mora. Onde moro? Onde vivo? Será que eu vivo? Pior ainda... será que alguém se importa?

Ele abriu o porta luvas, afastou algumas caixas de CDs e descobriu o pacote de lenços de papel que guardava ali. Depositou a caixa inteira nas mãos trêmulas de Sharlee.

— Obrigada. Muito obrigada. Você é um bom homem — disse ela, assoando o nariz em seguida.

Era a primeira vez, em sua memória consciente, que alguém se referia a ele como bom. Não conseguiu decidir se gostava ou não.

— Onde você mora, Sharlee?

Ela deu o endereço no bairro de Pine. Billy engrenou e partiu, num trajeto que atravessava a parte principal da cidade. A medida que dirigia pela escuridão, Sharlee chorava e assoava o nariz, quando não lamentava o vazio de sua vida. Assim que ele parou em frente a um chalé mal conservado no endereço que ela fornecera, ela voltou-se para ele.

— Obrigada. Ouvi coisas terríveis sobre você. Agora sei que não se pode confiar no que as pessoas contam — afirmou ela, olhando-o com veneração.

— Faça um favor para mim, sim? Diga adeus a Sam. Não quero mais incomodar ele. Depois dessa noite, não vou mais incomodar ninguém.

Ela soltou o cinto de segurança e apoiou-se contra a porta. Billy observou-a afastando-se pela calçada, num andar arrastado que expressava toda a depressão de Sharlee. A conversa dela era capaz de deixar um homem maluco, porém ali estava uma pessoa que precisava de um amigo.

O som das últimas palavras dela ainda ecoava em sua mente. Permaneceu ali, como uma ave de mau agouro oculta. Depois dessa noite, não vou mais incomodar ninguém...

Ele abriu a porta do carro.

— Sharlee, espere.

Ela parou no meio da calçada, uma figura franzina, trêmula à luz da lua minguante. Caminhou até o lado dela.

— Escute, acho que não seria bom você ficar sozinha esta noite.

Ela ergueu o rosto com os olhos molhados e a boca franzida de emoção. Depois deixou escapar um grito emocionado e atirou-se ao pescoço dele.

— Oh, eu não poderia pedir uma coisa assim a ninguém. Não é justo. Afinal, não é problema seu.

Ele vibrou um tapinha desajeitado nas costas dela.

— Vamos lá. Você vem comigo. Vou levar você para casa — disse ele, imaginando que Prudence não iria gostar nem um pouco.

Mas não seria capaz de deixar a pobre Sharlee abandonada aos próprios pensamentos funestos.

A luz da varanda na casa vizinha acendeu-se no instante em que ele a levava para o jipe outra vez. Parou, intrigado por algum detalhe familiar na arquitetura da casa.

De repente, percebeu. Era a semelhança com a casa de Prudence.

Nesse instante uma mulher alta e magra de roupão azul e rede da mesma cor nos cabelos surgiu na porta da frente.

— O que está acontecendo aqui? — quis saber Nellie Anderson.

Ele devia ter percebido antes. Escoltou Sharlee até o jipe, respondendo por sobre o ombro.

— Nada está acontecendo, Sra. Anderson. Tudo está sob controle.

— É você, Billy Jones?

— Sim, Sra. Anderson, sou eu.

— O que está fazendo com essa menina?

— Está tudo bem, Sra. Anderson — disse Sharlee.

— Ele está me ajudando.

— Meu bem, a última coisa que você precisa é da ajuda desse homem.

Billy acomodou a moça, depois deu a volta no carro para sentar ao volante.

— Está me ouvindo, Billy Jones? Vou telefonar para o delegado!

Ele entrou no carro.

— Boa noite, Sra. Anderson — disse ele, batendo a porta.

Prudence deve ter escutado os dois chegando. Abriu a porta da frente antes mesmo que se aproximassem. E não disse uma palavra. Apenas olhou lentamente de Billy para Sharlee, e de volta.

A loira, ainda chorando, soluçou alto.

— Eu... precisava de ajuda. E Billy ofereceu.

— Acho melhor vocês entrarem — disse Prudence, recuando.

Billy empurrou Sharlee para o interior e fechou a porta.

— Essa é Sharlee... de quê?

— St... Stubblehill — gaguejou a loira, tentando controlar os soluços.

— Ela é a vendedora da loja de Sam.

— Certo — disse Prudence, com uma luz de compreensão no olhar.

— Tivemos problemas na casa de Sam — explicou ele.

— Sharlee apareceu logo depois que eu cheguei. Em seguida, Dalila voltou.

Aquela descrição telegráfica e crua dos eventos da noite iniciou nova onda de soluços por parte da loira, que encostou o rosto no peito dele.

— Sharlee está muito triste — afirmou ele, sem graça.

— É. Estou vendo.

— Achei que a gente podia acomodá-la por esta noite no meu quarto.

— No seu quarto? — repetiu Prudence, com expressão indignada.

— E eu posso dormir no beliche com Jesse — continuou Billy, em tom ofendido pela insinuação dela.

Prudence corou imediatamente. Aproximou-se da garota e puxou-a. A loira caiu nos braços de Prudence.

— Oh, muito obrigada, muito obrigada — balbuciava ela, agarrando-se à mulher mais velha como uma garotinha.

— Calma, calma, tudo vai ficar bem. Agora você vai ficar protegida — disse ela, abraçando a outra.

— Você acalma ela um pouco, enquanto eu vou trocar os lençóis da cama onde estou dormindo — ofereceu Billy.

Prudence conduzia a mulher mais jovem para o sofá.

— Boa idéia. Troque os lençóis — respondeu ela, com um breve olhar para Billy. Depois voltou a atenção para Sharlee.

— Isso, sente-se e encoste aqui. Tome uma caixa de lenços de papel. É muito bom chorar. A gente desabafa e não guarda as emoções. Depois, se você quiser, a gente pode conversar.

O telefone começou a tocar.

— Pode deixar que eu atendo — avisou Billy. Prudence ao menos ouviu o que ele disse, ocupada em consolar Sharlee, que chorava copiosamente.

— O que diabo está acontecendo, Billy? — perguntou Jack Roper.

— Acabei de receber um telefonema da Sra. Anderson. Ela disse que...

— Deixe eu adivinhar. Ela disse que eu raptei a vizinha dela, ou coisa parecida.

— Uma coisa parecida.

Billy explicou o que ocorrera, em poucas palavras. Quando terminou, Jack manifestou-se.

— Como delegado oficial, eu o aconselho a evitar todo e qualquer contato com a Sra. Anderson.

— Estou tentando, Jack. De verdade.

Sharlee demorou uma hora para chorar tudo o que precisava. Depois, soluçando de vez em quando, contou a história de sua vida. O pai morreria quando ela era muito jovem. Fora educada na Califórnia por uma mãe indiferente e um padrasto que favorecia os próprios filhos em detrimento dela. Cursara dois anos na escola comercial, depois viera para North Magdalene, para tentar um novo começo.

— Mas posso ver agora que nunca vou conseguir me encaixar aqui. Sam nunca chegou a se apaixonar por mim. Ele só estava tentando ser bonzinho comigo, me ajudar, porque eu trabalhava para ele e não conhecia a cidade. Agora compreendo isso, depois de ver a forma como ele olhou para aquela mulher horrível dele, esta noite. E posso ver o que está pela frente. Não sou boba. Mesmo que Sam não tenha encostado um dedo em mim, acabei sendo a mulher má dessa história. Todos pensam que sou algum tipo de caça-maridos. Todos vão tomar o partido dela. E além de tudo, aquela mulher é uma Jones. Ninguém vai contra os Jones nessa cidade. Simplesmente não vai dar certo morar aqui. Como sempre. Falhei outra vez.

Prudence sentou-se na cama que Billy arrumara para a garota, abraçando-a e passando lenços à medida que eram usados.

— Preciso sair dessa cidade. Preciso sair daqui.

— Escute, Sharlee. Não tem de tomar nenhuma decisão essa noite. Você precisa é dormir um pouco. As coisas vão parecer diferentes pela manhã.

— É, eu sei que você tem toda a razão.

Passava da uma hora da madrugada quando Prudence saiu do quarto de hóspedes. Sozinha na sala de jantar, ela fez uma pausa, retirando os óculos e massageando a base do nariz. Quando os recolocou, seu olhar pousou sobre as rosas que Billy trouxera. Estavam num belo vaso de cristal sobre a mesa da sala de jantar. Agora os botões estavam quase abertos. Não conseguiu evitar um sorriso.

Caminhou até a sala e apagou a luz. Depois subiu as escadas, ansiosa pelo conforto da própria cama.

Parou ao lado de fora do quarto de Jesse, hesitando. Procurando não fazer o menor ruído, assim como fizera para não acordar Sharlee, girou a maçaneta e entreabriu a porta. Caminhou na ponta dos pés até onde pai e filho dormiam. Jesse estava de lado, a cabeça contra a parede e os dedinhos dos pés para fora da cama. Ela o arrumou e depois cobriu-o com os cobertores que ele empurrara durante o sono. Baixou a cabeça e beijou-o levemente, na bochecha quente e macia. Em seguida ergueu-se.

— Não ganho um beijo de boa-noite, também, Pru? — veio o murmúrio da parte superior da cama.

Ela sorriu a despeito de si mesma.

— Nem pensar.

— Sharlee disse que eu era bonzinho. O que você acha disso?

— Ela tem razão. Você foi bonzinho com ela.

— Será que isso pode ser o início de uma recuperação? — sussurrou ele.

Prudence não respondeu, já que a pergunta era retórica. Caminhou para a porta. Antes que a fechasse, escutou outra vez a voz dele.

— Boa noite, Pru.

— Boa noite, Billy — respondeu ela, fechando a porta.

Na manhã seguinte, Sharlee telefonou para Sam e disse que seria melhor não trabalhar mais na loja dele.

— Bem, acho que é isso — comentou ela, depois de se despedir e desligar.

— Ele disse que... compreendia. E que vai fazer um cheque com o pagamento final, disponível na loja, a qualquer hora depois das onze. Ele deixou a forma no forno tempo demais. Queimou até ficar preto e ele enfiou na água fria. O prato rachou.

Billy, sentado à mesa da cozinha, percebeu que os lábios dela estremeciam, indicando a proximidade de nova crise de choro. Resolveu tratar de assuntos práticos, para distraí-la.

— Vamos, eu levo você para apanhar seu carro, o que acha?

— Depois, preciso ir para minha casa, não é? — balbuciou Sharlee, deixando-se afundar muna cadeira.

— Bem, se quiser voltar aqui... — ofereceu Prudence.

— Sim — respondeu a loira, antes mesmo da outra terminar.

— Eu adoraria. Posso?

Billy lançou um olhar tipo por-que-você-fez-isso, e Prudence desviou os olhos rápido, demonstrando que percebera.

— Olhe, a gente pode discutir suas opções. E você pode chegar a uma decisão sobre para onde quer ir, se sair daqui.

Billy terminou indo até a loja para apanhar o cheque de pagamento dela, pois Sharlee acreditava ser muito doloroso ter de encarar Sam outra vez, depois de tudo o que acontecera.

Na loja, Sam entregou o cheque a ele, além do chapéu e do óculos, que Billy deixara em sua casa, depois agradeceu a intervenção do outro, retirando Sharlee do cenário para que ele pudesse conversar com Dalila.

— E então? Conseguiu acertar as coisas com ela? — quis saber Billy.

Sam apresentou outra vez o olhar distante do dia anterior.

— Conversamos, mas... nada resolvido. Ela voltou para o quarto dela, no motel — disse ele, devagar. Depois olhou ao redor, embora não houvesse ninguém além deles na loja; inclinou-se sobre o balcão e baixou o tom de voz:

— Ela diz que não se sente mais mulher.

Billy lembrou-se da prima, vestida de vermelho, em pé na soleira da porta da cozinha, o cabelo emoldurando o rosto.

— Se ela não é uma mulher, então não sei quem seja.

Sam grunhiu.

— Eu sei, mas ela parece que não sabe, e está me matando aos poucos com todas essas dúvidas. Lila diz que tem dúvidas sobre si mesma. Mas isso não é verdade. Essas dúvidas dela se espalharam o suficiente para me incluir, também. Ela acha que pretendo encontrar outra mulher, para ter filhos. Não confia em mim... como é que um homem pode viver assim?

Não eram perguntas para as quais alguém como Billy tivesse resposta. Porém ele não tinha muito o que fazer ali, escutando e só podendo balançar a cabeça em concordância, condoído da sorte do outro. De alguma forma, ele se tornara o confidente de Sam. Por ele, não havia problema.

— E quem disse que ela não pode ter um filho, se arranjar mais alguém? — continuou Sam.

— Todos aqueles testes que fizemos mostraram que não havia nada de errado com nenhum de nós. Mas por acaso eu fico acusando ela de procurar outras pessoas?

Billy sacudiu a cabeça, numa negativa veemente.

— Que diabo, claro que não! — exclamou Sam, respondendo sua própria pergunta.

— Talvez eu mesmo tenha algumas dúvidas, sabe? Talvez eu me pergunte: "Será que sou homem o suficiente?" Mas não tenho nenhuma dúvida de que ela seja uma mulher e tanto. O problema é que ela acha que é a única que tem sentimentos. Um sujeito grande e gordo como eu não pode! Entende o que estou dizendo?

Billy assentiu.

Nesse instante tocou a campainha da loja. Dois homens entraram. Sam respirou fundo e apurou os ombros.

— Obrigado por me ouvir.

— A qualquer hora.

— No que posso ajudá-los, cavalheiros?

Três dias mais tarde, Sharlee ainda estava dormindo na cama de Billy.

Billy se irritou. Restava uma semana do tempo em que haviam concordado que em ele ficasse, depois viriam as decisões, as mudanças.

Antes que o tempo terminasse, ele queria sua cama de volta. E queria uma chance de ter um caso amoroso com Prudence. Era uma oportunidade difícil, andando com Sharlee atrás o tempo todo, triste e considerando suas "opções".

Em um dos raros momentos em que os dois estavam sozinhos, ele deu a Prudence instruções claras sobre o assunto.

— Livre-se dela. Agora.

Ela respondeu com um olhar sofredor... e Sharlee entrou no aposento, cortando toda a possibilidade de comunicação entre os dois.

Na sexta-feira, depois de colocar Jesse na cama, ele desceu as escadas para encontrar Sharlee no sofá e Prudence na poltrona. Como sempre, a loira falava.

— Bem, acho que preciso me motivar. Sei que preciso embalar minhas coisas e me mudar. É exatamente o que pretendo fazer, Prudence. Sabe que sim.

Billy entrou na sala e segurou a mão de Prudence.

— Venha comigo. Precisamos conversar um pouco. Sozinhos.

Sentiu certa surpresa quando ela cedeu e veio com docilidade atrás dele.

— Claro. Não quero interromper coisa alguma. De jeito nenhum. Podem ir em frente. Podem...

— Ótimo. É o que pretendemos.

Puxando a dona da casa pela mão, ele retornou ao andar de cima. Quando chegaram, começou a falar, controlando o volume da voz.

— No seu quarto está bom? Os olhos dela se estreitaram. Ela não confiava nele perto de uma cama.

— Ah, pare com isso!

— Está certo.

Ele a puxou para lá, fechou a porta e inclinou-se contra ela, de forma que ela não poderia fugir até que ele dissesse o que tinha a dizer. Olhou ao redor. O quarto lembrava o interior de uma nuvem, em diferentes tons de cinza claro e branco. Ela possuía uma grande cama de casal, com dossel branco e um acolchoado fofo, acompanhado de várias almofadas e travesseiros brancos. Sobre as paredes havia pinturas e gravuras de plantas e flores, todas emolduradas, além de várias fotos de Randi e Jesse.

— Isso aqui é muito bonito — comentou ele, que não entrara ali ainda.

— Você me trouxe até aqui para elogiar meu quarto? Billy dirigiu o olhar diretamente para o dela, demonstrando a sua infinita paciência.

— Ela precisa ir.

— Sei disso, Billy. E na verdade, andei pensando...

— É mesmo?

— Talvez se nós a ajudássemos a encontrar um emprego...

— Para dizer a verdade, também pensei nisso. Já telefonei para Alexis, a gerente do meu clube, lembra? Ela vai oferecer um emprego de garçonne para a nossa Sharlee.

— Não. Acho que ela vai ser mais feliz fazendo outra coisa qualquer.

— Tal como?

— Bem, ela tem experiência em contabilidade. E me disse que estava ansiosa para contribuir com alguma coisa significativa para o mundo. Talvez na Fundação.

Billy acreditava que Sharlee tinha ansiedade para contribuir com outra coisa.

— A Fundação?

— A Fundação Jesse Wilding para Crianças Carentes.

— O que você achar melhor, Prudence.

— Você discorda?

— Não, claro que não.

— Billy, ouvi muito bem seu tom de voz.

— Escute, se Sharlee quer trabalho significativo, deixe que ela o tenha. Especialmente trabalho significativo a seiscentos quilômetros de North Magdalene.

— Pois eu realmente acredito que a Fundação seja o lugar ideal para ela.

— Ótimo.

— Tenho certeza que se eu ligar, eles terão um emprego para oferecer a ela.

— Ótimo. Que seja o Fundo de Crianças Carentes, então. E amanhã todos nós: eu, você, ela e Jesse, vamos até a casa dela, ajudar a empacotar as coisas.

— Isso. Será uma boa ajuda para ela, tenho certeza.

Billy sorriu. Prudence parecia ótima ali em pé, com a cama atrás dela. A verdade é que pareceria melhor ainda na cama. Porém, tudo a seu tempo.

— Estranho isso, Prudence. Você está ficando cada vez mais cordata.

— Bem, numa coisa você tem razão. E mesmo a hora de Sharlee partir.

— Amém. Vamos até lá, dizer a ela o que decidimos para o futuro dela — disse Billy, animado.

— Eu acho que preferiria trabalhar no Bad Billy — afirmou Sharlee.

— Por quê? — quis saber Prudence, ofendida.

— Bem, espero que não leve a mal, Prudence, mas o trabalho na Fundação me parece bastante árido — disse a loira.

— Árido?

— É. Parece trabalho sério. Trabalho significativo, entende o que eu digo?

— Entendo. Mas você mesma não disse que queria encontrar significado em sua vida?

— É, mas não precisa ser já. No momento, acho que preciso me divertir. Já estive no Bad Billy's uma vez ou duas há alguns anos, logo que fiz vinte e um. Gostei muito. As garçonetes usam trajes de seda, não é? E botas de caubói.

— É isso mesmo — concordou Billy, sorrindo.

— Pois é. Acho que um emprego no Bad Billy é exatamente o que estou precisando, nesse momento da vida.

Prudence deu de ombros e ele sorriu para Sharlee.

— Alexis, que é o nome da gerente, disse que podia começar na terça-feira, portanto vamos ajudar você a embalar suas coisas para não se atrasar.

— Ótimo, ótimo. Eles têm um som ao vivo muito bom, por lá. Talvez eu encontre um baterista ou contrabaixista que precise de uma moça para completar sua vida. Seria um começo completamente novo. Muito obrigada, a vocês dois... vocês me deram força para continuar.

CAPÍTULO XIII

Sharlee partiu para Los Angeles dois dias mais tarde, levando suas coisas num reboque alugado e atrelado ao seu carro.

— Obrigada, obrigada. Nunca vou esquecer vocês dois — disse ela, pela janela, ao dar a partida.

— E Alexis provavelmente nunca vai perdoar a mim — resmungou baixinho Billy.

A observação lhe valeu um olhar por parte de Prudence, enquanto os dois acenavam adeus, da calçada em frente à casa que Sharlee tinha alugado.

O pequeno Jesse participava, gritando suas despedidas e tentando correr atrás do carro. Rindo, Prudence logo foi atrás dele, apanhando-o quase no meio da rua.

— Sharlee é que vai embora. Nós não — disse ela, apontando-o na direção certa.

Ao fazer esse gesto, ela ficou de frente para a casa de Nellie Anderson. Como não poderia deixar de acontecer, a outra estava observando a cena da janela, através da fresta das cortinas quase fechadas.

Billy riu.

— Dá tchau, Jesse. Tchau...

O pai ergueu a mão e o filho imitou-o em seguida, os dois olhando para a Nellie, na janela.

A cortina fechou-se, de repente. A essa altura, o carro e o reboque já haviam sumido de vista além da esquina da Rambling Lane. Billy tomou a mão de Jesse.

— Vamos para casa, filho.

Jesse acompanhou-o, cantarolando.

— Casa, casa...

Logo depois que voltaram para casa, Prudence foi até a igreja do outro lado da rua. Nellie encontrou-a nos degraus, logo depois do serviço religioso.

— Ah, minha querida, como está conseguindo aguentar? Ouvi dizer que Billy levou aquela jovem problemática para ficar em sua casa. Eu estava lá quando ele a sequestrou, sabia?

— Como?

— Eu estava lá na noite em que ele a forçou a entrar no carro...

— Billy não forçou Sharlee a entrar no carro. Ela estava muito abalada e não tinha condições de ficar sozinha. Por isso ele a levou para minha casa.

— Tenho certeza que foi essa a história que ele contou.

— Essa foi a história que ela contou. Foi o que aconteceu, Nellie.

— Acredite no que quiser, minha querida. Ouvi dizer que ela estava saindo da cidade.

— Acredito que você assistiu a partida dela, Nellie.

— Bem, é verdade. Gosto de saber o que está acontecendo com meus vizinhos.

— Já reparei.

— E devo dizer, é muito bom que essa garota tenha se mudado daqui. Não passava de uma destruidora de lares... — comentou Nellie, balançando a cabeça num gesto de reprovação. Depois sorriu.

— E onde está o pequenino?

— Em casa. Com o pai.

— Ah, meu bem — fez Nellie, repetindo o gesto de reprovação benevolente.

— Não, você não pode deixar o pequenino sozinho com aquele homem.

— Jesse fica muito bem com Billy.

— Como sabe disso?

— Ele adora o pai.

— O pequenino lhe disse isso?

— Nellie, conheço Jesse. Eu saberia se houvesse alguma coisa errada.

A outra aproximou-se e baixou o tom de voz.

— Como pode saber o que acontece quando você não está lá? Você pode achar que o pequenino está ótimo agora, mas as cicatrizes emocionais da infância são profundas. Se você o deixar muito tempo sozinho com aquele homem, ele pode ficar traumatizado pelo resto da vida.

— Acontece que eu discordo de você, Nellie.

— Desculpe se você foi tão manipulada assim, por sua inocência.

Aquilo foi a gota d'água.

— Nellie, acho que basta.

— Como assim?

— Acontece que acredito que Billy é um ótimo pai. E se você não acredita na mesma coisa, então pode pegar sua opinião e... guardar para você mesma.

Prudence controlou-se a tempo, percebendo que elevara demais a voz. As pessoas mais próximas haviam parado de conversar para prestar atenção.

— Ah, minha querida. Está acontecendo, não percebe? Está acontecendo com você.

— O quê está acontecendo?

— Ele está atrás de você. Sinto muito. Você vai acabar como todas as outras mulheres dos Jones.

Prudence teve vontade de responder: Não, não vou. As outras mulheres Jones são casadas. E Billy Jones jamais vai casar. Porém aquilo só serviria para levar a conversa de mal para pior. Conteve-se.

— Billy Jones não está atrás de mim.

Para ela mesma, considerando tudo o que haviam conversado na noite em que trouxera Sharlee para casa, antes de sair, não soou verdadeiro.

Nellie continuava penalizada, balançando a cabeça.

Nesse instante Evie Riggins emergiu através da porta da igreja.

— Aí está você, Nellie. O reverendo Johnson está procurando por você. Se não me engano deve ser a respeito da quermesse de Natal.

— Claro, claro. Não é mesmo uma irresponsabilidade que o final do ano tenha chegado outra vez? Já estou indo — disse ela para Evie. Depois voltou-se para Prudence e vibrou um tapinha amigável no braço.

— E você, meu bem... pelo menos pense no que eu disse, certo?

Voltou-se e entrou, antes que Prudence pudesse pensar em uma resposta adequada.

Uma vez que a mulher mais velha saiu de Evie aproximou-se de Prudence.

— Não ligue para Nellie. Ela pode ser metida e retrógrada, mas tem um bom coração lá no fundo.

— Pois deve ser bem lá no fundo mesmo.

— Ela age assim porque gosta de você.

— Bem, isso faz sentido.

— É verdade, não ironize. Ela gosta muito de você. E nem um pouco de Billy.

— Não existe nada entre Billy e eu — insistiu Prudence.

— Vou conversar com ela — garantiu Evie, sorrindo.

— Vai adiantar alguma coisa?

— O que posso dizer? Acho que pelo menos vale a pena tentar.

Um instante mais tarde, o marido de Evie chegou. Prudence encaminhou-se para casa. Quando entrou, o telefone estava tocando.

— É você, Pru? — gritou Billy, da cozinha.

— Sou eu.

— Quer que eu atenda?

— Não, pode deixar — respondeu ela, apanhando o telefone sem fio do receptor.

Era Sam Fletcher. Ele cumprimentou Prudence com uma frase rápida e perguntou por Billy. Ela começou a caminhar através da sala de jantar.

— Acho que ele está alimentando Jesse. Um instante.

— Tudo bem. Acho que posso conversar com você. Ela parou na porta da cozinha. Billy havia acomodado Jesse na cadeira e colocava cereais numa bandeja para ele. Ambos sorriam.

— E sobre o Dia de Ação de Graças, lembra-se? Lily convidou vocês para vir a nossa casa — continuou Sam.

— Claro que lembro. Foi tão delicado da parte dela.

No primeiro dia em que Prudence chegara à cidade, Dalila fora visitá-la. Disse que viera para dar boa acolhida a eles em North Magdalene... e para convidá-la para o grande almoço de família que ela planejava.

— Toda a família vem — anunciara Dalila.

— Todos os Jones. Maridos, esposas e filhos, de todas essas redondezas. Espero que possa vir.

Prudence prometera comparecer.

— Bem... ainda pretendo dar a festa — dizia Sam, com desafio na voz.

— Você vem?

Ela não teve coragem de perguntar se Dalila estaria lá. O evento poderia resultar em desastre total.

— Bem, eu...

— Por favor, venha.

A voz de Sam parecia cansada, mas ainda assim cheia de determinação. Prudence não teve coragem de recusar.

— Claro. Tudo bem.

— Ótimo. Billy também.

— Espere um pouco, vou perguntar a ele — disse ela, enfiando o telefone sob o queixo.

— É Sam, Billy. Ele quer que nós dois e Jesse vamos ao almoço do Dia de Ação de Graças.

Billy ergueu uma sobrancelha. Ela deu de ombros.

— Pode contar comigo.

— Todos estaremos lá — respondeu ela, ao telefone.

— Obrigado.

— A que horas vai ser?

— Por volta das duas, vamos dizer.

— Ótimo. O que devemos levar?

— O que importa? Acha que eu não sei cozinhar?

— Sam, se quiser fazer tudo, por mim está tudo bem.

— Ótimo. Venham vocês, apenas. Só a presença de vocês me satisfaz.

— Está bem.

A conversa sobre a festa lembrou Oggie. Prudence não ouvira nenhuma notícia desde que ele supostamente deixara a cidade depois do incidente no Buraco na Parede, seis dias antes.

— Soube alguma notícia de Oggie, Sam? Um silêncio sucedeu a pergunta.

— Ouvi dizer que ele estava em Phoenix. Com Nevada, uma das irmãs de Evie. Ele ficou alguns dias por lá, eu acho. Depois partiu outra vez.

— Não sabe para onde ele foi, de lá?

— Não tenho idéia.

— Espero que ele esteja bem.

Prudence recordou o rosto de Oggie, a forma como ele apoiava aquela bengala e às vezes mancava quando andava. Uma vez, no quarto de criança da mansão, ele estava sentado na cadeira de balanço, com Jesse nos joelhos. Prudence ficara em pé e vira de cima a careca, no alto da cabeça dele. Naquele instante ele parecera infinitamente frágil para ela. Alguém vulnerável, embora jamais fosse admitir esse fato para ninguém.

— Não gosto dessa situação. Ele já não é mais tão jovem.

Sam riu, do outro lado.

— Não, mas é resistente como um par de botas velhas. Não se preocupe com Oggie Jones. Ele está bem. Ele sempre está bem.

— Talvez ele volte a tempo para essa festa de Ação de Graças.

— Pode ser. Escute, preciso desligar. Tenho muitos telefonemas para fazer, e convites para mandar.

Depois que Prudence desligou, voltou-se para encontrar Billy observando-a.

— Então, Sam está dando uma festa — disse ele.

— Você acha que Dalila irá?

— Acho que só vamos descobrir isso no dia.

— Algum problema com Oggie?

— Óg? — ecoou Jesse, encarando Prudence com o mesmo ar de interrogação do pai.

Prudence observou pai e filho, filosofando que a vida que tinha com os dois no momento era muito parecida com a vida que uma família partilhava. Porém, naturalmente tratava-se apenas de uma situação temporária. Ela precisa lembrar a si mesma desse fato com certa regularidade.

— Pru? Ouviu o que eu disse?

— Ouvi, sim — respondeu ela, tampando direito a caixa de cereais.

— E não, não há nada errado com Oggie que ele saiba. Foi visitar Nevada, a irmã de Evie, em Phoenix. Saiu de lá alguns dias atrás e ninguém sabe para onde foi.

Ergueu-se e foi colocar a caixa no armário. Billy aproximou-se por trás, e antes que ela voltasse, colocou as mãos nos ombros dela e falou próximo ao ouvido.

— Está triste, Pru?

Ela devia ter se afastado, sabia disso. Devia ter se afastado e dito a ele que mantivesse as mãos longe dela, alto e claro. Mas não foi o que fez. A atitude de preocupação dele a sensibilizou. As mãos proporcionavam um contacto muito agradável. Ele estava próximo a ela, que lhe podia sentir o calor do corpo. Um calor que comunicava simpatia e compreensão; alguém para se apoiar quando as coisas ficavam ruins.

Não se considerava alguém que precisasse de apoio. Nem Billy Jones seria o homem mais adequado para se apoiar, mas de uma forma estranha... ele era. Esfregando os ombros com suavidade e relaxando a tensão, ele a fazia sentir-se melhor apenas por estar ali. Apoiando-a, sem dizer uma palavra. Convidando-a a recostar-se nele. Foi o que ela fez. Com um suspiro.

— Qual o problema, menina? — indagou Billy, a boca próxima ao ouvido dela.

— Acho que estou preocupada com ele.

— Com Oggie?

— Eu... espero que ele esteja bem. Acrescentou mentalmente: Nellie Anderson pensa que você é um homem terrível, e que não há esperança para você. Na maior parte do tempo concordo com ela, só que agora...

Billy riu, um som que vibrou por todo o corpo dela, desde que estavam tão perto.

— O velho está ótimo. Ele é Oggie Jones. Ela suspirou outra vez.

— Foi mais ou menos isso que Sam disse.

— Nesse caso, ouça o que Sam diz.

Billy deslizou as mãos pelos ombros dela, cruzando os braços ao redor da cintura de Prudence. Ela apreciou a sensação de ter os braços dele ao redor do corpo. Parecia... certo.

Assim como parecera bom e certo para Randi. E para a legião de outras mulheres que Billy Jones conhecera.

Prudence colocou a mão sobre as dele, que estavam cruzadas, e separou-as. Sem um murmúrio de protesto, ele recuou um passo, deixando pender os braços.

Ela voltou-se para encará-lo, pensando em dizer alguma coisa que esclarecesse e talvez explicasse a natureza do momento que haviam passado. O único problema é que não conseguiu pensar em nada para dizer.

Em seguida descobriu que as palavras não eram necessárias. Billy já se voltara para o filho.

— Que tal um pouco de leite?

— Léti... léti! — aplaudiu o garoto, socando a bandeja com os punhos e espalhando algumas dezenas de flocos pelo ar.

Prudence inclinou-se contra a bancada e observou Billy apanhando o leite e enchendo o copo de segurança de Jesse. Depois fez uma série de gestos engraçados para entregá-lo ao filho.

Quando ergueu a cabeça, deparou com o olhar fixo dela.

— Você está me olhando esquisito, Prudence.

— Pode ser.

— Alguma coisa que queira me dizer?

Ela pensou um pouco, depois fez um gesto negativo com a cabeça. Dando de ombros, ele voltou a atenção para Jesse.

Naquela noite, depois que Jesse foi para a cama, Billy procurou-a. Desceu as escadas e permaneceu parado no arco da sala, da mesma forma como fizera nas outras noites.

O noticiário da noite estava terminando, e Prudence desligou a televisão.

Olharam um para o outro através da sala. Ela soube o que ele diria antes mesmo que dissesse.

— Ficou muito silencioso.

Billy caminhou até o aparelho de som e colocou vários CDs no cartucho. Ela permaneceu no sofá, sentindo-se satisfeita em observá-lo a escolher as músicas que desejava e sacudir a cabeça quando não encontrava. Finalmente colocou o cartucho no lugar e ligou o aparelho.

Ele escolheu a espreguiçadeira, mais próxima ao canto do sofá onde ela se encontrava. Prudence observou-o aproximar-se e esticar o corpo sobre as almofadas, depois acomodar as pernas. O tempo todo dizia a si mesma que seu instinto de auto-preservação se fora. Teve vontade de dizer algo que o colocasse a caminho, que saísse dali.

O problema é que não queria que ele saísse.

Talvez, durante os dias em que Sharlee ficara hospedada com eles, Prudence se tivesse tornado complacente. Afinal, com Sharlee por perto, nunca ficavam sozinhos de verdade. A menina podia aparecer a qualquer hora e em qualquer lugar da casa, ansiosa para falar sobre seu coração magoado e o que ela deveria fazer com sua vida.

Naquela noite, entretanto, não havia a menor possibilidade de Sharlee aparecer.

— Você está mais... amigável esta noite, Prudence. Ela tentou pensar numa resposta atravessada, mas não conseguiu. Deu de ombros e sorriu.

— Vai conversar comigo, certo? Me contar coisas.

— Que coisas? — indagou ela, apoiando-se no braço do sofá, na direção dele.

— Sobre você.

Ela estremeceu, numa sensação que poderia ser desconforto... ou desejo.

Aquilo tinha um gosto proibido. Era delicioso. E adorável. Por um instante ela precisou olhar para outro lado, na direção da lareira, deixando que a dança das chamas entretivesse seu olhos.

Billy pronunciara seu nome, com suavidade. O olhar de ambos se encontrou. No dela, um desafio.

— Tive uma idéia. Por que não me fala sobre você, invés disso?

— Sobre mim? — ele riu.

— Mas eu já sei tudo sobre mim.

— Mas eu não sei.

— Você sabe o suficiente.

— Vamos, Billy. Você teve sua vez me fazendo perguntas sobre minha vida. Eu não. O que é justo, é justo.

Ele girou na cadeira, ergueu o corpo por um instante, depois deixou-se cair nas almofadas outra vez, cruzando as pernas à altura dos tornozelos. Passou depois a contemplá-los.

— Muito bem. O que quer saber?

Ela não estava preparada para uma desistência tão rápida, portanto teve de pensar um pouco antes de perguntar:

— Bem, quanto aos seus casamentos? Se não estou enganada, você se casou duas vezes, certo?

Ele parou de contemplar suas botas e ergueu os olhos para ela por um instante.

— Duas. Certo.

— É muito difícil para você?

— Tudo bem, eu aguento. Que mais?

— Bem, me conte mais sobre eles.

— Sobre os casamentos?

— Isso.

Ele afundou-se ainda mais na cadeira, estudando os pés com atenção redobrada.

— Não há muito para contar. Casei com a primeira, Serena, numa noite, depois de uma festa grande. De alguma forma terminamos em Reno e eu estava com uma aliança no dedo. Isso durou um ano. Minha segunda esposa, Elisabeth, disse que iria casar comigo no dia em que me conheceu. Eu disse que não era homem que qualquer mulher pudesse casar. Mas ela não ligou muito. Conseguiu o que queria numa noite — contou ele, sorrindo em seguida.

— É, você adivinhou. Foi depois de uma enorme festa. Uma festa que começou em Malibu.

— E na manhã seguinte?

— Acordei em Las Vegas. Casado outra vez. Só que daquela vez durou seis meses.

Prudence queria mesmo entender como ele podia ter feito bobagens daquele tipo.

— Você provavelmente teve uma infância terrível, não foi?

Ele negou, com um gesto de cabeça.

— Não teve nada de errado com minha infância. Nunca sofri violência. Meus pais eram sossegados e religiosos. Isso era tudo o que havia de errado com eles. Todos os erros que cometi na vida, cometi sozinho.

Ela o observou, reparando como ele era bonito, mas de uma forma totalmente inconsciente. Prudence morara em Los Angeles a maior parte da vida e sabia muito bem que os homens podiam ser tão frívolos em relação à aparência quanto as mulheres. Todavia, não era o caso de Billy. Talvez fizesse parte do poder de atração que ele exercia. Ele não se importava a mínima com a aparência.

Uma música country começou, e Billy começou a bater as botas no chão, para acompanhar o ritmo. Por um instante, pareceu perdido na batida da música. Então voltou os olhos para ela.

— Sabe dançar em dois tempos, Pru?

— Billy, estávamos falando de você — lembrou ela, recusando-se a desviar-se do assunto. Ele continuou a acompanhar o ritmo.

— O que mais quer saber?

— Bem... algum caso de amor recente?

— Muitos.

— Você foi à faculdade?

— Não.

— Mas terminou o colegial, certo?

— Certo. Mas passei raspando.

— Impressionante.

— Sem ironias, por favor.

— O que você fez depois da escola?

— Fugi de Sweethaven, no Texas.

— Para onde fugiu?

— Fui para Nashville, onde tive um monte de empregos esquisitos durante o dia e à noite tocava em bares por alguns dólares. Vendi minha primeira música depois dos vinte anos. Por cinquenta dólares, se não me engano. Para dizer a verdade, vendi um bocado de músicas barato demais, até encontrar Waverly Sims, meu agente, há onze anos. Desde então, venho ganhando um bom dinheiro com aquilo que componho. O que mais quer saber?

— Quando se mudou para Los Angeles?

— Quando tinha vinte e oito anos. Abri o Bad Billy's aos trinta anos. Falar sobre isso é tão maçante quanto é falar sobre ser criado por dois fanáticos pela Bíblia, em Sweethaven, no Texas.

— Aposto que Sweethaven é uma cidade muito simpática.

— É, talvez você dissesse isso, se fosse até lá — disse ele, erguendo-se.

— Vamos, a música está quase terminando.

— E daí?

— Como, e daí? Vamos dançar.

— Não sei dançar isso.

— Eu ensino você.

Ela não achava que estivesse pronta para fazer aquilo, ou seja, ir de boa vontade para os braços dele. Mesmo para algo tão inocente quanto dançar.

— Acho melhor não.

— Pare com isso, Prudence. Você já me envergonha, me fazendo ficar longe do Buraco na Parede. Estou comportado há uma semana. O mínimo que você pode fazer é dançar um pouco comigo.

— Não, Billy.

— Bem, veja só. A música terminou, de qualquer jeito — disse ele, decepcionado.

Apanhou o controle remoto sobre a mesa de café e desligou a música seguinte. Em seguida atirou o dispositivo por sobre o ombro. Pousou exatamente sobre a poltrona que ele ocupara. Ele baixou os olhos para encará-la.

— E então, Prudence? O que vamos fazer sobre isso?

— Sobre o quê?

— Sobre isso. Você e eu.

Antes de responder ela se perguntou como a conversa havia fugido tanto ao controle.

— Billy, já discutimos esse assunto antes.

— Eu sei. E daquela vez não terminou bem.

— Você está se referindo a depois que eu disse não.

— Eu detesto mesmo esta palavra, sabia? — desabafou ele, tomando-lhe a mão.

Por algum motivo, Prudence permitiu. Billy puxou, e ela viu-se em pé. Ele colocou a mão nas costas dela e levou-a para o meio da sala. Ele abaixou-se e tocou o controle. Em seguida balançaram-se ao som da mesma música que tocara anteriormente. Por alguns momentos, Billy guiou sem o menor esforço e ela ficou surpresa pela ausência de esforço realizado.

— Eu não devia estar fazendo isso — sussurrou ela.

— Não fale, dance.

Foi o que fizeram, por um minuto ou dois. Então ela recuou um pouco.

— Quando eu disse não, será que eu disse nunca?

— Não me lembro. Minha cabeça está completamente vazia.

— Mentiroso.

— Olhe que eu estou com minha agenda aqui. Você devia saber disso a essa altura.

— Eu estou mesmo flertando com você — constatou ela.

— Não é bom?

— É que... parece uma bobagem. Billy puxou-a contra si. Era muito bom.

— Quantas vezes na sua vida você fez bobagens? Ela tentou lembrar de pelo menos uma.

— Foi o que pensei — disse ele, depois de algum tempo. Recuou para poder observar-lhe o rosto.

— Você não precisa fazer bobagens, Pru. Precisa é fazer umas loucuras de vez em quando.

— Isso você é quem diz.

— É. Sou uma espécie de especialista em loucuras.

— Já ouvi dizer.

— Prudence?

— O quê?

— Não basta fazer loucuras. Precisa fazer loucuras comigo.

— Por que com você?

— Por dois motivos. Porque tenho muita experiência no assunto. E porque eu quero fazer loucuras com você, também.

— Isso é insensato.

— Não. É divertido.

— E mais tarde, quanto a Jesse?

— Qual o problema? Sou o pai. Você é a tia. O que nós dois fazemos em particular nunca vai mudar isso.

— Está querendo dizer que ele não precisa nem saber?

— Agora você está raciocinando.

— Certo, mas...

Não conseguiu concluir o pensamento. As idéias se embaraçavam em sua mente, dificultando-lhe o raciocínio.

— Loucura, Prudence, essa é a palavra-chave. Toda a idéia, quando você faz uma loucura, é não ligar a mínima para o que vai acontecer depois.

Ela olhou para ele de perto, pensando que a serpente no Paraíso deve ter feito algo semelhante.

— Você está mesmo me tentando, sabia?

— Eu nunca tento, Prudence.

A música terminou e os dois pararam, perto da mesa de café. Prudence começou a afastar-se.

— Espere — pediu Billy, as mãos sobre os ombros dela.

— O que foi, Billy?

Ele não disse nada, só ergueu as mãos para as têmporas dela e começou a retirar-lhe os óculos.

Não foi como da outra vez, no clube, quando ele se movera tão depressa que ela nem o poderia ter impedido se quisesse. Ali, na sala, com os movimentos lentos, Prudence poderia ter evitado com facilidade. Poderia ter segurado a mão dele em várias oportunidades. Contudo, não se moveu.

Permitiu.

Os óculos saíram logo, nas mãos de Billy. Tudo o que havia na sala tornou-se impreciso e desfocado, com um toque irreal.

Ele afastou-se apenas o suficiente para colocar de lado os óculos. Logo estava outra vez junto a ela.

— Billy?

— O quê?

— Tenho todos os defeitos possíveis, em termos de enxergar.

— O que quer dizer isso?

— Quer dizer que minha córnea tem a forma errada e também os próprios globos oculares. Tenho astigmatismo forte, assim como hipermetropia. Nos dois olhos.

— E daí?

— Não consigo enxergar coisa nenhuma, Billy.

— Sei disso. É muito bom.

Ela pretendia começar outra vez a falar. Mas antes que pudessem encontrar as palavras, ele a puxou. Ela só enxergava o contorno dele, e sentiu o calor aproximar-se.

— Billy?

— Shh.

Ele tocou-lhe os cabelos com a palma da mão, desde o alto da cabeça até onde as madeixas se curvavam, pouco acima do ombro.

— Quente. Macio.

Segurou-lhe os ombros outra vez, com delicadeza. Ela sabia que ele devia estar observando-a e sorriu. Sentiu fugir-lhe o fôlego, uma mulher à beira de algo perigoso e esplêndido. Seu coração batia forte no peito, mas compassadamente. Não estava assustada. Estava... maravilhada.

Então o rosto dele aproximou-se. Ela prendeu o fôlego. O coração bateu mais depressa.

A boca de Billy tocou a dela, com suavidade. Parecia... perfeito aquele contato. Certo.

— Pru...

Ele repetiu com carinho o nome que ela pedira para ele não usar, mas usava assim mesmo.

Sentiu a suave carícia do hálito dele e lembrou-se de soltar o ar. Os lábios dele moveram-se no que ela sabia ser um sorriso, mesmo que não pudesse distinguir com exatidão o contorno.

As bocas procuraram-se outra vez, desta feita com firmeza, apertadas como os corpos de ambos. Ela escutou um gemido e levou algum tempo para perceber que ela mesma produzira o som.

Billy começou a beijá-la ao longo do pescoço, afastando o cabelo com delicadeza.

— Me abraça, Pru.

Ela não esperou outro convite, pousando os braços ao redor do pescoço dele. Foi brindada com um som de satisfação. Depois a boca procurou a sua outra vez.

— Me beije.

Parecia uma ótima sugestão. Foi o que ela fez.

CAPÍTULO XIV

Quanto mais demorava o beijo, melhor ficava. Billy colocou a mão na parte de baixo das costas e puxou-a contra si, tão apertado que ela lhe sentiu a ereção rígida contra o ventre. Era bom. Mas também a lembrou que se ela pretendia parar, era melhor fazer isso de uma vez.

Deslizou as mãos do pescoço para o peito dele. Aplicando uma pressão constante, de alguma forma conseguiu desprender os lábios dos dele. Billy...

— Ainda não acabei, Pru — disse ele, capturando-lhe a boca outra vez.

— Billy...

— Shh.

— Billy!

Aquilo lhe captou a atenção. Ele ergueu sua cabeça. Sabia que ele a encarava, porém tudo o que podia ver foi um par de pontos mais escuros na metade da forma imprecisa de seu rosto.

— Qual o problema agora?

— Eu simplesmente gostaria de ter algum tempo para pensar sobre tudo isso.

— Péssima idéia. Você acaba mudando de idéia se pensar demais.

Ela pressionou as mãos contra o peito dele e afastou a cabeça.

— Billy.

Ele resmungou alguma coisa, mas ao menos deixou-a ir. Depois virou-se. Quando a encarou outra vez, tomou-lhe a mão. Ela sentiu a forma reconfortante dos óculos na palma da mão.

Ela os envergou. O mundo voltou a ficar focalizado. No centro de seu campo visual estava Billy. Não parecia contente.

— Billy, eu acabei de...

Ele ergueu a mão.

— Não precisamos malhar demais na mesma tecla. Você sabe o que eu quero. Se resolver que você também quer, me avise.

Mais tarde, já que não conseguia dormir, Prudence ficou na cama, preocupada com Oggie. Esperava que ele tivesse razão. Lembrou a si mesma que ninguém parecia preocupar-se com ele, e que todos diziam que ele sempre chegava daquela forma, sem dizer a ninguém onde ele poderia ir ou quando voltaria.

Os pensamentos se voltaram para Randi.

A irmã num tope vermelho e calças listradas sentada na sala de café da manhã, seu cabelo loiro um emaranhado ao redor de seu rosto incrível, seu suco intocado de legumes e ervas esperando na mesa em frente a ela.

Prudence colocara de lado o Wall Street Journal e observava a irmã. Randi ao menos reparara que estava sendo observada. Por fim, Prudence começara.

— Alguma coisa está acontecendo. O que é?

— Um homem — informou Randi, dando de ombros.

Apanhou o copo de suco, deu uma olhada e recolocou-o na mesa, intocado.

— Que homem?

Randi suspirou. Em seguida, delicadamente, como um gato lambe o final do leite, ela passou a língua sobre o lábio superior.

— O nome dele é Billy Jones.

— Você gosta dele.

— Gosto dele. Quero ele. Vou ficar com ele, mesmo que depois tenha de pagar o preço.

— Que preço?

— Ele é um sujeito livre, sem laços de nenhum tipo. Vai me magoar.

Prudence não fora capaz de entender.

— Nesse caso, porque está pensando em começar um envolvimento com ele?

Randi olhara para ela, sorrindo de forma triste e cheia de compaixão.

— Existem homens que as mulheres não devem deixar passar, se puderem. Seja duradouro ou não, fique ela de coração quebrado ou não.

— Não entendo.

— Que pena, mana — dissera Randi, fazendo um carinho no queixo da irmã.

As duas se olharam por alguns instantes, cada uma tentando entender a outra. Depois caíram juntas na gargalhada.

— Sabe, um dia quero que você encontre um homem como ele, Prudence. Quero que tenha com ele o que terei.

— Não, muito obrigada.

— Não existe nada mais triste do que uma vida aproveitada pela metade.

— Continuo dizendo, não, obrigada.

— Prudence, se você continuar se limitando... A frase morrera no ar, mas o significado permanecera.

Em sua cama, em North Magdalene, sozinha, Prudence tinha os olhos fechados e não pôde evitar o pensamento de que sua irmã tinha razão.

Na manhã seguinte, Billy dera a impressão de estar controlado. Falou com educação, mas parecia distante.

Passou a maior parte do dia com o filho. Enquanto Jesse dormia, ele foi para o quarto tocar violão. Naquela noite foi visitar Sam. Voltou para casa ao redor das onze horas, depois que Prudence se recolhera. Como ainda não conseguira dormir, ouviu quando ele chegou.

Teve vontade de colocar o roupão e descer, para perguntar como estava Sam, e para pedir que ele continuasse e fizesse todas aquelas coisas que ela não devia deixar.

Porém não fez nada disso. Continuou na cama, virando-se sem conseguir dormir.

No dia seguinte, Billy e Jesse saíram de casa pouco depois das nove da manhã.

— Acho que vou levar Jesse para Grass Valley outra vez. Ele adora aquele playground do Mcdonalds. Sabe, aquele com os tubos e as bolas enormes?

— Sei. Ele gosta mesmo — concordou ela, em tom de quem queria ser convidada.

— Apanhei a lista que estava grudada na geladeira — disse ele, sem fazer a menor menção de convidá-la.

— Pode deixar que eu trago as compras.

— Obrigada.

— Precisa de mais alguma coisa? Um beijo e bastante sexo, pensou ela.

— Não, só isso.

Depois que os dois saíram, Prudence sentiu-se terrivelmente só. Ficou observando as rosas amarelas, já abertas há dias, sobre a mesa da sala de jantar por um bom tempo. Algumas das pétalas haviam caído. Os botões que permaneceram pareciam fenecidos, pendendo do caule, com as pontas escuras. Fora bobagem deixá-las ali tanto tempo.

Jogou fora as flores e foi para a pia, lavar o vaso, pensativa. Talvez existisse uma mensagem ali para ela, nas flores que passaram do tempo sem abrir-se. Com a cabeça dispersa, telefonou para Eden. Conversaram sobre o tempo e sobre Sam e Dalila, que continuavam separados. Eden informou que ninguém tivera notícias de Oggie desde que ele saíra da casa de Nevada, cinco dias antes.

— Será que ninguém vai começar a se preocupar com ele? — desabafou Prudence, com uma ponta de nervosismo na voz.

— Humm... estamos um pouco tensas, hoje?

— Mesmo que ninguém mais se preocupe com ele, eu me preocupo.

— Certo. Fique sabendo que todos nós ficamos um pouco preocupados se ficamos sem notícias dele por vários dias. Mas já aconteceu outras vezes. E ele sempre volta são e salvo. Além disso, o que mais está preocupando você?

— Como assim?

— Está aparecendo na sua voz. Alguma coisa está preocupando você, e bastante — afirmou Eden, com segurança.

— É Billy, estou certa?

Prudence tentou pensar em alguma coisa para dizer, mas demorou.

— Estou certa. Quer falar sobre isso?

— Não. Acho melhor, não.

— Estou aqui, se mudar de idéia. Com toda a discrição. O assunto morre comigo.

— Obrigada.

— Posso dizer só uma coisa?

— Bem...

— Vou dizer de qualquer jeito. Se não quiser, tape os ouvidos.

— Dizer o quê?

- Lá vai: Maomé precisa ir até a montanha, porque a montanha não vai até Maomé.
- O quê?
- Arriscar um pouco, talvez.
- Podemos falar de alguma outra coisa?

Eden concordou e imediatamente mudou o assunto para algo trivial. Continuaram conversando cerca de vinte minutos, até que Diana, o bebê dela, começou a chorar e o telefone foi desligado depois de uma despedida rápida.

Eram nove e meia. Para Prudence, o dia parecia esticar-se à sua frente, vasto e vazio. Obedecendo a um impulso comum nesses momentos, subiu para trabalhar ao computador. Experimentou vários tipos diferentes de letra, tentando dar mais destaque e sobriedade ao seu nome; revisou as descrições de todas as funções que desempenhou como administradora dos bens de Randi.

Em mais de uma oportunidade, pilhou-se olhando sem ver para a tela do computador, lembrando-se de como foi sentir os lábios de Billy sobre os dela, imaginando a vida dos botões que não floresceram na sala de jantar, ou escutando a voz de Randi:

— Existem homens que as mulheres não devem deixar passar, se puderem. Seja duradouro ou não, fique ela de coração quebrado ou não...

Finalmente, depois de deixar a mente vagar sobre os mais variados assuntos, ela resolveu encerrar o programa. Admitiu para si mesma, com certa amargura, que não fizera qualquer alteração significativa no arquivo original. Nunca fazia alterações importantes. Isso acontecia porque não havia nada errado com seu curriculum. Estava pronto para ser usado, se e quando ela precisasse.

Isso poderia acontecer mais cedo do que ela imaginara a princípio. Em três dias, no dia seguinte ao de Ação de Graças, o período de duas semanas que ela e Billy combinaram, terminava. Ela teria de tomar a decisão. A que fosse melhor para Jesse. Não era um momento pelo qual ansiava.

A campainha tocou. Prudence animou-se um pouco com a perspectiva de companhia, desceu as escadas e foi abriu a porta.

Deparou com Nellie Anderson na soleira, com uma prancheta embaixo do braço.

— Como vai, meu bem? Estou aqui para ajudar você a resolver qual vai ser sua contribuição para a Quermesse do Natal.

Por um instante, Prudence considerou a possibilidade de fechar a porta no rosto estreito e no nariz adunco de Nellie. Porém, sua boa educação obrigou-a a convidar a visitante para uma xícara de café na cozinha. Serviu duas porções.

— Bem, deixe dizer o que você pode fazer para ajudar a quermesse — começou Nellie, consultando sua prancheta com as tarefas.

A Quermesse de Natal estava marcada para o sábado seguinte, seis de dezembro. Haveria barracas com atrações e prendas para leilão, jogos e venda de bolos e biscoitos. A noite, no salão da cidade, os alunos do ginásio de North Magdalene iriam apresentar um espetáculo. Prudence viu a si mesma concordando em cuidar de uma barraca de prendas por algumas horas e a assar uma quantidade desafiadora de bolinhos.

Por fim, Nellie deu por encerrada a parte oficial da visita, colocando a prancheta embaixo do braço.

— Obrigada pelo café, Prudence. E pelo seu compromisso de tempo e esforço durante a quermesse. Agora, preciso ir andando.

Prudence acompanhou sua visitante até a porta, grata por nem terem mencionado Billy durante a conversa.

Entretanto, assim que ela abriu a porta, Nellie manifestou-se:

— Estou vendo que o pequenino não está aqui. Suponho que saiu com aquele homem.

Agradecera cedo demais sua sorte. Olhou com severidade para a outra.

— Não comece, Nellie.

As sobrancelhas ralas se ergueram, num gesto de surpresa.

— Como disse?

— Disse para você não começar.

— Alguém precisa dizer a verdade para você, meu bem.

— Você mesma já disse, dezenas de vezes.

— Cuidado, minha querida. Vele pela sua virtude. Sem mencionar seu pobre coração.

— Nellie, esse assunto simplesmente não é da sua conta.

— Você poderia terminar como a pobre Dalila, abatida e humilhada, vivendo num quarto alugado.

— Dalila não "terminou" num quarto alugado. Está hospedada no Foothill Inn, por enquanto, até resolver a situação com Sam.

— Na corte de divórcio, claro.

— Isso você não sabe.

— Você ficaria surpresa com as coisas que sei.

— Além do mais, a situação de Dalila e a minha não são nem um pouco parecidas.

— São perfeitamente similares num aspecto.

— Que aspecto é esse?

— Os homens, Prudence. Sam Fletcher e Billy Jones. São farinha do mesmo saco, se me perdoa a expressão. Todos por aqui sabem que Sam Fletcher é tão Jones quanto os legítimos. Ogden sempre fala nele como se fosse outro filho. E ele certamente se comportou como um Jones ao longo dos anos. Eu poderia mencionar...

— Por favor, não — interrompeu Prudence, tomando o braço da outra e conduzindo-a através da porta.

Nellie ainda desfiava conselhos quando Prudence murmurou uma despedida e fechou a porta devagar.

Cerca de quinze segundos mais tarde, Prudence escutou os passos da visitante descendo os degraus da varanda. Espiou por uma fresta da janela e viu a mulher mais velha, os ombros caídos e a cabeça erguida, caminhando na direção do portão de entrada.

Suspirando, deixou-se cair no sofá. Um instante mais tarde veio o pensamento de que ela só iria aprofundar sua depressão, se ficasse no interior da casa o dia inteiro, com saudade de Billy e Jesse. Ou então fazendo alterações imperceptíveis em seu curriculum, exposta às opiniões de quem quer que batesse à porta.

Ergueu-se cheia de vontade, apanhou sua bolsa, o casaco e saiu para o ar frio daquela manhã de novembro.

Uma vez na calçada, ficou indecisa por um instante, considerando a possibilidade de ir até o café da Lily. Era quase meio-dia, hora de almoçar.

Obedecendo a um impulso, caminhou na direção do carro. Iria até Nevada City, e almoçaria lá. As casas altas e as alamedas repletas de árvores sempre a fascinaram. Boa parte das

casas fora construída na época da corrida do ouro. Iria fazer compras impulsivamente, sem procurar nada em particular, uma ótima forma de esquecer os problemas do cotidiano.

Em cada curva da estrada sinuosa para Nevada City, Prudence imaginava enxergar o Cherokee de Billy, voltando para North Magdalene. Porém isso não aconteceu, e talvez fosse melhor assim. Se ela visse o jipe se dirigindo para outro lado, terminaria imaginando como Billy e Jesse estariam se virando em casa, desejando que ela estivesse lá ao invés de desfrutar os prazeres da uma tarde livre.

Almoçou no Country Rose Café, na Rua Comercial, depois andou desde a Rua Pine até a Broad. Na livraria, ela entrou, não só para escolher alguma coisa para ler, mas também para tomar o famoso café expresso de lá. Depois caminhou pelas ruas, olhando vitrinas. A cada passo, pensava em como Nevada City era pitoresca e agradável.

Passava um pouco das duas horas quando ela retornou ao carro. Desejava ir para casa. Porém, de alguma forma, achou-se dirigindo para o lado oposto ao que ficava a estrada. Sem que pudesse atinar por quê, acabou fazendo uma volta que a levou outra vez para o centro da cidade. Estacionou em frente a uma drogaria.

No interior, vagou por entre as gôndolas repletas de produtos farmacêuticos e dietéticos, até se descobrir em frente à prateleira que vendia anticoncepcionais. Só então admitiu para si mesma o que estava fazendo ali.

Jesse estivera de mau humor o dia inteiro. No que tocava a Billy, a viagem até Grass Valley fora um verdadeiro fracasso. Jesse fez manha em todas as lojas que visitaram e chorou quando Billy o levou para o parque. Billy deveria ter desistido cedo e voltado para casa.

Porém Prudence estava em casa. E ele estava bravo com ela. Tinham três dias até terminar o prazo do acordo entre ambos. Não era muito tempo para um caso entre os dois. Tivera sua melhor oportunidade na noite que passara e ela recusara. Dissera que queria pensar sobre o assunto. Billy conhecera mulheres suficientes em sua vida para perceber que quando elas diziam isso, o sujeito não tinha a menor chance.

Por isso estava zangado com ela. Estava castigando-a ao evitá-la. O que não deixava de ser ridículo, porque ela devia ficar agradecida em encontrar menos com ele.

A verdade é que estava ficando maluco com aquela confusão. Ele a queria. Agora. Não fazia sentido, mas era assim. Prudence não fazia o seu tipo, mas Billy tinha vontade de ir em frente e arriscar, se ela quisesse.

Contudo, ela precisava pensar sobre o assunto.

O resultado disso é que passou o dia inteiro em Grass Valley, lidando com um garoto de mau humor.

Finalmente, por volta de duas e meia, Billy desistiu e voltou para casa. As três horas subia os degraus da varanda, carregando um garoto chorando num dos braços e um saco de compras no outro. Estava ansioso para entregar Jesse aos cuidados de Prudence, atirar as compras na pia da cozinha e retirar-se para o quarto. Lá, ele iria colocar os fones de ouvido e deitar na cama para esquecer todos os meninos rabugentos e principalmente a existência das mulheres.

Contudo, suas esperanças logo se desvaneceram, ao deparar com a porta trancada. Quase deixou cair o pacote enquanto lutava para apanhar a chave, enfiada na carteira, no bolso traseiro. Assim que conseguiu, enfiou-a na fechadura e abriu a porta com o pé.

— Prudence! — gritou ele, assustando Jesse em seu colo e fazendo-o chorar mais alto.

Prudence não veio. Ele foi forçado a admitir a idéia de que saíra e não estava em casa. Colocou as compras sobre a mesinha de café na sala e sentou-se no sofá com Jesse. Alguns momentos de fala macia e carinhos, e o garoto melhorou. Abraçou-o para acalmar a ambos.

Nesse instante Billy experimentou a temperatura na testa do filho, como fizera algumas vezes durante o dia. Não parecia ter febre. Na verdade, não tinha nenhum motivo especial para julgá-lo doente, a não ser pelo comportamento. Dava a impressão de estar triste ou descontente.

Billy levou-o para cima e verificou a fralda. Estava molhada. Decidido a eliminar todos os motivos de desconforto, trocou Jesse.

— Pronto. Está melhor agora?

A resposta foi um abrir de boca silencioso, transformado em choro no espaço de poucos segundos.

"Onde está aquela mulher quando preciso dela?", pensou Billy.

— Vamos lá, Jesse. Diga ao seu pai o que está errado.

Em resposta o garoto levou as duas mãos ao rosto, esfregando os lábios e as bochechas.

— Está com dodói?

Jesse começou a debater-se, portanto o pai colocou-o no chão, onde engatinhou até a cama e começou a mastigar a perna vermelha do beliche. Billy deixou-o exercer aquela estranha atividade por alguns minutos porque deu a impressão de acalmá-lo, depois tirou-o dali. Billy não aprovava garotos enfiando objetos na boca o tempo inteiro, muito menos morder a mobília, e estava tentando tirar aquele "vício" de Jesse.

Porém o garoto botou a boca no mundo assim que sua boca se afastou do metal vermelho. Billy tentou acalmá-lo. Jesse chorou ainda mais alto. O pai, desesperado, apanhou o violão e começou a cantar. Uma música que era engraçada e permitia um pouco de representação.

Jesse não prestou atenção. Enfiou a mão na boca e continuou chorando.

O pai teve vontade de gritar.

Contou até vinte, respirou fundo e tentou raciocinar. Talvez existisse algo de errado com o filho. Onde estava Prudence? Ela devia estar em casa àquela hora. Apanhou Jesse no colo e desceram as escadas.

— Você está com fome, está?

Levou o filho para a cadeira de comer e serviu uma porção de cereais. O menino olhou para os flocos coloridos, depois para seu pai.

— Pú... Pú!

Billy reprimiu a vontade de dizer que ela não estava, e quando chegasse não iria adiantar nada, porque antes iria matá-la. Todavia, limitou-se a respirar fundo e dizer:

— Quer suco?

Com a pressa fazendo os dedos estremecerem, Billy encheu um dos copos de segurança com suco de maçã, que entregou ao menino. Jesse deu um gole, depois começou a morder a borda do copo de plástico. Aparentemente aquilo não o agradou, pois atirou tudo para o outro lado do aposento. Aterrissou na bancada da pia, quando a tampa foi expelida e o suco espalhou-se pela bancada, formando depois uma cascata escorrendo pelas gavetas em direção ao assoalho.

— Que gracinha — comentou Billy, exasperado. Jesse começou a gritar, pronunciando entre soluços o nome de Prudence.

— Acho que chega. Vou ligar para o médico.

O número estava em algum lugar, perto da estante onde ficava o telefone. Não demorou muito a lista dos telefones de emergência. Discou.

— Clínica Médica de North Magdalene — atendeu uma voz, em tom profissional.
Nesse instante a porta da frente bateu.

— Fica para mais tarde — disse ele, antes de desligar.

— Pú, Pú... — soluçava Jesse.

Billy escutou os passos que se aproximavam e logo Prudence parou na porta da sala de jantar, ainda usando casaco. Trazia a bolsa a tiracolo e um pequeno saco de papel pardo. Deixou os dois objetos sobre a mesa.

— O que está acontecendo?

Billy estava furioso com ela. Ao mesmo tempo, jamais se sentira tão aliviado ao ver alguém.

— Não sei o que é. Ele está manhoso o dia inteiro. Agora não quer parar de chorar nem por decreto.

— Pú, Pú... — chamava ele, soluçando e estendendo os braços na direção dela.

Billy saiu da frente quando ela se dirigiu diretamente para Jesse. Apanhou-o no colo e foi com ele até a geladeira. Abriu a porta, apanhou um objeto no congelador, removeu a embalagem exterior e entregou-o ao garoto. Com um suspiro, ele o enfiou na boca e começou a mascar.

Billy recostou-se contra a pia da cozinha, a irritação dando lugar à curiosidade.

— O que é isso, se posso perguntar?

— Pãozinho congelado. Os dentes de Jesse estão nascendo. Isso faz coçar a gengiva e ele fica irritado. Só precisa de alguma coisa para mastigar. E o frio ajuda a acalmar.

Jesse já parecia mais calmo, e embora soluçasse de vez em quando, não chorava mais. Vagarosamente, Prudence colocou-o no chão.

Billy mal podia acreditar em seus olhos. Um pãozinho congelado e seu filho se aquietara. Pensou em quanto sofrimento poderia ter evitado se soubesse disso.

— Ele esteve chorando o dia inteiro.

— Por que você não levou alguns mordedores de borracha?

Ele não gostou do tom que ela falou. Parecia ter uma ponta de ironia ou censura. Entretanto, não respondeu mal.

— Não gosto de vê-lo mastigando coisas o tempo todo.

Ela começou a desabotoar o casaco.

— Bem, o fato é que os dentes fazem a gengiva doer, pouco antes de nascerem. A menos que queira que Jesse sinta dor, será preciso fazer uma exceção por enquanto — observou ela, voltando-se e saindo da sala.

Ele ficou olhando o lugar onde ela estivera, a raiva queimando em seu interior, mas o bom senso impedindo-o de externá-la.

Alguns instantes mais tarde ela apareceu outra vez, trazendo as compras que ele esquecera sobre a mesa de café na sala. Parando apenas para colocar o portão dobrável na porta da cozinha, caminhou para a bancada ao lado de onde ele se recostava, e colocou o saco no meio da poça de suco de maçã.

Tirou do interior um maço de alface, guardando-a na geladeira. Quando voltou para apanhar mais compras, reparou no suco derramado. Com um olhar sofredor ela ergueu o saco e examinou o fundo, encharcado de suco de maçã.

— Que ótimo!

Disse aquilo olhando para ele, um brilho de ameaça que dizia claramente: se não pode ajudar, não atrapalhe. Mas Billy permaneceu onde estava. Suspirando cheia de resignação, ela

deu a volta e colocou o saco do outro lado da pia. Suspirou outra vez ao esticar a mão para apanhar a esponja de limpeza. O terceiro foi o suficiente para Billy, que agarrou-lhe o pulso. Ela ficou rígida... o que o deixou satisfeito.

— Não quero que meu filho sinta dor — afirmou ele, articulando com precisão as palavras.

— Largue meu pulso.

— Acredita que quero ver meu filho sofrendo? Ela tentou libertar-se. Não conseguiu.

— Acredita? — insistiu ele.

Antes de responder Prudence lançou um daqueles olhares superiores, que ela fazia tão bem.

— Não. Claro que não. Ele a soltou.

— Ótimo.

Ela estendeu a mão para a esponja de limpeza outra vez.

— Não.

Ela parou e encarou-o com uma das sobrancelhas levantadas.

— Por que não?

— Pode deixar que eu limpo.

— Não seja bobo.

— Eu disse que limpo.

— Ótimo.

Ela recuou um passo, cruzou os braços e ficou esperando.

Ele colocou o copo e a tampa na pia, depois apanhou a esponja. Com cuidado, empurrou para o interior a maior parte da poça sobre a bancada.

Depois enxaguou a esponja e passou-a nos locais onde a madeira estava molhada. Feito isso, lavou a esponja e repetiu a operação. O tempo todo Prudence permaneceu vigiando.

— Já terminou? — perguntou ela, em tom tão educado que Billy teve vontade de gritar palavrões.

Mas não o fez.

— Já.

— Então eu vou terminar de guardar as compras, se não se importa.

Foi assim o restante do dia. Falaram um com o outro apenas quando precisavam, e mesmo assim em sentenças curtas, precisas e educadas.

Billy tinha vontade de gritar. Queria agarrá-la e beijá-la, ou então sair pela porta e não voltar nunca mais. Tinha vontade de quebrar alguma coisa. Qualquer coisa para libertar a tensão acumulada em seu interior, que não parecia capaz de sair até que ele pusesse as mãos em Prudence. Ou a retirasse de vez de sua vida.

O jantar foi uma tortura. Billy mastigou, engoliu e franziu o cenho.

Prudence empurrou sua comida pelo prato e imaginou o que acontecera para que as coisas chegassem até o ponto em que estavam. Ele parecia culpá-la por tudo desde que chegara, naquela tarde. Estava difícil a convivência.

Lembrou-se do saquinho com o que comprara na drogaria, e imaginara o que poderia ter passado por sua cabeça para acreditar que poderia precisar de anticoncepcionais naquela noite. Voltou-se para Billy, que sustentou-lhe o olhar.

Nunca, pensou ela. Nem em um milhão de anos.

Nem que aquele fosse o último homem sobre a superfície da terra e o futuro da humanidade dependesse deles. De jeito nenhum.

- Vai comer, ou só vai ficar empurrando pelo prato?
- Por quê? Você quer? — ofereceu ela, em tom musical.
- Não. Mas não devia brincar com a comida. É mau exemplo para Jesse.
- Obrigada, Dr. Spock.
- Póque-póque — ecoou o garoto, em sua cadeira.

Os dois adultos voltaram para ele os rostos sérios, e Jesse colocou outra vez o pãozinho na boca, sem opinar mais.

Billy passou das oito horas, baixando seu recorde, porém o coitado tinha dores nas gengivas e mereceu uma história extra.

Quando saiu do quarto de Jesse, prometeu a si mesmo que iria direto para seu quarto e fecharia a porta. Se não pudesse ficar sozinho em casa, iria visitar Sam. Os dois podiam trocar idéias sobre a maldade das mulheres.

Porém quando desceu as escadas deparou com Prudence, sentada no sofá da sala de estar. Tinha o nariz enterrado no livro, contudo ele não acreditava que ela estivesse lendo mesmo. Só estava fingindo. O propósito verdadeiro era mais sinistro. Ela só estava ali aguardando que ele descesse as escadas. Não queria perder nenhuma oportunidade para distribuir alfinetadas com aquela língua venenosa.

Bem, não pretendia desapontá-la.

Ocupou seu lugar habitual sob o arco. Ela não levantou os olhos do papel. Ele tossiu, e ela virou a página.

Billy aprumou o corpo e aproximou-se, sem se deter até ficar em pé encostado a ela, enxergando o livro, cujo título era didático. Estava no capítulo seis do livro de contabilidade: "Juros Compostos e Fatores de Desconto".

- Agora já sei qual é seu problema.
- Vá embora, Billy. Ele agarrou o livro.

Prudence ergueu a cabeça, os lábios apertados e os olhos fuzilando, como se lançassem chamas. Billy mostrava o título na capa.

— Nenhuma mulher deveria ler nada parecido com isso em seu tempo vago. Um livros desses faz mal para a sua cabeça.

— Devolva.

— É muito árido, Prudence. Não estimula a imaginação. Você não precisa de coisas áridas. Precisa de coisas gostosas. Aventura. Romance. Alguma coisa agitar sua vida um pouco. Para excitar sua imaginação, não apagá-la.

— Devolva meu livro.

Ele segurou no alto e sorriu para ela, ao mesmo tempo se perguntando o que havia de errado com ele, para provocá-la como um garoto.

— Boa noite, Billy — disse ela, erguendo-se. Com a cabeça rubra erguida, ela deu a volta pelo outro lado do sofá e dirigiu-se para a sala de jantar.

— Prudence.

Ela continuou andando.

— Que diabo, Pru!

Ela fez a curva na escada e desapareceu. Billy permaneceu ali, mais zangado consigo mesmo do que jamais estivera com ela. Escutou os passos diminuindo de intensidade no andar de cima; até cessarem. Depois, cuidadosamente, depositou o livro dela sobre a mesa do café. Olhou para a capa, triste. Percebeu que tinha ido longe demais... e não sabia o que fazer em seguida.

Quando Prudence chegou a seu quarto, estava tremendo de raiva.

Sentou-se na borda da cama, estremecendo e lembrando...

Sua mãe e aqueles malditos namorados que ela insistia em trazer para casa. Homens que geralmente começavam bem, mas ficavam cruéis de um instante para outro, quando bebiam ou quando Betsy fazia alguma coisa da qual não gostassem. Se Prudence fechasse os olhos, era capaz de enxergar os rostos feios berrando com sua mãe. E Betsy chorando e gritando com elas.

Prudence e Randi permaneciam encolhidas num canto, tentando se fazerem pequenas para não serem notadas... enquanto o casal quebrava a mobília e diziam coisas terríveis um para o outro. Em algumas das vezes, Betsy apanhara bastante. Ficara perambulando pelo interior do reboque no qual moravam, durante dias depois do acontecido, parecendo um personagem de filme de terror, chorando e fumando um cigarro atrás do outro. Também dizia que nenhum homem prestava.

Um mês ou dois depois, ela vinha para casa com outro tipo parecido.

Prudence jurara para si mesma que jamais deixaria os homens falarem com ela daquela forma, muito menos um homem invadir seu espaço daquela forma. Nunca dera a chance para nenhum.

Até Bad Billy Jones aparecer.

Planejara sua vida inteira em torno da idéia de auto-suficiência, para não dizer independência total da espécie masculina. Até então, seus planos haviam funcionado perfeitamente.

Esticou-se na cama, fechou os olhos e ordenou que seu corpo relaxasse. Mas não conseguiu. Estava repleta de raiva contida.

Nesse instante escutou uma batida na porta.

Mal pôde acreditar na audácia daquele homem.

— Vá embora, Billy. Ele tomou a bater.

— Vá embora — disse ela, suficientemente alto para certificar-se de que ele ouviria.

Esperou, para ver se escutava os passos dele no corredor.

Porém isso não aconteceu. Nova batida soou. Ele disse alguma coisa, do outro lado da porta. Ela sentou-se na cama.

— Por favor, Pru.

O tom era de sincero arrependimento, o que lhe diminuiu a raiva. Aguardou. Ele não bateu mais, nem falou. Mas ela sabia que Billy continuava ali. Podia enxergar-lhe a sombra através da fresta inferior da porta.

"Ele que fique aí a noite inteira, se quiser", pensou, assustada.

Porém sabia que não seria capaz de fazer aquilo. Procurando não fazer barulho, levantou-se.

Depois caminhou na ponta dos pés descalços, para abrir a porta do quarto.

CAPÍTULO XV

Billy não soube o que dizer quando ela abriu a porta. Picou olhando para ela. Mesmo com aqueles óculos ela parecia bonita aos seus olhos. Imaginou o que estaria acontecendo com ele.

— O que foi?

— Desculpe — balbuciou ele.

Imaginou que Prudence fosse fechar a porta em seu rosto, mas isso não aconteceu. Os olhos dela pareciam diferentes. Talvez fosse começar a chorar ou algo parecido. Isso também não aconteceu. Prudence não faria isso. Ela apertou os lábios e deu a impressão de ficar mais alta.

— Acho que estou acostumado a ter sempre o que eu quero — disse Billy.

Ela continuou a encará-lo daquela forma, sem chorar nem ficar brava.

Sem entender, ele desviou os olhos. — Billy?

Ele obrigou-se a encará-la.

— Sim?

— O que exatamente você quer?

— Você sabe... você.

Ela ergueu a mão e afastou algumas mechas de cabelo ruivo da testa e do rosto. Billy desejou com todo o coração que fosse ele a realizar aqueles gestos.

Algo aconteceu ao rosto dela. Mais uma mudança. Agora, em vez de parecer entre as lágrimas e a raiva, o olhar era intencional. Prudence recuou.

Billy ficou parado, sem compreender.

— Entre — convidou ela, baixinho.

Ele atravessou a soleira desconfiado, esperando a qualquer momento ser mandado embora. Prudence fez um gesto, indicando a cama.

Billy perguntou-se se aquilo era um sonho. Um sonho incrível e impossível que de alguma forma fugira para o mundo real.

Pensando bem, não havia nada de significativo em ser convidado para entrar, mesmo que ela tivesse feito um sinal na direção da cama. Provavelmente ele só estava sendo otimista.

E como era silencioso, ali. Relanceou os olhos pelo quarto. Não havia aparelho de som. Ocorreu-lhe que ficaria maluco em pouco tempo naquele aposento, sozinho no silêncio com seus desejos e vontades.

Prudence o observava, aguardando que ele desse o passo seguinte. Billy fez o que lhe foi indicado, sentando-se cuidadosamente na beira da colcha macia e branca.

Aguardou a ordem seguinte. O que mais poderia fazer? O que quer que estivesse acontecendo ali, não era ele a comandar.

Ela acionou o interruptor e os cantos do quarto imergiram na penumbra. A única luz que restou foi a pequena lâmpada de cabeceira, produzindo uma poça de luz dourada contra a brancura da cama.

Uma escrivaninha alta ficava não muito distante. Ela caminhou até lá e apanhou o saquinho de papel pardo que trouxera naquela tarde. Estava sobre o tampo, ao lado do computador.

Prudence apanhou o embrulho e voltou-se.

— Hoje fui para Nevada City. Almocei lá. Depois fui para Grass Valley. Parei na drogaria. Não admiti para mim mesma o que estaria fazendo lá, a princípio.

Será que ele deveria responder alguma coisa? Não conseguia atinar o que fosse. Permaneceu de boca fechada.

Prudence aproximou-se. Usava calça larga, em estilo chinês, com blusa branca. Parecia uma executiva no dia de folga. Uma mulher do tipo que sabe o que quer e vai direto ao assunto.

Estava com vontade de agarrá-la, desarrumar aquele cabelo penteado, desatar o cinto e baixar aquela calça. Limitou-se porém, a observá-la, mal ousando respirar fundo e escutando os próprios batimentos cardíacos.

Ela parou bem em frente a ele, tão perto que uma perna tocou seu joelho. O saco de papel estava fechado. Cuidadosamente ela o desenrolou e apanhou o conteúdo.

Duas caixas de preservativos, de uma dúzia cada, caiu no colo dele. Uma permaneceu ali, a outra caiu no tapete entre os pés dele.

O coração de Billy parou. Todo o resto do mundo perdeu a importância. De repente lembrou-se que era necessário respirar. Inspirou e expirou, ainda contemplando a caixa que lhe caíra ao colo, tentando confirmar a existência dela. Uau, que confiança ela depositava nele. Vinte e quatro preservativos!

— Achei que se a gente ia mesmo fazer isso, deveríamos ter um pouco de... responsabilidade. Entende?

Billy engoliu em seco.

— Claro. Boa idéia.

— Quero dizer, especialmente no nosso caso. Depois do que aconteceu com você e Randi. Depois que Jesse...

Ele esticou a mão, ainda sem ousar buscar-lhe os olhos e segurou-lhe a mão. Era um toque agradável e quente. O melhor foi que Prudence não recuou. Por um momento, permaneceu parada. Então entrelaçou os dedos nos dele. Billy retirou a caixa de preservativos do colo, depositando-a sobre o criado-mudo. Ela deu um passo a frente, de forma a ficar entre as coxas dele, que olhou para cima e sorriu. Prudence devolveu o sorriso, com algum esforço.

— Jesse foi a melhor coisa que já me aconteceu. Ele assentiu, os olhos pensativos.

— Mesmo assim...

— O quê? — quis saber Billy.

— Não precisamos de outro acidente. Ter um bebê deve ser uma decisão consciente.

Ele apertou-lhe a mão.

— Prudence... sempre fazendo jus ao nome.

— Você não concorda?

Ele deu um puxão leve, para fazer com que ela olhasse para ele.

— Concordo totalmente. Acho que não é sua culpa — disse ela, cerrando os olhos.

— Que Randi o amasse e você não a amasse.

— Isso incomodou mesmo você, não foi?

— Foi.

— Prudence?

— O que foi?

— Você continua olhando para a parede. Com esforço, ela voltou-se para fitá-lo.

— Eu me sinto... desleal.

— Com Randi?

— Ao mesmo tempo, sinto que Randi está lá no céu, me aplaudindo.

— Então você acha mesmo que Randi foi para o céu? — perguntou ele, sem conseguir resistir.

— Pare, Billy — respondeu ela, começando a irritar-se.

— Não ligue.

Ele se curvou para apanhar a outra caixa de preservativos, colocando-a ao lado da primeira. Isso feito, bateu no joelho.

Ela fez um som de descrença.

— Quer que eu sente no seu colo?

— Quero.

— Não sou do tipo de mulher que senta no colo de um homem.

Ele riu, percebendo só então que o próprio coração voltara a bater num ritmo mais compassado. Significava que não estava mais com medo de fazer um gesto errado.

— Vamos lá, faça uma exceção.

Ela suspirou. Ele puxou-lhe a mão outra vez e Prudence caiu sentada em seu colo.

Billy passou os braços ao redor do corpo dela, aconchegando-a, e notou certa relutância. Então ele pousou a cabeça sobre o ombro dela, aspirando-lhe o perfume, uma mistura indefinida de rosas com alguma outra coisa... talco infantil, talvez. Não sabia ao certo, a não ser que reconheceria aquele perfume em qualquer lugar.

Também apreciava a sensação de tocá-la. Ela parecia menor em seus braços.

Prudence limpou a garganta.

— O que foi? — indagou ele, rindo.

— Bem, o que fazemos a seguir?

— Continuamos,

— É fácil para você falar.

— Vamos...

Ele deixou-se cair deitado na cama, levando-a com ele. Prudence foi, mas habilmente deslizou durante o movimento e terminaram deitados lado a lado, o braço dele atrás do pescoço dela. Olhavam para cima, na direção do dossel.

— Billy?

— O que foi?

— Tenho a sensação de que não serei boa nisso. Ele apoiou-se no cotovelo para encará-la.

— Por acaso essa é sua primeira vez, Pru? Ela assentiu, com um gesto mal perceptível. Ele estudou-lhe os óculos, os ossos malares, o belo formato do nariz, pensando que estava a ponto de quebrar uma das regras mais sagradas para Billy Jones: virgens, não. Sempre considerara uma virgem como alguém com quem não se deve mexer. Chamassem de respeito. Chamassem de medo. Chamassem de autopreservação. Ele não fazia amor com mulheres que nunca fizeram amor antes. Deixava os ritos de iniciação sexual para homens mais corajosos do que ele jamais seria. Ela o observava.

— O que foi? Está mudando de idéia?

— Por que está perguntando uma coisa dessas?

— Não sei — respondeu ela, com uma ruga na testa.

— Alguma coisa no seu rosto.

Ele sorriu devagar.

— Não. Não estou mudando de idéia. Portanto não mantenha alto seu nível de esperança. Não vai escapar com facilidade.

Ela ergueu a mão e as costas dos dedos acariciaram o rosto dele.

— Nem pretendo.

A voz dela estava enrouquecida. O som penetrou nele destruindo a última barreira. O coração de Billy disparou fora de controle. Sentiu o tecido da calça se esticando.

— Você tem um nariz lindo, sabia? — perguntou ele, beijando-lhe a ponta do nariz.

— E uma boca tentadora.

Beijou-lhe a boca, rápida e formalmente. Ela relaxou um pouco.

— Só isso, Billy? Um nariz lindo e uma boca tentadora?

— Gosto das sobrancelhas, também. Pelo menos da parte que posso enxergar, por trás desses óculos.

— São claras demais.

— São bonitas assim. Muito bonitas. Gostaria de apreciá-las — declarou ele, erguendo a mão.

Ela percebeu o que ele pretendia fazer, e recuou a cabeça um pouco.

— Assim não vou conseguir enxergar.

— Por favor...

Ela olhou longamente para ele. Finalmente, consentiu:

— Está bem.

Ele retirou os óculos, colocando-os sobre o criado-mudo, entre os preservativos e o despertador. Quando se voltou para ela, percebeu que a forma do olhar era idêntica àquela da noite em que haviam dançado e ele a beijara pela primeira vez. Pouco depois, rejeitara-o.

— Não estou enxergando, mas não estou indefesa. Ele tocou-lhe as sobrancelhas loiro-avermelhadas, primeiro uma, depois a outra, traçando com o dedo o formato das curvas.

— Você me escutou, Billy?

— Escutei.

A boca aflorou a têmpora dela, sentindo a pulsação do sangue ali... ousando colocar a língua, para sentir o ritmo do coração dela.

— Acho que esse é meu medo mais profundo, Billy. Ficar indefesa frente a um homem.

— Mas você não é indefesa, Pru — sussurrou ele, diretamente na orelha dela.

— Sabe que não.

Ele recuou e fitou os grandes olhos desfocados. Ela o encarou. O que viu, Billy jamais saberia, mas a forma como ela o olhava tornou-o faminto. Deixou-o excitado.

Primeiro, queria garantir que ela relaxasse.

Depois queria que ela se perdesse.

Ele apoiou a mão no cinto preto que ela usava. As sobrancelhas se aproximaram. Mas ela não disse nada, nem tentou mover-se. Ele puxou a ponta, desfazendo o nó da seda. Da mesma forma, abriu o fecho da calça e puxou o zíper para baixo. Sob o tecido, encontrou a calcinha de seda. Cinza-perolada. Não parecia ter rendas. Nada de enfeites. Apenas seda, bela e uniforme.

Ele deslizou a mão por baixo da calcinha, sobre a pele quente, depois pelo emaranhado de pêlos macios.

Ela já estava molhada. Ele adivinhara, pelo olhar, que ela estaria pronta. Um movimento facilitou-lhe o acesso, e ele soube que ela o incentivava. Acariciou a textura encontrada, e beijou-a quando vieram os gemidos.

Engoliu os sons abafados que ela produziu na garganta. Eram agradáveis. Ela se movia contra a mão dele, como se estivesse se liquefazendo e exalando cheiro de rosas e talco de bebê.

Billy interrompeu o beijo no último minuto, para observá-la virando a cabeça para trás e observar as gotículas de suor que se formavam na pele aveludada.

Quando ela relaxou, ele aproximou-se outra vez. Mordeu-lhe de leve os lábios e puxou-lhe as roupas, retirando-as enquanto a beijava. O corpo sob suas mãos era macio e parecia estar

pronto. Ela o ajudava com movimentos lentos e intencionais, puxando os braços das mangas da camisa, retirando os sapatos, levantando os quadris de forma que ele pudesse puxar a calcinha.

Ele a tinha reduzido ao sutiã também de seda e um par de meias soquete, quando ela começou a remexer-se. Por um instante ele pensou que a vontade era de parar.

— O que foi? — quis saber ele, de cara feia.

— Assim não é justo — murmurou ela.

— Você também.

Ela simplesmente desejava que ele tirasse a roupa também. Foi o que ele fez em seguida. Era capaz de despir-se rapidamente, na verdade.

Em poucos segundos, os dois estavam nus. O corpo dela era como ele o imaginara: esguio, pálido e muito mais bonito do que de roupa.

— Não acredito nisso — disse ela, sem enxergar direito.

— No quê?

— Isso é... natural. Gostoso.

— Viu? Eu disse que era bom — respondeu ele, puxando-a contra si.

Recebeu o impacto enorme do corpo nu contra o seu.

Beijaram-se.

Um momento mais tarde, ela suspirava. Depois começava a gemer.

Quando ele a deitou na nuvem branca que era a cama e penetrou-a, ela gritou. Billy ficou quieto e esperou.

— Isso doeu — disse ela.

— Desculpe.

— Mas está começando a... não doer.

— Isso é bom — disse ele, aguardando e esperando controlar-se.

— Billy?

Ele tentou responder, porém o resultado foi um gemido.

— Billy...

Os quadris começaram a mover-se contra os dele, devagar, mas com insistência, querendo mais.

Para Billy Jones estava ótimo. Ele penetrou um pouco mais, sentindo facilidade. Daquele ponto em diante só existia o corpo dela, o dele e a grande cama branca, com a poça de luz dourada. Esses elementos pareciam pulsar juntos, nadando na fosforescência e no perfume de talco e rosas. Billy continha-se, imerso no turbilhão de erotismo que os movimentos dela provocavam.

Ao final, ele pensou que, penetrando-a profundamente, com voracidade, provavelmente fosse bruto demais com ela. Ela o aceitou, mas com um gemido mais alto. O orgasmo dele passou como um rolo compressor que esmagasse sua alma e a virasse pelo avesso, de forma que sua mente e seu corpo formaram uma só unidade. Uma sensação de explosão, em calor branco e brilhante. Expansão.

— Eu machuquei muito você? — sussurrou Billy, na orelha dela.

Prudence sorriu. Ele a comprimia com o peso, principalmente os quadris e os seios.

— Machuquei? — insistiu ele.

— Não, você não me machucou muito — disse ela, sorrindo.

Ele deixou escapar um suspiro de alívio.

— Ótimo.

Ela o empurrou, devagar.

— Não me faça sair daqui — pediu ele, rolando na cama com ela, de forma que ela terminou sobre ele.

Prudence olhou para o borrão que eram os olhos dele.

— Por favor, não saia daí. Temos vinte e quatro preservativos para usar.

— Vinte e três — corrigiu ela, beijando-lhe o nariz.

— Tem razão. Vinte e três. — Ela inclinou-se na direção da mesa-de-cabeceira e os braços dele a apertaram.

— Eu disse para você não sair.

— Só vou apanhar meus óculos.

— Por quê?

— Para eu poder enxergar.

— Você não precisa enxergar.

— Billy, eu quero enxergar. E não vou a lugar nenhum.

— Jure.

— Pare com isso, Billy.

— Está bem. Pode apanhar.

Ela sentou-se entre os travesseiros e tateou a superfície do criado-mudo até encontrar. Quando os colocou, viu Billy, esticado em sua cama, nu e sorrindo. Retribuiu o sorriso. Então reparou nas manchas vermelhas na colcha. Ele seguiu-lhe a direção do olhar, franziu a testa e logo os dois sorriam um para o outro, comunicando-se sem palavras.

— Estou morrendo de fome — observou ele.

— Eu também — concordou Prudence, constatando com certa surpresa que seu estômago roncava.

— Vamos assaltar a geladeira — sugeriu ele, com ar conspirador.

Tomou-a pela mão e tirou-a da cama, puxando-a na direção da porta.

— Billy, estamos nus — observou ela, resistindo. Ele parou e olhou para si mesmo, depois olhou para ela e em seguida deu de ombros.

— Estamos mesmo.

— Billy, não acho que estou preparada para andar nua pela casa inteira.

— Por quê?

— Porque não.

— Está bem. Pegue um roupão.

Ela colocou o robe branco, que retirou do armário.

— Está pronta? — quis saber ele enquanto ela amarrava o cordão.

Abriu a porta e conduziu-a pelo corredor.

Pararam brevemente no banheiro da parte superior, onde ele se livrou do preservativo. Depois continuaram escadas abaixo.

Ele a levou primeiro à sala, para o sofá e disse:

— Sente-se, vou colocar um pouco de música. Obedientemente ela se acomodou nas almofadas, sentando sobre uma das pernas enquanto ele escolhia CDs. Uma vez tomadas as decisões sobre o que queria ouvir, ele ligou o aparelho, o tempo inteiro tamborilando e cantarolando. Prudence observava-o, pensando que não havia nele um grama de gordura. Os músculos eram alongados e definidos. Ficou maravilhada como o corpo dele era rígido, sabendo que ele gostava de beber e não o tendo visto fazer nenhum tipo de exercício enquanto ficou com

ela. Porém Billy possuía a graça dos homens esguios, aquela aparência de eficiência, de terminações nervosas à flor da pele. Quando ele se voltou e sorriu, ela reparou que o inchaço dos ferimentos da briga havia desaparecido quase que por completo.

— Você vai acordar Jesse — avisou ela, quando começou a primeira música.

Ele balançou a cabeça, mas baixou o volume. Em seguida veio na direção dela, retirando-a do sofá para seus braços.

Dançaram pela sala de jantar até a cozinha, onde fizeram, gulosamente, sanduíches de manteiga de amendoim com geléia. Comeram os sanduíches em pé, sobre a bancada.

— Leite — pediu Billy, logo depois da primeira mordida.

O tom em que ele fez o pedido imediatamente a fez lembrar de Jesse, batendo as mãos e exigindo leite.

Ela foi até a geladeira e apanhou o pacote, servindo um copo duplo para cada um. Ele brindou, depois engoliu tudo de uma só vez.

Começaram a beijar-se outra vez logo depois de passar água nos pratos e colocá-los na lavadora. Billy desatou a tira de seda do roupão e deixou-o cair. Os azulejos da bancada estavam frios quando ele a sentou lá. Em pouco tempo porém, Prudence esqueceu esse pequeno desconforto. Olhou para a cabeça de Billy, entre suas pernas. Podia enxergar claramente o que ele estava fazendo, pois conservara os óculos.

Perguntou-se se era mesmo ela, Prudence Wilding, fazendo aquelas safadezas com Billy Jones.

Nesse instante ele intensificou as carícias com a língua. Ela enfiou os dedos pelos cabelos dele, fechou os olhos... e esqueceu todo o resto. Concentrou-se apenas naquele beijo interminável, incrível, proibido.

Ao final, depois que ele a provocou até atingir o clímax, ela baixou os olhos. Billy encarou-a, os olhos verdes brilhando com uma luz diabólica, os lábios inchados pelo que fizeram.

— Você tem gosto de rosas — disse ele.

O coração dela saltava. Colocou as duas mãos no rosto dele e beijou a própria umidade na boca que sussurrava seu nome. Então Billy lambeu-lhe o canto dos lábios.

— Manteiga de amendoim — justificou Billy.

Prudence passou o dedo no local. Ele apanhou-lhe a mão enquanto levantava, ficando o rosto de ambos bem próximo. Ela apoiou os braços nos ombros fortes, cujas mãos baixaram até suas coxas. Lentamente, em gestos longos, a pele macia e febril foi acariciada, desde os joelhos até a virilha. Beijou-a, e o abandono foi tão grande que ambos esqueceram-se de onde estavam, até que Prudence bateu a cabeça contra o armário.

Billy a puxou, o suficiente para fitá-la.

— Machucou?

Prudence esfregou uma das mãos no local atingido.

— Eu vi estrelas, isso sim.

Ele sorriu e ficou sério em seguida, sem deixar de encará-la enquanto fazia carinhos no alto das coxas. Prudence ostentava um meio sorriso, combinando com o dele. Nesse instante, algo aconteceu. Algo deslizou para dentro dela. Veio a consciência.

— O que foi?

Ela estudou-lhe o rosto, o olhar movendo-se do nariz para a boca, e reparando na barba nascente. Sua pele queimava um pouco, no rosto e em lugares mais sensíveis. A barba parecia uma lixa. Randi costumava dizer que barba queimava. Então esfregava o queixo delicado,

sensível e sorria, um sorriso de gata saciada. Um sorriso que relegava a dor a um lugar pouco importante.

Billy ainda a encarava.

— O que foi, Pru?

Ela escutava as palavras de Randi: "Gosto dele. Quero ele. Vou ficar com ele. Depois terei de pagar o preço... ele vai me magoar.

"Este foi um homem que nem mesmo Randi conseguiu manipular", pensou ela. Interrompeu-se ao sentir a palma da mão dele aflorar seu rosto.

— Alguma coisa errada?

O problema é que me apaixonei por você Billy, pensou ela.

— Nada. Me beije.

Pelo menos daquela vez Billy fez o que ela pediu, sem discutir.

CAPÍTULO XVII

Retornaram para a cama de Prudence logo depois disso. Usaram mais dois preservativos, naquela noite. Pouco antes de pegarem no sono, Billy murmurou:

— Faltam vinte e um.

Ela acordou de madrugada com as carícias de Billy e o som da chuva batendo insistentemente no telhado. Ele sugeriu com um suspiro.

— Acho que a gente devia verificar Jesse.

— Acabei de fazer isso e ele está dormindo.

— Mas não vai ficar assim muito tempo.

— Então não vamos desperdiçar o nosso tempo. Ele a puxou e imediatamente começou a fazer.

coisas que provocavam suspiros.

Não saíram de casa o dia inteiro. Naturalmente, perto de Jesse não foram capazes de fazer amor. Em compensação tiveram um tipo muito especial de cochilo quando ele adormeceu, depois do almoço. A noite, foram para a cama cerca de meia hora depois do instante em que a cabeça dele encostou no travesseiro.

Quando desceram para tomar café, no dia seguinte, a chuva amainara. Enquanto Billy colocava Jesse na cadeira e preparava a refeição de aveia dele, Prudence serviu para si mesma uma xícara de café e caminhou até a janela para ver como estava o tempo lá fora. Além da grande nogueira que ocupava o centro do jardim, o céu parecia estável, como uma lâmina de aço cinzento. Tudo parecia frio, envolto na névoa.

Billy apareceu atrás dela e abraçou-a. Era um bom momento para conversar.

— Feliz Dia de Ação de Graças — desejou ele, levantando-lhe o cabelo e beijando-lhe a nuca.

— O mesmo para você — disse ela, apoiando o corpo contra ele e apreciando o calor contra suas costas.

Prudence lembrou que o dia seguinte seria o último de seu período de duas semanas. Talvez fosse chegado o momento para a grande conversa com ele.

Era assim que começava a pensar naquilo: uma grande conversa. Algo desagradável e enorme, que iria arruinar as vidas de ambos, e a fantasia que ela tolamente começara a viver.

Talvez agora que eram amantes pudessem entender-se por algum tempo, e a grande conversa esperaria.

Mas por quanto tempo? Alguns dias? Uma semana? Não muito mais tempo do que isso, com certeza. Billy tinha sua vida organizada em Los Angeles, e teria de tomar decisões.

— A que horas precisamos estar na casa do Sam? — quis saber Billy.

— As duas, mais ou menos.

— Então acho que vai dar tempo de tirarmos uma soneca antes de ir — disse ele, envolvendo-lhe os seios com as mãos.

No interior dela tudo pareceu derreter, produzindo uma dor deliciosa e instigante. Ele percebeu a reação do corpo dela, pois acariciou-a e gemeu.

Atrás deles, Jesse socava seu prato e gritava.

— Leti! Leti.

— Diabo! — resmungou Bill, afastando-se rapidamente.

Ela voltou-se para observá-lo enchendo o copo de segurança, sentindo seu amor como um segredo profundo e triste. Duvidava que pudesse revelar a ele algum dia.

Talvez por ser amiga de Dalila, talvez por ser avó dos enteados de Evie, Nellie apareceu na festa de Ação de Graças de Sam.

— Veja, lá está a presidenta do meu fã-clubes — anunciou Billy em voz baixa quando viu sua arquiinimiga.

— Quer que eu apresente?

Prudence deu-lhe uma cotovelada nas costelas, enquanto Evie veio e os levou até o dormitório do andar de baixo, onde depositaram seus casacos junto com o de todos os outros. Billy colocou sua guitarra no interior do armário, onde estaria a salvo da curiosidade das crianças.

Quando voltaram para a sala encontraram Sam saindo da cozinha, o cabelo longo amarrado para trás e um avental branco na cintura.

— Bem-vindos. Espero que fiquem à vontade. O ponche e os aperitivos estão ali — informou ele, apontando uma mesa próxima à parede, onde vários Jones se acotovelavam em volta de uma bebida rósea e patês diversos.

— Se preferirem algo mais forte, coloquei as garrafas em cima da mesa da cozinha. Além disso tem quentão no fogão. Lila não está aqui ainda. Mas ela vem. Tenho certeza que vem.

Disse as últimas palavras com ar vago e voltou para a cozinha.

Billy comentou ao ouvido de Prudence.

— Você também ficou com a impressão que Dalila disse que não vinha?

— Infelizmente, sim — sussurrou ela, em resposta. Sorriram um para o outro, e Billy beijou-lhe o nariz. Por sobre o ombro dela enxergou Nellie, vigiando, os lábios apertados numa expressão de reprovação.

— Da, da... — manifestou-se Jesse, começando a remexer-se nos braços de Billy.

— Pode colocar ele no chão — disse Prudence.

— Eu fico por aqui, tomando conta, enquanto você vai ver se Sam precisa de ajuda na cozinha.

— Acho que o único tipo de ajuda que ele precisa, só Dalila pode dar.

— Mesmo assim...

— Já sei, já sei. Vou indo — declarou ele, depois de deixar que Jesse escorregasse até o chão.

Do outro lado da sala, Nellie iniciou uma aproximação, caminhando na direção de Prudence. Ao mesmo tempo, Jesse partiu em direção oposta, assoalho afora. Grata pela oportunidade, ela virou de costas e foi atrás do garoto.

Na hora seguinte Prudence conseguiu evitar conversa com a mulher mais velha. Conversou com Eden e tomou ponche com Evie. Billy apareceu e passou a tomar conta de Jesse. Aliviada da responsabilidade, Prudence sentou-se num dos grandes sofás de couro de Sam e conversou com Heather Drury, a filha de Jared num casamento anterior, que vendera para ela a casa da Rua Prospect.

Contudo, Nellie Anderson não era alguém que se pudesse evitar por muito tempo. Ela estava na escada, tomando um quentão, quando Prudence saiu do banheiro do andar superior. A vista da outra, considerou a possibilidade de dirigir-se para um dos quartos. Depois poderia trancar-se, até ter certeza de que Nellie desistira.

Entretanto, conhecendo a mulher mais velha, sabia que era capaz de ficar por ali até o final da festa, se necessário. Tomou a decisão de enfrentá-la, aprumou os ombros e dirigiu-se para as escadas. Nellie começou a falar assim que ela se aproximou.

— Evie me disse que preciso aprender a aceitar que sua vida particular não é da minha conta.

Bem, até que fora um bom começo, pensou Prudence.

— Evie tem razão. E acredito que eu mesma disse isso, algumas vezes.

— Tenho direito à minha opinião... que é a certa.

— Nellie...

— De qualquer forma, agora é tarde demais. Percebi pelo jeito que aquele homem olha para você que o pior já aconteceu — declarou Nellie, gesticulando em direção a Billy com o copo de quentão.

Prudence não respondeu.

— Meus avisos nunca adiantam nada. Quero ser prestativa e honesta. Quero ser sua amiga de verdade.

Prudence pensou em Billy, no caso de amor que os dois iniciaram e que provavelmente não deviam ter iniciado. Uma parte dela concordou com Nellie. Bad Billy Jones não representava uma escolha segura para mulher nenhuma.

— Nellie, é muito bom ser franca e honesta com os outros, mas depois disso é preciso deixar as pessoas viverem suas vidas.

— Pode ser. Eu estava olhando para ele agora, com o filho...

Prudence preparou-se para o pior. Mas surpreendeu-se.

— Devo admitir que ele é muito bom com o pequenino.

— É verdade. Billy está se tornando um pai de verdade para Jesse.

Com o tempo, talvez fosse possível gostar de Nellie Anderson.

Por volta de quatro e meia, quando se sentaram para comer, nem Dalila nem Oggie tinham aparecido.

Para que todos os Jones pudessem sentar-se de uma só vez, Sam colocara quatro mesas juntas, no centro de sua enorme sala de estar. Emprestara louças e pratarias das cunhadas,

contudo preparara sozinho a refeição, incluindo o peru, o presunto, as batatas e pilhas de verduras para acompanhar. Decorara tudo, arrumando em grandes pratos, prontos para servir. Apesar de tudo, quando ele se sentou à cabeceira da mesa, olhando para o lado oposto, onde havia uma cadeira vazia, parecia o homem mais triste do mundo.

Assim que todas as cadeiras foram preenchidas, Sam bateu a colher contra o copo. Todos permaneceram em silêncio, até mesmo Jesse e outros dois pequenos Jones, em suas cadeiras de comer.

— Quero agradecer a todos por terem vindo. Acho que... — ele hesitou, respirou profundamente e continuou. Bem, pensei que algumas coisas já tivessem acontecido a essa altura, para mim. E para Lila. Então eu teria tudo o que quero. Porém, como todos podem ver, não aconteceu... ainda. — Um sorriso melancólico curvou-lhe os cantos da boca.

— Mesmo assim, olhando ao redor dessa mesa, percebo que estou grato. Posso não ser um Jones de nascimento, mas quando vejo todos vocês, que vieram passar o Dia de Ação de Graças só porque os convidei, bem... eu sei que tenho uma família de verdade. Não importa o que aconteça. Por isso, dou graças ao Senhor.

— Amém — disse Jared, iniciando pela mesa um coro de repetições.

Depois que todos disseram seu amém, o silêncio estabeleceu-se. Lá fora, a chuva começara outra vez. Tamborilava contra as vidraças, constante como um suspiro interminável. Ao seu lado, Prudence percebeu que Billy se agitava. As mãos de ambos se encontraram.

Existem momentos que uma mulher jamais esquece. Prudence teve consciência de estar vivendo um desses momentos. Um instante na vida que parece conter e resumir tudo o que é importante. Sam e seu belo discurso. A chuva no telhado. O almoço de Ação de Graças. Um salão cheio de Jones... e a mão de Billy sobre a dela.

Brendan, o mais novo dos irmãos Jones, deu o aviso:

— Estou morrendo de fome. Vamos comer.

Sam apanhou um prato com peru já fatiado, serviu-se de um pedaço enorme e passou adiante. Em poucos segundos o aposento estava repleto de conversas, risadas, gritos de crianças e o tilintar de pratos e talheres. Dez minutos depois, quando todos estavam dedicados a comer com apetite, soou a campainha.

Sam ergueu a cabeça do prato e seus olhos assumiram um ar vago. As conversas cessaram, restando o som da chuva.

— Deixe que eu atendo — ofereceu Eden, levantando-se.

Mesmo os pequeninos pareceram ficar na expectativa quando ela desapareceu no saguão. O suspense não durou muito, mas foi intenso. Um instante depois, Eden retomava... com Dalila a seu lado.

Eden retomou ao seu lugar, enquanto Dalila caminhou e parou na cadeira da cabeceira oposta a Sam.

— Você está toda molhada — disse ele.

Os olhos azuis a examinavam, bebiam as gotículas presas ao cabelo dela, a cor avermelhada nas faces e as marcas escuras na roupa. Prudence, na cadeira ao lado dela, sentiu o cheiro da chuva, a umidade e o frio, como um cheiro de floresta, verde e secreto.

— Saí para dar um passeio... e não consegui ficar longe daqui — declarou ela, os olhos escuros brilhando com partes iguais de dor e alegria.

— Tudo está lindo, Sam.

— Sente-se. Coma — pediu ele.

Ela olhou para o marido, e os olhos transmitiram apenas a dor.

— Está tudo bem, Lila. Não precisa significar nada, se resolver ficar e partilhar uma refeição com sua família, no Dia de Ação de Graças.

Por um breve momento ela hesitou, como se considerasse ficar ou ir embora. Então puxou a cadeira e sentou-se.

Um a um, os pratos e terrinas foram passados até ela. Dalila serviu-se de uma boa porção. A essa altura todos já estavam comendo e conversando outra vez.

Depois do almoço, juntaram-se para lavar a louça e os talheres, menos as crianças. Então Sam serviu o café e três tipos de tortas. Acomodaram-se para comer sobremesa.

Já passava das sete quando todos haviam terminado de comer. Billy foi apanhar o violão. Regina, a esposa de Patrick, sentou-se ao piano que Dalila informava ter pertencido à sua mãe, Bathsheba. Tocaram juntos e todos cantaram, principalmente canções infantis, para manter as crianças distraídas. Por volta das nove horas, alguns dos menores já demonstravam sinais de cansaço. Jesse refugiara-se no colo de Prudence, cabeceando de sono, mais do que pronto para dormir, mas sem vontade de desistir da diversão. Ela beijou-lhe o alto da cabeça, o olhar procurando o de Billy.

Ele deixou o violão de lado.

— É hora de irmos para casa.

Jenny e Becca, as enteadas de Evie, protestaram.

— Só mais uma, por favor.

Porém os adultos já estavam caminhando na direção do quarto no porão, onde os casacos estavam empilhados sobre a cama. Prudence sentou-se com Jesse no colo e aguardou a volta de Billy com suas coisas. Quando ele chegou, o garoto já havia deslizado para o mundo dos sonhos. Cuidadosamente ele vestiu o casaco no filho, que não acordou até o final da operação.

A campanha tocou exatamente quando estavam no saguão, despedindo-se de Sam e Dalila. O coração de Prudence deu um salto. Poderia ser Oggie? Quem mais poderia ser? A vista dele, são e salvo, intrometendo-se na vida de todos, seria um fecho de ouro para o dia.

Dalila, que estava mais perto, abriu a porta.

Um homem grisalho de uniforme cáqui estava parado à soleira. O nome sobre o bolso no peito era PANGBORN. Tratava-se de um delegado.

— Posso entrar, pessoal?

Dalila recuou. O delegado Pangborn entrou no saguão, e a porta foi fechada atrás dele. Perto dali, Jack Roper avistou o colega.

— O que aconteceu, Carl?

O recém-chegado olhou para os rostos cheios de expectativa, um por um. Retirou o chapéu, segurando-o com as duas mãos.

— Acabei de receber uma chamada, pessoal. Dos rapazes lá em Tahoe.

— Oggie — murmurou alguém, na sala.

— Receio que sim — confirmou Pangborn.

— Onde está ele? — quis saber Dalila, o rosto pálido como cera.

— Está no Tahoe Forest Hospital.

— O que aconteceu com ele?

— Estourou um pneu. Foi na Rodovia, na parte mais elevada, esta tarde.

— Um pneu furado? — interrompeu Dalila.

— Ele foi parar no hospital por causa de um pneu furado?

— Calma, Dalila. Me dê um instante, sim? — pediu o delegado, erguendo as duas mãos. Depois relanceou os olhos pelo aposento.

— Talvez a gente devesse conversar em particular...

— É alguma coisa que as crianças não possam ouvir? — gritou Jared, da sala.

Pangborn pensou por um instante.

— Bem, acho que não. Quer dizer... vão acabar descobrindo, de qualquer jeito.

— Então é melhor contar para todos. Estamos aqui em família, e queremos todos saber.

Um coro de apoio seguiu-se a essas palavras.

— Têm certeza.

— Temos — declarou Jared.

— Basta contar o que você sabe — insistiu Dalila.

— Você estava dizendo que estourou um pneu do carro dele — lembrou Jared, mais calmo.

— Isso.

— Vamos começar por aí. Onde foi que aconteceu?

— Depois de Truckee, perto do pico Donner. Um pedaço da estrada cheio de curvas, com o desfiladeiro de um lado e a montanha do outro, quase sem acostamento. Estava chovendo muito, e o frio de lá indica que pode nevar em pouco tempo. Quando a patrulha chegou lá, encontraram o carro contra a montanha, quase prensado. Oggie usou todo o espaço do qual dispunha. Mas não foi o suficiente. Foi o pneu traseiro que estourou, do lado da estrada.

— Mas o que aconteceu? — insistiu Dalila. Pangborn dirigiu-lhe um olhar triste.

— Deixe o homem falar — pediu Jared.

— O que aconteceu é que Oggie acabou perto demais do trânsito quando se ajoelhou para trocar o pneu. Uma carreta vinha passando. Ao mesmo tempo, algum idiota numa caminhonete com reboque ia tentando ultrapassar a carreta pela esquerda. A carreta precisou se afastar para dar espaço à caminhonete.

Dalila interrompeu outra vez, a voz fria e distante.

— Está dizendo que meu pai foi atropelado por uma carreta?

Uma série de exclamações percorreu o aposento, até então em silêncio mortal.

— Não, ele não foi atropelado pela carreta. Ele deve ter pulado bem a tempo para evitar o atropelamento. Só que nesse processo, acabou deslocando o macaco.

Dalila colocou a mão na boca e deixou escapar um grito de agonia.

— O Cadillac caiu como uma pedra, e jogou longe o macaco, que bateu na cabeça dele.

— Meu Deus.

— Felizmente o caminhoneiro era um bom sujeito. Pediu ajuda pelo rádio, depois encostou e instalou lâmpadas de segurança. Ficou com Oggie até a ambulância chegar — continuou o delegado, observando os rostos preocupados ao redor.

— Vejam bem, podia ter sido muito pior. Não houve fratura no crânio, nem hemorragia pelas notícias que recebemos até agora. E isso é bom.

— O que está dizendo, delegado? — insistiu Dalila.

— Está dizendo que ele está bem? Fora de perigo? Que não aconteceu nada?

Sam aproximou-se e passou o braço ao redor dela, puxando-a contra si.

— Calma, Lila.

Em princípio ela ficou rígida, depois apoiou-se no marido.

— Sam, é minha culpa. Fui eu quem expulsou ele daqui.

- Se alguém expulsou Oggie, esse alguém fui eu, Lila.
- Oh, Sam...
- Não adianta vocês dois ficarem culpando um ao outro — interveio Eden.
- Sabem muito bem como Oggie é, sempre sumindo para algum lugar. Isso podia ter acontecido em qualquer viagem dele.
- Carl, ele vai ficar bem? — indagou Jack.
- Deve ficar.
- Como assim, deve ficar?
- O delegado limpou a garganta.
- É que existe um probleminha. Todos esperaram, em silêncio.
- Acho que Oggie perdeu a memória.

CAPÍTULO XVII

Dalila, Sam, Jared e Eden foram na mesma hora para o hospital. Eden contou a Prudence mais tarde que Oggie estava dormindo quando chegaram. Os quatro revezaram-se em turnos durante a noite. Na manhã seguinte, quando Oggie acordou, não deu mostras de conhecer nenhum deles. Com um sorriso vazio e simpático, ele olhava de um rosto para outro.

— Bem, como vão? É muito bom ter visitas. Quem são vocês, afinal?

Abalados com aquilo, todos se voltaram para o médico, que aconselhou paciência. Não haviam encontrado sinais de dano cerebral. O mais provável é que a memória dele voltasse logo.

Durante toda a sexta-feira Sam e Dalila se recusaram a sair do lado de Oggie. Ambos dormiram no quarto dele naquela noite, sentados em duas cadeiras, de mãos dadas.

E o milagre aconteceu. Quando Oggie acordou na manhã seguinte, cumprimentou sua filha e o marido pelo nome. Numa voz paciente pediu desculpas por todos os incômodos causados ao longo dos anos. Prometeu que daquele dia em diante seria um homem diferente. Um homem que cuidava da própria vida e deixava os outros cuidarem da deles.

Como Oggie sempre fora apreciador de grandes declarações, não o levaram muito a sério ali naquela oportunidade.

Vinte e quatro horas mais tarde Oggie teve alta. Foi trazido de volta para o quarto que ocupava na casa de Sam e Dalila. Uma vez que viu o pai instalado, ela voltou para o motel... mas apenas para apanhar suas coisas e pagar a conta. Então voltou para seu lugar, junto ao marido e ao pai.

No domingo à tarde, enquanto Jesse dormia, Billy fez uma visita ao velho. Quando voltou, Prudence estava esperando por ele na porta.

- Como ele está?
- Não sei — disse Billy, balançando a cabeça.
- Acho que está ótimo.
- Porque disse "acho"? Alguma coisa está errada.
- É que ele está tão... diferente.

— Diferente, como?

— Não sei explicar. Ele está tão... bonzinho. De fala macia. Educado. Não parece ele. Sabe de uma coisa? Não me chamou de "rapaz" nenhuma vez. Isso me incomodou, por algum motivo.

— Mas ele sabia quem você era, não sabia?

— Sabia, claro. Me conheceu. Perguntou como estavam você e Jesse.

— Então ele está bem?

— Puxa, não sei responder. O que é estar bem? Conversei com Dalila, depois. Ela me disse que ele mudou de verdade, e diz que a pancada na cabeça ajudou-o a ver o mundo de uma nova forma. Diz que não vai mais interferir. Não vai dizer aos outros o que devem fazer com suas vidas. Jura que não vai fazer intriga. Acho que isso é bom, não?

— É, acho que sim, mas você ainda não me parece muito convencido.

— Para dizer a verdade, não sei o que pensar.

No dia seguinte, Prudence foi pessoalmente verificar a mudança de Oggie. Dalila levou-a até o quarto dele, encontrando-o numa poltrona reclinável, observando uma árvore sem folhas através da janela.

— Papai, Prudence está aqui.

Ele voltou a cabeça, sorrindo afavelmente.

— Prudence. Que bom você ter vindo.

Ela acomodou-se numa cadeira próxima. Permaneceu por cerca de meia hora, durante a qual nenhuma vez ele a chamou de menina, o que a incomodou tanto quanto não ter chamado Billy de rapaz. Na verdade, em mais de um ponto daquela conversa, ela teve a estranha impressão de que estava na presença de um estranho, doce e educado, que acontecia chamar Oggie Jones.

Ao cabo de algum tempo, não conseguiu mais conter-se. Inclinou-se e pousou a mão sobre a dele.

— Tio Oggie, está bem de verdade? Ele pousou a outra mão sobre a dela.

— Estou ótimo. Acontece que aprendi minha lição, só isso. Virei uma página completa em minha vida... sim, senhor. Viva e deixe viver para esse velho tolo, agora.

Depois de deixar o quarto, Prudence conversou com Dalila.

— Não consigo me livrar da impressão de que ele está diferente.

— Seria de se esperar que eu gostasse, depois do jeito que ele quase me levou à loucura todos esses anos — desabafou Dalila.

— Mas não sei...

— E você, como está?

— É engraçado, algumas vezes a gente pode dar uma importância enorme para uma coisa só. Tanta, que a gente esquece todo o resto que tem. Quando acontece alguma coisa e você acorda, olha ao redor e compreende que já tem muito. A gente fica tão ocupada sofrendo por não ter uma coisa que joga fora todo o resto. Não é?

— É, faz sentido. Estou contente por você — respondeu Prudence, virando-se na direção da porta.

Dalila a interrompeu com um gesto.

— Como foram as coisas com Sharlee Stubblehill?

— Até onde sabemos, ela está ótima.

— Ela foi para o sul da Califórnia, não é?

— É. Billy conseguiu um emprego para ela no clube dele, em Los Angeles. Ela ficou contente por partir e poder começar outra vez.

— Tenho de confessar que fiquei contente por ela ter partido.

— Foi o melhor.

— Mas acredito que ela era uma boa garota, no final... mesmo que estivesse atrás do meu marido.

— Sam nunca olhou para ela duas vezes, Dalila. Sabe disso, não sabe?

O sorriso da anfitriã alargou-se.

— Compreendi que Sharlee nunca foi o verdadeiro problema.

O dia estava frio e cheio de vento, mas ensolarado. Prudence aconchegou sua malha para proteger o pescoço enquanto andava pela Rambling Lane, a caminho de casa. Ela pensava na mudança processada em Oggie e no sorriso suave de Dalila quando perguntara como iam as coisas.

Sam e Dalila possuíam um bom casamento. Um casamento forte o suficiente para aguentar os piores desapontamentos que a vida puder oferecer. Até mudar-se para North Magdalene, Prudence não vira ainda muitos casamentos bons. Agora, observando na medida do possível, não podia evitar sentir certa inveja.

Billy estava parado na porta aberta, com o som tocando atrás dele. Quando o avistou, Prudence balançou a cabeça, em reprovação.

— Sabe quanto custa aquecer o bairro inteiro?

— Pode mandar a conta do aquecimento quando chegar. Tomo conta dela.

— Não é esse o problema. É desperdício.

— Não seja ranzinza, Prudence.

Então reparou que ele a olhava de um modo intencional. Ao qual seu corpo respondia automaticamente.

Galgou os degraus, o olhar preso em Billy. Quando se aproximou o suficiente, ele estendeu a mão e puxou-a para seus braços.

— Estava esperando por você.

Ele fechou a porta atrás de ambos e apoiou-se contra ela, pressionando-lhe as costas de forma a encaixar perfeitamente os dois corpos.

Aquela sensação de calor agora conhecida começou a se espalhar no interior de Prudence.

— Está contente em me ver?

— Sinta como estou contente.

— E quanto a Jesse?

— Hora da soneca — informou ele, beijando-a.

Quando o nariz encostou nos óculos, ele os retirou. Então segurou-lhe a mão, conduzindo-a até seu quarto.

Enquanto ele a colocava na cama, Prudence pensava que não podiam continuar daquela forma para sempre. A grande conversa precisava acontecer. Devia ter acontecido dois dias antes, na sexta-feira, porém nenhum dos dois dissera uma palavra sobre o assunto. Esperaram perto do telefone para saber notícias de Oggie, tomaram conta de Jesse e continuaram brincando de casinha como se nada tivesse acontecido.

Billy tirou-lhe a malha e beijou-lhe os seios, através da camisa e do sutiã. Foi bom. Maravilhoso. Projetou o corpo contra o dele. As mãos não paravam de acariciá-la. Era impressionante o que aquelas mãos eram capazes de fazer.

Prudence deixou que as mãos a provocassem. A grande conversa poderia esperar.

Naquela noite, assim que Jesse adormeceu, Billy foi procurar Prudence. Ela estava esperando por ele, no quarto.

Surpreendera-se em como Prudence se revelara boa na cama. Era melhor do que qualquer bebida ou droga que tivesse experimentado. O prazer era interminável e jamais produzia ressaca no dia seguinte.

Ela dormiu por volta da meia-noite. Billy ficou a observá-la sob a luz das estrelas que entrava pela janela.

O cabelo dava a impressão de ser negro na penumbra, a pele pálida e uniforme. Na verdade Prudence assumia várias aparências diferentes. Desde horrível até bonita. Algumas vezes, ao acordar pela manhã, ela piscava e abria bastante os olhos. Parecia Mister Magoo. Outras vezes, como naquele instante, adormecida, ele poderia jurar que nunca vira uma mulher tão bonita.

Ela suspirou e virou a cabeça, mostrando o lado do pescoço. Ele baixou a cabeça, colocando a boca ali. Prudence ergueu os braços, puxando-o para mais perto.

— Billy...

— Mais uma vez — murmurou ele, passando a mão pelo ventre dela.

— Billy...

Ele cobriu-lhe a boca com a sua própria.

Na manhã seguinte após o café, Billy precisou fazer alguns telefonemas, entre outros, para Alexis e seu empresário, em Los Angeles. Prudence levou Jesse para visitar Eden, onde tomou mais café do que deveria e conversou sobre a mudança que se processara em Oggie, além da tocante reconciliação entre Sam e Dalila.

Ao redor das dez horas, Jared entrou na cozinha.

— Estou indo para o Buraco na Parede — anunciou ele, depositando um beijo na testa de Eden.

Ela agarrou-lhe o braço antes que ele pudesse escapar.

— Verifique a qualidade dos alimentos quando chegarem, sim? Uma parte da alface que veio ontem estava estragada.

— Sim, senhora.

Olharam um para o outro por um instante, depois Jared curvou-se e beijou-a na boca.

— Chego às duas horas — prometeu ela.

— Está ótimo.

Observando-os, Prudence teve o impulso súbito e inexplicável de romper em lágrimas. Ergueu-se, foi até a sala verificar Jesse e descobriu que ele estava brincando sossegadamente sob a supervisão responsável de Sally Louise, a filha de quatro anos de Jared e Eden.

— Ele está ótimo — anunciou Sally Louise em sua melhor imitação da voz adulta.

— Foi comer a perna da cadeira, mas eu disse: Não! Não pode! Daí ele parou.

— Que bom! Muito obrigada, Sally. — Prudence olhou para Diana, a irmãzinha dela, num cobertor ali perto, à vista da cozinha.

— Estou vendo que Diana também está comportada.

— Todo mundo potado.

Prudence demorou um instante para perceber que "potado" significava comportado.

— Você é uma ótima babá, sabia?

— Sou mesmo.

Quando retornou à cozinha, Jared havia partido e Eden a aguardava.

— Muito bem. Qual o problema?

Prudence considerou negar qualquer problema. Nas últimas semanas Eden tornara-se uma boa amiga. Alguém a quem podia confiar todas as suas dúvidas. Com quem podia se abrir. Prudence afundou na cadeira que tinha deixado alguns instantes antes.

— O que foi? Pode me contar.

Prudence cruzou as mãos, a xícara de café entre as palmas.

— Você e Jared parecem se dar muito bem. Uma relação sólida, entende? Permanente.

Eden deixou escapar um gemido e passou as duas mãos pelos cabelos loiro-avermelhados.

— É Billy?

Prudence parou a xícara antes de chegar aos lábios. Fitou o líquido escuro e fumegante, sem coragem de encarar a amiga.

— É Billy — repetiu Eden, daquela vez como uma afirmação,

— No começo, pensei que não existia a menor chance de acontecer nada... quer dizer, entre nós.

— Certo.

— Então, quando nós... demonstramos interesse um pelo outro, eu disse para ele esquecer. Que não queria de jeito nenhum. Que ele fosse se arrumar em outro lugar...

— E agora está apaixonada por ele — resumiu Eden. Prudence esvaziou sua xícara e foi até a cafeteira apanhar mais.

— Quer também?

— Você disse a ele? — indagou Eden, recusando o café com um gesto de cabeça.

— Não.

— Pois devia.

— Não. Nunca vai ser nada além de temporário, com ele. Sei disso. Ele é assim mesmo.

— Prudence, ele era assim. Talvez com você...

— Pare com isso, Eden. Nunca ouviu as histórias de Bad Billy Jones? Cada mulher com a qual ele esteve pensou a mesma coisa.

— Mesmo assim, acho que devia dizer a ele como você se sente e o que quer. Sabe o que quer?

— Sei.

— O quê?

— Quero o que você e Jared têm — ousou dizer Prudence.

— Casamento?

Prudence voltou-se para colocar a xícara vazia na pia e respondeu sem se voltar para a amiga:

— É uma coisa maluca, para mim. Eu nunca quis esse tipo de relacionamento. Nunca, na minha vida inteira. Eu queria... tomar conta de mim mesma. Levar uma vida produtiva. E ultimamente, criar Jesse direito.

— E agora?

— Agora Jesse tem um pai. Um pai de verdade. Sabe o que quero dizer?

— Quer dizer que Billy é perfeitamente capaz de criar Jesse sozinho?

— É.

— E você o deixaria fazer isso?

— Claro. Claro que deixaria. Mas como sou egoísta, não ia gostar de fazer isso. Para Jesse, entretanto, acredito que seja a coisa certa.

— E quanto a você e Billy?

Ela voltou-se para encarar Eden.

— Você mesma disse, um minuto atrás. Estou apaixonada por Billy.

— E onde isso leva você?

— Isso me leva a... querer tudo. E se eu não puder ter tudo, pelo menos quero saber. Para poder fazer outra coisa.

— Diga a ele.

— Meu Deus...

— Você precisa dizer a ele.

— Sei disso.

— Problemas com conjuntos — informou Billy, no instante em que Prudence e Jesse entraram.

Ela se ajoelhou para ajudar Jesse a tirar o casaco, depois foi sentar ao lado de Billy no sofá.

— Que tipo de problemas com conjuntos?

— Eu tinha marcado na minha agenda Buddy Bobiles e os Hawaiian Rockers, começando na sexta-feira que vem, até o final da outra semana. Mas a banda acabou. Andei fazendo uns telefonemas, tentando resolver o problema sem sair daqui, mas não adiantou. Todos em quem pude pensar já tinham compromisso. Isso significa que preciso ir até lá e ouvir alguns grupos novos. Quer dizer, pensei em partirmos amanhã à noite, o que me deixa quinta-feira e sexta o dia inteiro para encontrar outro conjunto. Não deve ser muito difícil — comentou ele, passando os dedos de leve pelos cabelos dela.

— Depois eu fiquei pensando... a gente podia passar mais um tempo lá e eu colocaria os livros em dia com Alexis, assim as coisas podem ficar sob controle até pelo menos antes do feriado.

Prudence olhou para Jesse, que estava sentado no chão, à pequena distância. Havia descoberto um martelo de borracha embaixo do sofá e concentrava-se em bater com ele no joelho.

— Prudence? Você escutou?

Ela piscou e olhou para o casaco de Jesse, ainda em sua mão.

— Escutei muito bem o que você disse.

— E então? Pode lidar com isso? Alguns dias, talvez uma semana em Los Angeles? O tempo deve estar bom. Você pode fazer compras, visitar velhos amigos.

— Billy...

Pelo tom ele percebeu que havia algo errado.

— Que foi?

— As duas semanas que nós combinamos que você ficaria quando chegou acabaram.

— É mesmo? — perguntou ele, recuando para o outro lado do sofá.

— E. Isso significa que antes de irmos juntos para Los Angeles precisamos discutir algumas coisas.

— Acho que não.

Ela se ergueu e olhou de forma significativa para a criança brincando.

— Podemos conversar na hora da soneca dele. Que tal?

— Por acaso eu tenho alguma escolha?

Agora ela descobriu que começava a ficar irritada. Billy parecia uma criança em vários aspectos. Queria o que queria, quando queria e não desejava nada interferindo com seu prazer. Escolheu as palavras:

— Precisamos tomar algumas decisões.

— Por quê? As coisas estão indo muito bem, no que me diz respeito.

Teve vontade de começar a gritar com ele. Prestou atenção em Jesse, o martelo suspenso no ar, olhando para os dois.

— É melhor deixar para conversar mais tarde.

— Ótimo. Mais tarde — concordou ele, olhando para o filho.

— E aí, mocinho? Que tal irmos almoçar?

Jesse enfiou a mão na boca e disse algo que poderia ter sido sim.

Duas horas mais tarde, Billy ergueu-se da cama de Jesse, onde estivera sentado. Contemplou-o, pensando que parecia um anjo de comportamento e paz quando dormia. Observá-lo fez com que tivesse vontade de subir para o beliche superior e cair no sono também.

Dormir seria preferível do que encarar o que o esperava no andar de baixo: Prudence, envergando sua personalidade séria e responsável, querendo ter uma conversa esclarecedora com ele.

Era o suficiente para estragar o dia de um sujeito.

Naturalmente ele sabia que aquele momento chegaria, mais cedo ou mais tarde, só que mais tarde seria melhor, se alguém perguntasse a opinião dele.

O que ninguém fizera.

Dando de ombros, dirigiu-se para a porta.

Ela estava acomodada na espreguiçadeira. Billy deixou-se cair no sofá, resignado.

— Muito bem, o que vamos conversar? Como se ele não soubesse perfeitamente qual era o assunto.

Ela esfregou as mãos no braço da poltrona, olhando diretamente para a lareira, para a janela e finalmente pousando os olhos nos dele.

— Isso é tão difícil...

— Então deixe para outro dia — sugeriu Billy, esperançoso.

— Como? — perguntou ela, piscando.

— Olhe, as coisas estão indo muito bem. Simplesmente deixe acontecerem. Deixe acontecer o que tem de acontecer.

Ela olhou para ele da forma que as pessoas encaram um estrangeiro falando uma língua ininteligível.

— Billy, talvez isso funcione para você, mas não funciona para mim. Quero saber onde vamos ficar juntos. Quero saber o que somos um para o outro.

Ele resolveu que poderia muito bem fazer de uma vez sua oferta.

— Quer casar comigo, Prudence? É isso? Percebeu que ela não estava preparada para escutar aquilo.

— Você casaria mesmo comigo?

— Casaria.

— Mas...

— Mas, o quê?

— Billy, sempre escutei você dizer que jamais se casaria outra vez.

— Mudei de idéia — respondeu ele, dando de ombros.

— Eu percebi. Mas por quê? Ele expirou demoradamente.

— Você quer que eu diga que amo você, certo?

— Você me ama?

Encarou-a, filosofando que em se tratando de mulheres sempre terminavam naquilo. Negociações. Definições. Amarrar tudo com um laço bem caprichado. Amarrar a ele, se fosse possível.

Geralmente quando uma delas atingia esse ponto ele estava pronto para sair em direção da próxima. Nenhuma ainda o tinha amarrado... com exceção das duas que tiveram o bom senso de embebedá-lo antes de jogar o laço.

Prudence, por outro lado, era uma situação completamente diferente. Ele nem chegara perto de se cansar dela. Mesmo agora, irritado por ter de escutar tudo aquilo, ele a desejava.

Além do mais, havia Jesse a considerar. Os três se davam muito bem juntos. Por que estragar uma boa coisa quando tudo o que ele tinha a fazer era dizer algumas palavras de amor e colocar um anel no dedo de Prudence? Verdade seja dita: palavras de amor e alianças eram contra seus princípios, entretanto, agora que Jesse entrara em sua vida, muitas coisas teriam de mudar.

— O tempo se esgotou — disse ela, com frieza.

— Eu já ia responder.

Ela contudo, simplesmente sorriu com tristeza.

— Escute. Vamos deixar de lado essa história de casamento, está bem? Vamos acertar a questão da custódia de Jesse. Esse é o problema real agora, não é?

Ele achava que sim, mas evitou responder.

— Não é?

Billy mudou de posição, como se temesse que ela o atingisse de frente.

— Ótimo. Certo. Então vamos terminar logo com isso. O que pretende fazer?

— Vou assinar um termo, passando a custódia de Jesse para você.

CAPÍTULO XVIII

Se não estivesse tão magoada e irritada, Prudence teria dado uma gargalhada ao deparar com a expressão de surpresa no rosto de Billy.

— Quer repetir isso, por favor? — pediu ele, devagar.

— Pretendo fazer um documento, reconhecendo sua paternidade e cedendo para você a custódia de Jesse. Você será responsável pela educação dele. Tenho certeza que fará um ótimo trabalho — acrescentou ela, em tom comercial.

Ela percebeu que ele ainda não havia conseguido atinar com o significado das palavras.

— Você vai me deixar ficar com ele?

— Não sei bem ainda como vamos fazer, já que Randi não colocou seu nome na certidão de nascimento. Imagino que um teste de paternidade seja necessário, e provavelmente vamos ter de comparecer a pelo menos uma audiência. Mas ao final a custódia dele será sua.

Billy esticou a mão para o controle remoto, sobre a mesa de café.

— Não — pediu ela, pensando que seria capaz de gritar se ele ligasse a música.

— Vamos terminar nossa conversa primeiro.

Ele retirou o braço, sem apanhar o dispositivo.

— Muito bem, então termine.

Ela o observou, perguntando-se por que, já que acontecera amar um homem, acabara escolhendo justamente aquele.

— Tenho algumas sugestões... quer dizer, para dizer a verdade, são condições.

— Muito bem. Vamos ouvir tudo.

— Acho que qualquer pai solteiro criando um filho deve ter por perto uma... comunidade, pessoas que possa ajudar às vezes.

— Espere um pouquinho...

Ela não tinha a menor intenção de parar. Queria terminar logo com aquilo.

— Escute, Billy. Se você quiser a custódia de Jesse, insisto em que faça arranjos para viver aqui em caráter permanente.

— Calma aí. Espere um pouco. Como assim, pai solteiro? E quanto a você?

— Já disse que estou entregando a custódia para você. A guarda dele. Não pretendo ficar aqui.

Ele ficou em pé, aturdido.

— Como assim? Já disse que caso com você.

— Não, obrigada.

Ele esfregou a mão no rosto e deixou-se cair no sofá.

— Por favor, não faça isso — disse ele, por fim.

— Não faça o quê?

— Você entendeu o que eu disse. Não faça esse jogo.

— Que jogo? Isso não é jogo nenhum.

— Uma ova que não!

— Não pretendo casar com você, Billy — disse Prudence outra vez, já que ele parecia ter tanta dificuldade para entendê-la.

— Não vai funcionar. Agora posso enxergar melhor. Posso ver que é melhor simplesmente terminarmos tudo.

— Terminar tudo — repetiu Billy, com a voz sem entonação.

— Isso mesmo.

— Pode-se saber quando foi que a senhora resolveu isso?

— Um minuto atrás. Agora vamos acabar de resolver o que importa?

Billy encarou-a por um longo tempo antes de responder.

— Certo. Vamos acabar com isso. Prudence percebeu que apertava os braços da poltrona como se a pudessem salvar, ainda que não soubesse do que. Ordenou a si mesma relaxar.

— Randi queria que Jesse fosse criado num lugar como North Magdalene. E acho que ela tinha razão. Acredito que esta é a cidade ideal para ele, principalmente com a família ao redor. Não quer criá-lo aqui?

Ele continuou olhando-a, sem dizer nada.

— Billy, você aceita criar Jesse aqui?

— Você termina comigo, de uma vez só. Simplesmente acaba.

Ela sabia que se tentasse dizer sim, da sua garganta sairia um som engasgado, sem dignidade. Preferiu responder com um rápido aceno afirmativo de cabeça. E manter a mente no assunto do qual tratava.

— Aceita criar Jesse aqui?

Billy sacudiu a cabeça, como que para espantar o sono.

— Aceito.

— Talvez enquanto esteja em Los Angeles você possa chegar a algum entendimento com a gerente. Talvez ela possa lidar com tudo a maior parte do tempo enquanto você...

Ele a interrompeu com um gesto que descartava o assunto.

— Eu lido com isso. Afinal o clube é meu.

— Certo. Quer dizer, claro que sim. Para dizer a verdade, acho que você vai gostar muito daqui. Você gosta de sua família. Acho que quer ficar.

— Você está sempre cheia de opiniões, não é, Prudence?

Ela encolheu-se perante o sarcasmo dele, depois disse a si mesma para ignorar tudo, e continuar falando até resolver o assunto.

— Quer ficar com esta casa? Ele ergueu uma sobrancelha.

— Tudo bem. Já que você vai partir, eu fico com ela. Pelo visto, você não vai precisar.

— Certo.

— Para onde vai, se posso saber?

— Acho que para... Sacramento.

Na verdade, ela mesma não havia pensado nisso até agora.

— Por que Sacramento?

Prudence procurou alguns motivos, e não demorou para encontrar.

— Fica a menos de duas horas daqui. Existem muitas firmas grandes de contabilidade por lá.

Acho que eu seria capaz de abrir uma empresa que tratasse diretamente com clientes, para contabilidade ou planejamento financeiro, por conta própria. Além disso, fica perto o suficiente para visitar Jesse.

— É, estaremos ansiosos esperando suas visitas, Prudence.

— Billy, por favor...

Ele ergueu-se e veio na direção dela.

— Por favor, o quê?

Ela percebeu que devia ter saído da cadeira antes que ele levantasse. Agora estava encurralada ali.

— Não vamos fazer... isso.

— Fazer o quê? O que está querendo dizer?

— Não vamos ficar com raiva. Não vamos dizer coisas feias. Por favor.

— O caso é que estou com raiva. — O tom dele era ameaçador.

— De repente, do meio do nada, você está me dizendo que acabou tudo. Então eu começo a pensar um monte de coisas feias.

— Então guarde para você mesmo.

— Nem pensar!

Ela conseguiu rolar para fora da cadeira pelo lado oposto ao qual Billy se encontrava. Colocou-se de pé, deixando a poltrona entre os dois.

— Estou falando sério, Billy. Acalme-se.

— Não estou pronto para me acalmar.

— É verdade. É isso mesmo. Você não está pronto para se acalmar. Quando Billy quer, Billy quer!

— Do que está falando?

— Você quer as coisas ou as pessoas quando você quer. Por quanto tempo você quiser. Isso é tudo o que incomoda você. Que eu esteja partindo antes de você terminar comigo.

— Mentira — protestou ele, desviando o olhar. Ela continuou a encará-lo.

— Não é mentira, é verdade! Sei como você sempre faz. Vi como fez com minha irmã. E funcionou muito bem com ela, não foi?

— Por que você sempre termina falando em Randi?

— Porque ela importa. Porque você a magoou. Porque quando ela começou a sonhar, fazendo planos e falando de compromisso, você estava pronto para sair pela porta mais próxima. Só que comigo não vai funcionar. Portanto fica desse jeito, disposto a usar os últimos cartuchos. Quebra as próprias regras sobre mulheres. Concorde em casar comigo.

— E você me apronta uma boa. Recusa direto. Por causa do seu maldito orgulho.

— Não, não é isso.

— O seu orgulho está magoado, Prudence. Não comecei a dizer "eu te amo" na hora certa. Não caí de joelhos e supliquei que você atasse um peso com corrente aos meus pés.

— Isso não é orgulho.

— Certo...

— Não é.

— E daí? Culpe a mim se preferir. Sobre o que estamos falando?

— Em primeiro lugar estamos falando da minha tolice em começar a me envolver com você, depois do que vi acontecer com minha irmã.

— Randi de novo. Que coisa!

— Estamos falando da minha própria tolice — repetiu ela, controlada.

— E também sobre a sua teimosia em fazer qualquer coisa que seja preciso para conseguir o que deseja.

— Minha teimosia?

— Você me quer por perto agora, de forma que vai dizer o que for preciso para me manter por perto. Concorde em casar comigo. Chegaria até mesmo a dizer que me ama, se eu ficasse por aqui esperando o tempo suficiente. Você não tem respeito, Billy. Não se importa com as pessoas. Não se importa em saber o que é certo. Não quer pensar no futuro. Sobre as consequências para nós dois, sem mencionar Jesse, de nos envolver em um casamento que não funcione.

— Pare. Pare bem aí. Estou pensando em Jesse. Penso sobre ele o tempo todo.

Ela suspirou.

— É verdade. Sei que é verdade.

— Você detesta admitir isso, não é?

— Aí é que você se engana. De maneira nenhuma. Acho que você é um pai maravilhoso. E acredito que vai criar seu filho muito bem. Mas nos seus relacionamentos com mulheres, precisa aprender muito, ainda. Espero que aprenda. Mas não será comigo. Está claro?

— Claro — respondeu ele, com uma risada forçada.

— Claro como cristal. Terminamos mesmo. Para mim está ótimo. Mais alguma coisa?

Prudence sentiu uma onda de fraqueza. Piedade. Por ele. Por ela mesma. Por uma época bela e agradável, que acabava daquela forma mesquinha. Teve vontade de chorar. Porém a parte

sensata dentro dela murmurou: Espere, como foi que chegamos a essa situação? Não sei bem o que aconteceu. Seria bom tentar mais uma vez...

Ele abaixou-se para apanhar o controle remoto mais uma vez. Sopesou-o nas mãos.

— Termine, Prudence.

— Espero que leve Jesse com você amanhã para Los Angeles. Suponho que vai levar algum tempo para preencher as formalidades legais, mas no que me diz respeito, você é o pai dele e ele mora com você. Entretanto, esta tarde e à noite gostaria de passar tanto tempo com ele quanto possível — disse Prudence, parando para dar chance a que ele respondesse alguma coisa.

— Assim que você viajar, vou arrumar minhas coisas e me pôr a caminho. Naturalmente vou manter você informado sobre onde estou, caso precise de alguma coisa em relação a Jesse. Quer mesmo essa casa?

— Quero — disse ele, dando de ombros.

— Muito bem. Vou falar com Heather e pedir o telefone do corretor que fez a venda para mim. Vou pedir que ele ligue para você, em uma semana ou duas. Está bem assim?

— Claro.

— Assim que eu me estabelecer, mando buscar minha mobília do quarto e a escrivaninha. O resto...

— Escute — interrompeu ele.

— Temos de discutir todos os detalhes nesse momento?

— Não, claro que não.

Ela parou por um instante atrás da cadeira, procurando mais alguma coisa para dizer. Sentindo que havia algo ainda a ser dito. Contudo, olhou para outro lado.

Percebeu que a grande conversa terminara.

A música começou enquanto ela subia as escadas. Então, sem aviso, parou. Ela hesitou no terceiro degrau, pensando talvez que ele viria atrás dela, para dizer que queria mais uma chance. Para dizer: Vamos começar outra vez. Vamos tentar outra vez.

Só que ele não veio. Um breve olhar foi o suficiente para perceber que Billy envergava os fones. Estava demonstrando consideração... e ignorando-a ao mesmo tempo.

Billy e Jesse partiram na manhã seguinte. Prudence presenciou a partida, ajoelhando-se na varanda para receber o último abraço de Jesse. O menino passou os braços ao redor do pescoço dela, que sentiu o cheiro delicado do sobrinho, misturado ao de cereais matinais. Quando o beijou, fechou os olhos para recordar a textura da pele contra os lábios... mais tarde.

— Precisamos ir andando — disse Billy, ao lado. Ela arrumou o colarinho da camisa de Jesse.

— Boa viagem, mocinho.

Jesse riu, feliz, depois esticou os braços para o alto e pediu mais um abraço.

— Pú...

O riso infantil soou em seus ouvidos. Prudence beijou-o mais uma vez.

Finalmente, não havia forma de alongar as despedidas. Ergueu-se, entregando a criança que ela um dia considerara seu filho.

— Boa sorte — desejou Billy, sem olhá-la diretamente.

— Obrigada. Para você também.

— Fique em contato, sim?

— Pode deixar. Vamos resolver tudo, com o tempo. Mas preciso primeiro arranjar um lugar para ficar. Se não causar problema para você...

— Não tem importância. É só avisar.

— Pode deixar, eu aviso — disse ela, pensando nos enormes espaços vazios que pareciam existir entre os dois.

Estavam ao lado um do outro, porém nenhum deles estava presente.

Uma cena lhe veio à mente, como se brilhasse na escuridão. A primeira noite em que haviam feito amor. Ela atirara as caixas de preservativos em seu colo. E ele não conseguira encará-la. Em primeiro lugar, dera-lhe a mão e só depois levantara os olhos. Havia ali tanto desejo e surpresa que a imagem permanecera gravada em sua mente.

Agora não havia nada nos olhos dele.

— Muito bem.

Ele e Jesse desceram os degraus para o ar frio e acinzentado de dezembro. Ela os seguiu à distância, ficando para trás enquanto os dois entravam no carro.

Jesse acenou para ela através da janela, sorrindo e falando. Prudence envergonhou um sorriso alegre e acenou até que o jipe se afastou. Então voltou-se, cruzou os braços à altura da barriga e caminhou em direção à casa vazia.

Na manhã seguinte Prudence despediu-se de Eden. Tomaram café juntas na cozinha pela última vez.

— Eu acredito, honestamente que Billy ama você. Conheço esses Jones machos. Não desistem facilmente, mas quando toda essa resistência cessa, valem a pena. Se você encontrar Billy uma última vez, dê a ele oportunidade para...

— Por favor, Eden.

— Está bem — suspirou a amiga, finalizando o sermão.

No caminho de volta, lembrou de parar na casa de Nellie, onde avisou que não seria capaz de cumprir seus compromissos em relação à Quermesse de Natal, pois como Billy tomaria conta de Jesse, ela iria mudar-se para Sacramento.

Um brilho tipo eu-bem-que-avisei passou pelos olhos da mulher mais velha. No entanto, verdade seja dita, não chegou a mencionar o assunto.

— Vamos sentir sua falta. Bastante. Tem certeza que não quer considerar a possibilidade de ficar em North Magdalene?

Prudence ofereceu desculpas novamente, dizendo que precisava apressar-se.

Tinha planejado despedir-se de Oggie, em seguida. Não tinha a menor idéia sobre como ele iria reagir às notícias. O velho tio Oggie gritaria com ela pela atitude que iria tomar, e faria tudo para impedi-la de sair da cidade. Naturalmente ela não mudaria de atitude por causa disso, mas algo dentro de seu coração teria gostado muito de escutar os protestos do velho Oggie.

Temia que o novo Oggie mal fosse desejar-lhe boa sorte. Não acreditava poder suportar aquilo, portanto resolveu bancar a covarde. Decidiu voltar para visitá-lo dentro de algumas semanas, quando retornasse para acertar todos os detalhes que ela e Billy teriam para acertar.

Voltou diretamente para a casa da Rua Prospect e terminou de fazer as malas. Então ligou para um bom hotel em Sacramento e fez a reserva de um quarto para passar a noite.

As cinco horas da tarde, colocou as malas no carro e deixou North Magdalene.

Tudo correu muito bem para Billy em Los Angeles.

Acontece que a filha mais velha de Alexis, Sheila, estava se diplomando em puericultura. Trabalhava numa creche a cerca de seis quarteirões do Bad Billy's. Por uma determinada quantia, Billy poderia deixar Jesse ali sempre que precisasse, durante o dia. Sheila lhe deu uma lista de babás competentes que poderiam tomar conta dele à noite.

Na quarta e quinta-feira, Billy deixou Jesse na creche. Passou desde dez horas da manhã até as duas da tarde escutando diversos conjuntos. Depois disso, trancou-se com Alexis.

— Parece que você agora precisa mais de uma sócia do que de uma gerente — comentou ela, quando ele lhe participou a intenção de morar a maior parte do tempo em North Magdalene.

— É, talvez você tenha razão.

— Posso comprar uma parte.

— O quê? Será que ficou rica cuidando desse lugar? Acho bom eu examinar melhor esses livros.

— Você sabe que os livros estão e sempre estiveram perfeitos. Sempre economizei na vida, e admito que ultimamente estava com esperança de que algum dia você estivesse pronto para algo parecido. Tenho capacidade para levantar um bom empréstimo. Como vou fazer a maior parte do trabalho, achei que podia me dar preferência para comprar a sociedade.

Billy olhou ao redor de seu escritório, como sempre atulhado de coisas. Durante certa época, vivera em função daquele lugar.

— Quando levantei o Bad Billy's foi a única época em que trabalhei duro na vida.

Alexis recostou-se na cadeira, apanhou a lixa de bolso e começou a modelar as unhas.

— Mas você não tem demonstrado interesse, nos últimos anos.

— Acho que é hora de mudar um pouco — concordou ele, sabendo que ela tinha razão.

— Sociedade, é o que eu quero. Você vem alguns dias, uma ou duas vezes por mês. Escolhe as bandas, examina os livros. Talvez concorde em trazer a guitarra de vez em quando. O que me diz?

— Parece ótimo — disse ele, estendendo a mão.

Por volta do final da quinta-feira, haviam conseguido elaborar um acordo básico. Alexis disse que iria procurar o advogado ao qual estava acostumada para colocar tudo por escrito.

Na sexta-feira, Billy foi ver seu empresário. As novidades eram boas. Waverly havia fechado um bom negócio com as músicas mais recentes de Billy. Um famoso cantor de country-western gostara de Nunca Mais Vou Te Ver como título de seu novo álbum.

Billy deveria estar no topo do mundo. Tinha seu filho e uma família que nem sabia necessitar. Sua música estava rendendo um bom dinheiro. O clube do qual ele estava começando a se cansar ganharia nova injeção de ânimo com Alexis encarregada das coisas. Ele podia contratar as bandas e embolsar os cheques que Alexis enviaria. E moraria nas montanhas a maior parte do tempo, ensinando a Jesse as coisas que ele precisava saber: como usar o penico, como se trocar sozinho, como jogar beisebol.

O que mais poderia querer da vida?

Assim que a pergunta tomou forma, a resposta decorreu: Prudence.

Só que não podia ter Prudence.

Que diabo, ele não teria Prudence. Nem que ela aparecesse à sua porta e suplicasse para que ele a aceitasse de volta, em seus termos, por quanto tempo quisesse.

Nos últimos dias aquilo se tornara uma espécie de fantasia em sua cabeça. Admitia que era coisa de adolescente, mas mesmo assim parecia satisfatória: uma batida soava à porta. Quando ele ia abrir, encontrava Prudence, parada, embaixo de chuva forte. Por algum motivo, em sua fantasia sempre estava chovendo forte. E Prudence tremia, as mãos enfiadas no interior dos bolsos fundos de um casaco do Exército. Sobre os cabelos, usava um lenço, que sempre estava

ensopado e pingando. Atrás dos óculos molhados, os olhos estavam postos nele, como se fosse um objeto de adoração.

— Billy, não consigo viver sem você. Dê-me só mais uma chance, por favor. Farei qualquer coisa que você mandar.

Naturalmente ele ficaria tentado. Só a idéia de ter Prudence fazendo tudo o que mandasse...

Mas resistia. Em sua fantasia, ele resistia. Olhava para ela, de cima abaixo. Depois negava com a cabeça.

— Esqueça, Prudence. Você estragou sua chance.

E fechava a porta, deixando-a do lado de fora.

Infelizmente, logo depois de repassar mentalmente essa fantasia, ele sempre se pilhava lembrando cenas que não devia lembrar. Dançando com Prudence na sala da casa da Rua Prospect; segurando a mão dela no almoço de Ação de Graças, na casa de Sam; a visão dela na cozinha pela manhã, curvada sobre a xícara de café, as lentes dos óculos embaçadas; o olhar desfocado, sem as lentes, com o rosto suave e espantado, logo depois do primeiro beijo.

Tudo caminhava em círculos. O desejo e a fantasia infantil de rejeitá-la. Aquilo não levava a lugar nenhum. O melhor era mesmo acostumar-se a não tê-la por perto, porque ela não iria voltar.

Na quarta e na quinta-feira à noite, ele ficou em casa, com Jesse. Era uma espécie de vício adquirido recentemente; agora costumava ficar em casa. Como ficara longe de Jesse a maior parte do dia, parecia importante ao menos passar as noites com ele.

Sua cabana possuía assoalho de madeira, ideal para caminhõezinhos. Os dois se abaixavam, ele e o filho, e ficavam rodando os brinquedos para lá e para cá. Engraçado a facilidade com que os sons da infância retornam aos nossos lábios, pensava ele ao reproduzir os ruídos dos motores. Da mesma forma que Jesse, gostava mesmo era das trombadas. Era o que mais produzia gargalhadas. Cantavam juntos. E ele lia histórias. Por volta de oito horas, Jesse sempre estava flutuando na terra dos sonhos.

Billy começava a ficar maluco, tentando não pensar em Prudence. Querendo telefonar para a casa em North Magdalene, para ver se ela respondia, ou se ainda estava por lá.

Sexta-feira às oito e meia ele desistiu. Parou de resistir e telefonou. Deixou tocar quatro vezes. Em seguida a secretária eletrônica atendeu, com palavras que tiveram o dom de irritá-lo. A medida que escutava, algo escuro e ruim movia-se em seu interior, cheio de violência. Algo solitário. Ao escutar o sinal eletrônico, desligou, batendo o aparelho com força.

Depois mudou de idéia e pressionou o botão que repetia a chamada. Escutou com atenção à mensagem daquela vez, o som da voz dela, uma voz que não parecia a de Prudence. Apenas um eco sem vida, capturado numa máquina.

Após o sinal, manifestou-se:

— Que diabo, Pru! Atenda o telefone.

O silêncio seguiu essas palavras. Um silêncio enlouquecedor.

Pressionou o controle que desligava. Então ligou para Sheila. Desta vez teve sorte: ela atendeu logo após o segundo toque. Billy disse que precisava ir até o clube por algum tempo e perguntou para qual das babás devia ligar primeiro.

Ela respondeu o que ele mais desejava ouvir. Disse que precisava estudar muito e não havia nenhum motivo que a impedisse de fazer isso enquanto ficava de olho em Jesse.

O conjunto gostou que Billy se juntasse a eles. Tocou durante três seleções, sentando-se com os músicos nos intervalos e rindo das piadas sem graça que contavam. Também bebeu um pouco além do que deveria, tentando provar a si mesmo que se divertia.

Viu Sharlee passando em seu novo traje vermelho com botas de caubói. Ela mantinha alta a bandeja com sua bebida e parecia feliz como um ceifador num campo carregado de trigo. Ela percebeu-lhe o olhar e piscou.

Surpreendentemente, de acordo com Alexis, Sharlee estava se saindo muito bem.

— Faz bolinhos para os barmen, pode acreditar numa coisa dessas? — dissera a gerente.

— E se alguém estiver se sentindo deprimido, ela senta junto da pessoa e conversa com ela no intervalo. Todos gostam dela, e ainda chega sempre na hora em seu turno.

A pequena Loretta também continuava por ali. E retomara aos antigos truques, passando a língua nos lábios e sorrindo para mostrar os belos dentes ao servir uma bebida para ele, gesto que aproveitava para esfregar-lhe os volumosos seios nas mãos. Talvez tivesse prestado atenção demais à ela, porque tinha bebido alguns goles a mais e estava ali para esquecer uma outra ruiva, dona do próprio nariz.

Em determinado ponto, quando as coisas começaram a ficar agradavelmente nebulosas, ele colocou o braço ao redor dos ombros de Loretta e perguntou como o mundo a vinha tratando. Ela sorriu da forma que uma mulher sempre deveria fazer.

— O mundo está me tratando muito bem, Billy. Ótimo, para dizer a verdade.

— Bom saber — comentou ele, baixando um pouco a cabeça.

Ela ergueu a boca e de repente estavam se beijando.

A moça correspondeu sem recusar nada. Quando ele parou para poder respirar, os outros ocupantes da mesa aplaudiam. Ele ergueu-se, fazendo uma mesura, apanhou o uísque na bandeja que Loretta trouxera e emborcou-o de uma vez. Sentiu alívio na bebida ardente que queimava. Piscou.

Quando abriu os olhos outra vez, a garçonete se afastara para buscar mais bebidas, e Sharlee estava em pé nas escadas que conduziam à pista de danças, olhando para ele. Ele franziu a testa, imaginando por que diabo ela se julgava no direito de lançar olhares de censura em sua direção.

— Mulheres — resmungou ele, baixinho. Em pouco tempo Loretta retornava.

— Dance comigo, Billy.

Como ele poderia recusar um pedido daqueles? Desceu as escadas com ela, depois tomou-a nos braços. Dançaram duas músicas do som gravado, lentas e românticas. Ela se esfregava contra ele, certificando-se de que ele entendesse a mensagem, caso não tivesse ficado suficientemente clara.

Billy puxou-a, colando-se ao corpo dela. Loretta era bonita e cheirava bem, mesmo que não cheirasse como Prudence.

Lembrou que ela era jovem demais. Sabia disso.

Mas que diabo, ultimamente vinha quebrando as próprias regras, de qualquer forma. Dissera a Prudence que casaria com ela. Sóbrio, propusera-lhe casamento.

Não que isso importasse, já que ela recusara.

A segunda música terminou. Mas Loretta continuava abraçada a ele, oferecendo-se por completo.

Algun resquício de bom senso deve ter permanecido em sua mente, pois ele recuou e disse:

— Muito obrigado, meu bem. E afastou-se.

Ou conseguiu andar pela multidão mais rápido do que ela, ou então ela percebeu que seria melhor não segui-lo. De qualquer modo, conseguiu chegar sozinho à porta que conduzia para a segurança de seu escritório nos fundos.

Continuou, passando pela relativa tranquilidade das dependências de serviço. Abriu a porta do escritório e não se deu ao trabalho de acender as luzes, deixando-se cair na poltrona.

Com uma fresta da porta aberta, era possível escutar a música na parte principal do clube, um pouco baixa para seu gosto, mas clara o suficiente. Era a última seleção do conjunto. Eles tinham um ótimo violinista, chamado Charlie Parvenu. O danado do Charlie sabia mesmo fazer as velhas cordas da rabeca gritarem.

Billy apoiou as botas na superfície da escrivaninha, fechando os olhos.

— Billy — chamou uma voz suave, na direção da porta.

Ele olhou, só para certificar-se, pois sabia quem era.

— Não devia ter me deixado lá, plantada.

— Loretta, saia daqui — disse ele, em claro e bom som.

A luz do depósito fazia com que o cabelo ruivo brilhasse. A saudade de outros cabelos ruivos deu a impressão de doer, logo abaixo da própria pele. O efeito aumentou com o som langoroso que Charlie Parvenu conseguia no violino.

A garota avançou para a escuridão, onde ele estava, fechando cuidadosamente a porta atrás de si e cortando a luz.

— Eu disse para ir embora, não disse?

— E se eu não quiser ir embora? — respondeu ela, apoiada contra a porta.

Billy podia distinguir a sombra dos pés. E sua solidão, como uma coisa palpável.

Escutou as botas progredindo intencionalmente em sua direção. Bem mais longe, o violino continuava.

Objetos caíram da superfície da mesa quando ela os empurrou. Sentou-se no tampo, as coxas apoiadas em suas pernas. Ele recolheu os pés de volta ao chão.

Ela riu, baixinho, sabendo que se tratava apenas de tempo. Logo Loretta se inclinava para a frente, a boca abrindo-se na dele, o odor embriagador envolvendo-o, as palmas das mãos apoiadas contra seu peito.

Billy imaginou, de uma forma distante, se seria possível conseguir alguma coisa com ela. Afinal, Loretta também tinha cabelos ruivos e ele era dono de uma boa imaginação. Talvez fosse como ele e Jesse brincando com caminhõezinhos e fazendo sons que fora fácil lembrar. Era assim que se sentia. Como se estivesse jogando algum jogo para o qual estava fora da idade há muito tempo.

A boca jovem sugava a sua e as mãos ansiosas percorriam seu corpo, descendo cada vez mais. Em poucos segundos ela iria descobrir que ele não estava tão envolvido quanto deveria. Imaginou como iria lidar com aquilo.

Mas não precisou pensar muito tempo, porque nesse instante a porta se abriu e a luz acendeu-se, cegando-o.

Loretta ergueu-se de um sobressalto, batendo na escrivaninha e caindo ao chão com um som nada digno.

— Billy Jones, estou envergonhada de você — disse Sharlee, parada à porta, com as mãos à cintura.

Ele esfregou os olhos.

— Que diabo...

— Será que não aprendeu nada com o que aconteceu comigo? — continuou ela.

— O quê?

— Pois eu acho uma pena. O que você está fazendo aqui esta noite só vai tomar as coisas piores.

Loretta ergueu-se, frustrada e irritada.

— Sua vagabunda intrometida. Saia daqui agora! A outra ergueu o nariz.

— Não engrosse comigo, Loretta. Nem pense nisso.

— Sua... — começou a ruiva, avançando para a recém-chegada.

Billy ergueu-se com rapidez.

— Loretta!

Ela voltou-se para encará-lo, as pupilas dilatadas e o batom borrado até quase o queixo.

— Vou me livrar dela. Agora.

— Não.

— Como assim, não?

Ele limpou o queixo e percebeu que a mão ficara rósea.

— E melhor ir embora. Tire a noite de folga, se quiser.

— Mas, Billy...

— Não foi uma boa idéia, Loretta — afirmou ele, mostrando a mão manchada de batom.

— Mas eu pensei que você...

— Deixe para lá, Loretta. Sharlee fez um favor a você.

Ela o encarou, entre a fúria e a incredulidade. Ele balançou a cabeça, numa negativa.

— Muito bem. Está certo — disse ela, por fim, caminhando para a porta.

Sharlee afastou-se para dar passagem à ruiva. Billy apanhou uma caixa de lenços de papel, de onde extraiu um para limpar a mão, esperando que a loira seguisse a outra e o deixasse em paz.

— Você ama Prudence. Como pode deixar outra mulher rastejar em cima de você? — perguntou ela.

Billy deixou-se cair na cadeira, desanimado.

— Como pode fazer isso? É revoltante.

— Sharlee, me deixe em paz. Já tive o suficiente por uma noite — pediu ele, sentindo-se vazio.

— Mas eu estava lá, lembra-se? Vi tudo o que estava acontecendo entre você e Prudence. Achei tudo tão bonito, você, ela e o pequeno Jesse. Não deu certo? — quis saber ela, os olhos inocentes cheios de genuína preocupação.

— Sharlee...

— Não deu?

— Não, não deu certo.

— Ah, mas que triste — comentou ela, aproximando-se.

— Quer falar sobre isso?

— Não, obrigado.

— Você me escutou uma semana inteira seguida. Agora aprendi a escutar. Sou boa nisso. E não me importo nem um pouco.

— Sharlee, muito obrigado, mas não quero.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

Mesmo assim, ela não fez menção de ir embora.

— Talvez dê certo, de algum jeito. Eles dizem que o amor verdadeiro sempre encontra uma forma.

Ele balançou a cabeça.

— Oh, Billy... a vida às vezes pode ser tão frustrante — desabafou ela, suspirando.

— Boa noite, Sharlee.

— Sinto muito, Billy — disse ela, com um sorriso delicado.

Ele não disse mais nada, apenas permaneceu ali, aguardando que ela se fosse. Quando finalmente a porta se fechou, Billy levantou-se para apagar a luz. Quando sentou-se no escuro, escutou aquele violino no palco ao longe até soar a última nota.

Quando chegou em casa, entregou uma nota de cinquenta para Sheila e a agradeceu pela ajuda. Depois foi para o quarto verificar se Jesse estava bem acomodado.

Percebeu que o filho sonhava. Os pezinhos moviam-se a esmo, assim como a boca. Billy curvou-se, imaginando o que um menino de um ano de idade poderia murmurar no sonho. Naturalmente, não entendeu a maior parte. Uma palavra tirou a importância das outras.

— Pú.

Aquilo era a gota d'água. Retornou sobre seus passos.

Billy e Jesse voltaram para North Magdalene no dia seguinte. Chegaram por volta da hora do jantar. Na Rua Principal estavam fechando as portas para o que chamavam de Quermesse de Natal, que evidentemente aconteceria naquele dia. Billy tinha fome, portanto parou para comer um cachorro quente numa das poucas portas que ainda não tinham fechado.

Marnie Jones, enquanto colocava uma boa dose de mostarda no sanduíche dele, lembrou-o sobre o espetáculo das crianças no Salão Municipal.

— As sete em ponto. Mas é preciso chegar às seis e meia, se você deseja um bom lugar — avisou ela.

— Acho que não vou poder. Sinto muito.

— Então avise Prudence, está bem? Billy olhou para ela, sem responder.

— Ah, desculpe, esqueci. Ela saiu da cidade, certo?

— Certo. Agora preciso ir.

Jesse começava a morder seu cachorro-quente quando ele se voltou para caminhar.

A casa estava fria, o ar no interior parecendo estranho e hostil. Billy acendeu o fogo na lareira e colocou o aquecedor para funcionar, o que ajudou um pouco.

Na secretária eletrônica descobriu uma mensagem de Prudence, fornecendo o nome de um hotel e o número do quarto onde estava.

— Provavelmente só ficarei por uma semana, mais ou menos, até encontrar uma casa ou apartamento. Ainda não sei qual. Vou achar alguma coisa. Me ligue... quer dizer, se tiver algum problema com Jesse.

Ele tocou a mensagem três vezes, com Jesse de olhos arregalados ao seu lado.

— Pú?

Billy ajoelhou-se até ficar ao mesmo nível do rosto do filho.

— Isso. Pú. Ela vem ver você, logo. Você, não eu.

— Pú.

Com aquilo, Jesse voltou-se e deu por encerrado o assunto, mastigando seu mordedor.

Uma vez que o filho dormiu, Billy foi até o quarto de Prudence. Ficou olhando aquela cama que parecia uma nuvem, lembrando-se da primeira noite em que fizeram amor. Os vinte e quatro preservativos. A mancha vermelha sobre a alvura.

Onde estava aquela mancha, afinal? Ele começou a afastar travesseiros e almofadas, até encontrar o que queria. A mancha continuava ali, muito mais tênue, pelas tentativas de lavagem.

Sentou-se. Compreendia que era pura autopiedade o fato de estar ali, mas de alguma forma não conseguiu evitar. Assim como não conseguia deixar de pensar nas coisas que fizeram juntos pela casa, lembrando cada detalhe.

Recordou o que ela lhe dissera: Não quer pensar no futuro. Sobre as consequências para nós dois, sem mencionar Jesse, de nos envolver em um casamento que não funcione.

Como sempre, ela o encurralara. Ele de fato não tinha pensado nas coisas que importavam de verdade. Até então. Até que fosse tarde demais.

Terminou abrindo a gaveta do criado-mudo. Um último preservativo encontrava-se ali. Apanhou-o, examinou-o com o remorso queimando por dentro, como se fosse ácido.

Billy acordou com a campainha tocando. Virou a cabeça e consultou o relógio. Três horas da madrugada. Quem poderia estar tocando campainha em sua casa a uma hora daquelas?

A primeira resposta que lhe veio à mente foi: Prudence. Seu coração deu um salto no peito e a cabeça expulsou os últimos sinais de sono.

Só que Prudence possuía sua própria chave. De qualquer forma, não era do feitio dela tocar campainha de madrugada. Ela esperaria até uma hora decente. Assim era Prudence.

Novo toque. Se ele não atendesse logo, o barulho poderia acordar Jesse. Arrastou-se para fora da cama e na direção das escadas.

Quando abriu a porta, deu de cara com Oggie, apoiado em sua bengala, sorrindo como se estivessem em plena tarde.

— Não fique aí com essa cara de sono, rapaz. Convide-me para entrar. Aqui fora está mais frio do que sorriso de cobra morta.

— Você me chamou de rapaz — disse Billy, depois de um instante.

— Com licença, vou entrar — respondeu o velho, afastando-o com um toque da bengala.

Quando o espantado Billy fechou a porta, Oggie sorriu.

— Não vai me oferecer uma xícara de café, rapaz? Forte e doce, como a vida, é o que eu sempre digo.

— As três horas da manhã?

— Você precisa ter paciência, afinal estou velho. Resignado, Billy foi para a cozinha passar o café, seguido de perto pelo tio, que sorria da maneira como costumava sorrir antes do desastre. Era um sorriso indefinível, como se ele soubesse de alguma coisa que ninguém mais sabia.

Assim que Billy depositou o bule e o açucareiro em frente ao tio, o telefone tocou.

— Alô?

— Billy, sou eu, Jared. Meu pai está aí?

— Está sim. Tomando café. Quer falar com ele?

— Não. Acho que é mais um aviso. Ele saiu daqui há dez minutos e achei que ia direto para sua casa.

— Por que você teve essa impressão? — quis saber Billy, desconfiado, observando Oggie.

— Ele não ficou nem um pouco conformado por você ter deixado Prudence sair da cidade. Esteve falando sobre isso a noite inteira, comentando o assunto com os parceiros de pôquer e reclamando porque Prudence foi embora sem se despedir dele.

Billy olhava o tio, que colocava a terceira colher de açúcar no café e piscou para ele, com ar matreiro.

— Isso não é da conta dele.

— Eu sei. Mas ele não sabe.

— Muito obrigado, mas acho que posso lidar com o assunto aqui. Até logo.

O velho mexia o café, rindo.

— Eu pensei que tinha virado uma página nova no livro da vida, Oggie.

— Para o diabo com essa história de página nova. Nossa Prudence não veio nem se despedir de mim. Fiquei muito magoado, se fiquei. Quero saber o que está acontecendo. É só eu cuidar da minha própria vida por uns dias e vocês estragam tudo!

Billy deixou-se cair na cadeira e achou melhor servir-se de uma xícara também.

— Termine seu café. Depois vai direto para casa.

— Você ama nossa Prudence.

— Fique fora disso!

— Você não vai encontrar paz até falar com essa menina.

Billy levantou-se, sem tomar o café.

— Estou ótimo. Não tenho problema nenhum.

— Claro. E eu nunca joguei pôquer, em toda a minha vida — declarou Oggie, estreitando os olhos.

— Por acaso você já disse que a ama?

Billy cruzou os braços e não respondeu.

— Foi o que eu pensei. Não disse — continuou o velho, saboreando ruidosamente seu café.

— Pode ir até ela. Ajoelhe, se precisar. Implore. Suplique. Faça o que tiver de fazer. Mas não volte sem ela.

— Já terminou o café?

— Talvez ainda esteja tentando dizer para você mesmo que vai conseguir esquecer. Pois está errado. E só para você saber. Eu sabia disso desde o dia em que você foi até aquele casarão em Bel Air para conhecer seu garoto, pelo olhar no rosto de Prudence, logo depois que você foi embora. "Billy é inconstante" — repetiu ele, imitando voz de mulher.

— Mas os olhos dela disseram muito mais. Ela pensou que tinha medo de você por outros motivos, mas eu sabia o motivo verdadeiro.

— Essa é a mentira mais enrolada que alguém já tentou contar para mim.

— Pois escute bem, rapaz. Faça o que estou dizendo. Aquela mulher ama você e você também a ama.

Billy decidiu que escutara demais. Avançou na direção do tio, apanhando a bengala no caminho, e conduziu-o na direção da porta da frente.

— Estou avisando: seus dias de farra terminaram. Essa vida já acabou para você, isso eu garanto. Você já sabe disso também, rapaz. E não aperte meu cotovelo assim, que meus ossos já estão quebradiços. Você não acha graça mais nessas coisas. Pelo menos sem Prudence. Então vá até ela. Se entregue para ela. E isso o que um homem faz no final e você sabe disso. Ele se entrega para uma mulher. E os dois continuam suas vidas.

Billy abriu a porta e passou com ele pela soleira.

— Mais uma coisa, meu rapaz. São só três palavras: "eu te amo". Mas não são as palavras. É a sinceridade de quem diz. Você não vai morrer se disser. Ao contrário, vai viver a vida que você precisa.

— Boa noite, Oggie.

Quando Billy fechou a porta, seu velho tio ainda o aconselhava.

O restante daquela noite, mais o dia e a noite seguintes, Billy descobriu que não conseguia tirar as palavras de Oggie da cabeça.

Ao redor das dez horas da manhã de segunda-feira, uma voz feminina telefonou por parte do Dr. Anselmo, em Grass Valley.

— As lentes dos óculos novos da senhora Wilding ficaram prontos — avisou a voz.

— Sentimos muito pela demora, mas as primeiras lentes vieram riscadas. Precisamos fazer de novo o serviço, mas ela já pode passar quando quiser para retirar.

— Pode deixar que eu transmito o recado.

Quando desligou o telefone, Billy já sabia o que fazer.

Arrumou Jesse e levou-o para a casa de Eden.

— Sei que é pedir um favor e tanto, mas poderia tomar conta dele por umas cinco horas para mim? — disse ele, ao chegar. Depois reconsiderou.

— Talvez mais do que isso, não tenho certeza. Vou telefonar por volta das seis mais ou menos, se for atrasar. Está certo?

Uma sombra de sorriso marcou os cantos da boca de Eden.

— Onde você vai, Billy?

— Tenho alguns negócios para cuidar.

— Esses negócios por acaso são em Sacramento? — indagou ela, sem obter uma resposta. O sorriso alargou-se.

— Vá em frente. Nós cuidamos de Jesse.

Ele agradeceu e partiu.

Na ótica do Dr. Anselmo, eles não queriam entregar os óculos. A vendedora, do tipo de Nellie Anderson, fez uma careta para ele.

— Isso é altamente irregular. A armação vai precisar de ajustes. De qualquer forma, quem é o senhor?

— Sou o sócio dela — mentiu ele, sem hesitar.

— Ela vai precisar dos óculos agora mesmo e me pediu para passar aqui. Disse que passa mais tarde para ajustar. Quanto lhe devo?

A mulher fez ar de dúvida, olhou para os lados, depois disse o valor. Ele entregou o dinheiro, ela passou os óculos e Billy partiu, aliviado.

Chegou ao hotel pouco depois de uma hora da tarde. Provavelmente ela não estaria, devia estar procurando uma casa ou emprego novo. De qualquer forma foi direto para o quarto dela.

Contudo, a porta abriu-se, pouco depois que ele bateu.

— Billy! — exclamou Prudence, os olhos azuis mais abertos do que nunca.

Ele a olhou e percebeu o desejo de tê-la nos braços. Quando o fizesse, não mais a deixaria ir embora.

— O que aconteceu? É Jesse?

— Não, Jesse está bem — respondeu ele, entrando.

— Está com saudade de você, mas no momento Eden está tomando conta dele.

— Então o que você está fazendo aqui? Ele fechou a porta atrás dele.

— Seus óculos estão prontos. Acabou de sair do chuveiro, é?

Ela usava um robe de toalha branca, e segundo sua opinião abalizada, mais nada.

— O que está fazendo aqui?

Era uma suíte, com um saguão em frente e banheiro anexo ao quarto. Ele avistou uma televisão no canto, e um controle remoto na mesa de café. Apanhou-o.

— Não, senhor. Não comece...

Ele apontou o controle remoto para a televisão. Um filme de guerra surgiu na tela. O quarto passou à vida com o matraquear das submetralhadoras e assobios de morteiros.

— Pronto. Assim está melhor. Prudence balançava lentamente a cabeça.

— Billy, Billy...

— Você nunca me disse que tinha saído para encomendar óculos novos.

— Eu, bem...

— Não quer seus óculos novos? — indagou ele, caminhando na direção dela.

Prudence recuou, observando-o com desconfiança.

— Bem... eu ia mesmo para Grass Valley um dia desses.

— Pois não precisa mais — anunciou Billy, retirando a caixa do bolso interno.

— Não estou entendendo — disse ela, continuando a recuar.

— Não precisam de ajuste?

Prudence chegou à parede. Não havia mais para onde ir.

Ele se aproximou a ponto de tocá-la, ainda que não o fizesse. Retirou-lhe os óculos antigos do rosto, num gesto vagaroso e colocou-os no bolso, ao som de tiros de metralhadora e fuzil.

— Não Billy...

Ela estava tremendo. E cheirava como Prudence. Para ele, o melhor cheiro do mundo.

— Sim, Prudence. Sim — afirmou ele, colocando os óculos novos no lugar.

— Ficou ótimo. Muito bom mesmo. Um pouco torto desse lado, mas isso acho que eles podem ajustar.

As lágrimas vieram, inundando os olhos azuis, passando por sob os óculos e escorrendo pelo rosto.

— Por que está fazendo isto?

Ele tocou-lhe o cabelo. Molhado. Como seda molhada.

— Já encontrou um emprego?

— Ainda não. Mas tenho alguns em vista.

Ele enxergou a verdade nos olhos dela. Prudence permanecera ali, lambendo os machucados. Machucados que ele mesmo infligira.

— Em vista, hein?

— Isso. Em vista. Empregos excelentes... Tudo o que ele desejava era beijá-la. Tentou, mas ela virou a cabeça.

- Eu te amo — murmurou ele, contra o rosto molhado.
- Não, não ama.
- Amo.
- Não pode amar. O que existe para amar? Sou quieta, sem graça e tímida.
- E bonita e corajosa e muito sexy quando quer.
- Você vai se cansar de mim.
- De jeito nenhum!
- Vai magoar meu coração.
- Não. Vou amar você para sempre.
- Você? Bad Billy Jones?

— Eu mesmo. O Bad Billy Jones. Escute, eu já fiz muita coisa que você não quer nem saber. Mas juro para você, nunca disse a uma mulher que a amaria pela minha vida inteira... pelo menos enquanto estava sóbrio.

Ela deixou escapar um gemido.

— Sei que sou um perdedor — continuou ele.

— Não tenho a menor idéia de como é amar. Ainda não pratiquei o suficiente. Tenho me ocupado em ser o mais egoísta do mundo até agora. E você vai me ajudar, não vai? Vai me ajudar a aprender a amar você como merece ser amada?

Nesse instante enxergou a si mesmo nos olhos de Prudence e percebeu que Oggie tinha razão.

— Você me ama também, não é, Prudence?

— Não, eu...

— Não me engane.

— Billy, eu...

— Arrisque-se um pouco por mim. Case-se comigo. Transforme-me num homem honesto, por uma vez na vida.

— Não consigo...

— Vamos parar de conversar.

Billy apanhou-lhe o rosto entre as palmas das mãos e beijou-a.

Prudence ficou paralisada... depois entregou-se.

Só então ele percebeu que tudo acabaria bem. Apanhou-a no colo e caminhou para o quarto.

Na televisão, minas explodiam e canhões disparavam.

Com suavidade, ele retirou os óculos novos. Depositou-os cuidadosamente sobre o criado-mudo. Então curvou-se para ela.

— Diga que me ama, Prudence. Ela não conseguiu mais controlar-se. Encarando o borrão que era o rosto amado, confessou:

— Billy, amo você. Deus me ajude, mas...

Casaram-se no sábado seguinte, na igreja branca de madeira que havia do outro lado da rua, em North Magdalene. Do lado de fora, caía a primeira neve do ano. No interior havia um garoto que precisava muito dos dois.

E uma igreja cheia de Jones.

CHRISTINE RIMMER é uma das autoras de romances mais premiadas nos Estados Unidos e Canadá. Este livro conquistou três dos melhores prêmios dos Estados Unidos e dois do Canadá. Sucesso que Christine merece, pois ela sabe como ninguém escrever histórias com tramas interessantes, que prendem a atenção do leitor até o final.